

Fabiana Cristina Komesu

**Entre o público e o privado:
um jogo enunciativo na constituição do escrevente
de *blogs* da internet**

Instituto de Estudos da Linguagem

Universidade Estadual de Campinas

Maio de 2005

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

K835e	Komesu, Fabiana Cristina. Entre o público e o privado : um jogo enunciativo na constituição do escrevente de <i>blogs</i> da internet / Fabiana Cristina Komesu. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005. Orientador : Maria Bernadete Marques Abaurre. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Escrita. 2. Análise do discurso. 3. Gêneros discursivos. 4. Blog. 5. Internet. I. Abaurre, Maria Bernadete Marques. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
	(iel)

Título em inglês: Between public and private: an enunciative game constituting the author in blogs at the internet.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Writing; Discourse analysis; Discursive genre; Blog; Internet.

Área de concentração: Análise do Discurso.

Titulação: Doutorado em Lingüística

Banca examinadora: Prof^a. Dr^a. Maria Bernadete Marques Abaurre, Prof. Dr. Luiz Antônio Marcuschi, Prof^a. Dr^a. Maria Irma Hadler Coudry, Prof^a. Dr^a. Raquel Salek Fiad e Prof. Dr. Sérgio Possenti.

Data da defesa: 17/05/2005.

Fabiana Cristina Komesu

**Entre o público e o privado:
um jogo enunciativo na constituição do escrevente
de *blogs* da internet**

Tese apresentada ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Bernadete Marques Abaurre.

Comissão Julgadora

Prof^a. Dr^a. Maria Bernadete Marques Abaurre (orientadora)

Prof. Dr. Luiz Antônio Marcuschi (UFPE)

Prof^a. Dr^a. Maria Irma Hadler Coudry (UNICAMP)

Prof^a. Dr^a. Raquel Salek Fiad (UNICAMP)

Prof. Dr. Sérgio Possenti (UNICAMP)

Prof^a. Dr^a. Ingedore Grunfeld Villaza Koch (UNICAMP – 1^a suplente)

Prof^a. Dr^a. Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson (UNICAMP – 2^a suplente)

Campinas (SP), 17 de maio de 2005.

Para Issamu e Nazareth,
Kazuya, Kimiko e Luzia.

Agradecimentos

A realização deste trabalho somente foi possível graças à participação de muitas pessoas. Agradeço, em especial, a Maria Bernadete Marques Abaurre, pela orientação cuidadosa, pelas críticas, pelo diálogo e pela amizade cultivada, e a Dominique Maingueneau, pela orientação atenta, pelas críticas e pelo diálogo que pudemos estabelecer no período de meu estágio na Université de Paris XII. Outros professores estiveram presentes no processo de realização deste trabalho. Cito alguns deles. Sírio Possenti e Ingedore Koch, aos quais agradeço, entre outras coisas, pelas críticas e comentários feitos nos exames de qualificação geral e de área; Raquel Salek Fiad, Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson, Anna Christina Bentes da Silva e Luiz Antônio Marcuschi, pela participação em exames de qualificação de área. Agradeço aos professores que aceitaram fazer parte da banca de defesa. Agradeço também aos outros professores que, em sala de aula, instigaram-me a refletir sobre questões importantes do trabalho, como João Wanderley Geraldi, Jean Clément e Philippe Lejeune. Agradeço aos funcionários do IEL/UNICAMP, em especial aos da Secretaria de Pós-Graduação e Setor de Informática, pela colaboração no cumprimento de minhas tarefas institucionais. Agradeço à CAPES pelo financiamento integral desta pesquisa e pela bolsa concedida para a realização do estágio na Université de Paris XII, na França, entre setembro de 2002 e agosto de 2003.

Minha gratidão às pessoas de minha família que souberam respeitar e incentivar minhas escolhas – Issamu, Nazareth, Cláudia, Ricardo, Fernando, Bá e Di, Luzia e Camila, Newton e Heloísa. Agradeço também, de maneira especial, a Graziela Zanin Kronka, Flávia Millena Biroli Tokarski, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Renira Rampazzo Gambarato, Dilson Ferreira da Cruz Jr. e Elaine Dias – amigos dedicados e sempre presentes, interlocutores deste trabalho. Agradeço ainda aos demais amigos que me acompanharam com carinho e encorajamento – Sanderléia Longhin-Thomazi, Janete Stela Domenica, Andrée Deaulmerie-Nicolay, Alexandre Caroli Rocha, Simone Hashiguti, Sinara e Pedro Barbanti, Renata Mazaferro, Andréia Franceschini Lisboa, José Carlos Baracat Jr., Roberto Baptista Jr., Daniel Faria, Sandoval Nonato Gomes-Santos, Valéria Augusti, Mami Sakai, Karla Jasso Lopez, Luciana Hartmann, Plínio Ribeiro Jr., Lara Piccolo, Ana Carolina Dollevedo, Robson Viselli, Fabiana Assis, Nalú Fernandes, Adriana Zanin Kronka, Lourenço Chacon, Arnaldo Franco Jr., Marcos César Alvarez, Ana Maria Castro Ghisi, Giuliano Ghisi, Clauber dos Reis, Ígor Santucci, Márcio Guimarães, Maria Fernanda Vomero, Cristiana Felipe e Silva e Igor Fuser.

O centro da gema é mais nucleal, mais gema que sua própria beirada?

O centro tem outro centro? Continuando, continuando, esbarro em Deus ou no Japão. Eu, M.G.F., vou registrar neste caderno uma gafe minha. Contar é uma forma de me livrar dela, da má sensação que me provoca. Todos dirão: ‘Ela não é boba, pois sabe as bobagens que faz’. Neste caso, não contar é coragem maior. Não conto, pois.

Não me gloriarei nem de minhas fraquezas. Não chegou ainda a minha hora paulina. Exibir minha pequena miséria, vaidade. Não exibir, também. Contar que não contei, requintada vanglória. Ó meu Deus, não consigo existir sem dizer a todo momento e a todo mundo: sou assim, assim, assim.

Adélia Prado, *Cacos para um vitral*.

Sumário

Introdução	19
------------	----

Capítulo 1

O público, o privado, o íntimo na internet	23
--	----

A arte de coser calcinhas num sábado à noite	23
--	----

Descontinuidades entre o público e o privado	31
--	----

As condições de produção do discurso	37
--------------------------------------	----

<i>Uma sociedade impelida a falar</i>	43
---------------------------------------	----

Confissões na internet	55
------------------------	----

Comentário: o tecido da rede	59
------------------------------	----

Olhar através das lentes	67
--------------------------	----

O lado de fora da cápsula	67
---------------------------	----

O lado de dentro da tela	73
--------------------------	----

Quem espreita quem?	78
---------------------	----

Um voyeurismo às avessas	82
--------------------------	----

Capítulo 2

O <i>blog</i> como fenômeno da escrita	91
--	----

<i>Entrar no acaso ou num blog</i>	91
------------------------------------	----

Breve histórico dos <i>blogs</i>	96
----------------------------------	----

O recorte do material	100
-----------------------	-----

Uma tipologia dos <i>blogs</i>	103
Classificação do conjunto de <i>blogs</i> da pesquisa	130
Capítulo 3	
O gênero do discurso <i>blog</i> e suas práticas lingüístico-discursivas	131
<i>Gênero do discurso e a ação do sujeito na linguagem</i>	131
As relações intergenéricas constitutivas dos <i>blogs</i>	147
O <i>blog</i> , o diário íntimo e as páginas eletrônicas pessoais da internet	147
<i>A cenografia nos blogs</i>	172
Características composicionais do gênero <i>blog</i>	191
Capítulo 4	
O modo de enunciação nos <i>blogs</i>	201
<i>A publicização de si e a intimidade construída nos blogs</i>	201
“Ó, eu sou destaque”: o <i>ethos</i> do sujeito escrevente	207
A passagem do <i>outro</i> pelo <i>eu</i> : o <i>ethos</i> do sujeito leitor	227
Considerações finais	237
Da necessidade de falar: a impossibilidade de dizer?	237
Referências bibliográficas	249
Bibliografia consultada	261
Anexo	265

Resumo

Encarando a relação entre o público e o privado como um jogo enunciativo que se evidencia nos *blogs*, comumente chamados de “diários íntimos da internet”, este trabalho tem como objetivo investigar a dimensão lingüístico-discursiva constitutiva da atividade do escrevente nesse *gênero do discurso*. Para tanto, fundamenta-se na hipótese de que a escrita dos *blogs* emerge em meio a *condições de produção do discurso* que possibilitam práticas sociais de exposição pública da intimidade – como narrativas sobre cotidiano e histórias pessoais – no espaço de interação da internet. De nosso ponto de vista, o modo de enunciação dos escreventes de *blogs* é caracterizado pela relação dinâmica entre a publicização de si e a intimidade construída com o leitor, relação que é estabelecida mediante a instauração de um lugar de visibilidade do enunciador em uma *cenografia* da intimidade compartilhada com o co-enunciador. A prática dos *blogs* que são associados aos diários íntimos engendra elementos verbais e não-verbais que retomam, na qualidade de *ruínas do enunciado genérico*, a intimidade pressuposta na prática diarista, mas segundo *efeitos de poder* distintos. Diferentemente da “busca de si” e do distanciamento do olhar alheio, o funcionamento discursivo dos *blogs* visa à busca do outro, com a finalidade de *fazer ver e ser visto* na rede. A profusão de textos sobre as vidas individuais dos sujeitos na internet não implica variedade de aspectos ou perspectivas, mas a *raridade* de modos de dizer a vida e de refletir sobre as relações com o outro na sociedade. Esta análise aponta, portanto, para a necessidade (incessante) de falar de si, radicalmente fundada na impossibilidade (histórica) de dizer o *novo*, o *revolucionário*, o *libertário na e pela* linguagem, como esperado em textos veiculados na internet.

Palavras-chave: Escrita; Análise do Discurso; gênero do discurso; *blog*; diário; internet.

Abstract

Considering the relation between public and private as an enunciative game that is brought to evidence in the blogs, the so called “internet journals”, this work aims to investigate the linguistic-discursive dimension that constitutes the work of the author of this *discursive genre*. The hypothesis is that the writing of blogs, seen as discourse, takes place according to determined *conditions of production*, and that these conditions enable the emergence of social practices that publicly expose the private – e.g.: the presence of narratives of routine and of personal histories in the interactive space of the internet. From our point of view, the mode of enunciation of the blogs is characterized by the dynamic relation between the publicization of the self and the construction of a close, private relationship with the reader. This relationship is established by the institution of a place of visibility for the enunciator inside the *scenario* of shared privacy with the reader or coenunciator. The practice of writing blogs as journals engenders verbal and non-verbal elements that cause, although carrying the quality of *ruins of the generic enunciation*, the presupposed feeling of privacy the writing of journals provoke. The difference though resides in the distinguished *effects of power*. Differently from the typical journal situation of "search of a self" and of being secluded from the view of others, the discursive functioning of the blogs aims at the search of the other, with the clear purpose of *causing to see and to be seen* in the net. The profusion of texts about individual lives in the internet does not imply the multiplicity of aspects or perspectives on these people's lives, but points to the uniqueness that characterizes each different way of talking about life and reflecting on the relations with the others in society. This analysis, therefore, focuses at the (ceaseless) necessity of speaking of the self, a necessity that is radically and contradictorily established in the (historical) impossibility to say the *new*, the *revolutionary*, the *libertarian* *in* and *by* language, as it would supposedly be in a medium as the internet.

Keywords: writing; Discourse Analysis; discursive genre; blog; journal; internet.

Résumé

Considérant le rapport entre le public et le privé comme un jeu énonciatif qui se manifeste aux blogs, les soi-disants « journaux intimes sur internet », nous nous proposons ici d'étudier la dimension linguistique-discursive constitutive de l'activité de l'écrivain dans ce *genre de discours*. Cette étude est fondée sur l'hypothèse selon laquelle l'écriture des blogs est apparue dans des *conditions de production du discours* qui permettent des pratiques sociales d'exposition publique de l'intimité – tels que des récits sur le quotidien et histoires personnelles – dans l'espace d'interaction numérique. De notre point de vue, le mode d'énonciation des écrivains des blogs se caractérise par la relation dynamique entre la publicisation de soi et l'intimité construite avec le lecteur. Cette relation est établie au moyen de l'instauration d'un lieu de visibilité de l'énonciateur dans la *scénographie* de l'intimité partagée avec le co-énonciateur. La pratique des blogs, qui sont associés aux journaux intimes, produit des éléments verbaux et non verbaux qui reprennent, en leur qualité de *ruines de l'énoncé générique*, l'intimité présupposée dans les pratiques de l'écriture quotidienne, mais selon des *effets de pouvoir* distincts. À la différence de la « recherche de soi » et de l'éloignement du regard d'autrui, le fonctionnement discursif des blogs porte sur la recherche de l'autre, dans le but de *faire voir et d'être vu* sur le réseau des réseaux. La profusion des textes sur les vies individuelles des sujets sur internet n'entraîne pas de variété des points de vues ou des perspectives, mais la *rareté* des modes de dire la vie et de réfléchir sur des relations avec l'autre en société. Alors, cette analyse fait voir la nécessité (perpétuelle) de parler de soi, radicalement fondée sur l'impossibilité (historique) de dire le *nouveau*, le *révolutionnaire*, le *libertaire* **dans** et **par** le langage, comme on doit le supposer pour l'internet.

Mots-clés : écriture ; Analyse du Discours ; genre du discours ; blog ; journal intime ; internet.

Introdução

Dos objetivos

Este trabalho é resultado de pesquisas e reflexões sobre as práticas de escrita dos *blogs*, comumente chamados de “diários íntimos da internet”.

A influência do pensamento de Mikhail Bakhtin¹ é inegável na constituição de nossa reflexão. Destacamos, nos estudos bakhtinianos, três pontos fundamentais para o desenvolvimento de nossa tese: a importância do papel do outro na atividade humana e na concepção de subjetividade; o caráter de extrema heterogeneidade dos *gêneros do discurso* e a ênfase no traço histórico constitutivo da dimensão dialógica da linguagem. Esclarecemos que este trabalho utiliza elementos discutidos por esse autor russo para, a partir deles, refletir sobre a **emergência de um novo gênero do discurso** e o **modo de enunciação dos sujeitos nos blogs**. Nosso trabalho encontra-se inscrito no campo dos estudos da Análise do Discurso de linha francesa. É a partir de seus pressupostos teórico-metodológicos que buscamos problematizar *relações de sentido e efeitos de poder* decorrentes desse novo gênero do discurso, estabelecido em um jogo enunciativo que coloca em evidência o cotidiano e as histórias íntimas de pessoas comuns, cuja suposta notoriedade é tornada *visível* ao outro mediante a circulação no espaço público dos *blogs*.

¹ Bakhtin, [1952-1953] 1997c, principalmente. Estipulamos a seguinte convenção para as referências bibliográficas aqui apresentadas: a data entre colchetes indica o ano em que a obra foi originalmente publicada; em seguida, há a indicação do ano da edição utilizada neste trabalho. A data entre colchetes aparece apenas na primeira menção à obra. Acreditamos que a indicação da data entre colchetes pode auxiliar o leitor a melhor compreender o momento histórico em que a reflexão do autor se deu.

Esse objetivo mais geral concernente à problematização do modo de enunciação dos escreventes de *blogs* e ao surgimento de um gênero discursivo se desdobra em alguns outros, de ordem específica:

a) refletir sobre o suposto paradoxo de uma escrita considerada íntima que é exposta de maneira pública via internet;

b) refletir sobre as *condições de produção do discurso* que possibilitam a emergência desse tipo de atividade, contribuindo com uma pesquisa que privilegia a dimensão dialógica (sócio-histórica) da linguagem na investigação desse fenômeno da escrita;

c) refletir sobre as associações simplificadoras que resultam na consideração do texto do *blog* como “aperfeiçoamento” do texto do diário íntimo;

d) refletir, de uma perspectiva discursiva, sobre *o que é possível dizer* nos *blogs*, segundo determinado *sistema de restrições* ao qual a produção do texto está sujeita;

e) estudar como se constituem as *relações intergenéricas* nos *blogs*, na relação com outros tipos de escrita que também enfatizam a inscrição da intimidade, como os diários íntimos e as páginas eletrônicas (*home pages*) pessoais da internet, tendo como objetivo apurar especificidades no caso dos *blogs*;

f) estudar como se constitui a *cenografia* nos *blogs*, na instituição de determinada *intertextualidade*, *vocabulário* e *temas* que colocam em destaque o jogo enunciativo entre a publicização de si e a intimidade construída com o co-enunciador;

g) estudar a possibilidade de detecção de um *ethos* do sujeito escrevente e do sujeito leitor nos *blogs*, considerando as condições sócio-históricas de sua produção e problematizando a relevância de um suporte material específico que possibilita a veiculação dessa imagem de escrevente e de leitor;

h) contribuir para a produção de estudos lingüísticos que abordem as relações entre texto e discurso no contexto das tecnologias digitais, uma vez que a bibliografia especializada ainda é escassa.

Da organização do texto

Em termos de organização, este trabalho é dividido da seguinte maneira: o Capítulo 1 problematiza as *condições de produção do discurso* que permitem o surgimento da prática de escrita dos *blogs*. Sem a pretensão de esgotar a complexidade das *relações de poder* que regem e disciplinam a sociedade e os sujeitos, abordamos fenômenos sociais distintos que colocam em evidência a intimidade que é compartilhada com (supostos) desconhecidos em espaços públicos – a exemplo do que acontece em *reality shows*, em intervenções artísticas, em documentários cinematográficos, em livros, na arquitetura, no uso de câmeras de vídeo em sistemas de segurança.

O Capítulo 2 é consagrado à apresentação do *blog* como fenômeno da escrita. Inicialmente, expomos um conjunto de fatores inter-relacionados que busca justificar a escolha do tema e a constituição do objeto de pesquisa. Em seguida, apresentamos um balanço crítico do que foi discutido sobre *blogs* por outros autores, em especial, por pesquisadores da área de Comunicação. A metodologia da coleta dos dados da pesquisa é também explicitada, juntamente com o estabelecimento de uma tipologia e com a classificação do material pesquisado.

O Capítulo 3 é voltado para a problematização do fenômeno da escrita do *blog* no âmbito das *relações intergenéricas constitutivas dos gêneros do discurso*. Fundamentamos nos estudos bakhtinianos para a investigação dos *blogs* no espaço de convivência com

gêneros que privilegiam determinado modo de inscrição da intimidade, como os diários íntimos e as páginas eletrônicas (*home pages*) pessoais da internet. A proposta é a formação de um quadro comparativo das relações entre os gêneros, com o objetivo de identificar os principais elementos constitutivos do *blog* e o funcionamento discursivo de sua *cenografia*.

O Capítulo 4 é voltado para o exame do modo de enunciação fundado na relação entre a **publicização de si** e a **intimidade construída** com o co-enunciador. Mediante a investigação de marcas lingüísticas que designam o estatuto de enunciador e de co-enunciador do texto, busca-se refletir sobre uma noção de *ethos* do escrevente e leitor dos *blogs* pesquisados.

Apresentamos, por fim, considerações sobre o trabalho realizado, com a reflexão sobre *o que é possível dizer* por meio da prática de escrita dos *blogs*.

Capítulo 1

O público, o privado, o íntimo na internet

A arte de coser calcinhas num sábado à noite

É sabido que o exibicionismo e o voyeurismo não são privilégios da era dos computadores. Mas é inegável que a internet permitiu levar essas práticas a limites antes impensáveis. O recurso do texto escrito aliou-se às modernas tecnologias de transmissão de imagem em tempo real. Nas salas de bate-papos do UOL (Universo Online), um dos maiores provedores do Brasil, é possível dialogar por escrito vendo imagens do interlocutor. A área, originalmente direcionada a negócios, foi tomada pela exploração da sexualidade. Os internautas têm a oportunidade de se despir durante o bate-papo. Em muitos casos, a pessoa só mostra o corpo nu, deixando o rosto fora do ângulo de visão da câmara. Em termos de anonimato, os dispositivos tecnológicos da rede trazem essa vantagem aos usuários.

Nesses pequenos espetáculos público-privados, pode-se ver, por um lado, a necessidade de exposição da intimidade física e emocional, e, por outro, o desejo de romper os limites, socialmente estabelecidos, da pessoa, pela participação na experiência (no corpo, na intimidade) do outro. Nesse último caso, a ruptura dos limites fica explícita já na etimologia do vocábulo erudito correspondente a voyeurismo: “mixoscopia”, do grego *mix*, raiz de *míxis* (“mistura”) + *-o-* + *-scop-* (“ato de ver”, “examinar”) + *-ia*. Os exemplos podem ser mais eloqüentes quanto à característica da exposição pública e do voyeurismo.

Pandora é uma das muitas jovens residentes na cidade de Blumenau, Santa Catarina. Trabalha como redatora (“mas sem carteira assinada”) e odeia o chefe. Pandora diz que o chefe é daqueles que vivem renegando as idéias que ela criou com tanto esforço, para adotar, ao final do processo de redação, a idéia “genial” que ele mesmo teria tido. “Francamente, para que eu sirvo então? Tá certo, a experiência que ele tem nem se compara com a minha, mas será que ele não é capaz de reconhecer que outras pessoas podem ter grandes idéias além dele? Palhaçada.”

O desabafo de Pandora não se restringe às desventuras de sua vida profissional. Ela também se queixa da falta de companhia e convívio social: “Meu Deus... Sinta a gravidade de minha situação. É noite de sábado, quase meia-noite, tenho 23 anos e sabe o que estou fazendo neste exato momento? Costurando os buracos das minhas calcinhas... Jesus, a que ponto chegamos...”.

O cotidiano de Pandora, sua rotina, suas neuroses, seus pensamentos sobre o mundo, poderiam estar registrados em um diário ou em cartas para as pessoas mais próximas. Com tais indícios sobre sua vida profissional e sua vida íntima, é de se esperar que nós a conheçamos pessoalmente. Entretanto, só tivemos conhecimento da história de Pandora porque ela decidiu transformar seus escritos pessoais em públicos, via internet. Para conhecê-la, basta acessar o *blog* de Pandora.

A Figura 1 se refere à página inicial desse *blog*:²

² Disponível em: <http://amigoetheobaldo.weblogger.terra.com.br>. Acesso em: 09/2001.



FIGURA 1 – *Meu querido Etheobaldo*: porque fazer blog é mais barato que pagar analista

Como Pandora, milhares de pessoas no mundo todo veiculam a história de suas vidas nos *blogs*, comumente chamados de “diários da internet”. A verdade oficial sobre as informações dessas páginas *web* é questão que está fora do escopo desta pesquisa. Interessa-nos investigar o **modo de enunciação dos escreventes** e os efeitos decorrentes desse **gênero de discurso** que coloca em circulação pública³ as histórias pessoais, com o objetivo de cultivar um grupo de leitores-comentadores dos textos. Destacamos a relevância da noção de **condições de produção do discurso** nesta reflexão para a problematização da emergência da atividade de escrita dos *blogs* em meio a práticas diversas que colocam em evidência a valorização da intimidade no espaço público. De que estratégias da linguagem o escrevente se vale para conseguir atrair a atenção do outro (supostamente desconhecido), em um meio de comunicação reconhecido pelo sistema não hierárquico de *links* (ligações eletrônicas de documento de hipertexto), que podem levar a quaisquer textos e a nenhum?

³ Há *blogs* de circulação pública e há outros de acesso restrito aos usuários portadores de senha. O conjunto de textos que compõem o material da pesquisa e os demais exemplos coletados via internet são provenientes de fontes de acesso público, disponíveis a quaisquer usuários da rede. A metodologia da coleta dos dados é explicitada no capítulo seguinte.

Quem está na rede é para se mostrar. Quanto mais atrativa a página, isto é, quanto mais aprimorados os recursos gráfico-visuais e os de suporte material para a conexão, maiores são as chances de se fazer visto na profusão de endereços eletrônicos que compõem a teia de alcance global. O grau de exposição pode variar das confissões sobre a situação profissional e afetiva, como no *blog* de Pandora, à exibição de cenas explícitas da vida cotidiana, como no caso da norte-americana Jennifer Ringley, uma jovem *webdesigner* que ganhou notoriedade nos anos 90 depois que instalou câmeras conectadas à internet (*webcams*) em diversos pontos da casa, agindo como se elas não estivessem lá. O *site*⁴ atraiu milhares de usuários interessados em “flagrar” – eis aí o voyeurismo –, a preços módicos, a jovem trocando de roupa ou fazendo um de seus *strip-teases* casuais.⁵

Atualmente, novas ferramentas facilitam a popularização de imagens pessoais (em geral, fotos) dos escreventes, nos chamados *fotoblogs*, *fotologs* ou *f-logs*. Trata-se de um “diário fotográfico” na rede, no qual o usuário pode publicar fotos e escrever legendas para cada uma delas. Os visitantes podem adicionar comentários, como ocorre nos textos verbais dos *blogs*. Os comentários dos visitantes podem ser acessados por quaisquer outros usuários.

A imagem a seguir se refere a um desses *sites*:⁶

⁴ Disponível em: <http://www.jennicam.org>. Segundo Ringley, o *site* chegou a receber 100 milhões de visitantes por semana. Depois de sete anos e meio *on-line*, foi desativado em dezembro de 2003. Dentre as justificativas para o término do *site*, encontram-se o número de processos emitidos pela empresa Paypal, responsável pelo serviço de cobrança dos acessos, o conteúdo de nudez veiculado pela autora e as ameaças de morte a ela endereçadas (BBC, 2004; Magalhães, 2003).

⁵ Oliveira (2002: 148) faz menção ao uso crescente de *webcams* na produção de *blogs* brasileiros; Versignassi (2001b) e Leal (2001) associam o crescimento das vendas de *webcams* a uma “curiosidade” que teria sido estimulada pelos *reality shows*, em plena ascensão no Brasil em 2001, ano em que iniciamos esta pesquisa. Acreditamos que tanto a atividade dos *blogs*, com exibição de imagens pessoais, quanto a produção de *reality shows* são práticas que se encontram integradas (e disseminadas) na nossa sociedade. Não se trata de considerar que uma prática seja incentivadora da outra, mas de refletir que sua emergência ocorre em meio à multiplicidade de correlações de poder que atravessam as relações sociais, como discutiremos adiante.

⁶ Disponível em: <http://zel.buzznet.com/user>. Acesso em 02/2005.

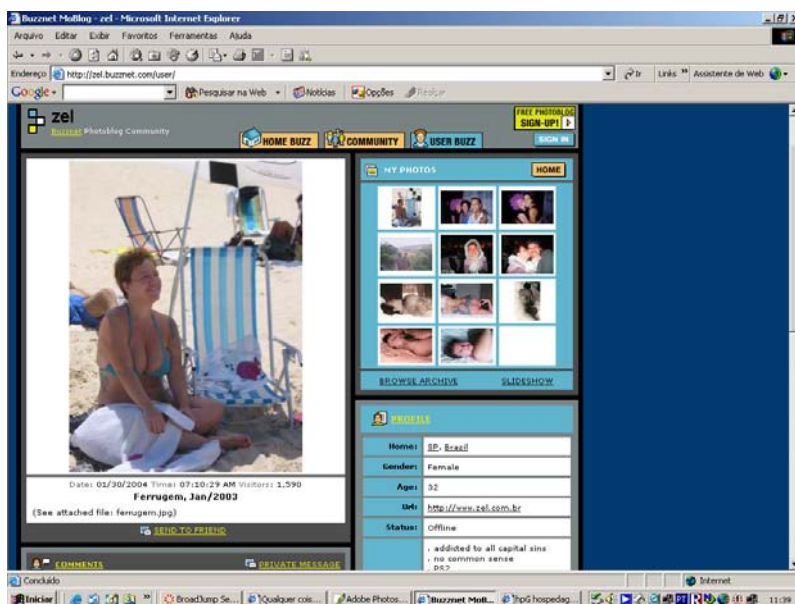


FIGURA 2 – Fotoblog da Zel

A foto maior à esquerda na Figura 2 traz a seguinte legenda: “Ferrugem, Jan/2003”. Zel, autora desse *fotoblog* e também de um *blog* na internet, está de biquíni na praia, sob um guarda-sol. É possível acessar outras fotos, no lado direito do *fotoblog*, mediante um duplo clique sobre a imagem. Em geral, a imagem predominante é a da alegria, com Zel sorridente entre amigos e familiares; há, porém, um ensaio fotográfico em que é mostrada uma outra Zel, toda sensual, que exhibe as curvas do corpo nu tatuado com o desenho de um dragão nas costas. A sequência de fotos, ambientada no cenário íntimo de um quarto, termina com um *close* do rosto da autora. Uma dessas fotos recebeu o seguinte comentário:

(a) Glauco: 04/13/2004 12:18 PM

[1] Olá, adorei a matéria com vc no jornal O Dia, e [2] curioso vim dar uma espiada, digamos que [3] fiquei encantado com o que vi e apreciei, e naturalmente [4] como todo bom curioso vim ver as fotos tb e pude constatar se tratar [5] de uma bela espécie feminina com um torpor de sensualidade indescritível, [6] achei o máximo sua tatoo, pois tb curto tatoo e [7] uma grande pena é estarmos distantes, pois sou do Rio mas [8] seria de um

adjetivo “ardente”. Por fim, o escrevente assina o comentário com seu nome e local de onde escreve.

Os efeitos produzidos por um ensaio fotográfico como esse parecem não se esgotar na justificativa de um exibicionismo exacerbado ou de um voyeurismo que incita as práticas de mostrar ao público a intimidade do ser humano moderno, seja pela exposição do corpo (e do rosto na internet, espaço reconhecido pelo anonimato dos usuários), seja pela caracterização da banalidade do cotidiano, marcado, às vezes, pela falta do que fazer (em um sábado à noite, por exemplo, como confessado por Pandora).

Poder-se-iam especular várias hipóteses para explicar a emergência dos *blogs*. Acreditamos que a mais plausível esteja ligada à questão dos limites (ou da falta de limites) entre o domínio do público e do privado na sociedade contemporânea. Outros pesquisadores, advindos da área da Comunicação, como Oliveira (2002), Schittine (2004) e Sibilia (2003) já destacaram a tensão entre o público e o privado na constituição dos *blogs*. A abordagem proposta por essas autoras é discutida adiante. Da perspectiva de uma abordagem discursiva, consideramos que se trata de um modo de enunciação caracterizado por um jogo entre a **publicização de si** e a **intimidade construída** na escrita dos blogueiros (como são chamados os escreventes de *blogs*). A relação dinâmica deste jogo pressupõe necessariamente a presença do outro na atividade de escrita. A finalidade do gênero do discurso *blog* é a possibilidade de **acabamento do outro (no outro)**, mediante dispositivos eletrônicos como o do comentário, que permitem ao leitor deixar mensagens para o autor da página. Trata-se de um mecanismo valorizado no texto do *blog*, já que coloca em evidência a passagem do *outro* pelo *eu*, com a exposição de uma imagem do autor e do leitor. O caso dos bate-papos e o das páginas eletrônicas pessoais monitoradas por vídeo, o dos *fotoblogs*, são exemplos explícitos da valorização da intimidade no espaço público. Consideramos

ainda que essa questão diz respeito a outras práticas em exercício na sociedade atual, como os *reality shows* que dão visibilidade à vida privada de pessoas comuns, mediante o canal de difusão da televisão. A tese de um jogo enunciativo entre a publicização de si e a intimidade construída na escrita dos *blogs* é aqui defendida a partir da problematização das condições sócio-históricas de produção do discurso marcado pela **necessidade** (incessante) **de falar**, radicalmente constituída pela **impossibilidade** (histórica) **de dizer**. A necessidade de falar qualquer coisa (mesmo que seja pouco ou nada) é o modo de permanência dos sujeitos no espaço de enunciação (ou no campo da visibilidade social) da internet (da sociedade). Ocorre, porém, que as táticas discursivas adotadas pelo sujeito para *fazer ver e ser visto*⁹ mascaram a impossibilidade de dizer (de *criticar*, de *pensar*) o *novo*, o *revolucionário*, o *libertário na e pela* linguagem. No nível dos estudos lingüísticos, o que se observa é (quase) nada de *novo* nos *blogs*. O caráter excepcional desse fenômeno da escrita parece se encontrar nos procedimentos de controle e delimitação do discurso sobre o indivíduo e a intimidade partilhada (construída) com o outro no espaço público, na consideração da trama da multiplicidade das relações do poder que regem e disciplinam os sujeitos e a sociedade.

⁹ A expressão, de Bourdieu ([1996] 1997), é empregada para fazer a crítica aos que aceitam participar de programas televisivos sem, ao menos, discutir as razões pelas quais se está na televisão. “Tenho a impressão de que, ao aceitar participar sem se preocupar em saber se se poderá dizer alguma coisa, revela-se muito claramente que não se está ali para dizer alguma coisa, mas por razões bem outras, sobretudo para se fazer ver e ser visto” (Bourdieu, 1997: 16-17). Bourdieu se dirige aos pesquisadores, cientistas, escritores e aos próprios jornalistas, que teriam uma responsabilidade a cumprir na sociedade. Ao contrário da televisão, o *blog* é o espaço de enunciação das pessoas ditas comuns, que supõem não ter compromisso algum com a questão pública, a não ser o de ser visível para a sociedade.

Descontinuidades entre o público e o privado

É preciso que explicitemos algumas das escolhas que orientaram as reflexões desta tese. Primeiramente, trata-se do estudo da escrita de *blogs* que podem ser associados às práticas dos diários íntimos, cujo tema privilegia o foro íntimo do escrevente.¹⁰ O interesse inicial estava ligado à investigação de uma escrita considerada íntima que, de maneira aparentemente paradoxal, era (é) exposta de maneira pública via internet. Foi o suposto paradoxo entre o público e o privado que chamou nossa atenção para esse fenômeno da escrita. Nossas reflexões e nossas propostas devem ser avaliadas, portanto, tendo em vista esse tipo de material.¹¹

Em segundo lugar, inscrevemos nosso trabalho no campo de estudos da Análise de Discurso de linha francesa (doravante AD). Por um lado, essa inscrição teórica significa **que a concepção de linguagem com a qual trabalhamos é radicalmente dialógica e**

¹⁰ No Capítulo 2, propomos uma tipologia dos *blogs* conhecidos até o início de 2005, ano da conclusão desta tese. Essa ressalva em relação à data se deve ao fato de que a atividade de escrita dos *blogs* é condicionada, entre outros fatores, pelo suporte material constitutivo do gênero de discurso.

¹¹ Outros pesquisadores, como Schittine (2004), estudaram tipos de *blogs* que não se assemelham ao estilo confessional dos diários, mas ao do relato jornalístico. De acordo com Schittine, muitos dos escreventes buscam se distanciar do estilo confessional do *blog* por (pré-)julgarem que se trata de uma “limitação” o fato de utilizarem a mídia para “falar de si”. A maior parte dos blogueiros almeja a condição de **formador de opinião** que é atribuída aos profissionais da comunicação, como aos jornalistas, já que nesse lugar se supõe tanto a enunciação livre das coerções sociais quanto a admiração do outro em relação à “opinião pessoal”. Schittine critica a idéia de que o *blog* associado ao diário seria um “gênero menor”: “Será que o diário pessoal é realmente um ‘umbigo virtual’? Tudo depende dos assuntos e da maneira como o autor escreve. Dar as suas ‘opiniões’ e ‘pitacos’ também é uma forma de falar de si mesmo e de fazer um escrito pessoal. [...] Será que o *blog* é realmente tão democrático quanto parece? Na verdade, ele também tem algumas limitações, como o tamanho do texto e a influência da opinião dos leitores” (Schittine, 2004: 163-166). Para o que nos interessa, a subjetividade é traço constitutivo da linguagem e não se restringe à explicitação das opiniões ditas pessoais. Trata-se de um *pré-construído* reproduzido, muitas vezes, por estudiosos da área da Comunicação, que julgam ser possível distinguir a subjetividade da suposta objetividade das práticas jornalísticas. A distinção, em Schittine, é marcada no estudo dos limites entre ficção e realidade na escrita dos *blogs*, conceitos associados aos do romance e do jornalismo, respectivamente (Schittine, 2004: 62). Para a autora, o fato jornalístico é índice de “verdade”; para nós, é índice de *efeito de poder* nas relações sociais. Concordamos com Schittine quanto às restrições ao modo de enunciação dos blogueiros; avaliamos, porém, que elas não dizem respeito somente aos limites impostos pelo gênero de discurso (o tamanho do texto, por exemplo) e pela presença do outro; o *sistema de restrições* se dá na dimensão dialógica que engloba a produção do texto.

sócio-histórica: todo discurso é assim analisado em sua constituição heterogênea sobre outros discursos fundados no social e produzidos por sujeitos que se constituem sócio-historicamente.¹² A consideração de uma concepção dialógica e sócio-histórica da linguagem é o que permite afirmar, na reflexão de Fiorin (2002), que o discurso é o *lugar da instabilidade*, não no sentido da desorganização ou do caos, mas no de uma não fixidez, de uma não permanência, de uma mudança de lugar; diríamos, **o discurso é o lugar das descontinuidades**. O que pertence à ordem da História é o discurso e não o sistema da língua. Fiorin considera que a passagem do sistema ao discurso se dá com a enunciação, no funcionamento dos mecanismos de temporalização, de espacialização e de actorialização. O autor observa que esse funcionamento no discurso é instável, mas obedece a certas coerções, que são a própria garantia da existência do sentido.¹³ É, pois, basicamente no plano do *enunciado*, como definido por Bakhtin [(1952-1953) 1997c], que investigamos a interação entre enunciador e co-enunciador *na e pela* linguagem, mais especificamente, no trabalho do sujeito com a (sua) escrita. Por outro lado, a inscrição no domínio da AD estimula o diálogo com autores de outras áreas de conhecimento,¹⁴ os quais podem permitir a reflexão sobre as condições de emergência do material pesquisado.

Antes, porém, de nos concentrarmos na discussão das condições de produção do discurso, gostaríamos de refletir mais atentamente sobre a questão das descontinuidades e suas implicações em uma pesquisa de caráter lingüístico-discursivo. A primazia de uma

¹² Aqui, como em outros momentos deste texto, somos gratos a Flávia Biroli, professora doutora em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UNICAMP e professora recém-doutora/CNPq do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília (UnB), por sua disposição em discutir conceitos referentes aos estudos históricos na relação com os estudos discursivos.

¹³ Fiorin, 2002: 9-25.

¹⁴ Pensamos principalmente nas contribuições dos trabalhos de Michel Foucault ([1970] 1996), ([1975] 2000), ([1975-1976] 1999a), ([1976] 1999b), no domínio da História; nos de Richard Sennett ([1974, 1976] 1998), na Sociologia; nos de Hannah Arendt ([1958] 2003), na Filosofia.

concepção sócio-histórica da linguagem, que leva em consideração as descontinuidades na constituição dos sujeitos e das práticas discursivas, nos parece ser a principal distinção deste trabalho em relação aos estudos já publicados sobre *blogs*.¹⁵ Trata-se de conceber o *blog* não como um “aperfeiçoamento” do diário íntimo, mas como um fenômeno *outro*, visto que é tecido num tempo *outro* que privilegia modos distintos de enunciação e de exposição pública. Certamente, há características que identificam a escrita dos *blogs* com a do clássico diário confessional. Para o que nos interessa, porém, as relações entre o gênero diário e o gênero *blog* aparecem sob a forma de “ruínas de gêneros discursivos”, conceito formulado por Corrêa (2004b) para discutir o modo como um gênero de discurso se apresenta em outro com o estatuto de *fonte histórica*, na emergência de novas *atividades humanas* (Bakhtin, 1997c). Assim, a análise de fragmentos de enunciados genéricos do diário nos *blogs* tem importância na medida em que permite novas perspectivas de leitura sobre o modo de exposição da intimidade no espaço público atual. A consideração das descontinuidades é o que possibilita discutir os *efeitos de poder* que fundam as relações sociais e, conseqüentemente, as noções socialmente partilhadas com o outro, referentes, sobretudo, ao público, ao privado e ao íntimo. Da perspectiva dos estudos históricos, Prost ([1987] 1992) enfatiza o fato de que a vida privada é *realidade histórica* construída de maneiras distintas pelos sujeitos de sociedades determinadas, segundo recortes variáveis da atividade humana entre a esfera privada e a esfera pública. O desafio assumido neste trabalho é romper com associações simplificadoras, que podem resultar no engano de pensar os sentidos das práticas de escrita dos *blogs* como idênticos aos dos diários íntimos. “Nada seria mais equívoco” – diria Darnton (1986) a respeito do processo de leitura no

¹⁵ Referimo-nos aos estudos produzidos e publicados na área da Comunicação, sobretudo, à tese defendida por Oliveira (2002), que estabelece uma trajetória praticamente retilínea da história dos diários, desde os formatos “pré-diários” até o advento dos *blogs*, os “*novíssimos* diários”.

século XVIII – do que a crença de que as pessoas sempre agiram da maneira como o fazemos atualmente. Parafraseando Darnton, diríamos que nada seria mais equívoco, numa tentativa de discutir a experiência da escrita de diários, do que a crença de que as pessoas sempre escreveram textos íntimos como se faz na atualidade. Não podemos, tampouco, presumir que sabemos como as noções de intimidade ou de exposição pública eram tratadas pelos sujeitos escreventes de diários na Europa do século XIX,¹⁶ embora o surgimento da noção de intimidade seja evento amplamente discutido por estudiosos do tema.¹⁷

Na área da Comunicação, Sibilía (2003) é talvez quem melhor tenha discutido a noção da *descontinuidade* no estudo dos *blogs*. Segundo a autora, há dois procedimentos que marcam o cenário das pesquisas sobre *blogs*: a *tese da continuidade*, que busca “demonstrar que as novas modalidades ‘nada mais são’ do que simples adaptações das velhas práticas”, e a *tese da descontinuidade*, que procura “desvelar a especificidade das novas formas, de modo a captar tudo o que elas trazem de novo e a perceber as implicações de sua introdução na presente formação histórica”. Sibilía aposta nessa segunda estratégia investigativa, destacando também a eficácia dos estudos comparativos, já que esses “proporcionam um pano de fundo contra o qual é mais fácil enxergar as inovações”. Sibilía adverte que “convém ao pesquisador se manter alerta e desconfiar dessas permanências,

¹⁶ A respeito da escrita de diários no século XIX e do surgimento de uma noção de intimidade, cf. Martin-Fugier ([1987] 1991) e Corbin ([1987] 1991). As condições históricas da emergência do diário íntimo são discutidas no Capítulo 3 com o objetivo de analisar as relações intergenéricas constitutivas dos gêneros do discurso. A propósito das práticas diárias de escrita nos séculos XVI a XVIII na Europa, cf. Foisil ([1986] 1991), Ranum ([1986] 1991), Goulemot ([1986] 1991) e Chartier ([1986] 1991). Este último relaciona a elaboração de uma esfera da intimidade individual (novos modos de relação com o outro e com os poderes do Estado moderno em emergência) à propagação dos processos de leitura e escrita. No caso da escrita, a familiaridade do indivíduo com essa prática determinava maior ou menor emancipação com relação às formas tradicionais de existência que ligavam estreitamente o indivíduo à comunidade, que o tornavam dependente de mediadores obrigatórios, intérpretes da Palavra divina ou das ordens do soberano (Chartier, 1991: 119). A constituição de si por meio da escrita na cultura greco-romana foi objeto de investigação de Foucault ([1983] 1992a), na análise dos *hypomnemata* e das correspondências no processo de subjetivação na Antiguidade.

¹⁷ Corbin (1991); Sennett (1998); Gay ([1995] 1999).

pois muitas vezes as práticas persistem mas seus sentidos mudam”.¹⁸ Enfatizamos que os sentidos *sempre mudam*, porque sua instabilidade é fundada em práticas discursivas *ressignificadas* por sujeitos sócio-historicamente constituídos. Além disso, assinalamos que de nosso ponto de vista as implicações das práticas dos *blogs* não podem ser observadas, como indica Sibilia, a partir de sua *introdução* na presente formação histórica. O uso desse substantivo permite pensar que os *blogs* são formados de modo paralelo aos demais eventos sócio-históricos e não *com* eles. Não se trata de uma inserção, mas de sua irrupção na rede de sentidos que engendram os acontecimentos históricos.

Delimitamos inicialmente os conceitos de público, privado e íntimo a partir das definições que o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* apresenta em sua edição eletrônica. No desenvolvimento deste trabalho, buscamos refinar esses conceitos a partir da análise de seus usos. Consideramos como *público* os temas comuns, sem caráter secreto, relativos ou pertencentes à coletividade (à sociedade, incluída aquela que não tem acesso à internet) e às instituições legitimadoras do poder, assim reconhecidas pelos cidadãos que elas governam. No conjunto de textos do material da pesquisa, classificamos como públicos temas relacionados à política (nacional e internacional); à economia (nacional e internacional); ao chamado *factual* (de repercussão nacional e internacional), como o atentado de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, a guerra dos Estados Unidos contra o Afeganistão, a Copa do Mundo de 2002 e a conquista do Penta pelo Brasil; a filmes; a programas televisivos; à música; a piadas; à literatura; à vida (e à morte) de celebridades; ao sexo oposto; aos programas de computador e aos serviços da internet; à violência urbana. O *privado* é relacionado aos temas restritos à individualidade do sujeito,

¹⁸ Sibilia, 2003: 146.

como a família; determinados hábitos e costumes; o estado de saúde da pessoa; ao direito de manter certos segredos distanciados do conhecimento público. Neste trabalho, o privado é associado à definição geral de *íntimo*, cujos temas privilegiam tanto a cumplicidade dos laços de afeição, amizade e familiaridade cultivados entre as pessoas, quanto a chamada essência do ser, na atividade de reflexão sobre si ou sobre o outro. Dentre os temas privados/íntimos identificados nos *blogs* do material da pesquisa, destacamos os relacionamentos familiares e amigáveis; os relacionamentos amorosos (amor, sexo, sexualidade, virgindade, namoro, casamento, divórcio); o cotidiano (incluindo as atividades profissionais e as de lazer); as divagações filosóficas a respeito da vida; os sentimentos de medo, insegurança, solidão, angústia, irritação; as recordações sobre o passado; os sonhos; os projetos e as ambições para o futuro.

A consideração dos conceitos de público, privado e íntimo visa à discussão do modo de enunciação dos blogueiros e à problematização do *dizível* na sociedade atual. Acreditamos que seja mais produtivo avaliar a emergência do fenômeno dos *blogs* em meio a outras práticas atuais de valorização da intimidade no espaço público do que buscar traçar uma história das continuidades dos escritos íntimos, produzidos sob condições históricas completamente distintas. Propomo-nos, portanto, à investigação dos *blogs* a partir do estudo de suas condições de produção.

As condições de produção do discurso

A noção de *condições de produção* (doravante CP) tem sua primeira definição empírica geral, no domínio da Análise do Discurso, com os trabalhos de Pêcheux ([1969] 1990).¹⁹ Para Pêcheux, “um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas”, que sobredeterminam as ações dos sujeitos, mediante *relações de força*, existentes entre os elementos antagonistas de um dado campo de atuação (em sua teoria, o campo político, por excelência), e *relações de sentido*, nas quais é produzido. “Assim, tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ‘orquestra’ os termos principais ou anula os argumentos”.²⁰ Em sua releitura do clássico esquema informacional de Roman Jakobson, Pêcheux propõe a substituição dos pólos do remetente (A) e do destinatário (B) por um dispositivo em que as *situações* são desdobradas em *representações imaginárias* das *posições* do locutor e do interlocutor:

Nossa hipótese é a de que esses lugares estão *representados* nos processos discursivos em que são colocados em jogo. Entretanto, seria ingênuo supor que o *lugar como feixe de traços objetivos* funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, *presente, mas transformado*; em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de transformações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. [Pêcheux, 1990: 82 (grifos no original)]

Para Pêcheux, as regras de projeção dessas representações imaginárias no discurso encontram-se condicionadas por formações sociais e relações de classe, como descritas pelo materialismo histórico.²¹ Elas se constituem através do *já-dito* no processo discursivo, o

¹⁹ Courtine, 1981: 21.

²⁰ Pêcheux, 1990: 77.

²¹ Pêcheux & Fuchs: [1975] 1990: 165 e ss.

que se opõe à tese fenomenológica de uma “apreensão perceptiva” por parte do referente, do outro ou de si mesmo.²² Não se trata da transmissão de informação de um pólo a outro, como designado no esquema de Jakobson, mas do estudo do discurso como *efeito de sentidos* entre sujeitos.²³ Assim:

o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando *evoca* tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido. [Pêcheux, 1990: 77 (grifo no original)]

Para o que nos interessa, a noção de condições de produção é importante na medida em que coloca em evidência a relação constitutiva entre língua e história. Pêcheux salienta a necessidade de analisar o discurso em sua relação com o “*conjunto de discursos possíveis* a partir de um estado definido das condições de produção”, e não “como uma sequência lingüística fechada sobre si mesma”. Não se trata, diz o autor, de um estímulo a uma “sociologia” das condições de produção, mas da consideração de que o funcionamento dos fenômenos lingüísticos não é “*integralmente lingüístico*”, e sim referente às “condições de produção do discurso”.²⁴ O que está em jogo não é a presença empírica de indivíduos, mas a representação dos lugares dos sujeitos.²⁵

Ocorre, porém, que a formulação de Pêcheux a respeito das CPs foi criticada por outros autores, em especial por Courtine (1981), que considerou que a definição não rompia com as origens psicossociológicas da noção. Courtine acreditava que, por um lado, o

²² Pêcheux, 1990: 85.

²³ Pêcheux, 1990: 82.

²⁴ Pêcheux, 1990: 78-79.

²⁵ Pêcheux, 1990:77.

recurso ao esquema informacional de Jakobson permitia que se compreendessem as condições (históricas) da produção de um discurso como as “circunstâncias da produção (no sentido psicolinguístico do termo) de uma mensagem por um sujeito falante”; e, por outro lado, essas formulações não estavam exatamente desobrigadas de sua caracterização psicológica ou sociológica.²⁶ Segundo Courtine, os sujeitos concebidos sob as “condições de produção” propostas por Pêcheux ainda poderiam ser tomados como *fonte*, e não como *efeito* das relações discursivas. Courtine considerava que a noção de condições de produção tinha um conteúdo “heterogêneo e instável” e que era preciso redefini-la no campo da AD a partir da análise histórica das contradições ideológicas, em um conceito de *formação discursiva*, discutido por esse mesmo autor.²⁷

Concordamos com a crítica formalizada por Courtine, em sua preocupação com a delimitação da noção em um sistema conceitual da AD. De um lado, corre-se o risco de interpretar a noção de condições de produção como circunstância ou contexto, o que levaria a um apagamento da dimensão histórica da linguagem; de outro, o analista pode enveredar por discussões que não lhe cabe esquadrinhar, em busca de explicações psicológicas, sociológicas ou históricas para as questões linguísticas levantadas. O objetivo da assunção da noção de condições de produção do discurso neste trabalho é discutir, com a devida densidade, a emergência do fenômeno da escrita dos *blogs* na sociedade atual. As análises dos dados apontaram para um “quase esvaziamento” da linguagem no recurso à banalidade do cotidiano; os comentários emitidos pelos leitores de *blog* também não se distanciaram do *lugar-comum*, do emprego de clichês e chavões. Ao mesmo tempo, fica evidente nos *blogs* e em outras práticas em exercício na sociedade o valor que é atribuído às pessoas

²⁶ Courtine, 1981: 22.

²⁷ Courtine, 1981: 23; 33 e ss.

comuns e à visibilidade de sua intimidade em público. Da perspectiva dos estudos discursivos, procuramos discutir a quais *restrições*²⁸ uma tal constituição discursiva está submetida para a emergência de um “novo” dizível. Acreditamos que o pesquisador que leva em consideração a complexidade do fenômeno lingüístico, em sua relação constitutiva com outros “discursos possíveis”, somente pode enriquecer a análise de seu objeto, restituindo-lhe, pelo menos parcialmente, a complexidade de que é (e)feito.

Avaliamos a pertinência da proposta de Pêcheux e as críticas de Courtine a respeito do conceito de condições de produção do discurso e propomos, a partir daí, avançar com a discussão a partir da apropriação de conceitos trabalhados por outro autor fundamental em AD, Michel Foucault. Como é sabido, Foucault não era lingüista, mas teve parte de sua produção acadêmica utilizada na reflexão sobre a articulação entre língua e discurso. Importa-nos ressaltar que um dos principais propósitos dos trabalhos de Foucault é explicitar as *condições históricas* para o aparecimento de um objeto de discurso. O discurso, em Foucault, “não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo”.²⁹ As *regras de formação* dos discursos são por ele definidas como “as condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva”.³⁰ A análise do campo discursivo em Foucault implica, portanto, o estudo do enunciado, a determinação das condições de sua existência, o estabelecimento de suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado,

²⁸ Maingueneau, 1984.

²⁹ Foucault, 1997: 61-62.

³⁰ Foucault, 1997: 43-44.

procurando explicar, inclusive (ou primordialmente) as formas de enunciação que ele exclui.³¹

Ressaltamos que as condições históricas por Foucault referidas são fundadas na questão das *descontinuidades* que procuramos abordar, ainda que brevemente, na primeira parte deste capítulo. Biroli (2005), em esclarecedor artigo em que discute os conceitos de história, de historicidade e de discurso, chama a atenção para o fato de que Michel Foucault é um dos autores que, durante o século XX, se preocuparam em romper com a história-continuidade ou história-reminiscência, ou seja, com o conceito de *tradição*, que no domínio da História remete às origens como *fontes de sentido*, ao ritmo de uma *progressão*. Ora, os estudos em Análise do Discurso não cessam de repetir, sob a égide dos estudos históricos, muitos deles ligados aos de Foucault, que o sujeito, em sua relação com a atividade da linguagem, não é “fonte e senhor de seu dizer”. Trata-se de premissa não-subjetivista da enunciação, um dos fundamentos da AD e da dimensão dialógica da linguagem.

Um dos principais aspectos do artigo de Biroli é o modo como o conceito de discurso não pode ser dissociado dos de *história* e de *poder*, ao custo da perda de aspectos importantes das perspectivas assumidas por esse autor em relação à própria história e à historicidade (definida como a experiência que o sujeito pode ter de sua inserção na história).³² Para Foucault, segundo Biroli, a noção de história assume o valor de “contramemória”, na qual *dominação* e *violência* substituem o conceito de progresso. Ao contrário do que se poderia imaginar, porém, a dominação e a violência não são praticadas mediante uma noção de poder que castiga ou que impõe limites. Foucault nega qualquer

³¹ Foucault, 1997: 31.

³² Biroli, 2005: 4-5.

associação entre poder e repressão ou lei. De fato, ele define o poder como “a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem [sendo] constitutivas de sua organização”.³³ O poder circula, funciona, transita pelo indivíduo que ele constitui. O poder encontra-se em toda parte “não porque englobe tudo”, mas sim “porque provém de todos os lugares”.³⁴ As relações de poder produzem “discursos de verdade”, que funcionam nesse poder, a partir e através dele. Os discursos de verdade constituem regras para a constituição do *verdadeiro*, para, entre outras coisas, *a produção de enunciados e o reconhecimento de seus sujeitos-autores*.³⁵

No caminho indicado por Foucault, Biroli enfatiza a necessidade de buscar não sentidos, mas *efeitos de poder* na constituição dos enunciados. Buscaremos, pois, discutir de maneira mais específica as condições históricas da produção dos enunciados dos *blogs* a partir das relações instituídas na e pela sociedade. Para tanto, propomos articular determinados conceitos trabalhados por Sennett (1998) e por Foucault (1996, 1999b, 2000) à hipótese de que os *blogs* se constituem enquanto práticas discursivas que *positivam* suas ações em uma suposta liberdade de expressão do sujeito, que tudo pode (deve) falar (escrever, exhibir, confessar), inclusive (ou principalmente) a respeito de uma faceta intimista de sua personalidade em público.

³³ Foucault, 1999a: 35.

³⁴ Foucault, 1999b: 88-93.

³⁵ Segundo Biroli, a reflexão de Foucault sobre o poder possibilita chegar à crítica do conceito de ideologia. O conceito de ideologia pressupõe, segundo essa autora, uma oposição entre verdade e não-verdade, uma referência ao sujeito (da ação e da dominação) e uma posição secundária em relação a determinações materiais. Para Biroli, o modo como Foucault propõe pensar a noção de poder nega a produtividade desses três pontos constitutivos do conceito marxista de ideologia (Biroli, 2005: 5). Trata-se de uma observação importante, já que o conceito de ideologia de Karl Marx é bastante utilizado – muitas vezes, reproduzido mediante a leitura do clássico *Aparelhos Ideológicos do Estado*, de Louis Althusser – em trabalhos de Análise do Discurso.

Uma sociedade impelida a falar

O crítico social Richard Sennett (1998) é um dos estudiosos que defendem a tese de que a valorização da intimidade nos tempos atuais está relacionada ao declínio da vida pública. Falar de si e das particularidades do sentimento individual somente têm sentido a partir da formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista. O crescimento dos centros urbanos e a violência neles gerada também participam do processo de esvaziamento do espaço público. Para Sennett, dada a constatação de um perigo sempre iminente, o espaço público passa a ser destinado apenas à *passagem* dos indivíduos, e não mais a sua *permanência*. O espaço público morto é a razão mais concreta, segundo o autor, pela qual as pessoas procurarão um terreno íntimo que em território alheio lhes é negado.³⁶

Sennett avalia que, mais do que nunca, multidões estão preocupadas apenas com as histórias de suas próprias vidas e com suas emoções particulares, o que não implica individualismo inflexível, mas antes *ansiedade a respeito do sentimento individual* em termos de funcionamento do mundo. Para o autor, nosso código de significação privada – produto da psicologia moderna e da psicanálise – impõe que as relações sejam convertidas em sistema psíquico. Dito de outro modo, considera-se que “o eu de cada pessoa” “morrerá” caso seja exposto ao mundo social; dada a delicadeza de sua “essência”, ele deve ser preservado, protegido e isolado, já que a psique é tratada, de maneira equivocada, como se tivesse vida interior própria. Segundo Sennett:

O eu de cada pessoa tornou-se seu próprio fardo; conhecer-se a si mesmo tornou-se antes uma finalidade do que um meio através do qual se conhece o mundo. E precisamente porque estamos tão absortos em nós mesmos, é-nos extremamente difícil chegar a um

³⁶ Sennett, 1998: 29.

princípio privado, dar qualquer explicação clara para nós mesmos ou para os outros daquilo que são as nossas personalidades. A razão está em que, quanto mais privatizada é a psique, menos estimulada ela será e tanto mais nos será difícil sentir ou exprimir sentimentos. [Sennett, 1998: 16]

Parece, portanto, que a busca da identidade é tarefa que não pode (não deve) ser compartilhada na relação com o outro. Cria-se uma obsessão para com as pessoas, pois é por meio do caráter pessoal que se obtém *credibilidade* ou *legitimidade* para a construção da personalidade. O resultado mais direto para Sennett é a confusão entre vida pública e vida íntima, com o julgamento de assuntos públicos de acordo com sentimentos pessoais, quando o procedimento mais adequado seria a aplicação de códigos de significação impessoal.³⁷ Um segundo aspecto decorrente dessa “confusão” é a necessidade da “troca mercantil em relações íntimas”, que constrange o indivíduo a exigir e a fornecer aspectos da vida íntima para saber se determinada pessoa é “autêntica e direta”.³⁸

Sennett sustenta o argumento de que existe uma relação complementar entre a ênfase nas transações psicológicas e o isolamento social em meio à visibilidade pública. O autor analisa diversos setores sociais aparentemente distintos – da arquitetura dos prédios e projeto de escritórios às tecnologias de movimentação moderna³⁹ – para afirmar que o aumento da preocupação com o “eu” está diretamente vinculado à diminuição da

³⁷ Sennett: 1998: 16-18.

³⁸ Sennett, 1998: 21.

³⁹ O advento das tecnologias de movimentação moderna – Sennett menciona os automóveis particulares, mas poder-se-ia pensar até mesmo no uso particular de helicópteros – emerge para permitir a facilidade de movimentação individual, o que também implica uma atividade diária carregada de *ansiedade*, sentimento decorrente da concepção de um movimento sem restrições por parte do sujeito (Sennett, 1998: 28). De nosso ponto de vista, avaliamos que o advento da internet, não analisado por Sennett em sua obra, está intimamente relacionado ao desejo de (e ao conseqüente anseio em) eliminar as coerções da geografia, na busca de uma condição (individual) caracterizada pela instantaneidade e pela ubiquidade. Não podemos deixar de fazer menção ao discurso corrente sobre o *tempo* e a *informação* na nossa sociedade; nela, a informação é a principal moeda de troca no mercado e a agilidade na transferência dos dados é a garantia da lucratividade e do sucesso de indivíduos e instituições.

participação com estranhos em atuações sociais. Sennett acredita que é preciso observar com atenção a relevância do processo de degeneração do espaço público, uma vez que as pessoas só podem ser socializáveis enquanto possuem (ou pensam que possuem) algum resguardo umas das outras.

Para o que nos interessa, a questão mais relevante apontada por Sennett está na relação complementar, por ele identificada, entre a valorização das transações psicológicas e o paradoxo do isolamento social em meio à visibilidade pública. Observamos no material da pesquisa os seguintes relatos de escreventes sobre a produção dos *blogs*:

(b) Pessoas normais escrevem blogs?

A Kath propôs em seu último comentário um tema batidíssimo e ao mesmo tempo muito interessante: “*Porque temos um Blog?*” Ela colocou algumas sugestões de respostas:

[1] - *necessidade de dividir seus problemas e exibir suas alegrias?*

[2] - *exibicionismo puro e simples?*

[3] - *válvula de escape?* [3'] (*eca... manjadíssima desculpa*)

[4] - *ego inflado?*

[5] No meu caso eu acato a todas as opções. Quero dizer, todas as opções são verdadeiras. No seu caso, muito provavelmente.

Só que eu ainda acrescento umas opçãozinhas:

[6] - Eu escrevo por compulsão. Sou uma escrevinhadora compulsiva. E você está cansado de saber disto... (Vide o tamanho descomunal dos meus posts.)⁴⁰

[7] - Quando estou sozinha em casa, escrever num blog é muito mais saudável do que ficar pintando a parede do meu quarto ou vasculhando os armários em busca de produtos Nestlé.

[8] Eu sou um pouco sádica. É uma grande diversão para mim imaginar alguém lendo estes posts gigantes. [41.F,⁴¹ 08/07/02, 15:48:44 (grifos no original)]

(c) Transformando um trecho de um e-mail em *post*:

⁴⁰ *Post* é um bloco de texto escrito e enviado para o sistema da internet.

⁴¹ Esse tipo de marcação corresponde a um número, de 1 (um) a 53 (cinquenta e três), distribuído arbitrariamente aos títulos dos *blogs* do material da pesquisa. Ao número foi acrescentada a letra M, no caso de escreventes do sexo masculino, ou a letra F, no caso de escreventes do sexo feminino.

Comecei a escrever este site em novembro, porque [1] achei que poderia compartilhar minhas observações sobre o dia-a-dia com algumas pessoas. Realmente, [2] fui descobrindo que tinha muita coisa para falar e, [2'] mesmo que não seja nada tão importante, [3] gostei de publicar os meus pensamentos. [4] Gostei mais ainda quando começaram a chegar mensagens, perguntas, sugestões, que eu muitas vezes respondo no próprio blog.

[5] A idéia da webcam surgiu depois, da seguinte forma: “não seria legal se as pessoas pudessem me ver, saber como estava a minha cara no dia em que falei aquelas coisas?” – pensei. Foi assim que eu decidi colocar uma foto por dia no blog.

O meu blog atualmente é:

- 1) [6] Uma forma de analisar o que acontece comigo durante o dia, selecionar o que é importante, resumir a história à sua essência.
- 2) [7] Uma forma de manter as pessoas informadas sobre o que eu tenho feito, por onde eu estou, se eu estou feliz ou não, etc. Isso serve para a família, amigos e colegas, [7'] inclusive os que eu não conheço pessoalmente.
- 3) [8] Um espaço para publicar as minhas opiniões, sejam sobre budismo, design ou terrorismo nos Estados Unidos, de forma que atinjam [8'] um número maior de pessoas do que as com quem eu falo pelo telefone de vez em quando. [25.F, 12/09/01, 22:26]

Ficam evidentes nos textos (b) e (c) as explicações “psicológicas”, levadas em consideração pelos escreventes, as quais justificariam a prática de escrita dos *blogs*. A relação com o discurso psicologizado é colocada em evidência no uso de determinadas palavras. Em (b), enunciado [1], por exemplo, o substantivo *necessidade* (de alguma coisa) é assim definido pela psicanálise: de acordo com os preceitos lacanianos, trata-se da exigência que visa a um *objeto* específico para com ele se satisfazer, no caso, a *divisão dos problemas* com e a *exibição das alegrias pessoais* ao outro. A ênfase em si mesmo e nos problemas é levada adiante nos enunciados [2] e [4], caracterizados pela vulgarização científica de termos da psicologia e psicanálise (*ego*) e da psicopatologia (*exibicionismo*). Em [3], observamos a expressão usada em momentos de tensão (*válvula de escape*). Destacamos que a conotação popular da expressão não foge ao comentário que a escrevente

faz em [3'] a respeito da sugestão da resposta da colega. Os demais *lugares-comuns* ([1], [2] e [4]), entretanto, parecem passar de maneira despercebida. As explicações “psicológicas” sugeridas pela colega são acatadas pela escrevente em [5], incluído o argumento da *solidão* ([7]) e acrescidos a *compulsão* ([6]) e o suposto *sadismo* ([8]), termos definidos na psicologia e na psicopatologia. Em (c), a justificativa de “exibicionismo puro e simples” não é tão evidente; encontra-se misturada à *necessidade de compartilhar* observações cotidianas com outras pessoas ([1], [8]); à *necessidade de falar/escrever* ([2]); ao *desejo* de ser lida ([3]) e de ser correspondida ([4]), de ser *vista* através de textos não verbais ([5]). Enfatizamos, em (c), que não se trata necessariamente de falar algo *importante* ([2']); um dos objetivos é atingir um “número maior de pessoas” ([8']) através da internet – mesmo que essas pessoas sejam desconhecidas ([7']) –, para que elas tomem conhecimento das atividades cotidianas e do estado emocional que a escrevente busca relatar ([7]).

Vejamos outro *post* extraído do conjunto de textos:

(d) Definitivamente, o que eu mais gosto em toda essa história de blog, [1] é perceber que a gente não está passando por nada sozinho. [1'] Que todas as encanações que a gente tem na adolescência (tá, eu estou passadinha disso já) todo mundo também têm, ou teve, ou ainda terá.

[2] É maravilhoso ver a diversidade nas opiniões sobre o mundo de hoje e [3] notar que todas formam um conjunto de um universo único e especial.

[4] Eu me identifico com várias coisas que estão escritas nestes diários, [4'] mesmo os mais “downs” e “reclames” (sabe a história do palhaço triste? Brega, mas real). Todo mundo tem um lado meio “dark”. Eu adoro reclamar da vida, e o blog é ótimo, [5] porque não encho o saco de ninguém, [5'] a não ser que as “vítimas” queiram mesmo.

[6] A gente sempre tem essa sensação no fundo de que ninguém nos entende, de que somos totais incompreendidos. [7] Falar e ter feedback nos transmite [7'] uma sensação de apoio e segurança. [8] Quisera eu ter um Blog quando era mais “novinha” (falou a porção vieja agora). [9] Quem sabe não teria me sentido tão sozinha.

[10] Fazer blog é uma terapia. [10'] Mostra o quanto nós somos normais. [10''] Simplesmente isso.

[11] “Tá, agora chega sua chata...”

[12] PS – EU QUERO MANDAR UM RECADO PARA TODOS OS QUE LÊEM O MEU BLOG:

[12'] MANDEM E-MAILS PRA MIM! [12''] FAÇAM COMENTÁRIOS! [12'''] ASSINEM O LIVRO DE VISITAS! [13] QUALQUER COISA, [13'] ATÉ CRITICAR [14] (educadamente please, senão ofende) ESTÁ VALENDO. [15] EU SOU ABSOLUTAMENTE NEURÓTICA POR RETORNO DE INFORMAÇÃO...

[16] NÃO ME DEIXEM SÓ! [17] (ui credo...xú. Collor voodoo) [33.F, 23/11/01, 17:54:35]

O texto acima é referente ao *blog* de Pandora, apresentado no início deste capítulo.

O uso de determinadas palavras destaca os diversos “estados” do “eu” (*solidão*, *encanações*, *reclamações*, ter um lado meio “dark”, ter a sensação de que ninguém a entende). Pandora trata de justificar por que gosta de ler (e de escrever) *blogs*. Segundo a escrevente, esse tipo de texto permitiria a identificação entre autor e leitor ([1], [1'], [4], [4']), além de possibilitar o acesso à pluralidade de opiniões sobre o mundo atual ([2]). O principal atributo do *blog* parece ser, no entanto, a possibilidade de resposta do outro, mediante o uso de *e-mails* ([12']), da ferramenta de comentários ([12'']) ou do “livro de visitas” ([12''']). Esse tipo de resposta aparece, entretanto, como maneira de mensurar a *visibilidade* da própria escrevente. As letras maiúsculas empregadas na grafia dos enunciados [12] a [16] indicam que se o texto fosse lido em voz alta ele seria, provavelmente, um texto “gritado”, misto de reclamação e súplica, voltado para os leitores. Os indícios do que seria uma “alteração de tessitura”⁴² (agora descendente) no texto escrito

⁴² A noção de “alteração de tessitura” (*pitch range*, em inglês) advém dos estudos da prosódia. A tessitura é dada pela frequência fundamental medida em Hertz (Hz). Em trabalho anterior (Komesu, 2001), propusemos a investigação da relação entre aspectos prosódicos e a escrita, mediante o estudo do registro gráfico-visual de certos padrões rítmico-intonacionais assinalados, por exemplo, por sinais de pontuação específica, como no caso das declarações, interrogações e exclamações (Chacon, 1998). A hipótese para aquele trabalho estava relacionada à alteração de tessitura na leitura em voz alta de textos de páginas eletrônicas (*home pages*) pessoais da internet e textos narrativos, produzidos a partir dos textos digitais. Na escrita das *home pages*

podem ser identificados ainda no uso de letras minúsculas nos comentários parentéticos [14] e [17], no “p.s.” do texto. “Falar” (dos problemas pessoais) e “ter feedback” (por meio de recursos da escrita) do leitor ([7]) representam “apoio e segurança” ([7’]) contra a solidão vivida ([9]); além disso, o traço permanente da escrita permite que o leitor tenha acesso ao texto e responda ao autor se e quando quiser ([5’]), o que produz a imagem de um escrevente que não quer incomodar ninguém ([5]), a não ser que o outro “queira” de fato ser importunado (esse seria um provável indício de *masoquismo* nos tempos atuais). Ainda assim, é a projeção de um outro aborrecido com a “chateação” das reclamações alheias que aparece em [11], no uso das aspas que delimitam explicitamente a *voz* outra no texto. O “universo único e especial” ([3]) proporcionado pelos *blogs* permite aos jovens da atualidade – incompreendidos, outrora e sempre ([6], [8]) – uma “econômica” terapia ([10]) em grupo via internet e a confirmação do *lugar-comum* de uma *normalidade apaziguadora* ([10’], [10’’]). Foge à pretensa normalidade, porém, a *neurose* ([15]) criada a partir das tecnologias de informação, que passam a condicionar o escrevente – aquele que pode ou não ter algo “importante” a escrever – a aguardar “qualquer” retorno ([13]), até mesmo a temida crítica ([13’]), desde que a ação implique a garantia da passagem do *outro* pelo *eu*.

Os motivos alegados pelos escreventes para a atividade dos *blogs* são atravessados por justificativas de ordem psicologizada, constitutivas dos sujeitos. Fica evidente a importância da visibilidade em meio à solidão – sentimento (d)enunciado inúmeras vezes

pessoais (como na dos *blogs*), a presença de certas marcas indiciam que, se os textos fossem lidos em voz alta, haveria alteração de tessitura. A utilização recorrente e excessiva de sinais gráficos, como certos sinais de pontuação, foi considerada uma das características do gênero da escrita digital. Ou seja, ao utilizar sinais gráficos como os apontados, o escrevente busca representar aspectos prosódicos da (sua) conversação na modalidade escrita.

em (d) e sinalizado também em [7], texto (b), no qual a solução encontrada contra a solidão é a escrita do *blog*. No material da pesquisa, encontramos 16 (dezesesseis) *posts* ou excertos de *posts*,⁴³ provenientes de outros escreventes, referentes à reflexão sobre a produção textual. Há a associação entre *blog* e diário; o *blog* é então definido como *lugar onde desabafar*:

(e) [1] É difícil para mim tocar neste assunto, mas eu precisava **desabafar** com alguém, e [2] o pior, é vc **não achar ninguém que possa te escutar**, [3] então vim, voltei para meu **diário**, [4] onde minha dor, sofrimento, tem lugar seguro. [15.M, 21/07/02, 23:28:14]

Em (e), há a personificação do *blog* como *diário* e *interlocutor* do escrevente. É preciso falar de si— *desabafar* ([1]), ação que poderia ser realizada com a ajuda de um especialista em psicologia ou de qualquer outra pessoa –, mas o estado da solidão denunciado em [2] induz ao fracasso. A solução é usar o *blog* como diário ([3]), lugar onde se pode expressar a dor e o sofrimento ([4]). Não há vergonha alguma em expor os problemas pessoais aos outros; haverá sempre aqueles, como Pandora, que adoram os deprimidos (outro produto da psicologia) e os “reclames”, o que mostra que *nossa sociedade é impelida a falar* (de si e de seus problemas) de modo incessante.

Sennett não aborda o uso do computador ou das novas tecnologias de informação na discussão sobre a valorização da intimidade; não obstante, sua obra é importante referência para a reflexão sobre as condições de produção dos escritos íntimos expostos na internet. Sibilia (2003) e Schittine (2004) são duas outras pesquisadoras que fazem menção à obra do norte-americano para a formulação de hipóteses explicativas sobre o surgimento dos *blogs*. Sibilia considera que há certo declínio de uma interioridade que costumava definir o

⁴³ 1.F, 2.M, 4.F, 5.M, 8.M, 15.M, 16.F, 19.F, 23.F, 39.F, 42.M, 43.M, 45.M, 47.M, 48.M, 52.F.

homo psychologicus, em proveito de uma cultura do individualismo cada vez mais depurada e atravessada por modelos sedutores – e tirânicos, destaca, em referência ao trabalho de Sennett – identitários, ditados pelo mercado. A hipótese de Sibilia é a de que os computadores e as redes digitais surgiriam como um cenário para a colocação em prática da “técnica da confissão”, modalidade de construção da verdade, em vigor há séculos no Ocidente, estudada por Michel Foucault no primeiro volume da *História da sexualidade* (1976).⁴⁴ Schittine (2004) discute diversos aspectos – alguns deles fundamentados em Sennett – que estariam relacionados ao surgimento dos *blogs*: o já citado exibicionismo e o desejo de visibilidade no espaço social; o voyeurismo proveniente da solidão; a possibilidade de se expressar com “liberdade” e para o público; o estabelecimento de uma relação de confiança entre diarista e leitor, se a distância física for fator de desinibição para quem escreve. Aliado a esses aspectos, Schittine avalia a importância do suporte material, o computador, como aparelho do individualismo moderno. A autora problematiza a introdução do aparelho no interior dos lares e o conseqüente aumento dos horários de trabalho em um espaço físico que seria privado e destinado à família. Ao mesmo tempo, nos ambientes de forte relação com o público, como os próprios locais de trabalho, o computador permitiria a construção de uma esfera privada (não mais vinculada à família, mas aos amigos), mediante atividades como a dos *blogs*. Para Schittine, a confusão entre a esfera pública e a esfera privada é justificada, dentre outros fatores, por questões sociais como o aumento do desemprego, a maior difusão do trabalho informal (uma das explicações para ter um computador dentro do lar) e a necessidade de ter “tempo para si”. A hipótese de Schittine é a de que o usuário imagina ter encontrado esse tempo para si no

⁴⁴ Sibilia, 2003: 144-147.

uso do computador pessoal e da internet. Devido ao suporte material, há o “desdobramento” do tempo em um “ambiente” que permite às pessoas trabalharem e cumprirem suas obrigações diárias com a família e os amigos, além de cuidarem de seus próprios interesses.⁴⁵

A questão do suporte material como fator para a emergência dos *blogs* é considerada também por Oliveira (2002). Para essa autora, a mudança de suporte dos diários manuscritos e impressos (papiro – pergaminho – papel) para o suporte computador implicou modificações importantes na “tradição do diarismo”. Oliveira defende que a mudança do suporte está vinculada à “ruptura com a ordem do privado”, dada a publicização do conteúdo desses “novíssimos diários”.⁴⁶ O principal traço do *blog* é que ele seria escrito com a “intenção de ser publicizado”, sem a necessidade de intermediários para sua veiculação. “Qualquer um que disponha de um computador, uma linha telefônica, algum *software* apropriado para elaborar o *site*, e a conexão com um provedor internet, pode transformar o padrão de comunicação existente, tornando-se produtor, em vez de apenas consumidor”.⁴⁷

Concordamos apenas parcialmente com as hipóteses levantadas pelas pesquisadoras de *blogs* mencionadas. Há, de fato, fatores diversos, bem enumerados por essas autoras, relacionados às descontinuidades entre o público, o privado e o íntimo na sociedade atual. Sennett acredita que a fonte da ansiedade a respeito do sentimento individual tem sua

⁴⁵ Schittine, 2004: 57-62.

⁴⁶ Oliveira considera que a “tendência de a tensão privado x público se desfazer”, já havia sido iniciada com a publicação de escritos íntimos de autores como Anne Frank, que manifestaram, em vida, o desejo de ter seus textos publicados (Oliveira, 2002: 190). De nosso ponto de vista, a *deliberação* sobre a publicação ou não de diários íntimos por seus escreventes não é argumento válido para a legitimação da *autoria* de uma obra. Há critérios outros, relacionados aos *posicionamentos* enunciativos dos sujeitos e às *relações de força* das *instituições*, que constituem a noção autor em uma sociedade. O fato de ter o texto veiculado como hipertexto não implica que ele será lido ou reconhecido pelo outro [Possenti ([2000] 2002a) e Melo (2004)].

⁴⁷ Oliveira, 2002: 191-192.

origem nas profundas mudanças do capitalismo e da crença religiosa.⁴⁸ Da perspectiva dos estudos discursivos, acreditamos que a ação de falar de si, expressa nos *blogs* (mas também em diversas outras práticas sociais), é mais bem discutida a partir de uma aproximação do conceito de *vontade de verdade* que emerge das relações de poder instituídas na sociedade. Segundo Foucault (1996), a *vontade de verdade* é um dos sistemas de exclusão que atingem o discurso de maneira incontestável para os indivíduos, pois é ela que permite a constituição deles como sujeitos do (ao) discurso. Nem mesmo o discurso verdadeiro, que produz os enunciados, pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa.⁴⁹ Roberto Machado ([1979] 1995) explicita que as análises realizadas por Foucault sobre as relações de poder mostraram que a dominação capitalista não conseguiria se manter se fosse exclusivamente baseada na repressão, na tirania, na forma *negativa*. “O poder disciplinar não destrói o indivíduo; ao contrário, ele o fabrica. O indivíduo não é o outro do poder, realidade exterior, que é por ele anulado; é um de seus mais importantes efeitos”.⁵⁰

Talvez seja essa uma das características mais notáveis do conceito genealógico do poder em Foucault: o poder não é um objeto natural – um aparelho, uma instituição –, mas uma prática social, historicamente constituída a partir e através de todos os indivíduos de uma sociedade. Foucault explicita que não há poder que se exerça sem uma série de metas e objetivos; as relações de poder são, porém, ao mesmo tempo intencionais e não subjetivas. Desse modo, não se deve procurar a suposta *fonte* do poder – “nem a casta que governa, nem os grupos que controlam os aparelhos do Estado, nem aqueles que tomam as decisões

⁴⁸ Sennett, 1998: 18.

⁴⁹ Foucault, 1996: 20.

⁵⁰ Machado, 1995: XX.

econômicas mais importantes”;⁵¹ no caso dos *blogs*, nem o Ministério da Ciência e Tecnologia ou o Ministério das Comunicações, nem o Comitê Gestor da Internet no Brasil, nem o criador da ferramenta *Blogger*, os provedores de internet ou Bill Gates –; a racionalidade do poder, segundo Foucault, está nas grandes estratégias anônimas, “quase mudas”, que se encadeando entre si delineiam *dispositivos* em conjunto do poder.

Portanto, a propósito do conceito de vontade de verdade, não se trata, aqui, de pensar os *blogs* como a instituição que definiria um *verdadeiro próprio* para a época atual. A utilização desse conceito por Foucault é aquela voltada a discutir as passagens históricas de um verdadeiro para outro. Nada de semelhante com relação aos *blogs*. O que se pode observar nesse ato (incessante) de falar é, por um procedimento externo ao discurso, a localização do dizer em um verdadeiro não questionável – e até mesmo impalpável –, mas que se exemplifica nos atos compulsivos de enunciação pelo retorno do *já-enunciado*, por um procedimento interno ao discurso que será caracterizado, mais adiante, pelo sentido particular que daremos ao conceito de *comentário*, proposto por Foucault.

A vontade de verdade dá lugar, nos *blogs*, ao fazer repetido que caracteriza esse modo de enunciação, tomado como atos ritualísticos que mais significam por seu *fazer* do que por seu *dizer*. Pode-se pensar, quando muito, numa afirmação de uma vontade de verdade pela denegação de um horizonte para o verdadeiro. Não se trata, pois, de estabelecer um verdadeiro, mas de fazê-lo emergir na multiplicidade de atos de sua repetição. A vontade de verdade deixa-se observar, portanto, mais como procedimento interno ao discurso do que como luta pelo estabelecimento de um verdadeiro a se legitimar.

⁵¹ Foucault, 1999b: 90-91.

Está fora do escopo e das possibilidades deste trabalho explicitar todos os pontos – supondo que a tarefa seja de fato possível – da trama das relações do poder que permitem a emergência dos *blogs*. Limitamo-nos à investigação do modo de enunciação dos escreventes dos *blogs* mediante a problematização de três outros conceitos trabalhados por Michel Foucault em obras diferentes, a saber, o procedimento da *confissão*,⁵² a noção de *comentário*⁵³ e a concepção de *sociedade da vigilância*.⁵⁴

Confissões na internet

Das hipóteses suscitadas pelos pesquisadores de *blogs* citados, interessa-nos discutir aquela que foi mencionada, mas não foi desenvolvida por Sibilia (2003) em seu artigo. Trata-se do procedimento da *confissão*, estudado por Foucault na produção do discurso de verdade sobre o sexo.⁵⁵ Desde a Idade Média, as sociedades ocidentais instituíram a confissão entre os rituais mais importantes para a produção da verdade. Tal procedimento foi difundido nas diversas áreas de produção do saber: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares e amorosas, na esfera cotidiana e nos ritos solenes. “Tanto a ternura mais desarmada quanto os mais sangrentos poderes têm necessidade de confissões”.⁵⁶ A confissão da verdade é, para Foucault, um dos procedimentos de individuação pelo poder.

⁵² Foucault, 1999b.

⁵³ Foucault, 1996.

⁵⁴ Foucault, 2000.

⁵⁵ Foucault 1999b: 57 e ss.

⁵⁶ Foucault: 1999b: 59.

Na atualidade, a confissão não é mais percebida como efeito de poder que coage os indivíduos; a verdade é agora concebida “na região mais secreta de nós próprios, não ‘demanda’ nada mais que revelar-se”. A emergência da verdade do (sobre o) sujeito só não pode ocorrer se for coagida pela violência, pela censura. Caso contrário, supõe-se que o sujeito seja livre para falar o que e como quiser. No caso dos *blogs*, o procedimento da confissão é parte integrante do modo de enunciação caracterizado pelo jogo entre a publicização de si (a exposição dos sentimentos pessoais por meio de um canal de difusão ampla) e a intimidade construída (colocada em evidência por meio dessa técnica). A internet é percebida como o lugar em que todos os dizeres são possíveis, já que o anonimato seria a garantia da preservação da identidade jurídica do sujeito. É Foucault quem explicita a confissão como procedimento da vontade de verdade:

É preciso estar muito iludido com esse ardil interno da confissão para atribuir à censura, à interdição de dizer e de pensar, um papel fundamental; *é necessária uma representação muito invertida do poder, para nos fazer acreditar que é de liberdade que nos falam todas essas vozes* que há muito tempo, em nossa civilização, ruminam a formidável injunção de devermos *dizer o que somos, o que fazemos, o que recordamos e o que foi esquecido, o que escondemos e o que se oculta, o que não pensamos e o que pensamos inadvertidamente*. Imensa obra a que o Ocidente submeteu gerações para produzir – enquanto outras formas de trabalho garantiam a acumulação do capital – a sujeição dos homens, isto é, sua constituição como “sujeitos”, nos dois sentidos da palavra. [Foucault, 1999b: 59-60 (grifos nossos)]

Sibilia (2003) defende a hipótese de um *imperativo da visibilidade* definidor de novos regimes de constituição das imagens do corpo e do sujeito. A autora analisa os *blogs* como práticas em que os textos íntimos, as interioridades de seus autores – diríamos, a confissão como procedimento da vontade de verdade, no sentido definido anteriormente – assumem valor diferenciado numa sociedade dominada pelo paradigma da televisão, dos meios de comunicação de massa no esquema *broadcasting*. “A impressão é de que *só*

acontece aquilo que é exibido em uma tela”, diz Sibilia.⁵⁷ É preciso que o falar de si seja “ouvido” (visto, lido) por milhões de pessoas, já que a eficácia das redes informáticas o permitem – as redes são constitutivas da vontade de ser visto e da vontade de ver. O outro tem um papel fundamental no procedimento da confissão foucaultiano, porque sem sua presença “ao menos virtual” (caso da escrita), não há quem possa “julgar, punir, perdoar, consolar, conciliar” e validar o ritual da confissão.⁵⁸ O outro no *blog* é, antes, o que deve validar a passagem pelo *eu* e ratificar o índice de audiência do sujeito na rede.

Perguntamos, com Foucault, *o que pode ser dito* na sociedade atual. Da perspectiva dos estudos históricos, Biroli (2004) analisa, fundamentando-se em Foucault, que o tempo presente é constituído de uma relação entre o que se reconhece como paz civil e guerra. O pressuposto é de que a paz civil atual seja o *modus operandi* da guerra, com o funcionamento dos poderes e da política por meio dos conceitos de *soberania* (“fundada no medo e/ou na vontade”) e de *legitimidade* (“fundada no reconhecimento e na aceitação da dominação como relação necessária à auto-proteção”). É desse modo que o princípio da guerra é desdobrado, segundo a reflexão de Biroli, em sentidos diversos, e colocado em convivência tácita com a “violência que não permite dizer seu nome, a não ser que esse nome seja dito e repetido no discurso da soberania e da legalidade, que o neutralizam”.⁵⁹

Para Biroli:

a maquinaria discursiva que nos constitui, a rede de relações de força que a funda, poderia ser analisada, mesmo na paz, segundo o esquema da guerra, da luta, das estratégias de submissão. Não se trata, no entanto, de opor a censura à liberdade, a restrição à autonomia do sujeito de fala e de ação. No tempo presente, em que somos envolvidos por um sem-

⁵⁷ Sibilia, 2003: 150 (grifos no original).

⁵⁸ Foucault, 1999b: 61.

⁵⁹ Biroli, 2004: 4.

número de dizeres, opiniões e asserções sobre a paz, a guerra, o direito à vida, a liberdade jurídica, o prolongamento da vida individual e a ameaça sempre premente da extinção da vida na Terra, somos também *impelidos a dizer*: “tudo pode ser dito, tudo deve ser dito”, sinaliza a maquinaria de poder e discurso. [Biroli, 2004: 3]

Poder-se-ia supor que a leveza da esfera íntima das confissões dos *blogs* não tem relação alguma com a seriedade pressuposta na esfera pública das questões políticas apontadas na reflexão de Foucault discutida por Biroli. De nosso ponto de vista, tal suposição ingênua não é outra senão um dos desdobramentos dos dispositivos do poder que constituem os princípios de classificação e de distribuição dos discursos e dos sujeitos. A sociedade que comporta o falar de si como direito privado é a mesma que possibilita o funcionamento do poder no interior da oposição entre o legítimo e o ilegítimo,⁶⁰ em um esquema tático que é o da *guerra* continuada de outros modos. A sociedade em que emergem os *blogs* é então “lida” como a sociedade do futuro que se faz presente na instantaneidade das relações sociais mediadas pelas novas tecnologias; é a sociedade que visa a atingir a chamada democratização do conhecimento por meio da internet; sociedade de indivíduos que acreditam *tudo poder dizer* – assim constituindo-se nos “novos formadores de opinião” no espaço público, mediante novas ferramentas de comunicação. 59

O procedimento da confissão é uma das práticas da sociedade que é impelida a falar de si nas relações sociais. “Tudo pode e deve ser dito” desde que o *novo* esteja limitado à *circunstância da repetição*. Assim, avaliamos a pertinência de um segundo procedimento constitutivo da produção do discurso, a noção foucaultiana de *comentário*.⁶¹

⁶⁰ Biroli, 2004: 5.

⁶¹ Foucault, 1996: 22 e ss.

Comentário: o tecido da rede

Para Foucault (1996), o comentário é um dos procedimentos de controle e delimitação dos discursos nas sociedades; por meio dele, ocorre uma espécie de desnivelamento entre o texto *primeiro*, discurso que estaria na origem de certo número de atos novos de fala que o retomam, o transformam ou dele falam, e o texto *segundo*, discurso que “se diz” na banalidade da ação cotidiana, e que passa com o próprio ato que o pronunciou.

Interessa-nos destacar, com Biroli (2004), dois aspectos relacionados à noção de comentário e seu funcionamento no âmbito discursivo. De um lado, o comentário, como procedimento de uma “ordem do discurso”, estabelece formas de posituação que produzem “o verdadeiro, o sensato”, isto é, “o que é *dizível* em circunstâncias específicas”. Trata-se, uma vez mais, de negar a busca das origens do dizer – ponto fundamental para os estudos da Análise do Discurso – e da tradição na História, com a percepção das relações de poder que constituem os discursos – diríamos, a linguagem – e a própria noção de história.⁶² De outro, importa-nos ressaltar que o paradoxo do comentário em Foucault está no desnível entre o texto primeiro (“aqueles que são retomados inúmeras vezes, demonstrando permanência”) e o texto segundo (“os *comentários*, que podem, por vezes, tomar o lugar de “textos primeiros” sem que, no entanto, o desnível entre esses dois funcionamentos dos discursos se desfça).⁶³ Biroli, ao se referir ao desnível entre os discursos, formulado por Foucault, afirma que:

⁶² Biroli, 2004: 6.

⁶³ Biroli, 2004: 7.

as possibilidades de dizer seriam indefinidas, *desde que se diga aquilo que já havia sido dito*. O paradoxo maior do comentário seria permitir que se diga algo além dos textos já-ditos e estabelecidos, “mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado”, restringindo o novo, não ao que é dito, mas ao “acontecimento de sua volta”. [Biroli, 2004: 7 (grifos no original)]

A aproximação da noção de comentário nos parece produtiva para o estudo dos *blogs*. Neste trabalho, utilizamos a noção de comentário em uma tentativa de operacionalização do conceito elaborado por Foucault, que, como se sabe, na qualidade de *procedimento interno ao discurso* – aquele que visa à classificação, à ordenação, à distribuição, exercendo em si o controle do discurso –, aplica-se à relação entre textos de domínios bem estabelecidos, como o jurídico, o religioso, o literário, o científico. Na operacionalização que propomos, procuramos captar a *raridade* dos discursos, colocada em evidência por Foucault mediante a noção de comentário. Para o autor, os comentários reintroduziriam um *já-dito* caracterizado como aquilo que é passível de repetição no interior de discursos já-institucionalizados. Como lidamos com um modo de enunciação que não apresenta contornos tão claramente estabelecidos como os de outros domínios legitimados da produção do saber, tomaremos a noção de comentário – repetimos, de um ponto de vista operacional – no sentido da *raridade* dos enunciados produzidos nos *b* 61 em função de um repetível que ora se encontra no discurso do *lugar-comum*, ora se encontra em domínios discursivos mais claramente delimitados. Essa raridade dos enunciados se apresenta também nos *blogs* como *modo de interdição*, já que a necessidade (incessante) de falar define-se mais por *ser falado* do que *falar*. Não se leia, portanto, na noção de comentário o sentido inicial que o autor propôs.

No caso do material investigado, as oportunidades de “falar” nos *blogs* são apresentadas como infindáveis – ou “indefinidas”, se levarmos em conta a profusão de tipos

de *blogs* existentes, como abordaremos adiante. Nos *blogs* que podem ser associados aos diários íntimos, há, na escrita da banalidade do cotidiano, uma *estranha repetição* do ser humano. A ênfase é na vida íntima (os relacionamentos familiares, amorosos, amicais; o cotidiano, os problemas pessoais), no cultivo de acontecimentos privados que são construídos para serem apreciados em âmbito global pela internet. De maneira geral, acreditamos que o dizível desses *blogs* coloca em evidência uma **diversidade concordante** no seguinte aspecto: falar (sem cessar) de si (ou de qualquer assunto) implica uma **banalidade apaziguadora**, definida pela formulação de uma confissão, cuja consequência é a repetição do *já-dito* com a manutenção do *lugar-comum* na sociedade. A banalidade apaziguadora à qual nos referimos é produzida no modo de enunciação fundado na publicização de si – cuja emergência é permitida, dentre outros fatores, pelos recursos tecnológicos da atualidade (internet, hipertexto, *blog*, *webcam*) –, constituída, por sua vez, mediante intimidade construída com o co-enunciador. A vida privada é exposta aos olhos de milhares de usuários, mas não há (quase) nada de extraordinário no que é dito/escrito. Lemos (2002), citado por Sibilia (2003), assim analisa o fenômeno dos *blogs*:

A vida comum transforma-se em algo espetacular, compartilhada por milhões de olhos potenciais. E não se trata de nenhum evento emocionante. Não há histórias, aventuras, enredos complexos ou desfechos maravilhosos. Na realidade, nada acontece, a não ser a vida banal, elevada ao estado de arte pura. A vida privada, revelada pelas webcams e diários íntimos, é transformada em um espetáculo para olhos curiosos, e este espetáculo é a vida vivida na sua banalidade radical. A máxima é: ‘minha vida é como a sua, logo tranquilize-se, estamos todos na banalidade do cotidiano’. [Lemos, 2002: 50]⁶⁴

⁶⁴ LEMOS, A. A arte da vida: diários pessoais e *webcams* na Internet. XI COMPÓS. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2002: 50 apud SIBILIA, 2003: 150.

A atividade dos *blogs* que podem ser associados aos diários íntimos enfatiza a vida em sua banalidade, em comentários díspares que procuram tornar manifesta a suposta identidade do ser humano, em seu estado cotidiano dito normal:

(f) Como havia contado, pinte os cabelos de acaju. Quer dizer, pinte, não. Só passei xampu tonalizante. Gostei do resultado. [1.F, 24/01/02, 10:29 PM]

(g) Sempre que brigo com minha mae odeio quando...

- ela diz q eh pro meu bem
- q eu tenho q obedecer pq “eu sou sua mae”
- fico puta e ela diz “calma”. Calma eh o kct, dah licença de fica estressada?!
- começa o golpe baixo, sujo e injusto de “vo diminui a sua mesada”
- dexa a toalha molhada em cima da cama vira motivo pra eu se uma Hitler da nova geração
- pedem um copo de água e eu digo q to cansada pra pega aih eles falam “mas vc eh mais nova, tem nada q tah cansada... mas eu to velha...”
- os meus irmãos concordam com ela
- ela tem razao [9.F, 29/05/02, 10:45 PM]

(h) O difícil é descobrir para onde ir, feito isso é só juntar os trechos por na mala e seguir viagem. [30.M, 5/06/02, 9:05 AM]

Os excertos (f), (g) e (h) apresentam temas diferentes, relacionados ao dia a dia dos escreventes. O tema em (f) poderia ser definido como “pintura dos cabelos”; em (g), “briga com a mãe”; em (h), “rumo para a vida”. Nosso interesse não é, porém, a discussão dos temas (infundáveis) dos *blogs* ou dos *posts*, muito embora o *conteúdo temático* esteja relacionado à definição do gênero de discurso. O estudo da modalidade escrita não revelou marcas inovadoras, realmente próprias desse gênero. A grafia divergente empregada no texto (g) – ausência de acentuação (“mae”, “razao”), abreviatura (“q”/ que; “kct”/ cacete; “vc”/ você), acréscimo da consoante [h] como forma de “fonetizar” a vogal aberta e acentuada na conjugação de determinados verbos e na redação de advérbios, caso eles

sejam lidos em voz alta (“eh” / é; “dah” / dá; “tah” / (es)tá; “aih” / aí) – não é outra senão a empregada por usuários da internet em outras ferramentas de comunicação, como os *chats* e até mesmo os *e-mails* (em sua forma primitiva, quando o programa de *e-mail* utilizado no Brasil ainda estava configurado segundo as normas ortográficas do inglês, ele não aceitava diacríticos).

A investigação dos *blogs* parece, antes, colocar como questão a importância do fenômeno da escrita como prática inserida nas relações de poder que regem a sociedade. A positivação da banalidade do cotidiano, expressa por meio dos comentários, é apaziguadora no âmbito de um processo identitário de sujeitos constituídos sob o “notável paradoxo”, nas palavras do antropólogo Marc Augé (1998), da época atual:

Por um lado, poderosos fatores de unificação ou de homogeneização estão em ação na Terra: a economia, a tecnologia são cada dia mais planetárias; agrupamentos de empresas operam-se na escala do globo, novas formas de cooperação econômica e política aproximam Estados; as imagens e a informação circulam na velocidade da luz; certos tipos de consumo espalham-se por toda a Terra. Por outro lado, vemos impérios ou federações se deslocarem, particularismos se afirmarem, nações e culturas reivindicarem sua existência singular, diferenças religiosas ou étnicas serem invocadas com força, até o ponto e ruptura que pode conduzir à violência homicida.

A essa constatação somam-se pelo menos outras duas: a importância dos movimentos migratórios, o que explica a desigual situação econômica, demográfica e política dos diferentes países, e a extensão do tecido urbano, notável em todos os continentes. Assim, o paradoxo constatado no plano global (o paradoxo que constitui a coexistência da homogeneização e dos particularismos) é encontrado também no plano local: as altas esferas do desenvolvimento econômico e tecnológico, que têm por campo de ação o planeta no seu conjunto (um planeta, nesse sentido, uniformizado, considerado como um mercado, uma zona de extensão, um local de concorrência ou de parceria), geralmente são (*sic*) naquelas em que coexistem de maneira mais ou menos espetacular diferentes origens, línguas e culturas. [Augé, 1998: 17-18]

Somos todos normais, é o que mostram os comentários dos escreventes de *blogs*: pintamos os cabelos; brigamos com nossas mães; sofremos com as decisões a serem tomadas; cerzimos calcinhas na solidão de um sábado à noite; mostramos nossas tatuagens, o corpo nu, até mesmo o rosto; escrevemos *blogs*; falamos de nós mesmos sem cessar; somos assim, assim, assim. A despeito de todos os paradoxos do tempo presente, do caos e do prognóstico do fim, o sujeito “sabe” que tudo pode e deve dizer sobre sua experiência pessoal (banal, normal); é desse modo que o poder circula e funciona, articulado às interdições que permitem dizer o “possível”.

Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1992] 1996) avaliam que o que se apresenta como normal é um dos lugares retóricos utilizados com mais frequência na argumentação, “a tal ponto que a passagem do que se faz ao que é preciso fazer, do normal à norma, parece, para muitos, ser natural”.⁶⁵ A assimilação do normal à norma, nos estudos retóricos, é autorizada pelo *lugar da quantidade*, que afirma que uma coisa é melhor do que a outra por motivos quantitativos.⁶⁶ No caso dos *blogs*, o lugar da quantidade se realiza com a repetição de lugares-comuns, ligados à banalidade do cotidiano, que produzem efeitos de poder sobre as verdades socialmente partilhadas. Esse é o sentido particular da noção de *comentário* que procuramos ressaltar em nosso estudo. Um outro estudo dos *blogs* que privilegiasse os temas mais recorrentes expostos pelos escreventes poderia investigar os *posicionamentos enunciativos* em jogo nesta “sociedade de normalização”.⁶⁷

Poder-se-ia imaginar uma associação entre a noção de comentário em Foucault e a de lugar-comum na retórica. Explicitamos que há diferenças conceituais fundamentais. Do

⁶⁵ Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1996: 99.

⁶⁶ Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1996: 97.

⁶⁷ A expressão é de Foucault, 1999a.

ponto de vista dos estudos retóricos, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) enfatizam a importância do lugar-comum como valor argumentativo. Segundo esses autores, os antigos caracterizavam os lugares-comuns por sua imensa generalidade, que os tornava utilizáveis em quaisquer circunstâncias. Aristóteles distinguia os lugares-comuns por sua utilidade em qualquer ciência e sua independência em relação a elas, em oposição aos *lugares específicos*, próprios de uma ciência particular ou de determinado gênero oratório. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca, os lugares-comuns da atualidade, marcados pela banalidade, não excluem, de modo algum, a especificidade. “Tais lugares-comuns não são, a bem dizer, senão a aplicação dos lugares-comuns, no sentido aristotélico, a temas particulares”. A diferença, para eles, é que o tema é tratado com frequência, segundo “certa ordem, com conexões previstas entre lugares”, o que faz pensar exclusivamente na *banalidade*. Perelman e Olbrechts-Tyteca realçam o lugar-comum como “arsenal indispensável” à persuasão do auditório.⁶⁸ De nosso ponto de vista, assumimos as discontinuidades que constituem as condições históricas de produção do discurso. Não podemos pensar, com Perelman e Olbrechts-Tyteca, nos lugares-comuns atuais como a reformulação do conceito aristotélico. No tempo presente, o lugar-comum empregado nos *blogs* tem outro funcionamento: a circunstância da sua repetição é efeito de poder das sociedades que, impelidas a falar, (quase) nada têm a dizer a respeito do *novo*. O lugar-comum na atualidade tem o valor depreciativo da banalidade não porque desconheça o saber erudito de sua origem, mas porque é constituído de correlações históricas outras. A “conquista do auditório” pode ser a finalidade explícita comum, mas o auditório da era virtual não é

⁶⁸ Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1996: 94-95.

definitivamente o auditório dos antigos, tampouco os blogueiros podem ser comparados aos oradores clássicos.

A propósito da percepção do outro na época atual, é Augé (1998) quem melhor discute a relevância dos meios de comunicação nesse processo:

Esse misto de unidade e diversidade parece ainda mais desconcertante porque é reproduzido e multiplicado pelos meios de comunicação, que são ao mesmo tempo sua expressão e um de seus agentes. O uso que somos levados a fazer, a propósito dele, dos termos “espetáculo” e “olhar”, nada tem de metafórico. É o nosso olhar, na verdade, que enlouquece diante do espetáculo de uma cultura que se dissolve em citações, cópias, e plágios, de uma identidade que se perde em imagens e reflexos, de uma história que a atualidade submerge e de uma atualidade indefinível (moderna, pós-moderna?), porque só a percebemos aos pedaços, sem que nenhum princípio organizador nos possibilite dar sentido à dispersão dos flashes, clichês e comentários que fazem às (*sic*) vezes de realidade. [Augé, 1998: 18]

No caso dos *blogs*, o suporte material (o computador, a internet, o hipertexto, a ferramenta do *blog*, a *webcam*) é o que recebe destaque nos estudos comparativos com as práticas do diário tradicional. É por meio do suporte material que o texto do *blog* adquire o estatuto de publicidade de difusão ampla, em oposição à imagem do diário fechado com cadeado; é por meio dele também que se configura o hipertexto, modo da escrita dos *sites*. Não podemos nos deixar enganar, porém, pela crença no papel determinante das tecnologias e na suposta continuidade (“evolução”) das práticas sociais. Observamos, com Augé, como a cultura “dissolvida” no plágio, no clichê, na citação de lugares-comuns – uma cultura restrita à ordem do comentário, no sentido já especificado – enreda, cada vez mais, a percepção fragmentária do outro na atualidade. O olhar (do outro, sobre o outro) não “enlouquece” porque é incapaz de “dar sentido” à dispersão das imagens; o olhar não deixa de ser favorecido a olhar e a se sujeitar a vigiar o outro em um jogo discursivo fundado sobretudo na **repetição**.

Problematizamos, na seqüência, o terceiro conceito foucaultiano que concerne à discussão sobre o modo de enunciação dos escreventes dos *blogs*: a concepção de *sociedade da vigilância*.

Olhar através das lentes

O lado de fora da cápsula

Da perspectiva das relações de poder que conduzem a sociedade, é possível pensar que a questão da intimidade aberta ao público não é característica restrita aos *blogs*, mas encontra-se em práticas difusas organizadoras dos discursos e dos sujeitos. Tomemos como exemplo a performance do grupo australiano *Urban Dream Capsule* (UDC; *Cápsula do Sonho Urbano*), que durante quinze dias, entre 7 e 21 de maio de 2002, esteve “em exibição” ininterrupta (“24 horas por dia”, anunciava o cartaz; cf. Figura 3, adiante) numa casa-vitrine da Avenida Paulista, uma das localidades mais célebres da cidade de São Paulo (cf. Figura 4, adiante). Neil Thomas, Andrew Morrish, Nick Papas e David Wells, componentes do grupo, vieram ao Brasil a convite da escola Cultura Inglesa, em um festival temático sobre a arte australiana. Em um espaço de 52 metros quadrados, os atores partilharam a banalidade dos dias – comer, beber, cozinhar (cf. Figuras 5 e 6), fazer ginástica, tomar banho (com a porta do banheiro trancada e vetada ao olhar público) – com os transeuntes (cf. Figuras 7 e 8). O UDC colocava música amplificada (australiana, brasileira, de temas de filmes) e os passantes eram estimulados a permanecer em frente àquele espaço privado do contato físico e a interagir com o grupo por meio de bilhetes em papel, fax, *e-mail*, comentários enviados ao *site* da Cultura Inglesa; através de gestos, da

dança e do canto. O resultado foi o recebimento de 541 *e-mails* e 54 *faxes*. Os números colocaram o Brasil como um dos três melhores retornos de público, segundo avaliação do grupo, que já havia realizado a performance na Austrália, na Bélgica, no Canadá, nos Estados Unidos, na Nova Zelândia e na Inglaterra.⁶⁹

Os quatro atores – todos eles carecas, brancos, sempre vestidos com modelos de roupas similares, diferenciados pela cor – se apresentam desde 1996; antes, portanto, da popularização dos *reality shows* na televisão. Na primeira semana do evento, estivemos em São Paulo para acompanhá-los. Mais do que a exibição de uma intimidade performática, era a atuação da platéia o que mais chamava a atenção. Uma platéia modificada a todo instante, quase à velocidade perturbadora da grande metrópole; cativa, porém, da intimidade alheia. “Passo por aqui no horário do almoço e à tardinha, quando saio do trabalho”, contou uma das espectadoras, que pretendia seguir a performance até o final do festival. “Já peguei intimidade com aquele mais comprido, troquei dois bilhetes em inglês com ele, ontem”, afirmou uma outra. As pessoas riam, tiravam fotos, exibiam os filhos e os companheiros, faziam caretas, escreviam bilhetes em português – “Como é a Austrália?”; “O que você está bebendo?”; “Você tem canguru de estimação?”; “Você é casado?”, entre outras perguntas, muitas vezes, ininteligíveis para aqueles que somente podiam contar com o auxílio de um dicionário português-inglês.

Apresentamos uma seqüência de fotos do evento:⁷⁰

⁶⁹ Gazeta Mercantil, 2002 (*on-line*).

⁷⁰ Todas as fotos dessa seqüência são de autoria de Fabiana Komesu.



FIGURA 3 – Cartaz do evento realizado pela primeira vez no Brasil em 2002



FIGURA 4 – Fachada da casa-vitrine na Avenida Paulista (São Paulo)



FIGURA 5 – Um dos atores
australianos come melancia sob
o olhar do público.
O “*show da vida*” parece estar
em qualquer lugar.



FIGURA 6 – Vista da cozinha da casa-vitrine



FIGURA 7 – Também o público procurava chamar a atenção daqueles que se encontravam confinados no espaço privado da casa.



FIGURA 8 – Registro de um registro do olhar interessado em flagrar a intimidade alheia.

Neil Thomas, criador do espetáculo, relatou em entrevista a um jornal que um dos objetivos da performance é promover o contato entre as pessoas que estão *do lado de fora* da vitrine. Segundo o ator, em situações cotidianas, as pessoas não conversam com estranhos; quando o público assiste ao espetáculo, costuma fazer comentários com a pessoa que está ao lado, para, ao menos, saber o que se passa no local.⁷¹ Acreditamos, porém, que os comentários entre os transeuntes estejam restritos à *função fática*, característica também

⁷¹ Squeff, 2002 (*on-line*).

dos enunciados “trocados” com os atores; o contato tem a extensão do tempo da permanência *in loco*, resume-se à passagem pelo outro.

O lado de dentro da tela

A idéia da vitrine urbana onde “mercadorias” são expostas 24 horas por dia ao público estimula a reflexão sobre a emergência de programas como os *reality shows*. Arlindo Machado (1993) observa que já em 1948 a vida das “pessoas comuns” era exibida ao voyeurismo pela televisão. O exemplo por ele citado é *Candid Câmera*, programa norte-americano em que as pessoas são filmadas secretamente em situações ridículas e humorísticas – sobretudo vexatórias –, provocadas pela equipe de produção. No Brasil, a fórmula não deixou de ser explorada até hoje, principalmente nas programações vespertinas de domingo. Ainda segundo Arlindo Machado, o exemplo mais radical de voyeurismo na televisão aconteceu em 1972, com a série norte-americana *An American Family*, produzida pela rede estatal PBS. Uma família formada por integrantes consangüíneos foi observada por inúmeras câmeras de televisão durante sete meses seguidos. O casal Bill e Pat Loud se divorciou durante as filmagens; Lance Loud, outro membro da família, foi flagrado em sua homossexualidade. Machado destaca o fato de que o seriado norte-americano mostrou menos o que é uma típica família americana do que o que ocorre quando um grupo de pessoas é submetido “sistematicamente, ininterruptamente, até na sua intimidade mais secreta” à vigilância de câmeras eletrônicas, conectadas aos retransmissores de imagens para todo um país.⁷²

⁷² Machado, 1993: 227-229.

No final dos anos 90, presenciamos a eclosão de programas televisivos dedicados a *espiar*, através das lentes das câmeras, a intimidade de pessoas comuns colocadas para conviverem juntas em um mesmo ambiente. Por meio de critérios previamente estabelecidos (o voto dos espectadores, por exemplo), um único vencedor é eleito. O “sobrevivente” recebe como prêmio um montante em dinheiro; além disso, a condição de “celebridade instantânea” costuma render contratos publicitários, capas de revistas, entrevistas em *talk shows*, ensaios fotográficos, gravação de discos, de acordo com o talento da estrela do momento. A invenção da fórmula é atribuída à produtora holandesa Endemol. O primeiro programa da série *Big Brother*⁷³ (BB) foi ao ar em 1999, transmitido pelo canal holandês Veronica. Atualmente, o BB é produzido em 19 países, entre eles, Portugal, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra, Suíça, Suécia, Bélgica, Alemanha e Brasil.⁷⁴ No encalço de seu sucesso, surgiram diversas adaptações. Nos Estados Unidos, há a série *Temptation Island*, versão sensual que coloca casais em uma ilha paradisíaca, onde cada um tem de brigar pela conquista do melhor exemplar do sexo oposto. Na França, há o *Loft Story* e o intrigante *Vous connaissez la nouvelle?*, versão supostamente acadêmica, que explora a habilidade de quatro escritores, reunidos em uma mesma casa, de produzir um conto de dez páginas em quatro dias. Interessa-nos destacar que a dramatização das cenas editadas pela equipe de produção do programa não busca enfatizar o processo da escrita do conto, mas as táticas utilizadas pelos escritores para driblar a concorrência, sobressair e

⁷³ O título foi, de fato, inspirado na obra *1984*, de George Orwell, segundo informações do *site* oficial do programa no Brasil (<http://www.globo.com/bbb>).

⁷⁴ Em 2005, ano de conclusão desta tese, o *Big Brother Brasil* (BBB), produzido pela Rede Globo, encontrava-se em sua quinta edição, com o prêmio de R\$ 1.000.000,00 (um milhão de reais). O vencedor foi o baiano Jean Wyllys, jornalista e professor universitário, que deixou clara, desde a primeira semana de participação no programa, sua orientação homossexual. Desde então, Jean disparou como favorito nas pesquisas de popularidade divulgadas no *site* oficial do programa. Interessa-nos destacar o fato de que o jovem professor *confessou* publicamente traço íntimo considerado importante na constituição da personalidade do indivíduo.

ficar com o prêmio.⁷⁵ Não se pode esquecer que o sucesso do exibicionismo, seja em escritos pessoais, seja na apresentação física dos corpos, é devido ao olhar do outro, leitor e telespectador atentos, computáveis enquanto audiência do *site* ou do canal de televisão.

Observamos a seguir dois modelos de ficha de inscrição para o primeiro *Big Brother Brasil*, ocorrido em 2002. As fichas de inscrição foram veiculadas em um jornal da cidade de Campinas, interior de São Paulo, em dezembro de 2001:

X Eu quero que o Brasil me veja 24 horas por dia.

Você pode ganhar muito dinheiro e ainda ficar famoso em todo o país. Seja um dos participantes do Big Brother Brasil, o maior fenômeno da TV no mundo inteiro. Envie este cupom preenchido para a Caixa Postal 34023, CEP 22460-970.

Nome completo: _____

Sexo: ☐ masculino ☐ feminino Data de nascimento: _____

Endereço completo: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Telefone de contato: DDD()- _____

Escolaridade: _____ Ocupação: _____

Por que eu mereço participar do Big Brother Brasil? _____

Por que eu quero participar do Big Brother Brasil? _____

Big Brother Brasil

FIGURA 9 – *Correio Popular*, 09/12/2001, p.11

⁷⁵ Aguiar, 2002 (*on-line*).

X **Eu quero ser o cara mais famoso do país.**

Você pode ganhar muito dinheiro, e ainda ficar famoso em todo o país. Seja um dos participantes do Big Brother Brasil, o maior fenômeno da TV no mundo inteiro. Envie este cupom preenchido para a Caixa Postal 34023, CEP 22460-970.

Nome completo: _____

Sexo: ☐ masculino ☐ feminino Data de nascimento: _____

Endereço completo: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Telefone do contato: 0XX()-_____

Escolaridade: _____ Ocupação: _____

Por que eu mereço participar do Big Brother Brasil? _____

Por que eu quero participar do Big Brother Brasil? _____

Big Brother Brasil

FIGURA 10 – *Correio Popular*,
06/12/2001, p.B-7

Houve meio milhão de inscritos na primeira edição do BBB; doze foram os escolhidos para participar da “competição”. A formulação das assertivas em letras maiores nos modelos da ficha de inscrição é exemplar para a discussão das relações que fundam a sociedade atual. A visibilidade proporcionada pelo programa tem um objetivo legitimado: o dinheiro e a fama. Para ser rico e famoso, é imperioso ganhar a simpatia do público, mostrar que se é capaz de conviver em grupo, para além do sentimento do individualismo e da pressão exercida pelo olhar do outro (do público); é imprescindível formar alianças ao longo do processo; é forçoso eliminar os adversários, pois o prêmio é atribuído a uma única pessoa (o “sobrevivente”). Triunfar no jogo (na vida) é estar (ser) só: triste paradoxo para os temerosos da solidão. A sociedade conhece bem as regras; a elas é sujeita no exercício dos dias.

Sibilia (2003) e Schittine (2004) também procuram analisar o *blog* inserido em práticas atuais de valorização da intimidade no âmbito público. Além da presença de *reality shows* e do aumento das vendas de *webcams* para uso pessoal, já mencionados, essas pesquisadoras destacam em comum o sucesso de revistas de fofoca, como *Caras*, da

Editora Abril. Sibília focaliza a proliferação de programas que expõem problemas íntimos na televisão; o crescimento de documentários em primeira pessoa⁷⁶ e o sucesso editorial das biografias.⁷⁷ Schittine destaca a ascensão dos *paparazzi* (fotógrafos que “perseguem” as celebridades para obter fotografias indiscretas) como indicador do interesse público pela intimidade alheia, e observa que a tendência à valorização da intimidade pode ser verificada também na arquitetura,⁷⁸ nas artes, na política.⁷⁹ Nesse conjunto de acontecimentos, Sibília

⁷⁶ A esse respeito, ressaltamos o recente lançamento de dois filmes brasileiros, protagonizados por seus diretores. 33, de Kiko Goifman (2004), traz a público a condição do filho adotivo que procura encontrar a mãe biológica desconhecida; *Passaporte húngaro*, de Sandra Kogut (2003), expõe a busca de uma descendente de húngaros pelo documento que lhe permitiria o trânsito livre pela Europa (Sousa, 2004; Safatle, 2004). O chamado documentário de busca chegou a ser comparado aos *reality shows*, dada a exposição da vida íntima através das lentes da câmera.

⁷⁷ A propósito das biografias, chamamos a atenção para o crescimento, no mercado editorial, de um serviço personalizado voltado às pessoas comuns interessadas em ter a história de sua vida registrada em livro. A empresa Vision Book, em São Paulo, elabora biografias sob encomenda, do levantamento de dados à impressão do livro com capa dura (Freitas, 2002). No mercado internacional, a empresa norte-americana Yournovel transforma a vida de pessoas comuns em personagens de histórias românticas. Por meio de um questionário que solicita informações pessoais – como nome próprio, cor de olhos e cabelos, local de trabalho, cidade onde reside, tempo de relacionamento amoroso, marca preferida de carro, nome dos melhores amigos –, a empresa fabrica romances em versões personalizadas. A descoberta do amor em Paris, ou a noite orgiástica numa praia deserta do Havaí, tem um preço: US\$ 55,95. A história é entregue no formato de livro de bolso, com capa colorida (Ferraz, 2004). Fica evidente, em serviços como os da Yournovel e Vision Book, a necessidade de o sujeito ser protagonista de uma ação individual (privada) valorizada socialmente, que possibilite as condições de acesso (mesmo que fictícias) ao campo da visibilidade social. Mediante o uso de gêneros de discurso socialmente legitimados (como a biografia e o romance) e de um suporte material também reconhecido (o livro impresso), empresas como essas têm um filão a ser explorado.

⁷⁸ A questão da arquitetura submetida ao paradoxo do isolamento em meio à visibilidade foi amplamente discutida por Sennett (1998: 26 e ss.). Schittine (2004) analisa a Casa de Vidro, projeto desenvolvido por dois arquitetos no Chile, em janeiro de 2002. Visando à discussão dos limites entre o público e o privado, os arquitetos construíram uma casa de vidro em um dos locais mais movimentados de Santiago do Chile e lá colocaram uma atriz de 21 anos, instruída para viver sua “rotina vigiada”: da troca de roupa à visita do namorado e o uso do vaso sanitário (Schittine, 2004: 35-39). Consideramos que a Casa de Vidro pode ser classificada como uma versão radical da performance do grupo australiano *Urban Dream Capsule* em sua casa-vitrine. Ainda a respeito da arquitetura e da questão do público e privado, o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) organizou, de julho a outubro de 1999, uma exposição intitulada *The Un-Private House*, na qual 26 arquitetos apresentaram projetos de casas que representariam as moradias do século XXI, com interiores abertos ao olhar do outro (Stehll, 2001: D8; *The Un-Private House*: 1999, on-line). Não se pode esquecer, porém, que as modernas construções acessíveis ao olhar alheio apresentam dispositivos de segurança cada vez mais eficazes, que buscam garantir a integridade física e emocional de seus residentes contra a ameaça constante da violência física do outro. Parece que o contraponto do paradoxo do isolamento em meio à visibilidade, analisado por Sennett, é a garantia manifesta da segurança individual em meio à violência generalizada. Na arquitetura, poder-se-ia refletir que os limites entre o público e o privado ora se dão com a construção da “parede permeável” (que garante o máximo de visibilidade com isolamento), ora com a criação de muros, cancelas, guaritas, condomínios e “bolsões de segurança” (que garantiriam o máximo de invisibilidade no espaço social) (Orlandi, entrevista a Costa, 2000; Le Goff, [1997] 1998: 69-91).

reflete que nada seria mais “*privado* [...] que um diário à moda antiga”.⁸⁰ O “novo” diário emerge, porém, como efeito das condições históricas atuais. Do diário à moda antiga, produzido no século XIX, o *blog* guarda alguns traços de gênero característicos, mas sua constituição e funcionamento são distintos, como discutiremos no Capítulo 3.

Quem espreita quem?

Interessa-nos refletir um pouco mais sobre a emergência dos *blogs* em meio às *técnicas poliformas do poder*, para utilizar a expressão de Foucault a respeito do discurso da sexualidade. Referimo-nos, primeiro, ao advento do *chip Digital Angel*. Do tamanho de uma moeda de R\$ 0,01 (um centavo), ele pode ser embutido em um relógio de pulso, na argola de um brinco ou sob a pele de um ser humano. O *chip* envia e recebe sinais eletrônicos via satélite e os dados podem ser acessados via internet, *pager* ou celular. É possível fazer o rastreamento e ter a localização de qualquer objeto ou pessoa em qualquer lugar do planeta. A aplicabilidade do dispositivo é vasta: rastreamento de veículos roubados ou perdidos, controle de soldados e policiais, monitoramento de funcionários; localização de pessoas seqüestradas e de crianças desacompanhadas, acompanhamento de idosos com saúde frágil e de pacientes com mal de Alzheimer, Parkinson, problemas cardíacos e arteriais, já que o *chip* registra sinais vitais do usuário. A patente do *Digital Angel* foi aprovada pelo governo dos Estados Unidos em dezembro de 1999 e o *chip* está à venda no mercado por US\$ 300,00 (trezentos dólares) a unidade. A empresa responsável pelo

⁷⁹ No primeiro capítulo de sua obra, Sennett (1998) analisa brevemente o papel da personalidade na constituição da figura do líder: “Um líder político que busca o poder obtém ‘credibilidade’ ou ‘legitimidade’ pelo tipo de homem que é, não pelas ações ou programas que defende”, já que o código de significação privada – o *discurso de verdade* – estabelece a primazia da personalidade sobre a impessoalidade (Sennett, 1998: 17).

⁸⁰ Sibilia, 2003: 147 (grifo no original).

produto adverte aos compradores, no entanto, que, por enquanto, a aplicação é restrita aos animais de estimação.⁸¹

Passemos do “anjo digital” ao uso praticamente prosaico do cartão bancário e do telefone celular. Segundo Lepiani (2001), em 2001 – ano do início desta pesquisa sobre *blogs* – havia 30 (trinta) milhões de cartões bancários e 24 (vinte e quatro) milhões de telefones celulares em circulação no Brasil. Mediante outro tipo de *chip* instalado no cartão bancário, o usuário tem suas passagens por supermercados, restaurantes, farmácias, hotéis, cinemas, registradas e gravadas por tempo indeterminado.⁸² Telefones celulares (e seus respectivos usuários) podem ser rastreados por qualquer uma das torres de operação no país (elas eram 12.560 torres em 2001). Não se trata apenas de *chips* ou de aparelhos celulares: ao aceitar as vantagens das novas tecnologias de informação, que proporcionam melhor qualidade de vida àquele que circula pelo espaço público, o indivíduo está (é) sujeito a abdicar tacitamente à privacidade e à intimidade.⁸³

Outro fenômeno surgido na sociedade de informação é o uso das câmeras de vídeo no sistema de segurança. Elas estão por toda parte – nos corredores de supermercados, de escolas, de hospitais, de prédios residenciais; no interior dos elevadores dos edifícios; nas casas, nas ruas e avenidas das cidades, nos túneis das capitais, nas estradas de rodagem –, e costumam ser mais infalíveis do que um (ou inúmeros) vigia(s) humano(s). A eficácia do procedimento da vigilância eletrônica está na coerção exercida pelo intimidador olhar

⁸¹ Lepiani, 2001: 77-79.

⁸² A respeito da multiplicação de arquivos gerados por meio dos usos das novas tecnologias, Stehll (2001) observa que são criados cadastros sem se colocar jamais a questão de saber por quanto tempo as informações pessoais podem permanecer armazenadas. Até 2001, ano da publicação de seu artigo, não havia legislação alguma conhecida que fixasse prazos para a conservação desse tipo de dado; concomitantemente, a capacidade de armazenamento dos computadores não cessa de aumentar (Stehll, 2001: D9).

⁸³ Sobre o “fim da privacidade” como consequência dos usos das novas tecnologias, cf. McGrath, 1999; Fortes, 2000; Stehll, 2001; Lepiani, 2001; Nunomura, 2001; Knoploch, 2002; Mazoyer, 2001; Negreiros, 2003; Samuelson, 2004.

eletrônico. A justificativa é inibir todo e qualquer delito, falta, infração, transgressão às normas estabelecidas.

As charges seguintes foram publicadas em um jornal com circulação pela região de Campinas:



FIGURA 11 – *Correio Popular*, 11/12/2001, p.2



FIGURA 12 – *Correio Popular*, 27/06/2001, p.2

A charge é um desenho humorístico que critica algum fato noticioso publicado pela imprensa. Em 2001, ano da publicação dessas charges, um dos principais assuntos em pauta nos jornais dizia respeito à implantação de câmeras de vídeo no espaço público urbano

como procedimento contra a criminalidade e a violência.⁸⁴ A Figura 11 focaliza a colocação de 80 câmeras de vídeo para a vigilância e o monitoramento do Cambuí, um dos bairros mais ricos e movimentados da cidade de Campinas. Como medida para “acabar com a criminalidade no Cambuí”, o Conseg (Conselho Comunitário de Segurança, sigla que aparece nos desenhos das câmeras) idealizou o projeto, estimado em R\$ 250.000,00 (duzentos e cinquenta mil reais) na época. As estatísticas divulgadas pela Guarda Municipal das cidades que implantaram esse tipo de sistema mostram redução em até 70% nos casos de roubos de carros, como ocorrido na cidade de Americana, também no interior do Estado.⁸⁵ A Figura 12 faz menção a uma outra finalidade das câmeras de vídeo: o controle do limite de velocidade no tráfego da cidade de Campinas. “Sorria. Você está sendo filmado” convoca a assertiva que se propalou em diversos ambientes urbanos, como lojas, farmácias, supermercados. A ironia dessa charge resulta do contraste entre enunciado e enunciação: o condutor *sabe* que se ultrapassar o limite de velocidade receberá multa como punição e o pagamento não tem nada de engraçado.

Paradoxo dos tempos atuais: a sociedade que usa as câmeras para se divertir com a banalidade do cotidiano alheio é a mesma que as emprega em sistemas de vigilância legitimados pela própria sociedade. Arlindo Machado (1993) avalia a facilidade com que se

⁸⁴ O tema da violência é assunto que não cessa de se repetir na sociedade. A cidade de Campinas presenciou, em 10 de setembro de 2001, o assassinato do então prefeito Antonio da Costa Santos, morto com um tiro. O Toninho do PT foi a 414ª vítima de homicídio na cidade, apenas naquele ano. Pesquisa realizada pelo Datacorp, instituto da Rede Anhangüera Comunicação (RAC), apontou que a maior parte da população (55,08%) acreditava, em 2001, que a solução para o problema da violência, em curto prazo, era o maior policiamento das ruas da cidade. A instalação de câmeras de vigilância foi um dos procedimentos adotados como auxílio do corpo policial para a multiplicação do “olhar” pela cidade. Em 1997, primeiro ano da pesquisa Datacorp, a principal resposta à pergunta “Qual a saída para combater a violência em Campinas?” havia indicado a geração de empregos. Quatro anos depois, essa solução apareceu em segundo lugar, com apenas 7,17% das respostas. A terceira saída mais mencionada foi a pena de morte (6,08%) (Rossit, 2001: 1-3). Em termos discursivos, poder-se-ia pensar que a resposta sobre policiamento indica a posição que a instituição policial (militar) ocupa, da perspectiva da população, na suposta distribuição do poder na sociedade.

⁸⁵ Oliveira, 2001: 5.

pode, diante da imagem eletrônica, “passar da condição de observador a observado, ou de espectador a espetáculo, dada a reversibilidade das tecnologias de registro e exibição”.⁸⁶ Esse autor reflete, com Foucault (2000), que nossa sociedade “é menos a dos espetáculos do que a da vigilância”, considerando-se os usos de dispositivos inspirados no modelo panóptico de Bentham.⁸⁷ Diríamos que não somente a imagem eletrônica, mas também os diferentes fenômenos caracterizados pela intimidade (consentida ou não) aberta ao público nos levam a essa instância de produção discursiva. Concordamos, pois, com Arlindo Machado, que são os estudos de Foucault sobre o panoptismo que melhor podem explicitar a complexidade das relações sociais atuais no que se refere aos procedimentos de controle e delimitação do discurso.

Um voyeurismo às avessas

O tema da sociedade da vigilância é notório em Foucault (2000). Em seu estudo sobre a violência nas prisões, Foucault discute o panóptico, idealizado pelo jurista inglês Jeremy Bentham (1829), como modalidade exemplar do poder. No século XIX, Bentham projetou esse célebre modelo de prisão cujo princípio é baseado na construção de um prédio em forma de anel, com uma torre central ocupada por uma sentinela, e janelas da torre que se abrem para a face interna do anel. A construção periférica é dividida em celas, com duas janelas cada uma, uma para o interior, correspondentes às da torre; outra para o exterior, que permitia a vazão da luz de um lado a outro da cela. Com o efeito produzido pela contraluz, os detentos se tornam completamente visíveis àqueles que os vigiam. A

⁸⁶ Machado, 1993: 227-229.

⁸⁷ Machado, 1993: 219.

recíproca, entretanto, não ocorre, já que do interior da cela o prisioneiro só pode enxergar a torre central, sem ter conhecimento da sentinela que pode (ou não) estar fazendo a vigília *daquele* prisioneiro *naquele* exato momento. Foucault coloca em evidência que o efeito mais relevante do panóptico é a indução no detento (e também no louco, no doente, no condenado, no operário, no estudante, qualquer que seja a instituição) de um “estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder”.⁸⁸ *O poder torna-se visível e inverificável* e, nesse caso, a figura que o exerce ou o motivo que o estimula é indiferente. A “máquina de ver” pode ser controlada pela sociedade inteira, no exercício de um dispositivo “rápido, leve e eficaz”, com coerções sutis que atingem todo corpo social, da maneira mais discreta possível, na trama da multiplicidade das relações do poder:

Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; *torna-se o princípio de sua própria sujeição*. Em consequência disso mesmo, o poder externo, por seu lado, pode-se aliviar de seus fardos físicos; tende ao incorpóreo; e quanto mais se aproxima desse limite, mais esses efeitos são constantes, profundos, adquiridos em caráter definitivo e continuamente recomeçados; *vitória perpétua que evita qualquer defrontamento físico e está sempre decidida por antecipação*. [Foucault, 2000: 168 (grifos nossos)]

Para Foucault, o panóptico é uma maneira de *definir as relações de poder com a vida cotidiana dos homens*; é a garantia da *ordem*, sempre que for preciso impor tarefa ou comportamento a uma massa de indivíduos, seja nas prisões ou nas fábricas, nos quartéis, nos asilos, nos hospitais, nas escolas, por toda a nação. Foi esse tipo específico de poder, “desindividualizado” e automatizado, desobrigado de qualquer instituição ou aparelho, que

⁸⁸ Foucault, 2000: 166.

Foucault denominou *poder disciplinar* ou *disciplina*. O autor explicita que a emergência da modalidade panóptica do poder está vinculada à explosão demográfica do século XVIII, ao crescimento do aparelho de produção e à necessidade de sua utilização segundo o princípio “suavidade-produção-lucro” que substituiu o antigo princípio “retirada-violência”. O modelo de Bentham define, em termos de prática, um processo de subordinação dos corpos e das forças, “fazendo a economia do Príncipe” em uma nova “anatomia política” cujo fim não é a relação de soberania, mas as de disciplina.⁸⁹ Foucault assim discute a formação da *sociedade disciplinar* e a do *indivíduo disciplinar*, sujeito da força de trabalho de um sistema político de dominação, característico do poder disciplinar. Não se trata do poder vinculado ao castigo, à punição, à repressão ou à censura, mas a um tipo de “auspiciosidade” que os próprios sujeitos supõem compartilhado nas relações sociais.

Foucault confronta a sociedade da Antigüidade com a da Idade Moderna, a partir da leitura de Julius⁹⁰ sobre o princípio panóptico de Bentham. A Antigüidade é definida como a sociedade do espetáculo, em que prevalece a questão do acesso de uma multidão de homens a um pequeno número de objetos; a arquitetura correspondente é, portanto, a dos templos, a dos teatros, a dos circos, onde é possível realizar essa supervisão. A Idade Moderna, ao contrário, coloca o problema de propiciar a um número pequeno – por vezes, a uma única pessoa – a visão instantânea da multidão; a arquitetura correspondente é a do panóptico, que promove a visibilidade vigiada, através de seus circuitos de comunicação que são suportes da acumulação e da centralização do saber.⁹¹ Foucault analisa que a regulação de uma sociedade que deixou de priorizar a comunidade e a vida pública só pode

⁸⁹ Foucault, 2000: 172.

⁹⁰ Regulamento para a fábrica de M. S. Oppenheim, art.16 apud Foucault, 2000: 178.

⁹¹ Foucault, 2000: 178.

ser realizada na forma inversa à do espetáculo, isto é, na da *vigilância*: “Não estamos nem nas arquibancadas nem no palco, mas na máquina panóptica, investidos por seus efeitos de poder que nós mesmos renovamos, pois somos suas engrenagens.”⁹²

É de uma perspectiva participativa dos sujeitos que Arlindo Machado, já mencionado, analisa a relação entre homens e os dispositivos eletrônicos de vigilância. Segundo esse autor, que também fundamenta suas reflexões em Foucault, as “máquinas de vigiar” nada têm a ver com a fantasia orwelliana de uma sociedade oprimida pelo regime totalitário do Grande Irmão. “Não se trata de um complô maquiavélico destinado a constranger o cidadão” – já que todos se sentem mais ou menos beneficiados (pelo prazer de olhar, com desejo de ser olhado) pelo poder que constituem e que os constitui –, mas da adoção de procedimentos destinados à otimização dos sistemas legal e econômico, com a extração da produtividade máxima das redes eletrônicas de difusão já implantadas na vida social.⁹³

A visibilidade torna-se o ardil onde os indivíduos estão/são sujeitos. O “prisioneiro” (qualquer um de nós) é visto mas não vê, no exercício cotidiano da vigilância e de olhares entrecruzados que jamais se defrontam.⁹⁴ Acreditamos que o fenômeno dos *blogs* emerge em uma sociedade que é impelida a falar para e a vigiar o outro no espaço possível de um falar de si. Os sujeitos (quase) nada têm a dizer a respeito do *novo*; as confissões íntimas restringem-se ao *lugar-comum*, às circunstâncias da repetição de um cotidiano que busca legitimar o normal e a norma na produção dos discursos, mediante a coerção – sempre sutil – da vigilância alheia sobre o já-institucionalizado.

⁹² Foucault, 2000: 179.

⁹³ Machado, 1993: 226.

⁹⁴ Foucault, 2000: 166; 173.

A propósito das coerções praticadas na internet e, mais especificamente, nos *blogs*, Schittine (2004) analisa que o escrevente sabe que, quando está escrevendo o *blog*, está sendo observado e avaliado pelo outro. Ainda que existam escreventes que digam o contrário, é visando à conquista do outro que os “diaristas virtuais” escrevem. “Por isso muitos perdem a liberdade: levam muito a sério o olhar do Outro, passando a encará-lo não como um opinador, mas como um carcereiro”.⁹⁵ Na leitura contemporânea do panóptico de Bentham, Schittine considera que a vigilância é substituída pela “curiosidade ou pela necessidade de ver as outras [pessoas] como um espelho de si mesmas”.⁹⁶ De nosso ponto de vista, a justificativa de Schittine descaracteriza a multiplicidade de correlações do poder que atravessam a sociedade, ao conferir ao indivíduo a opção de olhar ou de ser olhado. Na sociedade da vigilância, não há possibilidade de escolha; todos espreitam e são, ao mesmo tempo, espreitados nas relações sociais. Além disso, a escrita dos *blogs* é constituída na complexidade enunciativa que leva em consideração o outro, não porque o escrevente tem em vista a audiência proporcionada pelo público, mas porque a dimensão dialógica é característica fundante da linguagem.

Poder-se-ia insistir no argumento de que a internet e o hipertexto são meios revolucionários de expressão e de comunicação, dado seu caráter não linear, não hierárquico, múltiplo. Não negamos que existam mudanças textuais importantes, relacionadas principalmente às reconfigurações espaciotemporais e às novas formas de acesso à (quantidade infindável de) informação. No entanto, acreditamos que uma concepção múltipla das relações sociais permite tanto ou mais o desenvolvimento de dispositivos *rápidos, leves e eficazes* em favor de um sistema político de dominação,

⁹⁵ Schittine, 2004: 45.

⁹⁶ Schittine, 2004: 34.

característico do poder disciplinar. Reflitamos que no caso da internet a conquista de um auditório (anônimo e crescente) é tarefa tanto dos usuários quanto das empresas especializadas em comércio. Para seu cumprimento, as empresas têm procurado saber o máximo possível sobre o “outro”, o usuário (consumidor) da rede. O objetivo é a maior eficácia – para o *consumo*, com *acumulação* e *centralização do saber* –, no modo de abordagem da informação e dos produtos. Se pensarmos que as informações pessoais são tidas como valor de troca para a criação publicitária de comerciais, talvez a privacidade dos usuários de *blogs* não seja mais um direito, mas uma *mercadoria* a ser negociada no universo digital. De um valor privado – o direito à privacidade –, passa-se a um *valor de mercado*, público, portanto, o da *mercadoria*.

Mencionamos, há pouco, exemplos de tecnologias que propiciam melhor qualidade de vida ao indivíduo, em “troca” (consentida ou não) de sua privacidade. No caso da internet, lembramos que qualquer provedor de *e-mail* gratuito, por exemplo, só disponibiliza o serviço a partir do preenchimento formal de questionário detalhado sobre preferências do usuário. Os dados costumam ser vendidos– ao preço de um centésimo de centavo de Real! – a empresas interessadas em fazer propaganda de seus produtos.⁹⁷ Reunir informações íntimas como arquivos públicos em versões cada vez mais novas e velozes é mais do que embalá-las tecnologicamente para o consumo. A tecnologia passa a criar novos dispositivos de acesso à informação privada. A tecnologia dos *cookies*,⁹⁸ por exemplo,

⁹⁷ Nunomura, 2001. O usuário de *e-mail* é, com frequência, vítima dos *spams*, isto é, do envio de mensagens, em geral, de cunho publicitário por parte das empresas.

⁹⁸ “*Cookies*” são dispositivos presentes nos *sites*, que abrem caminho até o disco rígido do computador do usuário, armazenando naquele espaço um arquivo de texto que identifica o computador com um número único. Desse modo, pode-se reconhecer quem é o usuário que entra no *site*, de onde ele vem e com que periodicidade costuma retornar. Segundo pesquisa do *INFOLAB*, apresentada pela revista Info Exame na edição de junho de 2000, 49% dos 100 *sites* brasileiros mais populares utilizavam esse recurso em 1999. Passados seis anos da reportagem, pode-se supor que a porcentagem tenha aumentado com o avanço das tecnologias.

torna possível rastrear o percurso do usuário nos “mínimos cliques” do *mouse*: na aparente privacidade do computador pessoal que espreita, a presença do outro que é espreitado. Um voyeurismo às avessas.

Sem que se perceba, os interesses e preferências, os hábitos de compra, os horários de acesso à rede, o *status* conjugal, a idade dos filhos, a doença e o plano de saúde dos pais, todas as informações pessoais estão sendo avaliadas. Ainda mais, as novas tecnologias permitem múltiplas possibilidades de cruzamento, análise e verificação de informações contidas em arquivos e cadastros. Dessa maneira, as pessoas são encaixadas em estatísticas anônimas utilizadas, principalmente, para a concepção de publicidade direcionada e veiculada pela *Web*. Ao saber, por exemplo, que um internauta tem o costume de frequentar *sites* de literatura, um dispositivo fará aparecer na tela do computador anúncios com lançamento e promoção de livros. A revista Info Exame, especializada em informação sobre internet, trazia como matéria de capa da edição de junho de 2000 a indagação sobre a provável “morte da privacidade”, graças aos mecanismos existentes na internet para a obtenção de dados pessoais. Para a Info Exame, a coleta dessas informações pessoais melhora a qualidade dos *sites* acessados, ao disponibilizar anúncios eletrônicos que *parecem* ser feitos sob medida para o desejo de consumo dos usuários.

A relação direta com o cliente, denominada *one-to-one*, é obsessão dos especialistas em marketing, que procuram acumular o máximo de dados pessoais dos consumidores com o objetivo de criar serviços cada vez mais personalizados. Em 2001, Stehll avaliava a possibilidade de a tecnologia Wap padrão, sistema que acopla telefones celulares à internet, enviar mensagens do comerciante ao consumidor, quando esse estivesse passando em frente

à loja.⁹⁹ Em 1994, Negroponte já anunciava, por meio do projeto *Things that think* (Coisas que pensam) do MIT (Massachusetts Institut of Technology), a personalização de objetos através de dispositivos eletrônicos. A meta do projeto é a produção de engenhos como maçanetas falantes e roupas inteligentes. “Se a maçaneta da porta da frente pudesse ver (assim como ouvir ou falar), ela poderia reconhecer seu dono se aproximando e saber que ele está com os braços ocupados com pacotes. Assim, abriria automaticamente a porta”, explica Negroponte. Empresas como Nike e Levi’s patrocinam a criação de sapatos e tecidos com capacidade computacional para transmissão de dados através do corpo humano, na forma de sinais eletromagnéticos.¹⁰⁰

A finalidade reconhecida das empresas é o desenvolvimento de produtos com “qualidade, resistência, leveza” – o lucro aparece quase sempre como circunstancial. Os dispositivos coagem o indivíduo de maneira imperceptível, de modo que ele sinta prazer e tenha absoluta certeza da autonomia de sua escolha individual no momento da compra. É assim que a maquinaria do poder funciona, renovada pela ação dos sujeitos que são “suas engrenagens”. Falar de um meio de comunicação como a internet implica, portanto, discutir seu uso. Gostaríamos de poder escapar do maniqueísmo que envolve essa questão. De

⁹⁹ Stehll, 2001: D8.

¹⁰⁰ Entrevista de Nicholas Negroponte a Moon, 1995; a respeito da interface homem –máquina, cf. também Negroponte, 1995. Atualmente, é possível observar alguns resultados dos investimentos das instituições em produtos cujo caráter é cada vez mais voltado para a individualidade do consumidor. A empresa Adidas, concorrente da Nike, anunciou em dezembro de 2004 o lançamento do primeiro tênis inteligente do mercado, o Adidas 1. Por meio de microprocessador embutido no solado, o tênis calcula o amortecimento ideal para cada tipo de superfície (cimento, madeira, terra, areia). Ao “sentir” o impacto do pé contra o chão, o sensor presente na região do calcanhar transmite os dados ao microprocessador. O solado se molda, então, de acordo com o físico do usuário e o tipo de solo. Para tanto, o microprocessador, capaz de realizar até cinco milhões de cálculos por segundo, aciona um parafuso, que altera o amortecimento. A previsão é de que o tênis esteja no mercado nacional em março de 2005, ao preço sugerido de R\$ 1.000,00 (mil reais) (Gandolpho, 2004, *on-line*). A nova geração de tecidos inteligentes (*smart fabrics*), por sua vez, oferece acabamentos que podem ser termocrômicos, com cores estimuladas pela temperatura do corpo da pessoa; antibacterianos, com fios bactericidas que permanecem no tecido, independentemente do tempo de uso. A Levi’s, em parceria com a Philips, anunciou o lançamento de jaquetas equipadas com telefone celular, com o microfone acoplado à gola, discagem automática acionada através do reconhecimento da voz e fones de ouvido, além de aparelho de MP3 (Varela, 2005, *on-line*).

nosso ponto de vista, não se trata da “boa” ou da “má” utilização da internet, mas da avaliação de dispositivos que são constituídos, assim como seus usuários, na complexidade sócio-histórica das práticas discursivas.

O Capítulo 2 coloca em discussão o *blog* como fenômeno da escrita. Apresentamos as justificativas da escolha do tema, a constituição do objeto de pesquisa e realizamos um balanço crítico do que foi discutido a respeito dos *blogs* por outros autores. A metodologia da coleta dos dados é explicitada, com o estabelecimento de uma tipologia e com a classificação do material pesquisado.

Capítulo 2

O *blog* como fenômeno da escrita

Entrar no acaso ou num blog

Em julho de 2002, o jornalista brasileiro Zuenir Ventura publicou uma série de dois artigos sobre o mesmo assunto, em sua coluna semanal no *site no mínimo*.¹⁰¹ A chamada *suíte* no jargão jornalístico – isto é, uma coluna que é continuação da outra na semana seguinte – é freqüentemente vista como reprovável por jornalistas mais experientes, por indicar uma suposta falta de assunto a ser discutido no cenário das notícias, o que seria inconcebível para os referidos profissionais. Zuenir justificava o retorno ao tema – os *blogs* – com o argumento de que a quantidade de leitores nele interessados era enorme e, ainda, com a seguinte explicação: “A quantidade de e-mails recebidos me dá a esperança de que, quando estiver com crise de rejeição, me sentindo sozinho, já sei o que fazer: escrevo sobre blog”. No primeiro artigo, intitulado “Do primeiro blog a gente nunca esquece” (17/07/2002), Zuenir expõe o fascínio da descoberta dos *blogs*, até então desconhecidos pelo jornalista. O primeiro *blog* por ele acessado foi o *bloWg* de Marina: “Lá encontrei singelas anotações do cotidiano, registros líricos, ingênuas confissões, uma espécie de diário, em que ela vai anotando suas vivências do dia-a-dia”.¹⁰² Na sequência do mesmo artigo, Zuenir menciona a visita ao *Burburinho* e a leitura de um texto escrito pelo autor do *blog*, Nemo Nox, sobre esse fenômeno da escrita. Zuenir, parafraseando Nemo Nox, ressalta a importância dos *blogs* como *forma de identificação entre escrevente e leitor*, no

¹⁰¹ Disponível em: <http://nominimo.ibest.com.br>. Acesso em 17/07/2002.

¹⁰² Ventura, 2002a: *on-line* (grifos nossos).

relato das banalidades do cotidiano; como *modo de circulação da opinião do escrevente*, supostamente livre das amarras institucionais às quais os profissionais da comunicação são submetidos; enfim, como “*uma gloriosa volta à palavra escrita*”,¹⁰³ em um meio em que esta concorre com múltiplas semioses, a exemplo do texto não-verbal (imagem, animação) e do som.¹⁰⁴

No segundo artigo, “Entrar no acaso ou num blog” (24/07/2002), Zuenir se redime das impressões iniciais sobre os *blogs*, dizendo-se convencido, pelo volume de *e-mails* recebidos a partir do primeiro artigo e pelos argumentos neles expostos, de que os *blogs* não são “apenas uma versão eletrônica, pós-moderna, dos antigos diários”. Os *blogs* não apresentam tema definido, muito embora o jornalista acredite que os de maior sucesso são os que imprimem *tom confessional*, de expressão *subjetiva* e *confidencial*, à atividade de escrita.¹⁰⁵ De nosso ponto de vista, essa observação do jornalista sobre o tema de maior aceitação pública não é mera opinião pessoal, mas sim efeito decorrente das condições históricas que salientam o modo de exposição pública da esfera íntima.

O fascínio que impulsionou Zuenir Ventura – profissional habituado a lidar com laudas (“lauda é uma coisa que eu e Gutemberg usávamos nas redações”, explica o jornalista) – a investigar a escrita dos *blogs* pode ser estendido aos milhares de usuários da internet. “Blog é a revolução da internet!”, escreve com entusiasmo uma das usuárias.¹⁰⁶ Considerando-se que tudo parece revolucionário na internet – do envio de *e-mails* ao emprego de *links* na composição do hipertexto, passando pela animação gráfica e pelos arquivos de som que atualmente compõem os textos – o *blog* pode ser considerado um dos

¹⁰³ Grifos nossos.

¹⁰⁴ Ventura, 2002a: *on-line*.

¹⁰⁵ Ventura, 2002b: *on-line*.

¹⁰⁶ I.F, 16/01/02, 9:29 PM.

mais recentes fenômenos da escrita no contexto digital a ser investigado – pelo menos, até o surgimento de outra novidade.

A relevância do estudo dos *blogs* como fenômeno da escrita é justificada, neste trabalho, por um conjunto de fatores inter-relacionados. Em primeiro lugar, trata-se de produção escrita que tem apelo enorme, com crescimento vertiginoso, junto aos usuários da internet. Quase no mesmo período em que Zuenir Ventura “descobriu” os *blogs*, outro jornalista da grande imprensa divulgou estimativa sobre o número de escreventes de *blogs* no Brasil. Em agosto de 2002, eles eram aproximadamente 170.000 (cento e setenta mil) escreventes, levando-se em conta apenas os usuários que tinham seus arquivos hospedados em dois *sites* brasileiros que ofereciam o serviço naquele período.¹⁰⁷ Em entrevista veiculada pela internet, o norte-americano Evan Williams, um dos criadores do *software Blogger*, utilizado para a criação de *blogs*, afirmou que a cada dia há a inscrição média de dois mil novos usuários.¹⁰⁸ No mundo todo, acredita-se que já existam mais de dez milhões de escreventes de *blogs*.¹⁰⁹

Explicitamos que em 2001, ano do início desta pesquisa, não existiam estudos lingüísticos publicados no Brasil a respeito dos *blogs*;¹¹⁰ deparamo-nos, portanto, com a

¹⁰⁷ Oliveira, M., 2002. Atualmente, a aplicabilidade dos *blogs* começa a ser explorada na área de Ensino. Turnbull (2004) relata a experiência de crianças inglesas de 7 anos de idade, que têm sido incentivadas a praticarem a escrita de *blogs* como parte da rotina escolar. O objetivo da instituição escolar é a realização de avanços nos processos de letramento e de alfabetização das crianças, visando à expressão por meio da escrita e à instauração de um lugar em que a criança tenha a oportunidade de “dar voz a seus próprios pensamentos” (Turnbull, 2004: *on-line*).

¹⁰⁸ Cashel, 2003 (*on-line*).

¹⁰⁹ A estimativa é apresentada pela empresa Technorati (<http://www.technorati.com>), especializada em monitoramento de *blogs* na internet. Acesso em 05/2005.

¹¹⁰ O primeiro estudo sobre *blogs* a que tivemos acesso foi o de Lejeune (2000) que, da perspectiva dos estudos literários, discutia a escrita íntima de francófonos, produzida no computador e veiculada pela internet. Em 2004, Marcuschi publicou artigo em que discutia diversos gêneros textuais produzidos no contexto digital, entre eles, o *blog*. No mesmo volume em que constava o artigo de Marcuschi, publicamos artigo específico sobre a atividade de escrita dos *blogs* (Komesu, 2004a). Ainda no domínio dos estudos da linguagem, destacamos a dissertação de mestrado de Ferreira (em andamento), intitulada “Gênero e interpersoalidade em *blogs*: um enfoque sistêmico-funcional”. No domínio da Comunicação, discutimos, já

difficuldade da ausência de bibliografia especializada. Avaliamos que a principal contribuição deste trabalho – e seu eventual mérito – está na abordagem de cunho lingüístico-discursivo, que privilegia a dimensão dialógica (sócio-histórica) da linguagem na investigação desse *gênero do discurso*. Ressaltamos a importância do diálogo com autores de outras áreas de conhecimento, os quais permitiram a reflexão sobre as condições de produção do material pesquisado, para a problematização do modo de enunciação dos escreventes dos *blogs* pesquisados. Com efeito, a relevância do fenômeno no nível discursivo parece extrapolar as questões lingüísticas localizadas a respeito de uma suposta modificação da escrita com o uso do *blog* e da internet. De nosso ponto de vista, o estudo da produção escrita advinda das novas tecnologias é exemplar não somente por seu caráter de ineditismo – com a investigação das transformações lingüísticas do/no texto, que certamente ocorreram e que ocorrem devido ao suporte material e às práticas dos sujeitos –, mas também porque permite investigar (velhas) questões sobre a modalidade escrita e as relações que regem seus usos na sociedade.

A atividade de escrita dos *blogs* está condicionada às modificações decorrentes de uma tecnologia cada vez mais aprimorada, que implica transformações do gênero do discurso. Não estamos afirmando que há mudanças categóricas na modalidade escrita ou no nível textual-discursivo, muito embora, no nível do texto, exista atualmente a introdução de uma ferramenta como a *trackback*, uma das mais populares no sistema dos *blogs* (a outra é a ferramenta de comentário do leitor). A ferramenta *trackback* permite que outros *posts* e outros *blogs* que fizeram referência a determinado texto sejam *linkados* junto do texto, de modo a mostrar explicitamente ao usuário-leitor a discussão que está sendo realizada em

no capítulo anterior, os trabalhos de Oliveira (2002, 2003), de Sibilia (2003) e de Schittine (2004). Além desses, indicamos os de Blood (2000, *on-line*), Primo & Recuero (2004) e Recuero (2004). A quantidade crescente de trabalhos publicados é indício da relevância dessa prática de escrita.

torno daquele texto em outros *blogs*.¹¹¹ Para Primo & Recuero (2004), a caixa de *trackback* é uma ferramenta que confere complexidade à rede hipertextual que o *blog* pode formar. Esse tipo de tecnologia não foi encontrado em nenhum dos textos que compõem o material da pesquisa, provavelmente, por se tratar de ferramenta mais recente. Para o que nos interessa, a ferramenta *trackback* é um dispositivo que visa a potencializar a visibilidade dos sujeitos na internet, dadas as condições históricas que favorecem a emergência de um modo de enunciação caracterizado pela publicização de si e pela intimidade construída com o outro. Nos *blogs* é preciso *fazer ver e ser visto*, e esse tipo de ferramenta não deixa de ser um dispositivo eficaz no modo de circulação dos escreventes na internet.

Passamos à apresentação de um breve panorama a respeito do que já foi discutido sobre os *blogs*. Fundamentamo-nos nos estudos de Blood (2000, *on-line*), de Oliveira (2002, 2003), de Recuero (2003, 2004) e de Schittine (2004) para a realização de um balanço crítico.

¹¹¹ Primo & Recuero, 2004 (*on-line*).

Blog é corruptela de *weblog*. Segundo Blood (2000, *on-line*), o termo *weblog* teria sido criado pelo norte-americano Jorn Barger, editor do *site robot wisdom weblog*,¹¹² em dezembro de 1997, ou seja, dois anos antes da criação do *software Blogger*, da empresa Pyra Labs, que permitiu a popularização dessa atividade de escrita.¹¹³ A ferramenta havia sido criada como alternativa popular para publicação de textos *on-line*, já que dispensava o conhecimento especializado em computação. A facilidade para edição, atualização e manutenção dos textos em rede foi – e é – considerada como um dos principais fatores para o sucesso e a difusão dessa chamada ferramenta de auto-expressão. De fato, o argumento do suporte material é sempre retomado pelos pesquisadores como um dos fatores responsáveis pela popularização dos *blogs*. Tanto Blood (2000) quanto Oliveira (2002, 2003), Recuero (2003, 2004) e Schittine (2004) apóiam esse argumento. Para o que nos interessa, porém, não podemos nos deixar levar pelo aspecto mais aparente. Como procuramos explicitar no capítulo anterior, a emergência dos *blogs* ocorre na trama da multiplicidade das relações que positivam a visibilidade da intimidade na sociedade atual. A criação de um dispositivo como o *Blogger* ou ferramentas similares somente pode ser justificada sob as condições históricas nas quais os sujeitos são impelidos a falar de si em âmbito público, com a participação fundamental do leitor interessado em olhar (*vigiar*) o cotidiano alheio.

É Schittine quem explicita que o termo *weblog* é a contração entre *web* (página na internet) + *log* (diário de bordo), razão pela qual a expressão “diário íntimo na internet” é

¹¹² Disponível em: <http://www.robotwisdom.com>.

¹¹³ Blood, 2000 (*on-line*).

empregada como sinônimo de *weblog*.¹¹⁴ O termo *weblog* não demoraria a ser abreviado e propagado em sua forma curta, *blog*. Da perspectiva dos estudos lingüísticos, avaliamos que o *conteúdo temático* do *blog* é indefinido; pode (ou não) incidir sobre o cotidiano do escrevente.¹¹⁵ A *construção composicional* dos textos do *blog* e do diário, por sua vez, pode ser confrontada devido às entradas marcadas de maneira cronológica, em ambos os gêneros.

A definição de *blog* como diário é adotada pelos três maiores *sites* brasileiros destinados a sua produção. Nos *sites* do *Blig* e no do *Weblogger* encontramos, respectivamente:

O Blog é um [1] diário digital na internet [2] que pode ser visto por qualquer pessoa. [*BliG – o blog do iG* – <http://blig.ig.com.br>. Acesso em 01/06/2004]

Weblog é um [1] diário virtual, [2] onde você poderá disponibilizar pensamentos, idéias e tudo o que você imaginar na internet. [*WebloggerBrasil* – <http://weblogger.terra.com.br>. Acesso em 01/06/2004]

Destacamos, na primeira definição, o fato de que a instituição assume que os escritos pessoais veiculados de modo eletrônico (“diário digital”, [1]) poderão ser “vistos” por qualquer pessoa que tenha acesso à internet ([2]), o que enfatiza a exposição pública da atividade do sujeito e a finalidade do gênero discursivo, isto é, *fazer ver e ser visto*. Na segunda, explica-se que o “diário virtual” ([1]) é lugar em que o escrevente pode disponibilizar pensamentos, idéias e “o que mais puder imaginar” (além dos pensamentos e idéias...) via internet ([2]), na caracterização de uma suposta liberdade de expressão facultada pela ferramenta. Observemos ainda uma terceira definição de *blog*:

¹¹⁴ Schittine, 2004: 12.

¹¹⁵ A respeito de tipos de *blog* que se distanciam do tema da intimidade, cf. nota 11 do Capítulo 1, p.31.

O blog é uma [1] página web atualizada freqüentemente, [2] composta por pequenos parágrafos [3] apresentados de forma cronológica. É como uma [4] página de notícias ou [5] um jornal que segue uma linha de tempo com um fato após o outro. [6] O conteúdo e tema dos blogs abrange (*sic*) uma infinidade de assuntos que vão desde [7] diários, [8] piadas, [9] links, [10] notícias, [11] poesia, [12] idéias, [13] fotografias, enfim, [14] tudo que a imaginação do autor permitir.

Usar um blog é [15] como mandar uma mensagem instantânea para toda a web: [16] você escreve sempre que tiver vontade e [17] todos que visitam seu blog tem (*sic*) acesso ao que você escreveu.

[18] Vários blogs são pessoais, exprimem idéias ou sentimentos do autor. Outros são resultado da [19] colaboração de um grupo de pessoas que se reúnem para atualizar um mesmo blog. Alguns blogs são voltados [20] para diversão, outros [21] para trabalho e há até mesmo [22] os que misturam tudo.

Os blogs também são uma excelente forma de comunicação entre uma família, amigos, grupo de trabalho, ou até mesmo empresas. Ele permite que grupos se comuniquem de forma mais simples e organizada do que através do e-mail ou grupos de discussão, por exemplo. Crie um [23] blog privativo para sua equipe de trabalho discutir projetos e apresentar soluções. Ou crie um [24] blog familiar para que seus parentes troquem notícias e fotos a (*sic*) todos os membros.

A melhor forma de entender o funcionamento de um blog é visitando um. Na home do Blogger.com.br você tem o [25] Blogs of Note, que são os blogs que mais chamaram a nossa atenção – navegue por eles! [*Blogger* – <http://blogger.globo.com/br>. Acesso em 28/06/2004. (grifos no original)]

A definição oferecida pelo *Blogger* é, sem dúvida, a mais abrangente e atual em relação à atividade dos *blogs*, como a conhecemos até o início de 2005, ano da conclusão desta pesquisa. Nela, o *blog* não é somente um diário, embora possa sê-lo ([7], [16], [18]), mas uma “página web atualizada freqüentemente, composta de pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica”. Trata-se, até mesmo, de uma caracterização lingüística interessante, que leva em consideração o formato do texto ([1], [2]) e sua organização temporal ([3]), além de observar temas e conteúdos ([7] a [14]) e a relação dos participantes

(um único participante [18] ou vários [19]) nas diversas *cenas enunciativas*, que ora enfatizam a intimidade ou a discrição ([24] e [23], respectivamente), ora destacam as relações no âmbito público ([17], [20], [21]), ora “misturam tudo” ([22]).

O objetivo da instituição é a *venda* do produto, mediante a adesão do público consumidor interessado pela partilha dos escritos em *tempo instantâneo* ou *real* ([15]). Apontamos ainda para a relevância da informação que consta no último parágrafo do texto explicativo do *Blogger*. Nesse último parágrafo, a instituição convida o usuário a visitar a página com endereços de *blogs dignos de admiração* ([25]), como a “melhor forma de entender o funcionamento de um blog”. De nosso ponto de vista, a formação de listas de *blogs* a serem visitados é dispositivo importante para o modo de circulação dos textos e para a visibilidade do escrevente (e da instituição que possibilita a circulação).

O *blog* pode ser definido, portanto, como uma página *web*, composta de parágrafos dispostos em ordem cronológica (dos mais aos menos atuais colocados em circulação na rede), atualizada com frequência pelo usuário. O dispositivo permite a qualquer usuário a produção de textos verbais (escritos) e não-verbais (com fotos, desenhos, animações, arquivos de som), a ação de copiar e colar um *link* e sua publicação na *web*, de maneira rápida e eficaz, às vezes, praticamente simultânea ao acontecimento que se pretende narrar. Para o que nos interessa, o recurso a um breve histórico dos *blogs* é relevante na medida em que permite visualizar um panorama “oficial” em contraposição às condições históricas que possibilitam a emergência dessa prática de escrita que buscamos problematizar.

Explicitamos a seguir a metodologia da coleta dos dados do material pesquisado, com a proposta de uma tipologia dos *blogs* e a classificação do conjunto de textos, levando-se em consideração questões de interesse lingüístico-discursivo.

O recorte do material

Nosso trabalho é desenvolvido a partir da análise de um conjunto de textos empíricos composto de 53 (cinquenta e três) *blogs* de escreventes brasileiros, escolhidos aleatoriamente entre os disponíveis na internet, sendo 28 (vinte e oito) escreventes do sexo feminino e 25 (vinte e cinco), do masculino. O título de cada *blog* foi identificado mediante a atribuição de um número, de 1 (um) a 53 (cinquenta e três), distribuído arbitrariamente, ao qual foi acrescentada a letra M, no caso de escreventes do sexo masculino, ou a letra F, no caso de escreventes do sexo feminino. Houve repetição ou acréscimo de nova letra nos casos em que o *blog* tinha mais de um participante. Indicamos o número de enunciadores a quem se atribui a autoria do *blog* da seguinte maneira: *blog*¹, para os *blogs* individuais; *blog*ⁿ, para os *blogs* coletivos (onde *n* indica o número de enunciadores do *blog*, como explicitaremos logo a seguir).

Em relação ao caráter aleatório da coleta do material, gostaríamos de esclarecer que ele é devido, principalmente, à dependência de fatores que ultrapassam a escolha do pesquisador, como nos casos em que selecionávamos uma página e, ao clicar o *link*, descobríamos que se encontrava “fora do ar”, isto é, inacessível ao usuário. Dada a característica de nosso material, em que um dos traços é sua rápida obsolescência no sistema de informática, decidimos, por questão de segurança da manutenção dos dados, torná-lo físico, e imprimimos em papel todas as páginas dos *blogs* que compõem o conjunto de textos da pesquisa.

A coleta do conjunto de textos ocorreu principalmente no primeiro semestre de 2002. Recorremos ainda à coleta de textos escritos em 2001, ano em que os *blogs*

começaram a se tornar pauta do noticiário da imprensa brasileira,¹¹⁶ e a textos escritos em 2003. Interessava-nos encontrar relatos do início da produção textual dos *blogs* no Brasil, além de acompanhar a produção no país. Esclarecemos que o acompanhamento longitudinal dos textos dos *blogs* selecionados foi feito até junho de 2004.¹¹⁷ A partir das referências dos *blogs* mencionados nas matérias jornalísticas, começamos o trabalho de leitura diária, em um primeiro levantamento dessa atividade verbal. Consultamos aproximadamente 150 (cento e cinquenta) *blogs* na fase inicial da pesquisa. Todos os *blogs* consultados eram de livre acesso, isto é, qualquer usuário da internet tinha a possibilidade de se tornar leitor daquele texto, sem a necessidade de senhas. Consideramos que, por circular em domínio público, o conjunto final dos textos obtidos não requeria autorização de seus escreventes, podendo assim ser utilizado para a produção de reflexões científicas, como as propostas neste trabalho.

O *corpus* propriamente dito foi constituído por esse e por um outro conjunto de textos destinado à análise comparativa, composto de textos produzidos nas seguintes situações: (1) obras literárias baseadas em diários íntimos, publicadas com ou sem o consentimento de seus autores e (2) páginas eletrônicas (*home pages*) pessoais. A coleta desses materiais obedeceu aos seguintes critérios: no caso (1), selecionamos um pequeno

¹¹⁶ A respeito do surgimento do tema *blog* na imprensa brasileira, cf. Coelho (2001); Corrêa, S. (2001); Doria (2001, 2002); Versignassi (2001a, 2001b) e Vianna (2001).

¹¹⁷ A sugestão do seguimento dos textos nos foi proposta por Philippe Lejeune, professor de literatura francesa na Université de Paris Nord, na ocasião em que concedeu uma entrevista pessoal, em 19 de maio de 2003, em Villateneuse, França. Na entrevista, Lejeune enfatizou a importância do trabalho com o **tempo**, que é o tempo de vida do escrevente, na escrita dos chamados diários da internet. Ele apontou para a importância de uma correspondência que *pode* vir a acontecer entre escrevente e leitor, dada a existência de ferramentas como a do *comentário* no *blog* e o já consagrado uso de *e-mail*. Há a partilha de um tempo comum e a proposta do que ele chamou “lugar no futuro” com o outro, o leitor, no trabalho da atividade de escrita. A entrevista com Lejeune foi importante para nossa reflexão a respeito do tempo na atividade de escrita dos sujeitos e merece crédito explícito.

conjunto de publicações de diaristas,¹¹⁸ já que uma das questões de nossa tese trata das relações intergenéricas constitutivas dos gêneros de discurso. O caso (2) é composto de 10 (dez) páginas eletrônicas pessoais disponibilizadas no modo aberto de visualização e por nós coletadas em domínio público, no período de fevereiro de 1998 a fevereiro de 1999.

A definição do *corpus* foi orientada pela compatibilidade entre o recorte do material, as hipóteses iniciais e os objetivos explicitados neste trabalho. O trabalho envolve a discussão de uma série de conceitos que consideramos fundamentais para a reflexão sobre a atividade dos *blogs*, como os de *discurso*, *condições de produção do discurso*, *gênero de discurso*, *relações intergenéricas*, *diário*, *escrita*, *hipertexto*, *sujeito*, *autor*, *leitor*. O modo de abordagem do objeto de estudo advém do arsenal teórico da Análise do Discurso de linha francesa¹¹⁹ e da contribuição de autores de áreas de conhecimento afins;¹²⁰ das Teorias da Enunciação¹²¹ e da Aquisição da Escrita.¹²² Buscamos realizar a análise vertical dos segmentos, com a atenção voltada para os funcionamentos recorrentes no material, objetivando sua problematização teórica e a categorização dos elementos lingüísticos.

¹¹⁸ Filipovič ([1993] 1995); Frank, ([1947] 1974); Jesus ([1960] 1999); Lustig (1984); Morley ([1942] 1994).

¹¹⁹ Referimo-nos principalmente aos trabalhos de Maingueneau (1984), ([1987] 1997), ([1993] 1995); Pêcheux ([1969] 1990a) e Courtine (1981). A respeito de uma concepção sócio-histórica da linguagem e de uma reflexão sobre os *gêneros de discurso* e as *relações intergenéricas*, fundamentamo-nos nos estudos de Bakhtin ([1920-1930] 1997a), ([1959-1961] 1997b), ([1952-1953] 1997c).

¹²⁰ Referimo-nos principalmente aos trabalhos de Foucault (1996; 1999a; 1999b; 2000); Sennett (1998); Bourdieu (1997); Augé (1998); Biroli (2004; 2005) e Arlindo Machado (1993) discutidos no Capítulo 1. Pensamos ainda nos trabalhos de Arendt (2003) para a reflexão sobre a *ação* do sujeito na linguagem (cf. Capítulo 3, adiante).

¹²¹ Benveniste ([1956] 1995a); ([1958] 1995b); ([1965] 1989a); ([1970] 1989b); Fiorin (2002).

¹²² Abaurre, Fiad & Mayrink-Sabinson (1997); Corrêa (2004a; 2004b).

Uma tipologia dos *blogs*

A tarefa de classificação dos *blogs* foi bastante árdua. Dado o ineditismo do tema, não encontramos literatura especializada em Linguística, com exceção do artigo de Marcuschi (2004) já mencionado e de nosso próprio, decorrente de resultados parciais desta pesquisa – nenhum deles trabalhava, no entanto, com critérios para a classificação desse tipo de material. As contribuições para a reflexão sobre o estabelecimento de uma tipologia dos *blogs* vieram principalmente de estudos realizados na área de Comunicação. O objeto de estudo mantém, todavia, as especificidades de seu domínio de conhecimento e, assim, vimo-nos compelidos a formalizar uma tipologia própria, visando à classificação do material. Antes, porém, da apresentação da tipologia instituída, gostaríamos de discutir as concepções formuladas pelos demais pesquisadores de *blogs*.

Oliveira (2002) distingue o *blog* como *filtro de notícias*, *filtro temático* e *diário íntimo*. A primeira definição, também compartilhada por Blood (2000) e por Schittine (2004), se deve à possibilidade de o dispositivo do *blog* adicionar, com facilidade, *links* para notícias devidamente comentadas pelos usuários antes de serem enviadas para o sistema da rede. O formato de páginas que misturam *links* e outras dicas de *sites* pouco conhecidos, seguidos de comentários de seus “editores”, é descrito por Oliveira como um “movimento de um jornalismo revolucionário”,¹²³ com vantagens sobre a prática

¹²³ Oliveira, 2002: 140-142. O formato dos *blogs* é considerado ideal para os profissionais da área da Comunicação, em especial, para os que se vêem coagidos pelo modo de funcionamento das instituições. Com o advento dos *blogs*, os jornalistas passaram a redigir textos de interesse pessoal, sem a ingerência dos editores-chefes presentes nas redações tradicionais. Os jornalistas de *blogs* redigem seus textos a partir de fontes não oficiais e assim erigem *sua* versão do fato noticioso, inclusive – e porque o gênero de discurso abarca essa prática – com ênfase em observações pessoais. A respeito do *blog* como relato jornalístico, cf. Schittine (2004: 158 e ss.); Pax (2003); Balbino (2004) e Jardim (2004, *on-line*). Acreditamos que à concepção de filtro está associada a noção de *indivíduo disciplinar* autônomo, livre das coerções institucionais. A disseminação da informação dissimula os dispositivos do poder, constitutivos das relações da sociedade atual que *positiva* as ações de liberdade de expressão dos sujeitos.

tradicional. O *blog* como *filtro temático* seria consequência dos dispositivos que permitem a busca e a reunião de quaisquer temas de interesse pessoal (individual) do usuário, graças ao advento da internet e do hipertexto.¹²⁴ Em princípio, poder-se-ia pensar que o conteúdo do *blog* pode versar sobre *qualquer assunto*. O *blog* como *diário on-line* (ou *diário digital*, *ciberdiário*, *novíssimo diário*) é definido, segundo Oliveira, pelo “conteúdo pessoal” e pela “subjetividade individual”.¹²⁵ Trata-se de “uma mistura de página pessoal, fórum, com links, comentários e pensamentos pessoais, ensaios ou lugar onde se escreve de tudo ou sobre nada”.¹²⁶

Destacamos duas questões do trabalho de Oliveira: de um lado, fica evidente, no uso das palavras que definem o tipo de *blog* de conteúdo pessoal, que a autora se mantém comprometida à *tese da continuidade* (da *evolução*, do *progresso*) do diário ao *blog*. De outro, observamos que Oliveira acredita que o *blog* é um espaço para a “liberdade de escolha/expressão” (de palavras, de elementos visuais e sonoros) do escrevente, mesmo que seja para escrever “sobre nada”. De nossa perspectiva, o *blog* emerge em meio às *descontinuidades* das práticas discursivas. A aproximação entre *blogs* e diários íntimos é possível, mas deve ser analisada de maneira crítica, já que as condições de sua produção são distintas. Além disso, a assunção de uma noção de sujeito completamente livre é

¹²⁴ Oliveira, 2002: 143. Como contraponto às vantagens comumente reconhecidas, Eco (2003) discute que o advento da internet criou o problema da *filtragem da informação*. Para o autor, com a *web*, torna-se impraticável para um indivíduo comum, não especialista em tema algum, *filtrar* (isto é, selecionar de maneira crítica) a quantidade de textos existentes em rede. Os sistemas de busca convencionais são acusados, pelo autor, de filtrar somente (ou preferencialmente) informação paga. A sugestão de Eco é a criação de grupos externos à internet, responsáveis pelo monitoramento e a classificação do que é veiculado pela internet. De nosso ponto de vista, os sistemas de busca da internet não deixam de ser mecanismos importantes que participam das “grandes estratégias anônimas” a que se refere Foucault a respeito da maquinaria do poder. Sem que o usuário da internet saiba, ele está condicionado a *consumir* um tipo de informação que pode não ser a mais criteriosa, mas é, certamente, a que *emerge* no discurso como legítima e verdadeira.

¹²⁵ Oliveira, 2002: 174-175.

¹²⁶ Oliveira, 2003 (*on-line*).

inaceitável se levarmos em conta que os discursos são fundados no social, precisamente por sujeitos que se constituem sócio-historicamente, e não isoladamente, individualmente (o que caracterizaria, na sociedade atual, certa noção de liberdade). É preciso *estar*, de alguma forma, sujeito à linguagem para *ser* sujeito da linguagem.

Recuero (2003) admite a existência de “um sem-número de categorias”, associadas aos temas, para a classificação dos *blogs*, assim como para a classificação das páginas eletrônicas pessoais da internet. A autora aponta para as similaridades entre o *blog* e o que ela chama de *website* pessoal para a definição do primeiro. Trata-se, em ambos os casos, da produção de escreventes “comuns”, cujo objetivo é a visibilidade na rede. Enfatizamos que a principal diferença está na atualização da produção escrita, que no caso do *blog* suplanta o número de atualizações dos escritos da página eletrônica pessoal. Recuero propõe dois modos de classificação de *blogs*, a partir das características por ela observadas em *posts*, e uma terceira classificação, híbrido das anteriores:

- a) **Diários eletrônicos** – São os *weblogs* atualizados com pensamentos, fatos e ocorrências da vida pessoal de cada indivíduo, como diários. O escopo desta categoria de *weblogs* não é trazer informações ou notícias, mas simplesmente servir como um canal de expressão de seu autor. [...]
- b) **Publicações eletrônicas** – São os *weblogs* que se destinam principalmente à informação. Trazem, como revistas eletrônicas, notícias, dicas e comentários sobre um determinado assunto, em geral o escopo do *blog*. Comentários pessoais são evitados, embora algumas vezes apareçam. [...]
- c) **Publicações mistas** – São aquelas que efetivamente misturam *posts* pessoais sobre a vida do autor e *posts* informativos, com notícias, dicas e comentários de acordo com o gosto pessoal. [...] [Recuero, 2003 (*on-line*)]

A categorização de Recuero parece-nos pertinente para uma classificação geral dos tipos de *blog*. Entretanto, interessa-nos refinar determinados conceitos a partir de uma perspectiva lingüístico-discursiva. Não podemos concordar, por exemplo, com a manutenção da categoria (a), “diários eletrônicos”, em que a concepção de diário íntimo parece se manter, a exemplo do que foi pensado por Oliveira, modificada apenas pelo suporte eletrônico. Além disso, acreditamos que a concepção de “canal de expressão” (subjetivo) do autor pode ser estendida a quaisquer tipos de *blogs*, segundo condições históricas que permitem a emergência da esfera íntima no espaço público social. Ainda que na categoria (b) os comentários pessoais sejam evitados, segundo a apreciação de Recuero, é na escolha dos temas que a subjetividade do escrevente, construída sócio-historicamente, aparece de maneira manifesta. O “gosto pessoal” é destacado mediante a construção de uma *cenografia* que privilegia tanto acontecimentos pessoais quanto temas preferidos pelo escrevente, ou ambos.

Schittine (2004) classifica os *blogs* de acordo com o “estilo”: *jornalístico*, *pessoal* e *de serviços*. O primeiro deles, objeto de estudo da autora, aproxima-se da definição de filtro de notícias de Blood (2000) e de Oliveira (2002), e da de publicação eletrônica, de Recuero (2003). Trata-se de um *blog* com caráter de reportagem, com a divulgação da notícia em tempo real.¹²⁷ Já o *blog pessoal*, segundo a autora, imprime o estilo confessional, próximo ao do diário íntimo, à escrita do texto. Schittine avalia que se o *blog* trata de comentários sobre situações cotidianas, o estilo se aproxima do da *crônica* jornalística, misto de assuntos gerais comentados pelo escrevente do ponto de vista “subjetivo”. Para Schittine, o gênero *crônica* constitui uma das principais táticas do escrevente que visa a atrair o olhar do

¹²⁷ Schittine, 2004: 24.

público leitor desconhecido. Ao comentar assuntos variados coletados por meio do dispositivo da internet, o escrevente tem a oportunidade de atingir um número maior de leitores interessados em *faits divers*, do que se estivesse somente falando de si mesmo. Ao mesmo tempo, o *comentário* pessoal sobre o *fato jornalístico* é o que constituiria a marca pessoal do indivíduo. Por fim, o *blog de serviços* pode ser definido como aquele que reúne lista de *links* a respeito de determinado assunto (ou de vários assuntos), com a finalidade explícita de auxiliar o leitor a encontrar os melhores serviços oferecidos na internet. Embora considere possível a distinção entre os variados estilos, Schittine analisa que as categorias não são estanques e que há mesmo a necessidade da “mistura de estilos” para a manutenção do leitor cativo: “mesmo que os diaristas virtuais procurem dizer que são únicos em uma série de coisas, em uma, pelo menos, estão juntos: não conseguem falar dos assuntos mais sérios sem que neles misturem um pouco de suas vidas íntimas, de seus sonhos, de sua própria história”.¹²⁸

Interessa-nos ressaltar que a conclusão geral sobre o que foi discutido por pesquisadores da Comunicação sobre os tipos de *blogs* aponta para a constituição de um gênero “híbrido”, na definição de Schittine, formado de “vários tipos de escrita”.¹²⁹ A concepção de uma “mistura” pode ser identificada também na definição da categoria (c) proposta por Recuero (2003), “publicações *mistas*”. De nosso ponto de vista, a dificuldade encontrada na tarefa da classificação dos *blogs* está relacionada à dificuldade – à *impossibilidade* – da percepção de *fronteiras* entre a esfera pública e a esfera privada/íntima, constitutivas das práticas discursivas dos sujeitos da sociedade atual. Consideramos que a premissa de um gênero “híbrido” está, por sua vez, associada às

¹²⁸ Schittine, 2004: 188.

¹²⁹ Schittine, 2004: 186.

relações intergenéricas constitutivas dos gêneros de discurso, que colocam em relação as diferentes esferas da *atividade verbal humana*.

A partir da avaliação dos estudos realizados pelos demais pesquisadores, apresentamos o estabelecimento de uma tipologia dos *blogs*, fundamentada em dois critérios principais:

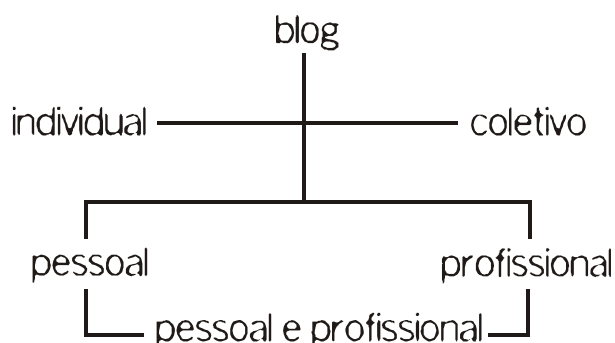
a) o **número de enunciadores** a quem se atribui a autoria do *blog*, já que se trata de uma atividade de escrita que pode ser praticada de maneira individual (*blog*¹) ou coletiva (*blog*ⁿ, onde *n* indica o número de enunciadores do *blog*);

b) o **tema** do *blog*, reconhecido por certa coerência e homogeneidade das informações apresentadas na construção da *cenografia*, isto é, da *inscrição* legitimadora do texto estabilizado, a qual implica, segundo Maingueneau (1995), as condições do enunciador e do co-enunciador, o espaço (*topografia*) e o tempo (*cronografia*) a partir dos quais se desenvolve a enunciação¹³⁰ e, conseqüentemente, a atividade verbal do gênero de discurso.

Como acreditávamos inicialmente que o escrevente de *blog* se constituía no trabalho da escrita de temas privados e íntimos expostos de maneira pública, via internet, optamos por delimitar os tipos de *blog* de acordo com sua ênfase em um modo *pessoal* (Tipo₁) ou *profissional* (Tipo₂) de apresentação dos sujeitos e dos temas. Criamos, ainda, uma subdivisão intitulada *blog pessoal e profissional* (Tipo₃), a partir da observação do material empírico pesquisado.

De maneira esquemática, temos:

¹³⁰ Maingueneau, 1995: 123.



No **blog pessoal** (Tipo₁), o tema predominante é a *esfera íntima* da vida do(s) escrevente(s). Este tipo de *blog* é reconhecido pela ênfase no tratamento de assuntos do cotidiano – as várias atividades diárias, com quem o(s) enunciador(es) conversou(aram), se encontrou(aram), com relatos ancorados principalmente no eixo do presente do(s) escrevente(s) –, e pela discussão de questões existenciais que envolvem a vida, a morte, o relacionamento afetivo (amor e/ou sexo, separação, traição), a solidão, a família, os amigos, os inimigos, as memórias e os projetos. Acreditamos que seja por esse trabalho de escrita íntima marcada na sucessão temporal identificada nos *posts* que a associação entre os *blogs* e o diário íntimo seja tão recorrente, tanto para as instituições que os produzem quanto para seus usuários. Nesse tipo, classificamos 45 (quarenta e cinco) dos *blogs* estudados.

Um exemplo de *blog* pessoal e individual (*blog*¹) é o *Querido Diário*, assinado por DeLiriUm, que se dedica à escrita dos detalhes e das sensibilidades do cotidiano feminino:

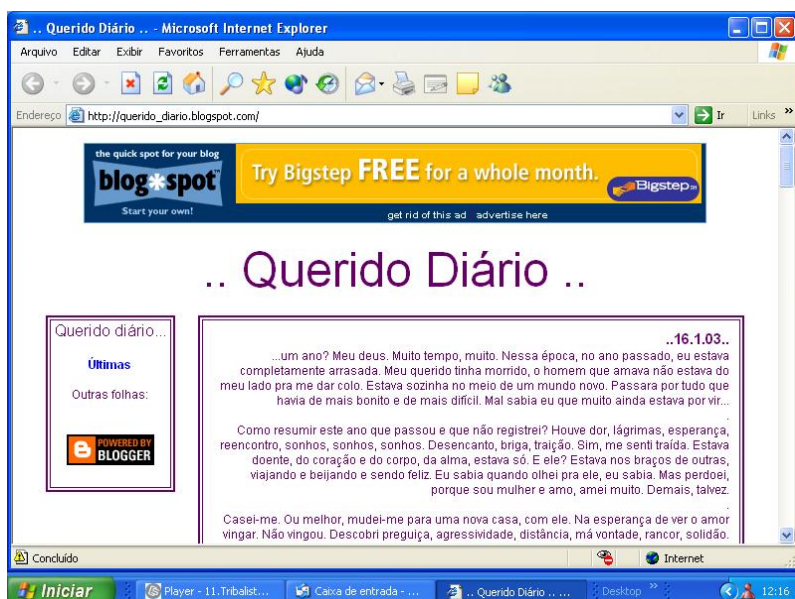


FIGURA 13:
.. Querido Diário ..

*Querido Diário*¹³¹ foi colocado em circulação na internet em novembro de 2000. A figura acima é referente à última atualização do *site*, em janeiro de 2003. O texto abaixo se refere a um dos *posts*:

(a) [1] ..27.3.01..

[2] ...o que? [3] Não gostou das unhas coloridas, eu sei. [4] Deixe que eu seja assim, estranha, [5] às vezes eu preciso me sentir outra em mim mesma, senão eu fico louca. [6] Já imaginou ser a mesma pessoa, sempre sempre? [7] De jeito nenhum, eu mataria essa criatura sem hesitar. [8] Amanhã coloco um sapato vermelho, e a vontade de matar a mulher do espelho passa. Pronto.

[9] ...por *DeLiriUm* @ [10] 8:53 PM

Em primeiro lugar, destacamos que o título do *blog* marca, de maneira inequívoca, um diálogo intergenérico entre o *blog* e o diário íntimo. O enunciador dialoga com o co-enunciador identificado como *Querido Diário*. A marca formal da data ([1]) e a assinatura do escrevente ([9]) são também registros que reproduzem a *cenografia* do diário íntimo. Ao contrário do gênero clássico, porém, o *blog* é marcado pela instantaneidade das mensagens

¹³¹ Disponível em http://querido_diario.blogspot.com/

que são prontamente encaminhadas ao sistema da internet, como indicado no horário do envio do texto, em [10]. Os índices de 2ª pessoa aparecem em [2], com o emprego de um enunciado interrogativo, marca de interlocução com o outro; em [3], com a desinência verbal *–ou* do verbo *gostar*; em [4], com o uso do imperativo afirmativo do verbo *deixar*; e em [6], no enunciado interrogativo em que o verbo *imaginar* aparece conjugado na 2ª pessoa do discurso (*você*). Por meio da projeção da imagem de um companheiro a quem tudo pode contar a respeito de si, DeLiriUm reflete sobre a necessidade de ser outra pessoa, em [5], como modo de prevenção contra a terrível loucura. Os detalhes das unhas coloridas em [3] e dos sapatos vermelhos em [8] são sinais externos socialmente compartilhados a respeito das mudanças que, espera-se, sejam refletidas para o *interior* do sujeito, ou ainda, que sejam reflexos das mudanças internas já sofridas. Focalizamos, aqui, mais uma vez, o modo como a exposição da intimidade na sociedade atual é atravessada por discursos psicologizados sobre o sujeito, com a consideração de uma oposição entre *exterior* e *interior* e a visão de si como um outro, em um jogo especular ([8]). Avaliamos ainda que os efeitos produzidos pelo título do *blog* e pela projeção da imagem do co-enunciador como um diário são significativos para a constituição da *cenografia* marcada pela intimidade dos temas abordados, com a consagração do diário como co-enunciador cúmplice e leal, já que se trata de um interlocutor que nada pode propagar a respeito dos segredos alheios, pois não “fala”. A existência de um interlocutor empírico é assim simulada nesse tipo de construção.

Essa construção que dissimula a presença dos potenciais leitores da internet não é, entretanto, característica da atividade dos *blogs*. Nos *blogs* pessoais, observamos que o tratamento de temas ancorados no dia-a-dia do escrevente visa à atenção dos demais usuários da rede, com a participação do leitor.

A ilustração a seguir se refere a outro exemplo de *blog* pessoal e individual (*blog*¹):

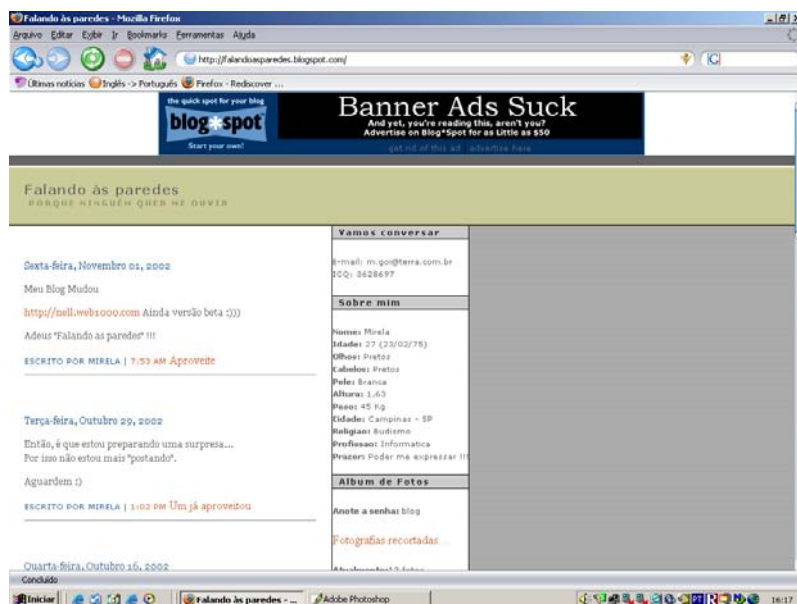


FIGURA 14: *Falando às paredes: porque ninguém quer me ouvir*

“*Falando às paredes: porque ninguém quer me ouvir*”¹³² é de autoria da escrevente Mirela, da cidade de Campinas (SP). Gostaríamos de destacar que a escolha do título satiriza a própria condição daquele que busca encontrar na internet um interlocutor atento às histórias pessoais. É sabido que um dos significados da expressão “falar às paredes” é, justamente, “falar sozinho”. O emprego da conjunção *porque* no subtítulo explicita as razões pelas quais o suposto interlocutor eleito é um ser inanimado: não haveria mais ninguém disposto a ouvi-la. Se da perspectiva dos estudos discursivos o enunciado sempre pressupõe a presença do outro para sua constituição na dimensão dialógica da linguagem, do ponto de vista da observação banal a participação do outro não é evidente. O título funciona, portanto, como apelo enunciado por aquele que está *sempre* à espera de uma resposta:

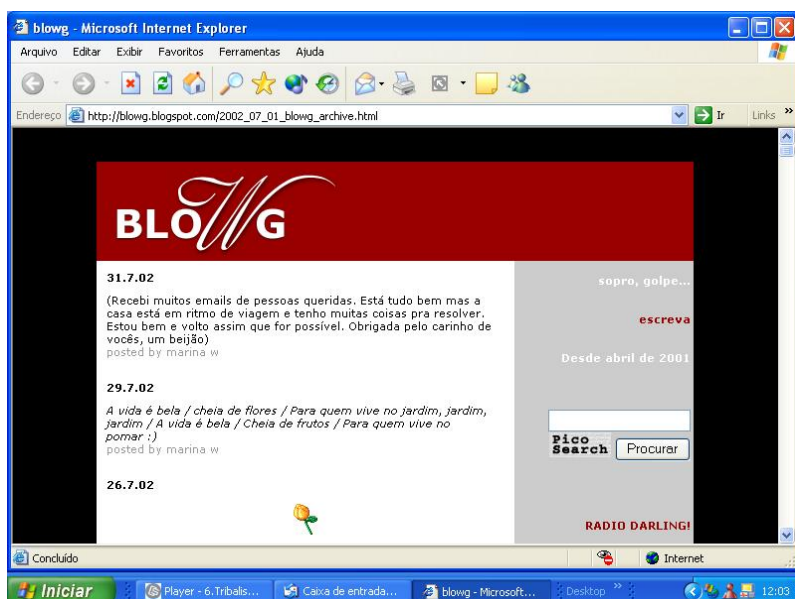
(b) [1] Pois é a Lê acabou de me falar para ter cuidado [2] pois as paredes tem ouvidos, [3] e o pior é que ela tem razão. [4] Muitas pessoas gostam de ficar escutando aquilo que não

¹³² Disponível em: <http://falandoasparedes.blogspot.com/>

está sendo dito para ela, [5] mas acho que nos blogs isso não tem muito problema, [6] o que queremos mesmo é ser ouvidos por todo mundo. [22.F, 05/06/02, 4:52 PM]

O texto (b) parece ser uma réplica da escrevente Mirela à advertência feita por Lê ([1]). Supomos, em [2], que esse interlocutor – que não é apresentado para o leitor desconhecido do *blog* – tenha retomado o dito popular sobre as pessoas que costumam ficar atentas às conversas alheias, atrás das portas (*as paredes têm ouvidos*). A escrevente concorda com a opinião do interlocutor em [3] e comenta a expressão popular em [4]. Em [5], porém, o uso da conjunção adversativa reverte à escrevente a “palavra final” sobre a escolha do título, já que a explicação para se ter um *blog* seria, justamente, *ser ouvido por todo mundo*. Um dos efeitos decorrentes de se ter um *blog* é, portanto, *ser vigiado* pelo outro que fica à espreita das histórias alheias. É a condição à qual o indivíduo *se sujeita* para ganhar a almejada visibilidade em meio ao isolamento ocasionado pelas relações sociais atuais.

Observamos ainda, no *blog* pessoal, que o destaque conferido à intimidade do escrevente não impede que temas mais gerais sejam comentados pelos escreventes nos *posts*. Vejamos mais um exemplo de *blog* pessoal e individual (*blog*¹) que compõe o material da pesquisa:

FIGURA 15 – *bloWg*

O *bloWg*¹³³ é assinado pela escrevente Marina. Trata-se do *blog* citado por Zuenir Ventura em seu artigo.¹³⁴ A escrevente faz anotações sobre seu cotidiano (o que permite a associação entre *blog* e diário íntimo) e escreve comentários sobre assuntos diversos, que constituem fonte de notícia para leitores da internet (o que, por sua vez, possibilita a associação entre *blog* e instituição do jornal, como indicado nos enunciados [4], [5] e [10] do texto do *Blogger*). Entre as confissões sobre o dia a dia da escrevente, encontramos também os seguintes *posts*:

(c) Luiz XIV, rei da França, contava com 11 mil empregados para cuidar dos jardins de Versalhes. [7.F, 05/07/02]

(d) [1] Quero ver a Manuela se livrar do Thyrsos, depois que ela sair da casa. [2] Vai ter que mudar de país. [3] Hohoho. [7.F, 15/07/02]

(e) [1] O diretor do Sesc de Nova Iguaçu contou que aos domingos, os pais da região dão um real para suas crianças passarem o dia lá, jogando bola e brincando na piscina. [2] O

¹³³ Disponível em: <http://blowg.blogspot.com/>

¹³⁴ Ventura, 2002a (*on-line*).

Sesc sempre precisa disponibilizar uma ambulância, que fica parada na porta, por que é sempre inevitável que os meninos acabem desmaiando de fome.

[3] Existe algum político **realmente** interessado em acabar com a fome das nossas crianças?

[4] Sinceramente não sei responder. [5] Mas sei que é nesse que a gente precisa votar, [5'] por que não existe nada mais urgente do que isso. [7.F, 26/07/02 (grifo no original)]

É importante ressaltar que essa seleção de *posts* está condicionada à escolha do pesquisador que, nesse caso, busca destacar tanto a diversidade dos assuntos que podem ser abordados em um *blog* pessoal¹³⁵ quanto seu funcionamento discursivo. Explicitamos, em primeiro lugar, que esses textos foram postados com outros textos enviados para o sistema da rede no decorrer da atividade diária da escrevente. Marina costumava atualizar o *blog* com frequência ao longo do dia, com a inserção de textos curtos alternados com textos longos e fotos. O texto (c), por exemplo, foi postado em meio a outros 7 (sete) textos verbais e um texto não verbal (uma foto), no dia 05/07/02. Já o texto (e), mais longo, foi o único *post* do dia 26/07/02. Interessa-nos fazer essa observação para que o leitor não conhecedor de *blogs* não venha a pensar que os textos indicados são sempre desacompanhados de outros. Vejamos mais atentamente o funcionamento dos enunciados no nível discursivo. Em (c), tem-se aparentemente a informação “pura e simples” sobre uma curiosidade histórica a respeito das despesas do rei Luís XIV. A informação pode ter sido obtida em enciclopédias impressas, mas é provável que a escrevente tenha-na encontrado em alguma de suas leituras eletrônicas na internet. Por meio dos dispositivos de *copiar e colar* do computador, o texto pode ter sido inserido como *post* do *blog*. O *efeito de sentido* decorrente do texto (c) poderia ser definido com o estranhamento do leitor que se

¹³⁵ Schittine (2004) considera que o *bloWg* de Marina é voltado para um público segmentado, o dos cinéfilos. De fato, a escrevente costuma inserir *posts* com fotos de cenas de filmes, de atores e atrizes, seguidos de comentários pessoais (Schittine, 2004: 208). Na tipologia estabelecida para esta pesquisa, porém, esse *blog* foi classificado como pessoal, por considerarmos que há predominância de *tom confessional* na escrita dos textos.

defronta com o “desatino” – assim considerado sob condições históricas distintas – de ter 11 mil empregados para a manutenção de um jardim. Interessa-nos, porém, a investigação dos *efeitos de poder* constitutivos de enunciados como esses, freqüentes na prática dos *blogs*. Do ponto de vista dos estudos discursivos, trata-se do funcionamento do *comentário* foucaultiano, no sentido especificado anteriormente, que visa à repetição do já-dito e ao estabelecimento do *lugar-comum*. O sujeito usuário de dispositivos como o hipertexto, a internet e o *blog*, *positiva* as supostas ações de liberdade de expressão para (quase) nada dizer a respeito do *novo*, sujeitando-se à circunstância da repetição. É preciso falar de si ou de qualquer assunto (mesmo que seja sobre as despesas do rei Sol no jardim de Versalhes), pois é assim que o poder funciona e circula tanto entre sujeitos que objetivam a visibilidade no espaço digital quanto entre instituições interessadas no acesso às informações pessoais desses sujeitos. Não se trata de vincular o poder à censura: pode-se (*deve-se*) falar de tudo (*de qualquer* assunto); o falar repetido nos *blogs* constitui-se, dessa maneira, num *modo de interdição* no discurso.

No texto (d), observamos que o comentário recai sobre o relacionamento do então casal Manuela e Thyrsó, participantes do programa *Big Brother Brasil*. A vida íntima dos “ilustres desconhecidos” da televisão era (ainda é) assunto de interesse dos blogueiros ([1]). O comportamento de Thyrsó era registrado pelas câmeras de vídeo instaladas na casa; editado para retransmissão em rede nacional e devidamente *comentado* a partir do *posicionamento* assumido pela *mulher moderna e livre*, que condena os delírios persecutórios de homens desequilibrados. A solução apresentada pela escrevente é a mudança de território geográfico ([2]). O divertimento provocado pelo assunto (e/ou pela sugestão) é explicitado no uso das *risadinhas* em [3]. Importa-nos destacar o caráter de *leveza* que é impresso aos enunciados dos *blogs*, com a escolha de temas gerais que buscam

atrair o leitor desconhecido e, ao mesmo tempo, preencher o espaço de um *dizer possível*. Mesmo quando o tema do *post* é “sério”, como em (e), o que se observa é o funcionamento do *comentário* foucaultiano, no sentido já definido. De fato, observamos em (e) o que Schittine (2004) chamaria de *crônica* no *blog*. Os enunciados [1] e [2] explicitam o chamado factual da notícia, “meninos pobres não têm mais do que um real para se alimentar ao longo de um dia de lazer, por esse motivo, desmaiam de fome”. O *comentário pessoal* da escrevente é explicitado a partir de [3], com a interrogativa indignada – marcada no advérbio “realmente” em negrito – a respeito da atuação dos políticos sobre a questão da fome das crianças no país. O uso do advérbio é contraponto para o enunciado [4]; *na verdade*, a escrevente não sabe responder se existe interesse de qualquer político nesse assunto. A única certeza é de que, supondo que esse político exista, é nele que a população precisa votar ([5]). O enunciado [5'] é ambíguo: o uso do pronome demonstrativo “isso” não permite precisar se a urgência se refere ao fim do problema da fome ou à necessidade do *voto consciente* como dispositivo de ação social. Seja qual for o foco, importa analisar que o modo de enunciação dos escreventes dos *blogs* é constituído na dimensão dialógica (sócio-histórica) da linguagem, o que implica dizer que a produção dos enunciados está condicionada ao sistema político de dominação, característico do poder disciplinar. Em termos de Brasil, trata-se da reiteração do *comentário* sobre a importância do sufrágio como instrumento de ação social; sobre a situação de miséria das crianças no país; sobre a inexistência de homens políticos capazes de pôr fim aos problemas sociais. O cidadão brasileiro vê sua parcela de responsabilidade pública no voto atribuído ao político, mas não consegue (não pode?) visualizar que as situações sociais vivenciadas são parte da trama complexa da qual participa a sociedade como um todo. Como um dos efeitos do poder que

passa pelas mãos de todos, tem-se, então, a emergência dos enunciados dos *blogs* que reproduzem nos comentários sobre o cotidiano o que já é sabido há muito.

Vejamos, agora, a definição de um segundo tipo de *blog*. O ***blog* profissional** (Tipo₂) versa sobre temas públicos comentados do ponto de vista de uma subjetividade assumida e trabalhada no texto de maneira profissional, como em um trabalho desenvolvido pelo(s) escrevente(s) em seu expediente na internet. Assim classificamos os textos que se propõem a emitir opiniões e comentários sobre os mais diversos assuntos, ou a trabalhar um mesmo e único tema, de modo profissional, a exemplo dos escreventes que aspiram à carreira como colunistas de jornal ou escritores literários, por exemplo. Na tipologia de *blog profissional*, classificamos 4 (quatro) dos *blogs* estudados.

Às vezes, há coincidência entre profissão do escrevente e tema que ele se dispõe a comentar, como nos *blogs* de jornalistas, publicitários, *designers* gráficos, engenheiros, entre outros. O exemplo que se segue foi por nós classificado como *blog* profissional e individual (*blog*¹):

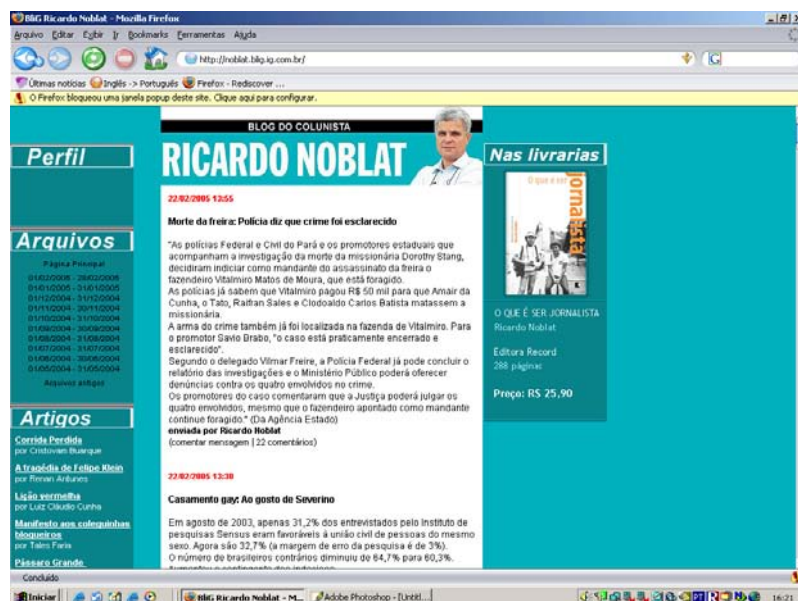


FIGURA 16 – *Blog do colunista Ricardo Noblat*

Trata-se do *blog*¹³⁶ de Ricardo Noblat, colunista do jornal carioca *O Dia*. O *site* discute principalmente assuntos relacionados ao cenário da política nacional, com a inserção de *comentários pessoais* do jornalista sobre o fato noticioso:

(f) [1] Os ruralistas têm sua bancada de deputados na Câmara. [2] Os evangélicos também. [3] Por que os gays não elegem seus representantes? [3'] Para batalhar por uma série de leis que lhes interessam? [4] Ontem foi dia de passeatas gays em diversas capitais do país. [4'] E elas reuniram milhares de pessoas. [4''] Só no Rio foram mais de 250 mil. [Ricardo Noblat, 28/06/04, 11:54]

Em (f), observamos o comentário sobre a ausência de representatividade política dos homossexuais na Câmara dos Deputados. O fato noticioso que deu origem à reflexão do jornalista foram as passeatas de gays no país ([4]), com a participação maciça da população ([4'], [4'']). O jornalista se fundamenta no *lugar da quantidade* para conferir legitimidade à causa homossexual. Na verdade, o *post* é iniciado com a pressuposição de que a existência da representatividade política de outros setores, como o dos ruralistas ([1]) e o dos evangélicos ([2]), é argumento para que o setor dos homossexuais eleja seus representantes na Câmara ([3], [3']). O que o jornalista não faz – e isso seria desejável no espaço público dos *blogs* – é procurar aventar uma possível resposta à indagação lançada em [3].

Os *blogs* profissionais são considerados pelos profissionais da comunicação como uma oportunidade de trabalhar os detalhes de determinado fato, com informações e *opiniões pessoais* que não caberiam à pretensa objetividade do texto jornalístico, ou ao interesse das instituições e do mercado. A coincidência entre profissão e tema trabalhado no *blog* não é, no entanto, regra para esta definição da tipologia. O *Blog do Daniel*,¹³⁷

¹³⁶ Disponível em: <http://noblat.blog.ig.com.br/>

¹³⁷ Disponível em: <http://daniel.weblogger.com/>

pertencente ao conjunto de textos da pesquisa, é o passatempo de um advogado aspirante à carreira de colunista (social) da internet:

(g) [1] Blogs show e que são demais.

[2] → Meu... Só você mesmo, Rubens! ;

[3] → Crazy Town ;

[4] → Forcitas do Destino ;

[5] → Lissa, Am I Star and Ya ? ;

[6] → Era uma casa muito engraçada... ;

[7] → Casa da Bruxa ;

[8] → Black Illusion ;

[9] → Give me One Good Reason ;

[10] → Brown Eyed Girl ;

[11] → Esperança ;

[12] → Blog da Zoinha ;

[13] → Blog da Bia ;

[14] → Aninha's Blog ;

[15] → DreamDust ; e

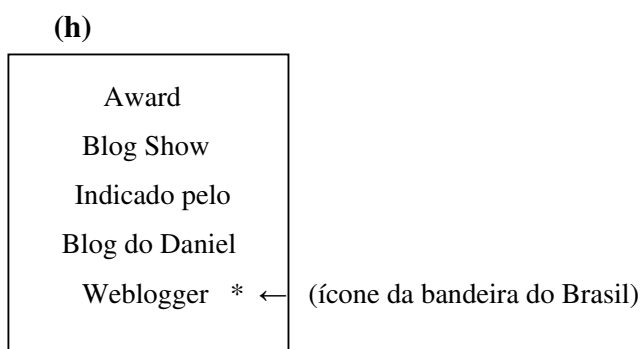
[16] → Blog da Florzinha .

[17] Todos os blogs aqui citados merecem ser vistos. Mais uma vez agradeço os comentários deixados aqui e em outros posts. Fui... [5.M, 20/07/02, 13:33:39 (grifos no original)]

O *Blog do Daniel*, assim como outros dois *blogs* que compõem o material da pesquisa,¹³⁸ são consagrados a listar, a comentar e a opinar sobre outros *blogs* que circulam

¹³⁸ Trata-se dos *blogs Jackie Miller conta* (27.F) e *Jack Mula* (26.M), que se dedicam a fazer comentários sobre os *posts* e os próprios escreventes de *blogs*, à semelhança do *conteúdo temático*, da *construção composicional* e do *estilo* do gênero *colunismo social*. O primeiro deles foi também discutido por Schittine (2004: 177 e ss.). Interessa-nos observar, com Schittine, que a concepção de uma profissão de colunista de *blogs* desperta a percepção (e a vaidade) dos blogueiros a respeito de sua atividade de escrita. Enquanto Jackie Miller comentava os *blogs* em rede e as atividades de seus escreventes – “Eduardo Foresti recrutando interessados em fazer estágio em web design” (27.F, 13/09/01, 11:23 PM); “A charmosa Marina W dando um tempo no Costão do Santinho. Só para vips” (27.F, 25/08/01, 2:30 PM) – de maneira elogiosa ou sarcástica, Jack Mula se importava em ser o *simulacro* (Maingueneau, 1984) de Jackie Miller. Os *posts* de Jack Mula eram sempre comentários sarcásticos a respeito da (in)utilidade dos *blogs* e dos blogueiros: “Marcelo Glacial demonstra todo o seu amor por sua namorada (que escreve ‘Feliz’ com ‘s’ no final) nessa sessão de fotos com os dois. Aconselho ter um saco de vômito por perto antes de vê-las, principalmente a das línguas” (26.M, 31/12/01, 15:24); “Lia Caldas só sabe falar da tintura do seu cabelo e de como sua vida é corrida por causa

na rede; esse é o “trabalho profissional” ao qual se dedicam esses escreventes. Em (f), observamos a formação de uma lista ([2] a [16]) de “blogs show e que são demais” ([1]). A expressão “Blog Show” aparece em outros momentos do texto, como marca que o escrevente busca imprimir a si próprio. O sublinhado no texto original indica que os enunciados assim marcados como *links* seriam prontamente acessados mediante um *clique de mouse*, caso estivessem em um computador ligado à rede. As listas no *Blog do Daniel* têm duplo funcionamento: de um lado, elas possibilitam que os *blogs* selecionados se tornem acessíveis (visíveis) ao leitor; de outro, os *blogs* listados são “convidados” a adicionarem um *link* direcionado ao *site* de Daniel, através da inserção de um “selo de qualidade” com as seguintes características verbais:



Talvez seja esse o motivo pelo qual todos os *blogs* listados mereçam ser vistos (texto (g), enunciado [17]): para que permitam *fazer ver* o *blog* do escrevente. De nosso ponto de vista, a formação de listas com *links* é importante dispositivo que impulsiona o *modo de circulação* dos escreventes na internet. Trata-se de uma negociação dócil e gentil

dos seus importantíssimos projetos e seu trabalho em uma revista de pitboys sem neurônio. Pois é, Lia, só a sua vida é corrida, o resto de nós é um bando de desocupados que adora ler qual tintura você vai passar no cabelo essa semana” (26.M, 27/11/01, 22:45). Para o que nos interessa, *blogs* especializados em columnismo social se configuram como dispositivos para a circulação e a visibilidade dos sujeitos na internet, ao mesmo tempo em que expõem, de maneira privilegiada, a figura de quem os comenta/critica.

que visa a favorecer todos os escreventes envolvidos. O destaque, porém, é conferido ao autor da tática do selo. O escrevente aposta na vaidade daqueles que serão beneficiados com o selo “Blog Show”. Na sociedade que valoriza a escrita como processo de legitimação do poder, nada pode ser mais adequado do que um “certificado de qualidade” (emitido por um advogado!). A criação do selo produz o efeito de um *lugar de visibilidade* no espaço de interação dos *blogs* e ainda indicia que o sujeito autor leva às últimas conseqüências a construção da imagem de um profissional especializado em *blogs*. Esse escrevente negocia no *blog* uma imagem pessoal legitimadora, autorizada a distribuir certificados aos demais usuários. A legitimidade de seu nome-marca é reforçada pela co-assinatura da instituição que produz *blogs*, o *Weblogger Brasil* (última linha do texto (h)).

Observamos ainda que a ênfase no lado profissional não impede que informações da esfera íntima sejam compartilhadas com os leitores. Na página inicial do *blog* de Daniel, encontramos um *link* para seu perfil, com informações sobre seu estado civil; nome da esposa e dos filhos, com os respectivos apelidos; data de nascimento; altura; peso; cor dos olhos e da pele; signo; *hobbies*; filmes, músicas e CDs prediletos; *e-mail* para contato. De nossa perspectiva, é imprescindível que o escrevente de *blog* assim o faça, porque a exposição de aspectos da esfera íntima é um dos procedimentos para a atribuição de credibilidade à imagem de si na sociedade.¹³⁹

Apresentamos, por fim, a definição de ***blog pessoal e profissional*** (Tipo₃), que associa *posts* de conteúdo pessoal, a respeito dos acontecimentos vividos pelo(s)

¹³⁹ Schittine (2004) relata em sua obra que as entrevistas com blogueiros foram mais bem conduzidas a partir do momento em que ela se prontificou a partilhar aspectos de sua vida pessoal com os escreventes. A autora afirma ter se sentido constrangida a transcrever alguns trechos de anotações pessoais para adquirir a confiança dos entrevistados (Schittine, 2004: 205-206).

escrevente(s) às notas informativas, devidamente comentadas por ele(s). Nessa tipologia, classificamos 4 (quatro) dos *blogs* estudados.

Um dos exemplos desse tipo de *blog* pessoal e profissional, individual (*blog*¹), é o *Catarro verde*,¹⁴⁰ de autoria de Sérgio Faria:



FIGURA 17 – *Catarro verde*

O autor do *Catarro verde* tornou-se célebre no universo blogueiro porque teria “furado”¹⁴¹ a imprensa tradicional ao ter denunciado o plágio feito pelo então senador Antônio Carlos Magalhães, por ocasião de seu discurso de renúncia ao Senado, em maio de 2001. O discurso seria cópia do discurso de Afonso Arinos de Melo Franco, pronunciado em 1954.¹⁴² Interessa-nos questionar o funcionamento desse tipo de *blog* que mistura

¹⁴⁰ Disponível em: <http://catarro.blogspot.com/>

¹⁴¹ *Furar* (a concorrência) é jargão utilizado em jornalismo para designar o fato de que determinada instituição obteve e noticiou um acontecimento importante antes que a(s) outra(s).

¹⁴² Oliveira, 2003: 150; Schittine, 2004: 161. De acordo com Schittine, descobriu-se, posteriormente, que o “furo” não havia sido dado pelo blogueiro, mas por um profissional da comunicação (Schittine, 2004: 162). *Catarro verde* manteve-se, porém, como um dos *blogs* mais mencionados por outros *blogs*. A respeito da *perseguição do furo* pelos jornalistas, gostaríamos de mencionar o que diz Bourdieu (1997): “Para ser o primeiro a ver e a fazer ver alguma coisa, está-se disposto a quase tudo, e como se copia mutuamente visando a deixar os outros para trás, a fazer antes dos outros, ou a fazer diferente dos outros, acaba-se por fazerem

questões íntimas às notas informativas. No período em que acompanhamos os escritos de Sérgio Faria, era freqüente a divulgação de *dicas de serviços*, com os devidos *comentários pessoais* do autor:

(i) *** [1] Tô avisando com 5 dias de antecedência: [2] dia 20, sábado, 19h, [3] o Nei Lopes [4] canta degrátis [5] na Fnac de São Paulo, [6] lançando um CD que ele gravou com figuras do primeiro time do samba carioca: Zeca Pagodinho, Dona Ivone Lara, Guinga e [6'] uns desconhecidos como Chico Buarque, MPB4, João Bosco, Joyce, por aí. [7] Gostas de chope? [7'] Estique até o Pirajá depois do show, [7''] que o Nei certamente vai prá lá. [8] E onde o Nei está as coisas acontecem. [8.M, 15/01/01, 2:43 AM]

(j) *** [1] Dica de rango vagabundo e honesto. [2] Boteco Meu Rico Português, na Teodoro Sampaio, 1274, esquina da Francisco Leitão, à esquerda de quem vai de carro, em Pinheiros, São Paulo. [3] Almoço no balcão por R\$ 3,50. [4] Carne de panela, arroz, feijão, salada e cafezinho. [5] Não é tão variado quanto o rango que você, contribuinte, paga pro juiz Lalau comer na cadeia e ele joga fora, mas é feito no capricho e tem sabor. [6] Sim, ainda existe sabor, essa qualidade antiga que alguns chefs conseguiram eliminar da culinária. [8.M, 01/02/01, 2:50 AM]

(k) *** [1] Dica de filme: Pão e Tulipas. [2] O kitsch levado às últimas conseqüências, [2'] onde nem Almodóvar conseguiu chegar. [3] Em São Paulo, prefira o Cinearte 1, do Conjunto Nacional. [4] O cheiro de cinema, mezzo mofo, mezzo pipoca, combina extraordinariamente bem com o filme. [8.M, 25/01/01, 11:20 AM]

Esse tipo de nota informativa criada pelo autor do *blog* vem precedido de três asteriscos, como reproduzidos nos textos (i), (j) e (k). O uso dos asteriscos tem valor distintivo para esse tipo de *post* no *blog*; sinaliza que se trata de uma *dica de serviço* para o leitor, e não de um comentário sobre a vida pessoal e outros acontecimentos. De maneira

todos a mesma coisa, e a busca da exclusividade, que, em outros campos, produz a originalidade, a singularidade, resulta aqui na uniformização e na banalização” (Bourdieu, 1997: 26-27). Acreditamos que a busca do furo pelos blogueiros que se dizem jornalistas tem as mesmas características identificadas por Bourdieu para os profissionais da imprensa. Almeja-se antes a visibilidade (e a fama) do que a prestação de serviços à população (supondo que uma matéria jornalística feita às pressas possa prestar algum tipo de serviço público).

geral, o texto (i) pode ser associado ao lide jornalístico. O lide é a abertura da matéria, que deve responder às questões consideradas fundamentais para o texto noticioso: *o que, quem, quando, onde, como e por que*. Em (i), o escrevente não deixa de seguir o procedimento padrão do *quem* ([3]); *o que* ([4]); *quando* ([2]); *onde* ([5]), *como* ([6'], [6'']) e *por que* ([6]); a distinção em relação ao texto jornalístico é que o escrevente o faz com a informalidade registrada na modalidade escrita. Já em [1], o escrevente estabelece interlocução explícita com o leitor. O procedimento é comumente reprovado no gênero jornalístico. Em [1], há o uso da locução verbal formada pelo uso do verbo auxiliar *estar*, conjugado na 1ª pessoa do singular e registrado sob a forma “tô” + a forma nominal do gerúndio do verbo *avisar*. De uma perspectiva semântico-pragmática, a locução denota advertência feita a amigos, com o pressuposto de que a réplica do próprio escrevente aos interlocutores que não forem ao *show* seria “depois não digam que eu não os avisei com antecedência”. A interlocução com o “amigo leitor” é estabelecida ao longo do texto, em [7] e [7']. Em [4], há ocorrência do neologismo “degrátis”, utilizado na modalidade oral e decorrente, provavelmente, da “interlocução” entre a locução adverbial “de graça” e o advérbio “grátis”. O registro produz o efeito de comicidade, o mesmo que o escrevente procura produzir em [6''] quando se refere a grande nomes da Música Popular Brasileira como “uns desconhecidos”. A informalidade do texto noticioso do blogueiro pode ser reconhecida ainda no uso da locução “por aí” em [6''] e no uso do artigo definido masculino para a designação do nome do cantor ([3]; [7''], [8]), como se ele fosse um velho conhecido do escrevente.

Os textos (j) e (k) têm valor de subversão do texto que caracterizaria a nota jornalística. Em (j), o escrevente retoma alguns dos termos componentes do lide – *o que* ([1], [4]), *quem* ([2]), *onde* ([3]) e *como* ([3]) – para, a partir deles, tecer comentários

irônicos sobre o sistema judiciário no país ([5]) e sobre os procedimentos adotados na “arte” culinária atual ([6]). Em (k), verificamos somente a presença dos componentes *o que* ([1]) e *onde* ([3]). O uso do substantivo *dica* em [1] produz ambigüidade: de um lado, pode-se dizer que se trata, de fato, da indicação do filme, feita por um admirador do gênero *kitsch*; de outro, pode-se pensar na produção de efeito de sentido contrário ao explicitado: trata-se de uma contra-indicação do filme que o autor do *blog* teria detestado, como observado na crítica ao estilo do filme ([2]) e na descrição do ambiente, comparados à qualidade do filme ([4]).

Gostaríamos de destacar que o *blog* de Sérgio Faria constrói, com sucesso, uma *cenografia* fundada na escatologia, que se mantém ao longo da edição dos *posts*. A referência às excreções corporais explicitadas já na escolha do título do *blog*, longe de produzir aversão, nojo ou repugnância, produz como efeitos de sentido a bizarria e a excentricidade, que, por sua vez, expressariam o *caráter pessoal* e a *singularidade* de um sujeito que busca ser (*deve ser*) *extra-ordinário* para ser visto pelo(s) outro(s) na sociedade.

Outro exemplo de *blog* pessoal e profissional, individual (*blog*¹), é o *Let's blogar*,¹⁴³ do escrevente Danilo:

¹⁴³ Disponível em: <http://www.letsvamos.com/letsblogar/>

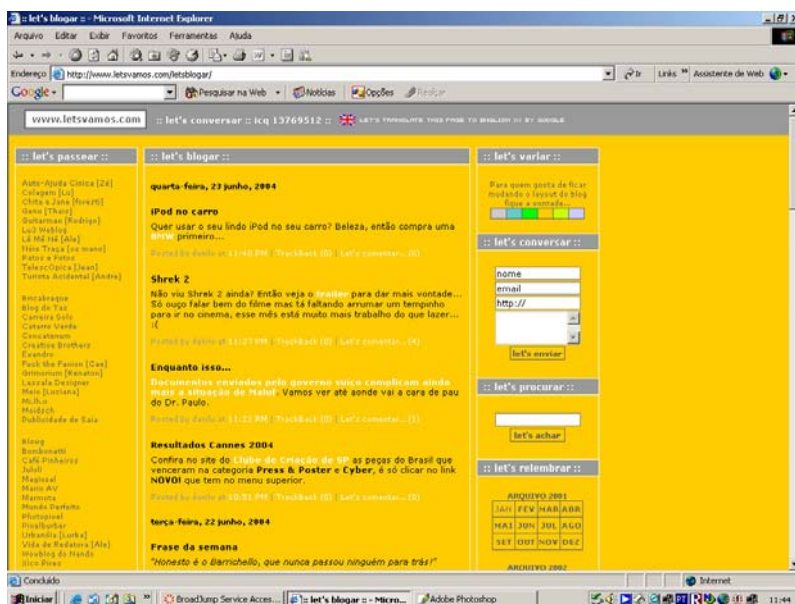


FIGURA 18 : Let's blogar

O escrevente intercala dicas de *sites* de seu interesse (sobre *design* gráfico, publicidade, serviços de internet, entre outros assuntos), comentários sobre *blogs* e observações sobre acontecimentos cotidianos. Ao contrário da cenografia construída por Delirium em *Querido Diário*, nesse *blog* a imagem do co-enunciador é colocada em evidência o tempo todo, desde o primeiro *post* lançado na rede, em fevereiro de 2001:

(I) [1] Muito bem vindo ao meu blog, este é um teste de inauguração. [2] Vamos ver se isso vai dar certo, [3] chega de enrolar... [28.M, 19/02/01, 7:46 PM]

O enunciado [1] marca a presença explícita da imagem do leitor (visitante) no espaço de interação, ao mesmo tempo em que projeta a imagem do escrevente educado que saúda os leitores no dia de estréia. Em [2], o verbo *ir*, utilizado como auxiliar seguido do infinitivo *ver*, tem valor de convite e indicia a expectativa do escrevente em relação ao projeto do *blog*, que deve ter sido postergado por algum tempo, como pressuposto em [3]. A convocação da participação do outro é realizada nesse *blog* de diversas maneiras, seja pelo sistema de comentários ou de *e-mail*, disponível para envio de mensagens particulares.

Mas é a construção da cenografia que gostaríamos ainda de ressaltar. Todos os tópicos dessa página *web* aparecem como convocação à participação do outro, com o uso da fórmula “*Let’s X*”, em que X é a ação designada (sugerida) para o leitor. É sabido que a tradução de *Let’s* em português é *Vamos*, forma do modo imperativo afirmativo do verbo *ir*, com valor de convite. O escrevente “convida” o leitor a circular por seu *blog*, na construção de um espaço em que o outro está sempre presente, qualquer que seja a ação proposta, já que *Vamos* designa a primeira pessoa do plural, *Vamos nós* (*eu + tu*). Esquemáticamente, tem-se o seguinte deslocamento no eixo paradigmático do enunciado:

(m) *Let’s X*



Let’s blogar (título da seção do *blog* em que os *posts* são publicados)

Let’s passar (título da seção com *links* para *blogs* e outros assuntos do interesse do escrevente)

Let’s variar (título do sistema que permite variar a cor do *layout* do *blog*, a partir de uma palheta com seis cores)

Let’s conversar / let’s enviar (título da seção para envio de mensagens para o escrevente)

Let’s guardar (título do *bookmark* do escrevente, no qual é possível recuperar quase todos os endereços eletrônicos por ele já postados)

Let’s relembrar (título da seção dos arquivos antigos do *blog*, postados em rede)

Let’s procurar / Let’s achar (título do sistema de buscador de informações na internet)

Let’s zapear (título do sistema de buscador de *blogs* na internet)

Let’s imaginar (seção que indica a imagem de boneco virtual que representaria o escrevente)

Let’s contar (título da seção com o contador que indica o número de visitantes da página)

Acreditamos que *Let’s blogar* seja modelo de *blog*, tendo em vista a necessidade de participação do outro para o acabamento do texto. O leitor se vê solicitado a interagir na atividade verbal, mediante o envio de comentários e de *e-mails* ao escrevente. Importa

ressaltar que a finalidade reconhecida do *blog* é a possibilidade de *resposta* do outro, mas o funcionamento do texto é marcado pelo *fazer ver e ser visto* que caracteriza o modo de enunciação dos sujeitos.

A atividade verbal dos *blogs* coloca em evidência a fragilidade das fronteiras entre o público e o privado, na constituição da subjetividade e da alteridade na e pela linguagem. Talvez seja esta a explicação para nossa dificuldade em classificar os *blogs* segundo determinada tipologia. Possivelmente, os escreventes dos *blogs* que compõem o conjunto de textos da pesquisa teriam classificado de maneira diversa sua produção textual. Sinalizamos, aqui, a possibilidade de desenvolvimento de outro trabalho, fundamentado na problematização de respostas dadas por escreventes de *blogs* ao pesquisador que tenha formulado questionário sobre essa prática de escrita.¹⁴⁴ O que nos interessa no estabelecimento de uma tipologia é a distinção de uma cenografia relativamente estável, para a problematização do gênero de discurso dos *blogs*. A ênfase na discussão de temas públicos ou na exposição da intimidade ou, ainda, em ambos, tem valor na medida em que constitui modos de enunciação de um sujeito que está sempre a comentar fatos, notícias, acontecimentos vividos, em um jogo enunciativo que privilegia a publicização de si e a intimidade construída no *aqui/agora* facultado pelo suporte material.

¹⁴⁴ No domínio da Comunicação, Schittine (2004) realizou uma série de entrevistas com escreventes de *blogs* para o desenvolvimento de sua reflexão. Segundo a autora, o recurso às entrevistas foi relevante “para entender o pensamento e a produção desses diários” (Schittine, 2004: 199). Acreditamos que dadas as hipóteses iniciais de determinado trabalho, o recurso às entrevistas é necessário e não apenas interessante. Neste trabalho, optamos pelo estudo da produção escrita dos sujeitos, sem levar em consideração a reflexão do escrevente sobre a (sua) atividade.

Classificação do conjunto de *blogs* da pesquisa

A partir do estabelecimento de uma tipologia, classificamos o conjunto de *blogs* que compõem o material da pesquisa. O quadro de classificação encontra-se no final deste trabalho.¹⁴⁵ Além das marcações referentes ao título do *blog*, ao gênero do escrevente, ao número de enunciadores, ao tipo de *blog*, informamos também o período da coleta de cada um dos *blogs* pesquisados e sua situação na internet até junho de 2004: no ar / fora do ar; atualizado / não atualizado. Foram considerados atualizados os *blogs* que apresentavam *posts* com data de maio de 2004, um mês antes do término da atualização dessas informações.

No Capítulo 3, discutimos características lingüístico-discursivas dos *blogs*, a partir da assunção da noção bakhtiniana de *gêneros do discurso* e da investigação das *relações intergenéricas* constitutivas do gênero do discurso *blog*.

¹⁴⁵ Anexo, p.265.

Capítulo 3

O gênero do discurso *blog* e suas práticas lingüístico-discursivas

*Gêneros do discurso e a ação do sujeito na linguagem*¹⁴⁶

O conceito de *gêneros do discurso* proposto por Bakhtin (1997c) coloca em evidência o princípio dialógico que permeia sua reflexão sobre a linguagem. Trata-se de *enunciados* (orais e escritos) que são produzidos e compartilhados (de maneira concreta e única) como “*tipos relativamente estáveis*” em esferas da atividade humana. O *todo* do enunciado é composto de *conteúdo temático*, *construção composicional* e *estilo verbal*, marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. O critério essencial do enunciado, segundo Bakhtin, é seu *acabamento*, definido como a “*possibilidade de responder*”, ou “de adotar uma atitude responsiva para com ele”.¹⁴⁷ Há, pois, um espaço interacional entre o *eu* e o *outro* que deve ser reconhecido no estudo dos enunciados e dos gêneros do discurso.

Além do critério de acabamento, Bakhtin distingue duas outras particularidades do enunciado, também relacionadas ao princípio dialógico: a alternância dos sujeitos falantes e a relação que o enunciado estabelece com o próprio locutor e com os demais parceiros

¹⁴⁶ Uma versão desta parte do capítulo foi submetida à apreciação para publicação nos Anais do 5º Encontro do CELSUL (Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul), evento realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis – SC) em novembro de 2004. Agradecemos à Profª. Drª. Maria Bernadete Marques Abaurre (coordenadora da sessão), à Profª. Drª. Raquel Salek Fiad e ao Prof. Dr. Sandoval Nonato Gomes-Santos pela oportunidade de discussão na sessão de comunicação coordenada “Gêneros de discurso, estilo e autoria: o sujeito e a atividade da escrita”.

¹⁴⁷ Bakhtin, 1997c: 299.

implicados na comunicação verbal. O enunciado (e o tipo a que pertence, isto é, o gênero do discurso) implica a *atitude responsiva do outro* para ser completo. Seu índice *substancial* (ou *constitutivo*) é mesmo “o fato de *dirigir-se* a alguém, de estar voltado *para o destinatário*”:

Diferentemente das unidades significantes da língua – palavras e orações – que são de ordem impessoal, não pertencem a ninguém e não se dirigem a ninguém, o enunciado tem autor [...] e destinatário. Este destinatário pode ser o parceiro e interlocutor direto do diálogo na vida cotidiana, pode ser o conjunto da comunicação cultural, pode ser o auditório diferenciado dos contemporâneos, dos partidários, dos adversários e inimigos, dos subalternos, dos chefes, dos inferiores, dos superiores, dos próximos, dos estranhos; etc.; pode até ser, de modo absolutamente indeterminado, *o outro* não concretizado (é o caso de todas as espécies de enunciados monológicos de tipo emocional). Essas formas e concepções do destinatário se determinam pela área da atividade humana e da vida cotidiana a que se reporta um dado enunciado. A quem se dirige o enunciado? Como o locutor (ou o escritor) percebe e imagina seu destinatário? Qual é a força da influência deste sobre o enunciado? É disso que depende a composição, e sobretudo o estilo, do enunciado. Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero. [Bakhtin, 1997c: 320-321]

Os estudos de Bakhtin são fundamentais em nosso trabalho porque focalizam a importância do papel do outro na atividade humana e na concepção de subjetividade, salientam o caráter de extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e enfatizam o traço histórico constitutivo da própria linguagem, condição crucial para a disciplina da Análise do Discurso. Não há um “Adão bíblico” a quem se pode reportar a origem dos enunciados, já que todos esses trazem em si “ressonâncias longínquas” da alternância entre enunciadador e co-enunciador, e a *intertextualidade* constitutiva do discurso. Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades dos gêneros do discurso leva, segundo Bakhtin, “ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo

existente entre língua e vida”.¹⁴⁸ É mediante a instauração de um *já-dito* que o indivíduo se faz sujeito na linguagem, no vínculo indissociável entre língua e vida destacado por Bakhtin.

É preciso que explicitemos os usos que fazemos dos conceitos bakhtinianos. Acreditamos que seja necessário refinar determinados conceitos para uma problematização no nível lingüístico-discursivo, já que é sabido que a preocupação de Bakhtin estava voltada para as zonas limítrofes, nas fronteiras entre a lingüística, a filologia e a literatura, “em sua junção, em seu cruzamento”.¹⁴⁹ Todorov explicita, no prefácio à edição francesa traduzida para o português em *Estética da criação verbal* (1997), que se trata do trabalho de um Bakhtin fenomenólogo e talvez “existencialista”. Distinguimos, com Todorov, esse *lugar* de onde Bakhtin enuncia. A qualidade excepcional de Bakhtin, de interesse dos estudos lingüístico-discursivos, está em abordar uma obra não somente como “construção” ou “arquitetônica”, mas acima de tudo como “heterologia, pluralidade de vozes, reminiscência e antecipação dos discursos passados e futuros; cruzamento e ponto de encontros”.¹⁵⁰ É desse modo que, para Todorov, Bakhtin reencontra a transtextualidade, no sentido de seu pertencimento à história da cultura.

A perspectiva assumida por Bakhtin no estudo dos gêneros do discurso é fundamentalmente comunicacional. Bakhtin considera que o enunciado e a palavra do outro são “conscientemente percebidos e distinguidos em sua alteridade” e, assim, introduzidos de modo intencional no enunciado pelo locutor que fala ou escreve.¹⁵¹ No âmbito da criação estética, esse tipo de percepção da atividade do sujeito é passível de ser

¹⁴⁸ Bakhtin, 1997c: 282.

¹⁴⁹ Bakhtin, [1959-1961] 1997b: 329.

¹⁵⁰ Todorov, prefácio à Bakhtin, [1979] 1997: 18.

¹⁵¹ Bakhtin, 1997c: 317-318.

compreendida. Trata-se de uma *relação assimétrica*, em que o *eu* necessita do *excedente de visão* do *outro* para que sua vida seja dotada de sentido. É o princípio da *exotopia* do *autor* em relação ao *herói*.¹⁵² O *excedente de visão* é condicionado pelo lugar único que o sujeito ocupa no mundo, em um “instante preciso, num conjunto de dadas circunstâncias”.¹⁵³

A divisão realizada por Bakhtin entre gêneros *primário* (simples) e *secundário* (complexo) nos parece insuficiente para a caracterização dos gêneros em si e do âmbito de convivência com outros gêneros. Essa concepção pode levar a uma visão dicotômica entre fala e escrita, como se tem observado, com certa frequência, na vulgata que se faz da teoria bakhtiniana, com a consideração de que a fala (réplica do diálogo cotidiano, por exemplo) é “*simples*”, enquanto a escrita (romance, peças de teatro, discurso científico, discurso ideológico etc.) é “*complexa*”. Bakhtin considera que o romance em seu todo é um enunciado, da mesma maneira que a réplica do diálogo cotidiano ou a carta pessoal também o são; a diferença é que o romance é um “enunciado secundário (complexo)”.¹⁵⁴ Da perspectiva dos estudos lingüístico-discursivos, não é possível discriminar categorias para análise dos gêneros a partir da divisão em gêneros primários e secundários. O que é preciso distinguir a partir dessa divisão é a concepção – fundamental para os estudos da linguagem – de uma “inter-relação entre os gêneros primários e secundários, de um lado” e do

¹⁵² Bakhtin ([1920-1930] 1997a) define a noção de autor na tensão peculiar a uma *exotopia* (no espaço, no tempo, nos valores) que permite ao autor juntar “como um todo” a figura de sua personagem – o “herói”. Na análise das obras de autores como Dostoiévski e Puchkin, Bakhtin propõe a definição de uma “relação criadora” entre autor e herói a partir do estudo dos processos e tipos de individuação que podem ser extraídos dessa relação. Em trabalho anterior (Komesu, 2001), já citado, destacamos a relevância do conceito de *excedente de visão* bakhtiniano para a problematização da complexidade enunciativa instituída entre o escrevente, a projeção que ele faz de si e do leitor das páginas eletrônicas (*home pages*) pessoais da internet. O *excedente de visão*, condicionado pelo lugar (único) que o sujeito ocupa em relação ao outro e ao mundo, é o que permite ao autor “juntar *por inteiro*” o herói e sua vida, completando-o até torná-lo um “todo”.

¹⁵³ Bakhtin, 1997a: 43.

¹⁵⁴ Bakhtin, 1997c: 281.

“processo histórico de formação dos gêneros secundários do outro”.¹⁵⁵ Dito de outra maneira, Bakhtin propõe que o estudo do enunciado seja realizado a partir das *relações intergenéricas*¹⁵⁶ constitutivas dos gêneros do discurso. O autor analisa que o processo de formação dos gêneros secundários envolve a *absorção* e a *transmutação* dos gêneros primários. Esses últimos transformam-se no interior dos gêneros secundários para a constituição de um novo “todo do enunciado”.

A relação entre gêneros primários e secundários coloca em evidência, mais uma vez, o princípio dialógico da linguagem, constituída sócio-historicamente. A relação entre sujeito e linguagem somente pode acontecer no âmbito da *dinamicidade* e da *instabilidade* características do(s) discurso(s). Pode-se afirmar que a definição de gênero se encontra em um certo conjunto de relações intergenéricas “previstas”, mas variáveis dentro de certos padrões que devem ser descritos pelo pesquisador. A tentativa de definir um gênero por ele mesmo, desconsiderando a heterogeneidade de sua constituição, acabaria por conceber a linguagem como monólogo. Nosso objetivo é estudar a *ação* do sujeito na linguagem, em termos das relações sócio-históricas estabelecidas pelas práticas sociais.

Corrêa (2004b) parte também de uma concepção da linguagem como atividade dialógica para a discussão do conceito bakhtiniano de *relações intergenéricas*. Corrêa propõe a relação entre *dialogismo*, *relações intergenéricas* e *paradigma indiciário*¹⁵⁷ no

¹⁵⁵ Bakhtin, 1997c: 282.

¹⁵⁶ A questão das *relações intergenéricas* constitutivas dos gêneros do discurso foi tematizada, na análise de outro material, em nossa Dissertação de Mestrado (Komesu, 2001), a partir da sugestão do Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), a quem agradecemos.

¹⁵⁷ O *paradigma indiciário* é conceito formulado pelo italiano Carlo Ginzburg ([1986] 1989, entre outros trabalhos) no domínio dos estudos históricos. Ginzburg propõe um modelo epistemológico fundado em “resíduos”, “pistas”, “indícios”, “dados marginais” por ele considerados “reveladores” de traços individuais nos processos históricos. No domínio dos estudos lingüísticos, o *paradigma indiciário* tem sido discutido por Abaurre, Fiad & Mayrink-Sabinson (1997, 2003) e por Corrêa (1998, 2004a, 2004b) na análise de dados na escrita. Corrêa (1998) salienta a relevância das “pistas” no estudo do processo de singularização da escrita

estudo de fatos por ele denominados textual-discursivos. A partir de um conjunto de textos de respostas dissertativas do Provão 2001,¹⁵⁸ esse autor investiga, por meio da formulação da noção de “*ruínas* de gêneros discursivos”, a diversidade de saberes que o texto-base, atribuído a uma menina de 10 anos, e os textos de egressos do Curso de Letras mobilizam no processo de textualização. Corrêa propõe, portanto, a reflexão sobre os enunciados genéricos como “*ruínas* de gêneros discursivos” no sentido positivo que a expressão pode assumir, isto é, como “partes mais ou menos informes de gêneros discursivos, que, quando presentes em outro gênero, ganham o *estatuto de fontes históricas* – retrospectivas ou prospectivas – da constituição de uma fala ou de uma escrita”.¹⁵⁹ Assim vistas, as *ruínas* dos enunciados genéricos podem ser tomadas como *elementos fundadores de novos saberes*, já que esses seriam decorrentes do fato de que “*novas atividades humanas* não cessam de pôr, lado a lado, diferentes representações de tempos/espacos em novas composições genéricas.”¹⁶⁰ Para o autor, um dos efeitos mais diretos do reconhecimento das *ruínas* na produção textual é a possibilidade de novas perspectivas de leitura. É desse modo que procuraremos problematizar os enunciados dos *blogs* no âmbito dos gêneros do discurso: nas *descontinuidades* das relações de cruzamento e de pontos de encontro com outras práticas de escrita que privilegiam determinado modo de inscrição da intimidade.

A perspectiva que adotamos para a concepção do objeto de estudo é discursiva; não é conveniente, portanto, discutir as intenções do locutor em relação ao destinatário no ato da comunicação verbal. Interessa-nos problematizar os efeitos de poder resultantes dos

pela via da singularidade histórica que caracteriza o sujeito, em seu caráter, ao mesmo tempo, particular e geral.

¹⁵⁸ Trata-se de respostas à questão discursiva da área de Letras-Linguística do Exame Nacional de Cursos (ENC) 2001, realizado pelo Ministério da Educação.

¹⁵⁹ Corrêa, 2004b: 5 (grifos nossos).

¹⁶⁰ Corrêa, 2004b: 5.

enunciados genéricos produzidos sob condições históricas que privilegiam a exposição da intimidade no domínio público. Antes de iniciarmos a discussão a respeito das relações intergenéricas, parece-nos necessário explicitar a concepção de sujeito com a qual trabalhamos – a que *se inscreve* nos gêneros. Ainda que este capítulo não tenha como objetivo avaliar os *estilos individuais* dos sujeitos, consideramos que é por meio da *ação* dos sujeitos na linguagem, constituída na complexidade enunciativa fundada com o outro, que o gênero do discurso é materializado. É necessário distinguir que do ponto de vista dos estudos históricos, principalmente os de Michel Foucault, aqui analisados,¹⁶¹ não é possível afirmar que o sujeito tem margem de ação sobre o funcionamento dos discursos. Da perspectiva dos estudos foucaultianos, o indivíduo *é inscrito* no (é *sujeito* ao/do) discurso. De fato, a noção de sujeito em Foucault emerge em meio às redes de poder que constituem os sujeitos e as práticas sociais, como discutido no Capítulo 1. Biroli, em artigo citado (2005), retoma a noção de *comentário* de Foucault para tratar a questão do sujeito e do acontecimento na História. Segundo essa autora, “Foucault trata justamente das possibilidades de aparição do *novo em sua tensão e imbricação com aquilo que se preserva*”, isto é, as possibilidades de dizer dos sujeitos são indefinidas, “*desde que se diga aquilo que já havia sido dito*”.¹⁶² Para Biroli, em Foucault, “as rupturas e os deslocamentos se dão no nível das estruturas, e o sujeito se movimenta em meio a redes de poder/discurso que o constituem e atribuem ‘lugares’ para sua ação e seu dizer”.¹⁶³

¹⁶¹ Referimo-nos a Foucault, 1996, 1997, 1999a, 1999b, 2000, principalmente.

¹⁶² Biroli, 2005: 19.

¹⁶³ Biroli, 2005: 20-21.

Estamos de acordo com a dimensão radicalmente sócio-histórica que constitui a linguagem e as práticas discursivas dos sujeitos. Trata-se de discernir, com Foucault,¹⁶⁴ o caráter *raro e finito* dos enunciados de uma dada formação discursiva. É preciso refletir, porém, com Maingueneau (1984), que os estudos foucaultianos se atêm à análise da arquitetura dos enunciados, sem levar em consideração o fato de que sua apropriação é feita por enunciadores. Para Maingueneau, o sujeito pode produzir enunciados pertencentes a esse ou àquele discurso – ou a determinado gênero do discurso – com o domínio do *sistema de regras* que os torna possíveis, mediante *competência discursiva* que permitiria explicitar, ainda que não completamente, a articulação entre o discurso e a capacidade de os sujeitos interpretarem e produzirem enunciados dele decorrentes. Desse modo, os sistemas de competência seriam tão “raros” quanto os enunciados de uma formação discursiva, quando comparados à diversidade da superfície textual que eles autorizam. Segundo Maingueneau, o *conteúdo* – “isto é, as categorias semânticas consideradas através do sistema que as articula” – é historicamente determinado. Os sujeitos não “escolhem” livremente seus discursos; entretanto, para que o discurso seja enunciável, é preciso que o sujeito o faça. De acordo com o autor, ser *enunciador de um discurso* requer *competência interdiscursiva*, que pressupõe tanto a aptidão para o reconhecimento da incompatibilidade semântica de enunciados da(s) formação(ões) do espaço discursivo que constitui(em) o “Outro”, quanto a aptidão para a interpretação e a tradução desses enunciados nas categorias de seu próprio *sistema de restrições*.¹⁶⁵ “Sem isso, sob a aparência de não reintroduzir o Sujeito idealista, tende-se a uma concepção pouco satisfatória dos

¹⁶⁴ Foucault, 1997.

¹⁶⁵ Maingueneau, 1984: 53-54.

enunciadores discursivos, ceras moles que se deixariam ‘dominar’, ‘assujeitar’ por um discurso todo poderoso”.¹⁶⁶

A assunção da noção de *competência (inter)discursiva* do sujeito é de interesse deste trabalho porque leva em conta a apropriação dos discursos (e dos gêneros do discurso) por enunciadores, não de maneira livre, mas condicionada por relações de poder que atravessam as relações sociais. Além disso, a noção de competência inter(discursiva) focaliza de maneira privilegiada, segundo o próprio Maingueneau, a *heterogeneidade* constitutiva da linguagem:

Em primeiro lugar, porque ela [a competência discursiva] constitui um sistema interdiscursivo que supõe a presença constante do Outro no coração de cada discurso. Mas também porque, como se acaba de ver, ela nos dá os meios de atribuir um estatuto de pleno direito à heterogeneidade: entre os enunciadores que pertencem à mesma formação discursiva, entre os textos de um mesmo enunciator, e mesmo entre diversas partes de um mesmo texto. O fato de dispor desses sistemas de restrições permite justamente ler heterogeneidade lá onde só se percebia um imenso campo em que se embaralhavam em todos os sentidos o mesmo e o outro. [Maingueneau, 1984: 57-58]

O sujeito assim concebido não é totalmente livre para se expressar como quiser, tampouco é um sujeito plenamente assujeitado, incapaz de realizar *escolhas* nas diversas dimensões da linguagem. Propomos uma reflexão sobre a **ação do sujeito na linguagem**, fundada no estudo das condições históricas que possibilitam a emergência de práticas lingüístico-discursivas. A consideração de um caráter histórico implica modos de atuação preferenciais – socialmente compartilhados – sobre os (gêneros de) discursos. Ao sujeito cabe a possibilidade de *ação* na produção e interpretação dos enunciados referentes às diversas atividades humanas. Estamos de acordo com Maingueneau (1984) a respeito de

¹⁶⁶ Maingueneau, 1984: 50.

uma competência (inter)discursiva característica do(s) sujeito(s). Destacamos ainda as reflexões de Franchi (1977), de Possenti ([1988] 1993) e de Abaurre, Fiad & Mayrink-Sabinson (1997), a respeito da linguagem tomada como *atividade* do sujeito. Na definição de Franchi, a linguagem é *atividade constitutiva* dos sujeitos e de suas práticas. Esse autor retoma os estudos de Humboldt¹⁶⁷ para afirmar que a função primordial da linguagem não é a de transmitir ao outro as experiências individuais, mas a de “constitui-las”.¹⁶⁸ Dessa perspectiva, a linguagem é “trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo”.¹⁶⁹ Possenti (1993) fundamenta-se principalmente nos estudos filosóficos de Granger¹⁷⁰ para refletir sobre uma noção de subjetividade marcada pelo *trabalho com e sobre a linguagem*, na consideração de que o sujeito faz *escolhas* que sinalizam sua inserção no processo histórico-cultural. Para Possenti, se o “usuário” da língua tem de escolher entre os recursos disponíveis para a produção de determinados efeitos de sentido, ele terá de “trabalhar” a língua para a obtenção de tais efeitos: “nisto”, diz Possenti, “reside o estilo. No *como* o locutor constitui seu enunciado para obter o efeito que quer obter”.¹⁷¹ Abaurre, Fiad & Mayrink-Sabinson (1997) baseiam-se, por sua vez, nas reflexões de Franchi e de Possenti, entre outros autores, para pensar a relação dinâmica entre sujeito e linguagem. Segundo Abaurre, a consideração de uma concepção sócio-histórica, tanto do

¹⁶⁷ HUMBOLDT, W. (1936) *Über die Verschiedenheit des Menschliche Sprachbaues* (Berlin) (na tradução francesa *Introduction à l'oeuvre sur le kavi*. Paris: Seuil, 1974) apud Franchi, 1977.

¹⁶⁸ Franchi, 1977: 20.

¹⁶⁹ Franchi, 1977: 22.

¹⁷⁰ GRANGER, G. G. (1968) *Filosofia do estilo*. São Paulo: Perspectiva-EDUSP, 1974 apud Possenti, 1993.

¹⁷¹ Possenti, 1993: 156-158.

sujeito quanto da linguagem que o constitui, permite afirmar não só essa relação dinâmica, como também a possibilidade de voltar a atenção para os sujeitos reais e suas histórias individuais de relação com a linguagem. A linguagem tomada como “*atividade*”, ao mesmo tempo em que constitui os pólos da subjetividade e da alteridade é, também, constantemente modificada pelo sujeito.¹⁷² Fica evidente, nos trabalhos mencionados, a relevância de uma *reflexão filosófica* sobre certa concepção de linguagem na qual o sujeito tem *possibilidade de ação* no processo sócio-histórico constitutivo da própria linguagem.

Propomos, com a reflexão sobre a *ação* do sujeito na linguagem, a possibilidade de pensar *novas formas de dizer e de agir* fora do âmbito da determinação dos sujeitos pelas condições históricas. Para tanto, assumimos a tarefa de dialogar com os estudos da filósofa e pensadora política Hannah Arendt (2003), mais especificamente os relacionados a uma teoria política da *ação*. Com isso, não estamos deixando de lado os estudos foucaultianos nem mesmo os bakhtinianos; procuramos discutir mais amplamente o processo “*daquilo que é possível dizer*” na dimensão dialógica (sócio-histórica) da linguagem. Esclarecemos com Biroli (2005) que Arendt, assim como Foucault, é um dos autores que, no século XX, procuraram negar o conceito de tradição na História. Observadas as peculiaridades e diferenças entre as reflexões de Arendt e de Foucault, é Biroli quem ressalta que, em ambos os casos, o rompimento com a tradição indica uma relação refeita com “*aquilo que é possível dizer*”;¹⁷³ principal ponto que nos interesse analisar.

Arendt propõe uma distinção entre *labor*, *trabalho* e *ação* em seu estudo das manifestações mais elementares da condição humana. O labor é definido como a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, enquanto o trabalho é visto como

¹⁷² Abaurre, 1997: 82.

¹⁷³ Biroli, 2005: 8.

a atividade referente a um mundo “artificial” de coisas ligadas à existência dos homens. A ação, por sua vez, é definida pela autora como a única atividade que se exerce diretamente entre os homens, sem a mediação da matéria ou mesmo das coisas.¹⁷⁴ A ação é “a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens” e a que “depende inteiramente da constante presença de outros”.¹⁷⁵ Arendt retoma o pensamento pré-socrático para realizar a associação entre *ação* e *discurso*: “o ato de encontrar palavras adequadas no momento certo, independentemente da informação ou da comunicação que transmitem, constitui uma ação”.¹⁷⁶ Para Arendt, tudo o que o homem faz, sabe ou experimenta só tem sentido na medida em que pode ser discutido e compartilhado com o outro em uma *vida em comum*, mediante palavras e persuasão – o *discurso* –, e não por meio da força ou da violência.

É evidente que a noção de discurso em Arendt está relacionada aos estudos retóricos e não aos discursivos. Nosso interesse está focado na primazia que a noção de discurso em Arendt, associada à de ação, confere à dimensão dialógica da linguagem, com a consideração fundamental do outro – diríamos, da *atitude responsiva do outro*, característica do enunciado – para a realização da ação no âmbito social.

A respeito da ação no âmbito social, é necessário precisar com Arendt que a ascendência da *esfera social* é fenômeno relativamente novo, surgido na era moderna e na forma política de nação. A questão da ação para os antigos se dava no âmbito da *esfera política* concernente à *pólis*, em oposição à *esfera privada* concernente à *família*. A distinção das descontinuidades históricas entre as noções antiga e moderna de

¹⁷⁴ Arendt, 2003:15.

¹⁷⁵ Arendt, 2003: 31.

¹⁷⁶ Arendt, 2003: 35.

“político”/“social” e “público”/“privado” é essencial nos estudos de Arendt e constitui ponto de interesse deste trabalho. Segundo Arendt, a noção atual define a sociedade como “o conjunto de famílias economicamente organizadas de modo a constituírem o fac-símile de uma única família sobre-humana, e sua forma política de organização é denominada ‘nação’”.¹⁷⁷ Assim, para os antigos o termo “economia política” teria sido contraditório, já que a questão “econômica”, relacionada à vida do indivíduo e à sobrevivência da espécie, não era assunto político, mas familiar – *privado* – por excelência.¹⁷⁸ A esfera familiar era caracterizada pelos antigos pela *necessidade* do *labor* do homem e da mulher para a manutenção individual e a sobrevivência da espécie.¹⁷⁹ A esfera da pólis, por sua vez, era distinguida pela *liberdade* à qual os homens tinham acesso depois de cumpridas as obrigações com a vida em família. A principal divisão ocorria, pois, entre a vida vivida dentro de casa e a vivida fora, no mundo. A vida vivida no mundo era a ocasião em que os iguais¹⁸⁰ se reuniam e exerciam o direito de *serem vistos e ouvidos por outros no espaço público*, a partir de “ângulos diferentes” que promoviam a mais alta – “e talvez mais pura”¹⁸¹ – capacidade humana, a de *pensar*.¹⁸²

Arendt discute de maneira elucidativa os significados de “público” e de “privado” segundo os antigos. “A excelência em si, *arete*, como a teriam chamado os gregos, *virtus*, como teriam dito os romanos, sempre foi reservada à esfera pública, onde uma pessoa podia

¹⁷⁷ Arendt, 2003: 38.

¹⁷⁸ Arendt, 2003: 38.

¹⁷⁹ Arendt, 2003: 40.

¹⁸⁰ Esclarecemos, com Arendt, que a noção de igualdade entre os antigos desconsiderava a participação das mulheres e a dos escravos nas relações em âmbito público (Arendt, 2003: 57).

¹⁸¹ Arendt, 2003: 13.

¹⁸² Arendt, 2003:67.

sobressair-se e distinguir-se das demais”.¹⁸³ É, pois, na esfera pública, entre os pares, que os homens podem atingir a transcendência do pensamento com liberdade, condição jamais encontrada na privacidade do lar. Segundo Arendt, o chamado *caráter privativo da privatividade* estava relacionado à vida destituída das relações entre iguais, como a vida do escravo ou a do bárbaro, de modo não “inteiramente humano”. Atualmente, não ocorre pensar o aspecto da privação quando se emprega a palavra “privatividade” ou “privacidade”. Para Arendt, isso é devido, em parte, ao enriquecimento da esfera privada através do moderno individualismo, com o advento da noção de intimidade, inexistente para os antigos.¹⁸⁴ A oposição atual se dá entre esfera social e esfera íntima e não entre esfera política e esfera privada.

Percebe-se, assim, que a concepção de liberdade para os antigos é totalmente diversa da concepção moderna, que define a liberdade como “a ação individual de escolher entre opções dadas”.¹⁸⁵ Essa observação, feita por Biroli (2005) a propósito do conceito de ação segundo Arendt, diz respeito também a uma noção de subjetividade que é a que nos interessa discutir. Segundo Biroli:

Em Arendt, o indivíduo se realiza apenas na medida em que sua ação (caracterizada prioritariamente como discurso) o torna visível aos outros na esfera pública: realização e visibilidade que se fazem possível (*sic*) apenas *com os outros*, mas que não retiram da ação individual uma característica que lhe é própria, segundo Arendt, a de *iniciar algo de novo*. São características do agir a imprevisibilidade e a ausência de uma limitação prévia, uma vez que Arendt entende que a ação, diferentemente da fabricação, é sempre *ação conjunta* ou “comparticipação de palavras e atos”.¹⁸⁶ A liberdade humana, para Arendt, está na ação na esfera pública e é idêntica ao “poder de iniciar”, que se afirma desde o fato de que “o

¹⁸³ Arendt, 2003: 58.

¹⁸⁴ Arendt, 2003: 48.

¹⁸⁵ Biroli, 2005: 20.

¹⁸⁶ Arendt, 2003: 210 apud Biroli, 2005: 20.

homem, ao nascer, ao aparecer em um mundo que estava aí antes e que continuará a ser depois dele, é, ele mesmo, um novo início”.¹⁸⁷ [Biroli, 2005: 19-20 (grifos no original)]

Para Biroli, se em Foucault a trama histórica “produz” os sujeitos (e suas possibilidades de dizer), em Arendt a ação dos sujeitos, mediante o discurso, potencializa o novo, o “*dizer para além daquilo que já foi dito*, escapando, talvez, à fatalidade de que o novo seja sempre, como afirma Foucault, um *retorno*”.¹⁸⁸ De nosso ponto de vista, a assunção dos estudos filosóficos de Arendt na relação com os estudos discursivos permite olhar, portanto, para o passado “com os olhos desobstruídos de toda a tradição”, na expressão da própria Arendt citada por Biroli,¹⁸⁹ possibilitando reconsiderar *o que é possível dizer* por meio da ação e do discurso dos sujeitos.

Voltamos o olhar para o *blog* concebido, por muitos, como atividade da “escrita do futuro” – sob o efeito positivo que a expressão pode assumir quanto às liberdades e à suposta autonomia dos sujeitos em relação às instituições – e procuramos investigar o que é possível dizer por meio dessa prática. A escrita confessional dos blogueiros é caracterizada por lugares-comuns sobre a banalidade dos dias, com a reiteração incessante da normalidade que conduz à norma. Os temas priorizam a exposição pública de atividades íntimas, pessoais, individuais. Acreditamos que a vida exposta no espaço de interação dos *blogs* tem como objetivo *fazer ver e ser visto* pelo outro e não a ação conjunta voltada para o pensamento e a reflexão crítica. Perguntamos, com Arendt, o quanto nos despojamos das relações humanas em favor da *vaidade individual* resultante da necessidade de visibilidade

¹⁸⁷ ARENDT, H. Será que a política ainda tem de algum modo um sentido? In: _____. *A dignidade da política: ensaios e conferências*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993: 121-122 apud Biroli, 2005: 20.

¹⁸⁸ Biroli, 2005: 19.

¹⁸⁹ Biroli, 2005: 9.

em meio ao isolamento social. Para Arendt, tanto em condições de isolamento radical quanto em condições de sociedades de massas ou de histeria em massa, o que se observa é o comportamento coletivo de indivíduos que passam a agir como se estivessem em família, “cada um a manipular e a prolongar a perspectiva do vizinho”.¹⁹⁰ Lembramos, aqui, dos dispositivos foucaultianos que promovem a vigilância da vida alheia, através das lentes das câmeras ou da tela do monitor do computador. O resultado mais direto, segundo Arendt, é o retorno à privacidade como privação das relações humanas:

os homens tornam-se seres inteiramente privados, isto é, privados de ver e ouvir os outros e privados de ser vistos e ouvidos por eles. São todos prisioneiros da subjetividade de sua própria existência singular, que continua a ser singular ainda que a mesma experiência seja multiplicada inúmeras vezes. [Arendt, 2003: 67-68]

A profusão de textos sobre as vidas individuais dos sujeitos na internet não implica variedade de aspectos ou de perspectivas, mas a *raridade* de modos de dizer a vida e de pensar as relações com o outro na sociedade. Acreditamos que a escrita dos *blogs* será tanto mais transformadora das relações entre os sujeitos quanto forem modificados os fios da trama histórica que os constitui socialmente. Essa modificação apenas pode ocorrer mediante a *ação* conjunta dos sujeitos dirigida a *novas formas de dizer e de agir* a partir da consideração da *pluralidade humana*.

Passemos à discussão do gênero dos *blogs* no âmbito da convivência com outros tipos de escrita que privilegiam determinado modo de inscrição da intimidade, como os diários íntimos e as páginas eletrônicas (*home pages*) pessoais da internet.¹⁹¹ Concentramos

¹⁹⁰ Arendt, 2003: 67.

¹⁹¹ As páginas eletrônicas (*home pages*) pessoais da internet foram objeto de estudo de nossa Dissertação de Mestrado em Lingüística, intitulada “A escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet: a relação autor-herói/leitor”, orientada pela Prof^ª. Dr^ª. Maria Bernadete Marques Abaurre e defendida no IEL/UNICAMP em 2001.

a análise no funcionamento de *blogs* de Tipo₁ na relação com diários íntimos e com *home page* pessoais.

As relações intergenéricas constitutivas dos *blogs*

O *blog*, o diário íntimo e as páginas eletrônicas pessoais da internet¹⁹²

A associação entre *blog* do Tipo₁ e diário íntimo é feita tanto por escreventes quanto por instituições que promovem a produção do texto eletrônico:

- (a) O blog – em seu sentido mais puro – é isso. Um diário. [45.M, 21/07/02, 19:17]
- (b) O blog funciona mesmo como “diário”. [23.F, 17/07/02, 02:35:59]
- (c) Um blog não deixa de ser um tipo de diário. [2.M, 12/07/02, 18:42:24]
- (d) O Blog é um diário digital na internet que pode ser visto por qualquer pessoa. [*BliG – o blog do iG* – <http://blig.ig.com.br>. Acesso em 01/06/2004]
- (e) Weblog é um diário virtual, onde você poderá disponibilizar pensamentos, idéias e tudo o que você imaginar na internet. [*WebloggerBrasil* – <http://weblogger.terra.com.br>. Acesso em 01/06/2004]

De modo geral, podemos afirmar que a associação entre *blog* e diário é feita com ressalvas mesmo por aqueles que consideram que o *blog* é um diário, caso expresso em (a). No excerto (a), supõe-se pelo aposto explicativo que haveria “sentidos menos puros” que

¹⁹² Uma versão desta parte do capítulo foi apresentada como texto de qualificação de área em Linguística Aplicada no IEL/UNICAMP, sob o título “Fragmentos do dia: a escrita de diários íntimos”. Agradecemos à Prof^ª. Dr^ª. Raquel Salek Fiad (presidente da banca), à Prof^ª. Dr^ª. Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson e à Prof^ª. Dr^ª. Anna Christina Bentes da Silva pelas sugestões e críticas. Agradecemos também a disponibilidade e o auxílio dos professores Norma Sandra de Almeida Ferreira, Leda Maria de Souza Freitas Farah, Ana Maria Assis Rodrigues, Maria de Lourdes Boldim Vaggione, Carlos Eduardo de Oliveira Klebis e a participação e envolvimento dos alunos da Escola Comunitária de Campinas, sem os quais não teria sido possível a realização do trabalho de campo que deu origem ao material que consta do referido texto de qualificação.

definiriam o *blog* como atividade distinta da do diário. Em (b), o uso das aspas marca a alteridade do objeto em relação ao conceito tomado como ideal; em (c), a modalização é expressa no uso da expressão “tipo de...”, que permite a consideração de que o *blog* tem traços semelhantes, mas não idênticos aos do diário. Os enunciados (d) e (e) analisados no Capítulo 2 destacam a aproximação entre diário e *blog*, com a diferença marcada pelo suporte material e pelo caráter da visibilidade em âmbito público.

Nosso propósito é mostrar que o estudo das relações intergenéricas pode levar à identificação de semelhanças e, talvez, de traços do estilo de gênero. Acreditamos que a consideração da dimensão heterogênea para a definição de gênero é fundamental para a discussão de seus usos pelos sujeitos nas esferas sociais. A relativa estabilidade dos enunciados, à qual se refere Bakhtin (1997c), não deve ser associada a um caráter estático, mas à dinamicidade histórica de constituição e de reconstituição dos gêneros através da possibilidade de *ação* dos sujeitos. As condições nas quais o gênero é produzido devem ser observadas pelo pesquisador para a devida classificação dos enunciados genéricos.

O *gênero diário*, por exemplo, nas diversas situações de produção, pode ser classificado como diário íntimo, diário literário, diário de pesquisa, diário metodológico, diário científico, diário educacional, diário religioso, diário de viagens, diário de leitura, diário de obras, diário de prisão, diário de doenças, entre outros. Atualmente, é possível designar a sub-classificação *blog* ou *diário virtual*, *diário digital*, “*novíssimo diário*”.¹⁹³ Cada um desses diários apresenta aspectos que os diferenciam, mas há traços em comum que os identificam como diário. Observemos o que dizem Machado (1998) e Fiad & Silva (2000) a respeito de uma caracterização textual comum ao gênero:

¹⁹³ Oliveira, 2002.

- O **diário** é um *discurso da subjetividade* elaborado por um indivíduo de maneira periódica. Sua estrutura é caracterizada, em geral, como narrativa. Os conteúdos temáticos são heterogêneos, relacionados às experiências pessoais dos escreventes;
- O **produtor** escreve, em primeiro lugar, para si mesmo e, em princípio, subtraído do peso das instituições e da vida pública. Sente-se, assim, mais livre para exercer o relato de seu cotidiano e o das histórias pessoais. Dada uma maior liberdade de expressão, o produtor de diários costuma expressar conflitos de toda a ordem no processo da (sua) escrita;
- Quanto à **imagem do interlocutor**, Machado considera que a ausência empírica do Outro na produção textual provoca duas atitudes: a) ou o quase total “esquecimento” de um interlocutor possível ou b) a acentuação de uma presença imaginária, seja com pessoas escolhidas do mundo empírico, seja com outros com quem se convive no campo da linguagem;¹⁹⁴
- Na **situação material de produção**, o produtor, em geral, constrói o texto com referências explícitas ao espaço e ao tempo da produção;
- Em decorrência da concepção de diário como objeto do foro privado (e não como objeto de circulação pública), a escrita do **texto** caracteriza-se como não acabada, fragmentada e descontínua, na qual se verifica a ausência de preocupação com procedimentos de textualidade e a ausência de modelos fixos, o que releva o caráter de singularidade do trabalho do diarista em relação à prática.

Atentamos para o fato de que o *conteúdo temático* do diário é indefinido; a *construção composicional* é caracterizada pela narrativa – em geral, em primeira pessoa do

¹⁹⁴ Machado, 1998: 25-26.

singular –, redigida de maneira periódica pelo escrevente; o *estilo do gênero* é caracterizado por traços historicamente constituídos que fazem as *escolhas* de quem escreve. Nenhum desses elementos componentes do *todo do enunciado* pode ser tomado como exclusivamente individual, já que todos são fundados no social que constitui os sujeitos e suas práticas.

Precisemos as relações intergenéricas constitutivas do *blog*, em sua associação com o diário íntimo. Iniciamos a discussão com a problematização das condições históricas de produção do gênero diário íntimo. Explicitamos que a consideração de fatores históricos relacionados à produção dos diários íntimos somente tem relevância neste capítulo na medida em que pode designar contornos das *ruínas* dos enunciados genéricos presentes nos *blogs*. Da perspectiva teórica assumida, buscamos distinguir as *descontinuidades* históricas características dos discursos. Com efeito, as observações de Machado e de Fiad & Silva quanto à caracterização textual do diário não deixam de estar fundamentadas no estatuto histórico que permitiu a emergência do diário como “discurso da subjetividade”. A *cenografia* do foro privado, onde é possível “desabafar” longe do olhar alheio, advém do século XIX, com o surgimento de uma escrita caracterizada pelo “desejo de esclarecimento interior” para a interpretação e o controle de si. A ênfase nas transações psicológicas, produto das ciências humanas, foi destacada nos estudos de Sennett (1998) e na discussão do que é possível dizer no âmbito dos discursos, segundo as reflexões de Foucault. Examinemos ainda, com Corbin (1991), a emergência da escrita de diários íntimos no âmbito de convivência com outras práticas que procuraram imprimir uma marca de individualidade ao sujeito. As mudanças sócio-históricas ocorridas no século XIX, como a ascensão da burguesia e a urbanização, apontavam tanto para um processo de diversificação quanto para o risco do homônimo e do anonimato. Para escapar à indiferença na sociedade,

intensificaram-se determinadas práticas como a escolha de um nome para si, e não mais o uso do nome da família; há o afloramento da estética do esbelto, por meio da popularização de espelhos de corpo inteiro; a moda da fotografia se infiltra em todas as classes sociais, ansiosas em portar uma imagem de si, elemento de auto-estima e atestado social. Surge, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a imposição da posse de uma “carta de identidade antropométrica”, na qual figuravam nome, sobrenome, data e local de nascimento, filiação, descrição, impressões digitais e foto do indivíduo – uma versão antepassada da carteira de identidade.¹⁹⁵ A questão da arquitetura é também transformada no contexto das marcas de individualidade. É na pequena burguesia que a construção de quartos individuais irá avançar. Objeto de demanda de higienistas preocupados com o controle do indivíduo para a sobrevivência da sociedade, a configuração do quarto individual torna-se, por excelência, o espaço do exercício da intimidade. Dentre as atividades que compõem o espaço e o tempo dedicados à individualidade, encontra-se o diário íntimo. Corbin acredita que a ascensão da prática diarista encontra-se inserida na busca de si mesmo, estimulada pelos inúmeros fatores históricos que conduziram ao aprofundamento da sensação de identidade.

Ainda segundo Corbin, os grandes autores de diários da primeira metade do século XIX registravam simultaneamente em seus escritos o trabalho, o dinheiro, o lazer e a relação amorosa; o diário exercia a função de “contabilidade” dos dias.¹⁹⁶ Vemos no relato do historiador que a diluição das fronteiras públicas e privadas não é privilégio dos escritos modernos. A prática da escrita do diário íntimo no século XIX procurava exorcizar a

¹⁹⁵ Corbin, 1991, p.419-436.

¹⁹⁶ Didier ([1975] 1978) desenvolve a hipótese de que os diários são caracterizados pela elaboração de um “balanço” de si, do dinheiro despendido, dos dias vividos, da relação com o outro. Segundo essa autora, o diário é modo de “economia”, pois registra o que se supõe importante e que não pode ser desperdiçado. Como se trata de registro escrito, apresenta a possibilidade de recuperação e de manutenção das lembranças, com a força de “permanecer no tempo”. De nosso ponto de vista, os *blogs* apresentam funcionamento distinto do dos diários íntimos, uma vez que sua finalidade é fundada na ação de *fazer ver e ser visto* no espaço de interação da internet.

angústia da morte, que o autor avivava no ato de escrever. “Detectar o desperdício de si próprio é proporcionar-se os meios para uma estratégia de poupança. [...] Assim se constitui uma memória que autoriza a um só tempo a amnésia e a comemoração”.¹⁹⁷ A escrita de diários íntimos no século XIX materializava, portanto, uma *historização de si mesmo*. A prática diarista revelava a vontade de o indivíduo *ritmar o tempo* no registro do cotidiano, como aponta Corbin e também Martin-Fugier (1991). Para Martin-Fugier, o registro do cotidiano, por essência banal, assume valor diferenciado se os elementos que o compõem são convertidos em prazer da lembrança, caso dos diários íntimos.

Vejamos um excerto do célebre diário assinado por Helena Morley, publicado como livro em 1942 com o título *Minha vida de menina: cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX*:

(f) [1] Assim passei a tarde sem fazer nada. [2] Como só de escrever eu nunca tenho preguiça, [2’] venho aqui contar a história do tempo antigo, [2’] para o futuro, como diz meu pai. [3] Quem sabe se no tal futuro não haverá ainda mais novidades do que hoje? [4] José Rabelo vive pesando urubu na balança para inventar máquina da gente voar. Que coisa boa não seria isso! [4’] Eu tenho às vezes tanta inveja do urubu voar tão alto. Agora que seria se e virasse urubu? Isso é que seria engraçado. [5] Mas, melhor ainda seria inventar a gente não morrer. [Morley, 1994: 70]

O trecho foi extraído do caderno escrito no ano de 1893, quando Morley tinha 12 anos. O uso do advérbio “assim” em [1] designa o *momento da enunciação* e marca referência ao fazer textual da narrativa que se constrói pela escrita. Destacamos no excerto o processo de *historização de si mesmo*, característico dos diários íntimos produzidos no século XIX. Em [2], a diarista retifica o que havia afirmado no enunciado anterior, com a explicação de que o “nada” que preenchia aquela tarde não era, de fato, “nada”, mas sim a

¹⁹⁷ Corbin, 1991: 457.

atividade de escrita no diário – “venho aqui” ([2’]), em que o advérbio de lugar indica, ao mesmo tempo, o suporte material e a atividade de escrita. Interessa-nos destacar que o *momento da enunciação* é caracterizado pela convivência entre o tempo passado (*memória*, [1]), o tempo presente (*atenção*, [2’]) e o tempo futuro (*espera*, [2’’]), na distinção de uma noção de tempo que pode ser associada ao conceito de “*presente alargado*” de Santo Agostinho (aproximadamente 400 d.C.).¹⁹⁸ A adolescente que tinha inveja de urubu porque ele “sabia” (podia) voar ([4’]) e ela (naquela época), não, registra ainda, em [5], que a invenção superior à capacidade de o ser humano voar seria a prevenção contra a morte – tema motivador das angústias na passagem do século, como destacado por Corbin.

As condições de produção dos *blogs* são distintas das dos diários íntimos, como explicitado no Capítulo 1. Os blogueiros querem – são impelidos a – falar de si para o outro. Não se trata da estratégia de “economia dos dias”, mas da de *fazer ver e ser visto* pelo maior número possível de pessoas. A prática dos *blogs* irrompe em meio à multiplicidade de relações sociais que privilegiam a visibilidade em meio ao isolamento social. O tempo no *blog* é o da representação das relações instantâneas mediadas pelo computador, num *aqui / agora* dos acontecimentos compartilhados com o leitor (desconhecido):

(g) [1] Run, Forrest, run!

¹⁹⁸ Santo Agostinho, 2003: livro XI. Fiorin (2002) analisa que há em Santo Agostinho um embrião de uma teoria lingüística do tempo, ou, mais especificamente, de uma teoria discursiva da temporalização. Segundo Fiorin, a temporalização manifesta-se na linguagem na discursivização das ações, por meio da narração, “que é o simulacro da ação do homem no mundo. Aí se mostra o que está passando, o que não é mais, o que ainda não é, tudo presentificado na linguagem. A narrativa exprime sucessões, antecipações, lembranças, instabilidades...” (Fiorin, 2002: 140). A teorização do tempo, formulada por Santo Agostinho e retomada no âmbito dos estudos lingüísticos por Fiorin, diz respeito ao nosso trabalho, pois o *blog* é uma prática que se propõe a *narrar o tempo vivido* pelo escrevente. O sujeito que se inscreve nesse gênero *ressignifica* sua história pessoal na ação da (sua) escrita.

[2] Correria. [3] Coisas, muitas coisas na cabeça. [4] Vontade de escrever mais e de forma mais diversificada. [5] Texto publicitário aqui no trabalho, [5'] texto catártico aqui no blog, [5''] texto temático no Delícias, [6] mas tá faltando algum outro. [6'] Um quarto, um quinto, não sei. [6''] Alguma junção disso tudo ou uma coisa totalmente nova. Preciso descobrir. Penso bem mais rápido do que minha mão ou minhas pernas dão conta. [7] Tô elétrica, cheia de idéias e desejos que ainda não viraram projetos por falta de tempo (será?). [7'] E isso me agonia. [8] Ou preciso ficar mais zen [8'] ou realizar mais coisas. [9] Ai, pára o mundo que eu quero subir! [10] Chega de descer... [4.F, 08/04/02, 4:50 PM]

O enunciado [1] cumpre a função de título do *post*. Por esse formato, o texto do *blog* se distancia do estilo do diário íntimo e se aproxima do da nota informativa ou da crônica jornalística. No material pesquisado, 28,6% dos *blogs* escritos por mulheres e 24,0% dos *blogs* redigidos por homens apresentavam esse traço. Para o que nos interessa, o uso do título marca um dos aspectos das relações intergenéricas entre o *blog* e a prática jornalística. O enunciado [1] faz referência ao bordão encorajador da personagem interpretada pelo ator norte-americano Tom Hanks no filme “Forrest Gump”. Todas as vezes que a personagem homônima ao título do filme se metia em confusões, era incentivado a correr – “run”, em inglês – para delas escapar. A escrevente retoma o enunciado do filme para discorrer sobre o atual estado de sua vida. Há “correria” ([2]) e “muitas coisas na cabeça” ([3]), mas nada é realmente explicitado para o co-enunciador. A escrevente mostra ao outro que a “correria” existe e é impossível estancar esse processo determinado, talvez, pela “falta de tempo” ([7]). A vontade expressa de escrever ([4]), seja no âmbito profissional ([5]), seja como atividade de lazer no *blog* pessoal ([5']) ou no *blog* coletivo do qual participa¹⁹⁹ ([5'']), é característica da ubiquidade que se supõe possível com o uso do computador e da internet nos tempos atuais. Ainda assim, a escrevente não

¹⁹⁹ A escrevente se refere ao *blog* coletivo *Delícias Cremosas* (<http://www.deliciascremosas.com>), formado por 13 (treze) mulheres de Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo.

está satisfeita e salienta a falta de outra atividade de escrita ([6]) que nem ela própria sabe precisar ([6'], [6'']). A única certeza parece ser o sentimento de angústia ([7']), provocado pela “correria” descrita no *post*, e a necessidade de soluções para os problemas pessoais ([8], [8']). Fica implícita a vontade de galgar as distâncias que a escrevente imagina como existentes entre ela própria e o “mundo” (o outro) ([9], [10]); a ação da escrita de *blogs* seria uma alternativa.

Acreditamos que as atuais condições de produção dos discursos fazem com que o modo de enunciação dos escreventes dos *blogs* esteja muito mais próximo ao do das páginas eletrônicas (*home pages* ou *websites*) pessoais da internet do que ao do modo de enunciação dos escreventes dos diários íntimos. As páginas eletrônicas pessoais são conhecidas por tratarem de caracteres particulares da vida de um usuário da internet que se propõe a compartilhá-los de maneira pública no meio eletrônico. A semelhança entre *blog* e *home page* pessoal foi indicada por Oliveira (2003, *on-line*) e por Recuero (2003, *on-line*). Oliveira (2003) fundamenta-se no trabalho da norte-americana Chris Sherman (2001, *on-line*) para a avaliação da existência de “duas ondas da web escriturável” que teriam resultado na emergência dos “diários on-line”. A primeira delas teria se dado em 1994, quando pessoas comuns começaram a produzir páginas eletrônicas pessoais, cujo conteúdo poderia ser identificado ao de um “diário ou jornal íntimo” *on-line*. A “segunda onda” seria decorrente das ferramentas de edição de texto que foram disponibilizadas no mercado, como o já citado *Blogger* e outras, como *Groksoup*,²⁰⁰ *Edith This Page*,²⁰¹ *VelociNews*,²⁰² *Squishdot*,²⁰³ *Grohol*,²⁰⁴ *GreyMater*.²⁰⁵ Recuero também acredita que os *blogs* sejam

²⁰⁰ Disponível em: www.groksoup.com

²⁰¹ Disponível em: www.ediththispage.com

²⁰² Disponível em: www.velocinews.com

²⁰³ Disponível em: <http://squishdot.org>

versões mais dinâmicas dos *websites* pessoais: “com os *websites* pessoais, [os *blogs*] dividem as mesmas críticas: são experiências de publicação amadoras, muitas vezes produtos narcisísticos e exibicionistas. São geradores de conteúdo pessoal”. Além disso, de acordo com essa autora, tanto um quanto outro pode ser classificado segundo “um sem-número de categorias”.²⁰⁶

Concordamos com Oliveira e com Recuero a respeito das similaridades entre os *blogs* e as páginas eletrônicas pessoais. Trata-se de escreventes “comuns”, cuja notoriedade é constituída na ação de visibilidade na rede. Assim como os *blogs*, as *home pages* pessoais se valem da hipermídia – isto é, dos recursos em forma de texto escrito, imagens estáticas, diagramas em movimento (animação) ou som – para a criação do documento de hipertexto. Enfatizamos que a principal diferença se encontra no suporte material, na ferramenta de edição de textos, que no caso dos *blogs* permite a atualização freqüente da produção escrita, sem a necessidade do conhecimento técnico do usuário em linguagem HTML,²⁰⁷ o que é imprescindível no caso das páginas eletrônicas.

A imagem a seguir é referente a uma página eletrônica pessoal:

²⁰⁴ Disponível em: www.grohol.com

²⁰⁵ Disponível em: www.noah-grey.com/greysoft

²⁰⁶ Recuero, 2003 (*on-line*).

²⁰⁷ *Hypertext Markup Language*, “Linguagem de marcação de hipertexto”. Linguagem utilizada para a criação de arquivos que são decodificados por programas específicos e traduzidos de maneira inteligível para a visualização das páginas eletrônicas da internet, com formatação, cor, imagens e tabulação.



FIGURA 19 – Home page pessoal de Alessandra Ferreira dos Anjos

A home page pessoal de Alessandra Ferreira dos Anjos²⁰⁸ foi coletada em fevereiro de 1999, entre as páginas eletrônicas disponíveis ao acesso público. No site, a escrevente apresenta seu nome completo, data de nascimento, local de residência, ocupação, preferências e *hobbies*, além de colocar fotos de seu *book* como modelo. A escrevente também discute questões sobre jornalismo e o curso de Letras, já que é estudante de ambos. Ainda na página inicial, encontramos o seguinte texto marcado como *link*: “Quer ter uma página pessoal ou de sua empresa? Entre em contato comigo, clique aqui”, em que fica evidente que a escrevente é conhecedora da área de *webdesign* e oferece serviços pela rede. Ressaltamos que a home page pessoal de Alessandra pode ser comparada a um *blog* pessoal e profissional do Tipo₃, pois associa elementos de conteúdo pessoal a notas informativas sobre assuntos gerais, além de disponibilizar consultoria para os demais usuários. Ao contrário do *blog*, porém, a home page pessoal não tem atualização facilitada pela ferramenta; desse modo, encontramos, ainda na página inicial do site, a informação de que

²⁰⁸ Disponível em: <http://www.bhnet.com.br/alessandra/>

a atualização mais recente havia ocorrido em 25 de janeiro de 1999, quase um mês antes da data em que tivemos acesso ao *site*, 22 de fevereiro. A questão do suporte material é, talvez, um traço definidor na distinção entre o *blog* e a página eletrônica pessoal.

A questão da visibilidade no espaço interacional da internet é constitutiva de *blogs* e de *home pages* pessoais, como atesta um dos escreventes deste gênero:²⁰⁹

(h) a verdade é que [1] é incrível poder se manifestar e [2] usarei deste meio [3] para me manifestar ao mundo... [*Home page* pessoal de José Rebelo]

A noção de que a internet ([2]) faculta ao sujeito a possibilidade de se manifestar ([1]) ao mundo ([3]) está contida pelas condições de produção dos discursos marcados pela possibilidade – diríamos, pela *necessidade* – de falar de si ao outro, como modo de enunciação na sociedade atual.

Poder-se-ia discutir ainda que as condições da produção dos *blogs* tornam mais ágil o processo de publicação dos escritos íntimos. Comparados ao processo dos diários íntimos,²¹⁰ por exemplo, os *blogs* – e também as *home pages* pessoais – apresentam a vantagem de serem lançados em rede sem a ingerência do sistema editorial tradicional. Não é pouco, se pensarmos nas restrições impostas, por exemplo, por fatores como a censura

²⁰⁹ Disponível em: <http://www.geocities.com/SunsetStrip/Arena/7732/>

²¹⁰ A publicação de um diário íntimo como livro é discussão que remonta à segunda metade do século XIX, como explicita Simonet-Tenant (2001), a respeito da legitimidade da publicação dos chamados escritos ordinários como obras literárias. A *deliberação* sobre a publicação ou não do diário íntimo como obra é colocada em questão no texto homônimo de Barthes ([1968] 1988). Nele, o autor questiona a qualidade daquilo mesmo que se escreve de maneira confessional, o interesse que aqueles escritos podem suscitar no leitor e a validade de se manter um diário visando a sua publicação. A discussão sobre a legitimidade da publicação dos escritos íntimos não é, todavia, questão para os blogueiros ou para escreventes de *home pages* pessoais. Trata-se, afinal, de escritos colocados em circulação por usuários que se supõem livres para escrever a respeito de tudo (qualquer assunto), em um suporte material que permite que qualquer pessoa (ou nenhuma...) o leia, ou o leia quando quiser. A questão para o escrevente de diário íntimo poderia ser colocada desta maneira: “qual é o valor desses escritos para que eles sejam publicados?”, em que a ênfase está na publicação como obra literária. Para os escreventes de *blogs* e de *home pages* pessoais, poderia ser: “como *fazer ver e ser visto* na internet?”, em que a ênfase está na publicização de uma imagem que deve ser compartilhada com o leitor.

das instituições, os custos de produção, de distribuição, de divulgação de quaisquer obras. Poderíamos afirmar, com Chartier ([1997] 1999), que a função autor no texto eletrônico se torna múltipla, pois ele passa a ser imediatamente editor, no duplo sentido daquele que dá forma definitiva ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores (tarefa antes conferida ao distribuidor e ao livreiro).²¹¹ A questão do suporte material como aspecto definidor dos *blogs* foi criticada no Capítulo 1, na análise do que outros pesquisadores expuseram sobre o tema. Se de um lado não podemos desconsiderar a importância das novas tecnologias de comunicação, de outro, não devemos nos deixar iludir pelo papel determinante que elas teriam no modo de enunciação. A tecnologia é um dos aspectos da trama histórica que condiciona o surgimento das práticas discursivas e dos sujeitos. Há diversos outros, decorrentes dos efeitos de poder da sociedade, que constituem o fazer textual.

Apresentamos a seguir um quadro comparativo dos aspectos que consideramos relevantes no estudo da caracterização textual dos *blogs*. Levamos em conta as relações intergenéricas constitutivas do *blog* na relação com o diário íntimo e com a *home page* pessoal. O quadro foi formulado a partir de parâmetros concebidos por Marcuschi (2004) para o estudo de gêneros no contexto digital. Estamos de acordo com esse autor quando ele afirma que a constituição de um quadro como este deve considerar a *construção composicional* (aspectos textuais e formais), o *conteúdo temático* (natureza dos conteúdos e suas funções) e o *estilo verbal* (aspectos relativos à linguagem e seus usos pelos sujeitos).²¹² O autor observa, porém, que não fica claro em que medida as diferenças identificadas através da análise das categorias são relevantes para a caracterização de um

²¹¹ Chartier, 1999: 16.

²¹² Marcuschi, 2004: 33.

gênero como *novo*. Para o que nos interessa, a distinção de traços exclusivos é menos importante do que a observação das relações intergenéricas constitutivas dos gêneros do discurso.

Observemos o quadro comparativo formulado. O sinal positivo indica presença do traço; o negativo, sua ausência, e o zero significa irrelevância do traço para a definição do gênero:

QUADRO 1 – Quadro comparativo das relações intergenéricas constitutivas dos *blogs*

Dimensão	Aspecto	Gêneros analisados		
		<i>Blog</i>	<i>Diário</i>	<i>Home page</i>
Tema	Indefinido	+	+	+
Extensão do texto	Indefinida	0	0	0
	Longa	0	0	+
	Curta	0	0	–
Relação Temporal	Assíncrona	+	+	+
Participantes	Dois	–	0	–
	Múltiplos	+	0	+
	Grupo fechado	+	0	+
Relação dos participantes	Conhecidos	+	0	+
	Anônimos	+	0	+
Formato textual	Cabeçalho	+	+	–
	Assinatura	+	0	–
	Horário de envio texto	+	0	–
	Dispositivo de comentário	+	0	+
	Contador de acessos ao <i>site</i>	+	0	+
Função	Interpessoal	+	–	+
	Lúdica	+	0	+
	Institucional	+	+	+
	Educacional	+	+	+
Canal / Semioses	Só texto escrito	–	+	–
	Texto + imagem	+	+	+
	Texto / animação gráfica	+	0	+
	Texto + imagem + som	+	0	+

Sinais: + presença

– ausência

0 irrelevância do traço para a definição do gênero

Fonte: Marcuschi (2004: 34-35, com adaptações)

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer as semelhanças existentes entre esses três gêneros do discurso. Tanto os *blogs* quanto os diários e as *home pages* admitem uma infinidade de temas. Por uma decisão da pesquisadora, os três gêneros aqui comparados enfatizam características pessoais, com traços da privacidade e da intimidade do escrevente expostos de maneira pública, seja pela internet – caso dos *blogs* e das *home pages* pessoais – seja por meio da publicação impressa como obra literária – caso dos diários íntimos analisados. A extensão dos textos aparece como traço irrelevante para a definição dos *blogs* e dos diários íntimos. O *post*, que pode ser percebido como a unidade textual do *blog*, pode tanto ter uma linha – ou uma imagem, um arquivo de som, o que caracteriza a *multissemiose* facultada pelos recursos da hipermídia²¹³ – como vários parágrafos (ou várias imagens e arquivos de som). Os textos verbais dos diários íntimos pesquisados também apresentam variação em sua extensão. Apenas o texto verbal das *home pages* pessoais parece não poder ser inferior a um parágrafo, já que o escrevente desse gênero deve, ao menos, apresentar ao leitor informações como nome/apelido, idade, ocupação, local de nascimento e /ou de residência, preferência, *hobbies*.²¹⁴

A atividade textual verbal dos três gêneros analisados é estabelecida na *relação temporal assíncrona*, isto é, defasada em relação ao tempo de sua produção. Na situação material de produção, tanto o texto do diário íntimo quanto o do *blog* costumam ser construídos com referências explícitas ao espaço e ao tempo da produção, como:

(i) [1] 16 de março

²¹³ Bolter (2001) é quem define o aspecto da *multissemiose* pela possibilidade de estabelecer conexão simultânea entre a linguagem verbal e a não verbal (imagens, animações, som) de maneira integrativa, graças aos recursos de hipermídia (Bolter, 2001, em particular, capítulo 4). Da perspectiva dos estudos lingüísticos, Xavier (2002) propõe o conceito de *modo de enunciação digital* fundado na confluência dos modos de enunciação no hipertexto, os quais são interpostos, ao mesmo tempo, na tela do computador.

²¹⁴ Cf. Figura 19, *home page* pessoal de Alessandra Ferreira dos Anjos.

[2] São dez e quinze da noite. [3] Olho para o despertador engatilhado para às (*sic*) seis horas. [4] O rádio toca uma música maravilhosa: Concerto nº 1, de Mendelson. [5] A muito custo estudei [6] até agora, talvez por remorso e como estou sem sono, [7] lembrei do diário. [8] Olho para o quarto comprido e escuro. [9] A cama transformada em poltrona, uma escrivaninha encostada num canto próximo à janela, a estante entreaberta. [10] Profundamente só e pensativo. [...] [Lustig, 1984: 22]

(j) [1] Préssssstensão [2] na hora que [3] a gatinha [4] (?!?!) [5] aqui [6] ta postando... [16.F, 10/01/02, [7] 05:31:15]

No excerto (i), a data em [1] é marca constitutiva do gênero diário. Além da marca formal do cabeçalho, o escrevente assinala o horário em que redige o texto ([2]). Fiorin (2002) define o *presente pontual* como a coincidência entre o *momento da referência* e o *momento da enunciação*;²¹⁵ no caso, o *presente pontual* é identificado também nas formas verbais – “são” ([2]); “olho” ([3]); “toca” ([4]); “olho” ([8]). O espaço físico da produção do diário ([7]) é o quarto – *espaço do exercício da intimidade* – descrito em [8] e [9]. Interessa-nos destacar em [6] a retomada do horário indicado em [2]. O emprego do presente pontual colabora para a construção de uma cenografia íntima fundada no “discurso da subjetividade” que é registrado no momento mesmo da reflexão individual ([10]).

Já o excerto (j) extraído de um *blog* busca caracterizar a coincidência entre o *momento do acontecimento* e o *momento da enunciação*. O enunciador chama a atenção do leitor para a hora ([2]) exata ([7]) em que escreve ([6]) no *blog*. Em [6], o uso do chamado *presente progressivo* [presente do indicativo do auxiliar estar (“tá”) + gerúndio (“postando”)] é típico da modalidade falada e exprime o presente atual, como observado por Fiorin. O desatino de escrever no horário indicado é ressaltado em [1], na junção dos termos “Preste atenção”, que “perdem” o aspecto distintivo na escrita em favor de um

²¹⁵ Fiorin, 2002: 152.

registro que privilegia a acentuação da curva melódica das palavras, caso fossem lidas em voz alta. Essa ação do sujeito na linguagem projeta uma imagem extrovertida da escrevente, ávida de contato com o leitor. A escrevente se auto-referencia em [3] e em [5]. Em [4], o comentário parentético serve como modalizador de [3]. Acreditamos, porém, que a dúvida da escrevente não recai sobre seus atributos físicos, mas sobre o modo como o leitor pode interpretar o uso daquelas palavras. Como a finalidade é atrair a audiência e não repeli-la, o comentário em [4] não deixa de ser uma maneira simpática de falar de si (com alguma ironia) para o outro.

Uma das principais características dos gêneros em ambientes virtuais é a *relação temporal síncrona*, ou seja, a que é constituída na simultaneidade temporal entre o que é escrito e o que é veiculado em rede.²¹⁶ Esse tipo de relação por escrito é possível mediante o uso de ferramentas como a dos *chats* (bate-papos virtuais), em que inúmeros usuários podem interagir simultaneamente e no mesmo ambiente. Acreditamos que a atividade textual dos *blogs* pesquisados é, muitas vezes, apresentada como síncrona nos textos em rede. O suporte material permite a instauração desse tipo de relação, na coincidência entre o *momento do acontecimento* e o *momento da enunciação*; a expectativa é que o co-enunciador esteja também conectado à internet e que possa responder prontamente à mensagem. As marcas do tempo nos *blogs* encontram-se representadas nos usos dos tempos verbais e no emprego de advérbios do sistema enunciativo, assim como na organização textual desse gênero de discurso, com a indicação da data e da hora de envio dos *posts* do escrevente.

²¹⁶ Marcuschi, 2004: 28.

Destacamos que se os diários íntimos, em sua concepção, enfatizavam a “busca de si” no processo da escrita, os *blogs* procuram distinguir a **busca do outro** por meio de dispositivos que permitem a troca de mensagens de maneira simultânea ao acontecimento vivido. Trata-se de um modo de enunciação marcado pela instantaneidade das relações na sociedade atual. A participação do outro é fundamental na prática dos *blogs* não somente porque se trata do princípio dialógico da linguagem, mas também porque o outro funciona no ambiente virtual como **índice da visibilidade do sujeito**. Se a questão de um interlocutor empírico participante não se coloca para os diários íntimos, ela é imprescindível para os escreventes de *blogs* e para os de *home pages* pessoais. Os sujeitos esperam obter resposta do outro e, nesse aspecto, o ambiente virtual e os dispositivos existentes promovem o estabelecimento da interação entre múltiplos participantes, conhecidos ou não. Os dispositivos possibilitam que o texto seja veiculado de maneira aberta ou, ainda, restrita – em grupo fechado, acessível por meio de uma senha. Os participantes, nesse último caso, somente podem ser pessoas conhecidas do escrevente.

Em relação ao formato textual propriamente dito, tanto no *blog* como no diário íntimo há um cabeçalho que indica a data da produção textual, seguido do texto e da eventual assinatura do escrevente. Destacamos que o cabeçalho é um dos elementos textuais que permitem a associação entre a prática do *blog* e a do diário íntimo. A data aparece como *ruína do enunciado genérico* do diário íntimo e marca referência importante para a instituição da *cenografia* da intimidade valorizada no *blog* e atribuída ao diário. Nos diários clássicos, constam o dia da semana, dia do mês, mês e ano, como “Quinta-feira, 9 de setembro de 1993”,²¹⁷ ou ainda dia do mês, mês e ano,²¹⁸ ou ainda dia da semana, dia do

²¹⁷ Filipovič, 1995: 168; o mesmo tipo de marcação de data aparece em Frank, 1974.

²¹⁸ “6 de março de 1956” (Lustig, 1984: 22).

mês e mês,²¹⁹ ou ainda dia do mês e mês²²⁰ da produção escrita. Em todos os *blogs* pesquisados, encontramos referência à data do envio do texto ao sistema. Cabe precisar que, no caso dos *blogs*, trata-se de referência incorporada ao texto de maneira automática através de dispositivos eletrônicos. O cabeçalho não seria parte do *post*, entretanto, se não tivesse função e se não produzisse determinado efeito de sentido no gênero. As ocorrências mais frequentes (28,3%) no caso dos *blogs* são de cabeçalhos formados pelo dia da semana, dia do mês, mês e ano, como em “Sexta-feira, 19 de Julho de 2002”,²²¹ exatamente como consta de diários clássicos, como o de Anne Frank traduzido para a língua portuguesa. Em segundo lugar, aparecem as referências formadas pelo dia do mês, mês e ano (com dois dígitos), como “18.7.02”²²² (24,5%). O uso da forma abreviada da data – assinalada somente com dígitos e pontos – produz uma forma de anotação mais informal na organização do texto, que seria, nesse caso, menos marcado pelo caráter descritivo do tempo.

Nas *home pages* pessoais analisadas, a única indicação de data de envio do texto está relacionada à informação que o próprio escrevente apresenta na página inicial do *site*, a propósito da atualização mais recente do documento, como: “Atualizada em: 16/02/1999”²²³ e “Última atualização: 25/01/99”.²²⁴ Esse tipo de informação tem como função alertar o leitor sobre a modificação da página, já que a inserção de novas

²¹⁹ “Quarta-feira de cinzas, 27 de fevereiro” (Morley, 1994: 179).

²²⁰ “16 de julho” (Jesus, 1999: 9).

²²¹ 2.M.

²²² 7.F.

²²³ *Home page* do Joubert Vasconcelos. Disponível em: <http://www.terravista.pt/ilhadome1/1034/>

²²⁴ *Home page* de Alessandra Ferreira dos Anjos. Disponível em: <http://www.bhnet.com.br/alessandra/>

informações não é evidente nesse tipo de texto como no *blog*, em que é possível observar no cabeçalho a atualização das mensagens.

A relação entre suporte material e gênero pode ser discutida também no procedimento da assinatura e na indicação do horário de envio dos textos ao sistema. No caso dos diários, a referência ao horário da escrita diz respeito à situação material de sua produção: “São 9 horas da noite. Cheguei agora mesmo do sítio e ainda estou com a roupa da viagem, escrevendo”.²²⁵ O elemento assinatura foi encontrado apenas nos diários de Frank e de Filipovič, os dois únicos no conjunto de diários analisados em que há um interlocutor explícito, “Kitty” e “Mimmy”, respectivamente.²²⁶ Nos *blogs*, o que se observa é que a marca formal da assinatura, na qual aparece o horário da postagem, é inserida de maneira automática pela ferramenta, mediante opção marcada pelo escrevente. 100% dos *blogs* escritos por mulheres e 76,0% dos *blogs* escritos por homens apresentam a assinatura com o nome ou apelido de seu(s) autor(es); 85,7% dos *blogs* de mulheres indicam o horário do envio do *post*, enquanto 100% dos *blogs* de homens designam esse tipo de informação. O elevado índice de adesão dos escreventes a esses elementos revela, de um lado, que o funcionamento da assinatura confere visibilidade ao nome do escrevente em rede; de outro, que o horário de envio dos *posts* busca expor a instantaneidade das relações interpessoais

²²⁵ Lustig, 1984: 46 (grifos nossos).

²²⁶ Filipovič passa a assinar os textos de seu diário a partir do dia 30 de março de 1992 (o diário editado como livro começa com escritos datados de 2 de setembro de 2001). Naquele 30 de março, ela decide “batizar” o diário com o nome de Mimmy. Filipovič explica que a designação do diário por um nome foi inspirada em Anne Frank: “Olha só, meu Diário, sabe o que eu pensei? Anne Frank bem que batizou o Diário dela de Kitty; por que eu não daria um nome a você?” (Filipovič, 1995: 41). A partir de então, as anotações iniciadas com “Dear Mimmy” são encerradas com uma eventual despedida (“Tchau”, “Amo você”) seguida do nome da autora, Zlata. Em Frank, observa-se o mesmo procedimento: o eventual uso de expressões de despedida (“Até amanhã”) seguidas da assinatura, “Sua Anne”. Observamos mais um ponto das relações intergenéricas constitutivas dos gêneros do discurso. Aqui, a interlocução por escrito instaura a cenografia epistolar e, conseqüentemente, a necessidade de um signatário que legitime o texto escrito. Nos *blogs* pesquisados, encontramos somente dois casos em que a interlocução é explicitada por um nome atribuído ao “diário”. Trata-se dos já comentados “Meu querido Etheobaldo” e “Querido Diário”.

mediadas por computador. No caso das *home pages*, não há assinatura dos textos; a tática da exposição de um nome/apelido costuma ser executada nos títulos dos *sites*: “Eliane’s Web Page”,²²⁷ “Home page do Pablito”,²²⁸ “Paty’s Agapê”,²²⁹ “Kikinho’s World”.²³⁰ Não há, nas *home pages* pessoais, a indicação do horário do envio do texto, já que esse tipo de informação seria irrelevante num gênero que não é atualizado com frequência.

O formato textual dos *blogs* e das *home pages* pessoais inclui ainda o *dispositivo de comentário* do texto escrito e o *contador de acessos ao site*. A ausência desses dispositivos no caso do diário íntimo pode ser justificada pelo suporte material, mas poder-se-ia argumentar também que ela é devida à *finalidade reconhecida* desse gênero que, em sua origem, desconsiderava a intervenção do olhar alheio sobre o escrito íntimo. 75,0% dos *blogs* escritos por mulheres e 80,0% dos *blogs* escritos por homens apresentam o dispositivo do comentário; 46,4% dos *blogs* de mulheres e 64,0% dos *blogs* de homens têm contador de acesso na página. Os dispositivos do comentário e do contador de acessos costumam aparecer na página inicial do *site*. O dispositivo do comentário costuma aparecer, na maioria dos *blogs*, junto à assinatura, ao final de cada *post*, já que seu funcionamento está condicionado à participação do leitor com um comentário para cada um dos textos, como:

(k) Ahhhhhh sexta-feira... como eu gosto de você.

[1] posted by Danilo [2] [comente...]

[28.M, 12/04/02, 4:23 PM (grifos nossos)]

²²⁷ Disponível em: <http://www.dsc.ufpb.br/~eliane/>

²²⁸ Disponível em: <http://www.geocities.com/Pipeline/7277/>

²²⁹ Disponível em: <http://www.geocities.com/RodeoDrive/9816>

²³⁰ Disponível em: <http://www.geocities.com/SiliconValley/Campus/5504/index2.htm>

em que [2] é marcado como *link* para o envio de mensagens ao autor da página. A formulação do enunciado do campo do comentário é de responsabilidade do escrevente. Em [2], o uso das reticências indica a insinuação daquele que busca “atrair” o leitor para o espaço interacional do *blog*. O enunciado [1] é padrão da ferramenta. Nos *blogs* pesquisados, verificamos a formulação de enunciados caracterizados pela informalidade da modalidade escrita, os quais podem ser considerados chamativos – “Manda ver!”,²³¹ “Replique, implique, fale!”²³² ou convidativos – “Alguém?”,²³³ “Comenta, vai...”.²³⁴ Alguns escreventes chegam a fazer apelos explícitos ao leitor, na tentativa de receber alguma mensagem (qualquer):

(l) [1] Esta página está no ar a 6 horas e [1’] até agora não recebi nenhuma mensagem de feedback. [2] Mandem **comentários** para mim!!!! [25.F, 05/11/00, 02:59 (grifo no original)]

O texto (l) é excerto de um dos *posts* enviados pela escrevente no dia da estréia do *blog*. Destacamos em [1] e em [1’] a urgência atribuída ao tempo nas relações mediadas pela internet. A escrevente se mostra indignada com o fato de que a página “já” estava em rede há 6 horas e que “ainda” não havia recebido comentário algum. Supõe-se que seis horas representem tempo de espera demasiado longo, ainda que a relação temporal no *blog* seja assíncrona. O enunciado [2] marca o pedido explícito feito ao leitor para que esse *comente* o texto escrito. O pedido pode ser lido como súplica identificada no emprego do destaque em negrito na palavra “comentários” e no uso de 5 (cinco) pontos de exclamação. Lembramos que um pedido semelhante foi feito pela escrevente do texto (d) apresentado no

²³¹ 4.F.

²³² 13.F.

²³³ 24.F.

²³⁴ 23.F.

Capítulo 1. Na elaboração do franco “p.s.” – elemento característico do gênero epistolar – a escrevente manda um “recado” para os leitores do *blog*: “MANDEM E-MAILS PRA MIM! FAÇAM COMENTÁRIOS! ASSINEM O LIVRO DE VISITAS! QUALQUER COISA, ATÉ CRITICAR (educadamente please, senão ofende) ESTÁ VALENDO. EU SOU ABSOLUTAMENTE NEURÓTICA POR RETORNO DE INFORMAÇÃO...”.²³⁵

Observamos ainda que tanto os *blogs* quanto as *home pages* pessoais podem apresentar o chamado livro de visitas (*guestbook*), no qual o leitor pode deixar registradas impressões gerais sobre o que foi lido ou sobre seu relacionamento com o enunciador. A diferença entre o livro de visitas e o dispositivo do comentário é que o primeiro se refere a um contexto geral da produção escrita, enquanto o último está relacionado a cada um dos *posts* enviados para o sistema da rede.

Dispositivos como *guestbook*, comentário ou ainda o *trackback* – que permite que outros *posts* e outros *blogs* que fizeram referência a determinado texto sejam *linkados* junto do texto, de modo a mostrar explicitamente ao leitor a discussão realizada em torno daquele texto em outros *blogs*²³⁶ – têm como função promover a interação entre os usuários da internet; o funcionamento de tais dispositivos nos gêneros analisados tem como objetivo a visibilidade social dos sujeitos. Da perspectiva da instauração de uma *publicização de si*, o escrevente de *blog* (e o da *home page* pessoal) pode(m), ainda, mensurar sua pretensa popularidade através da incorporação de um contador de acessos, que indica o número de acessos à página eletrônica. 46,4% dos *blogs* escritos por mulheres e 64,0% dos *blogs* escritos por homens apresentam esse dispositivo. Os escreventes assim justificam a inclusão do contador ao *blog*:

²³⁵ 33.F, 23/11/01, 17:54:35.

²³⁶ Primo & Recuero, 2004 (*on-line*).

(m) [1] Coloquei um contador p/ saber se estou falando sozinho [2] ou tem algum doido me lendo [3] heheh [43.M. 10/09/01, 17:53]

(n) [1] Comentários eu não sei se vou colocar aqui, [2] mas um contador com certeza, [3] sou viciada em saber quantas pessoas caíram em meus blogs, aliás [4] sempre fui ligada em fantasias e [5] o contador é uma forma de vc tentar imaginar que foi visto, [6] blog é uma neurose, né? [7] mas o que não é? [22.F, 02/06/02, 4:00 AM]

Tanto em (m) quanto em (n) fica claro que a função do contador é saber se o *blog* é lido por outra pessoa que não seja o escrevente. Em (m), o escrevente procura fazer graça consigo próprio e com o leitor, afirmando que o uso do contador pode mostrar se ele está falando sozinho ([1]) ou com “algum doido” ([2]) que tenha se disposto a lê-lo. O gracejo é explicitado pelo próprio autor com o uso das “risadinhas” em [3]. No texto (n), a fundamentação da escolha do dispositivo do contador é atravessada pelo discurso psicologizado. A escrevente não tem certeza de que queira receber comentários alheios sobre sua vida ([1]), mas “com certeza” ([2]) quer saber se foi vista ([5]) – em uma referência ao jogo constitutivo entre o voyeurismo e o exibicionismo –, já que se trata de um “vício” ([3]) e de uma “fantasia” ([4]) relacionada ao olhar do outro. A atividade do *blog* se revela, desse modo, como uma “neurose” ([6]) e é a própria escrevente quem questiona se haveria alguma atividade que não o seja ([7]). O funcionamento do contador tem, portanto, duplo aspecto: o dispositivo *faz ver* o autor da página e permite, ao mesmo tempo, que ele “imagine que foi visto” pelo outro.

Os dispositivos analisados na composição do formato textual do *blog* fazem refletir que o desenvolvimento tecnológico é constitutivo do modo de enunciação que busca no outro possibilidade de resposta. A função dos *blogs* – independentemente da tipologia – é reconhecida como *interpessoal*, concernente a múltiplos participantes. A função do *blog* do Tipo₁ pode ser definida ainda como *lúdica*, relativa ao prazer proporcionado pela atividade

de escrita, ou mesmo *educacional*, se estiver vinculada à aplicabilidade na área de Ensino, como atesta a experiência descrita por Turnbull (2004) com crianças inglesas.²³⁷ Nesse último caso, destaca-se também a função *institucional* ligada aos objetivos da escola. Paralelamente às funções identificadas nos *blogs*, buscamos problematizar o *funcionamento* que instaura um *lugar de visibilidade* para o enunciador na relação com o co-enunciador, seja por meio da qualidade do comentário ou do comentador, seja pela quantidade de comentários recebidos, que torna manifesta a passagem do *outro* pelo *eu*.

A cenografia nos blogs

Consideramos que o estudo das relações intergenéricas constitutivas do gênero *blog* deve abranger a problematização da *cenografia* instituída. Segundo Maingueneau (2004), a cenografia não é imposta pelo gênero do discurso, mas é fundada pelo próprio discurso em um processo “*em espiral*”:

na sua emergência, a fala implica uma certa cena de enunciação, que, de fato, se valida progressivamente por meio da própria enunciação. A cenografia é, assim, *ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra*; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia da qual vem a fala é, precisamente, a cenografia necessária para contar uma história, denunciar uma injustiça, apresentar sua candidatura em uma eleição etc. [Maingueneau, 2004: 96 (grifos no original)]

No caso dos *blogs*, a “cena genérica *rotineira*” dos textos classificados como Tipo₁ focaliza a narrativa do cotidiano – da vida pessoal, privada, íntima – do escrevente, compartilhada de maneira pública com o leitor. A legitimação da intimidade construída

²³⁷ Turnbull, 2004 (*on-line*).

com o co-enunciador deve, por sua vez, obedecer ao que Maingueneau (1984) denomina *sistema de restrições semânticas globais* – isto é, à integração de todos os “planos” que constituem os enunciados e o modo de enunciação.²³⁸ Assim, a publicização de si e a intimidade construída com o co-enunciador nos *blogs* são estabelecidas mediante um jogo enunciativo que engendra tanto o vocabulário quanto os temas tratados, na ação dos sujeitos sobre os diversos níveis que constituem a trama da linguagem. Acreditamos que a emergência dos *blogs* que podem ser associados aos diários mobiliza elementos verbais e não-verbais que retomam, na qualidade de *ruína* do gênero discursivo, a intimidade pressuposta na prática diarista, mas segundo efeitos de poder distintos. Diferentemente da “busca de si” e do distanciamento do olhar alheio, a cenografia nos *blogs* visa à “busca do outro” e à instauração de um lugar visibilidade do sujeito na rede.

A figura que se segue é referente a um dos *blogs* do conjunto de textos da pesquisa.²³⁹

²³⁸ Maingueneau, 1984: 81-108.

²³⁹ Disponível em: <http://www.minhavidadememinina.blogspot.com/>

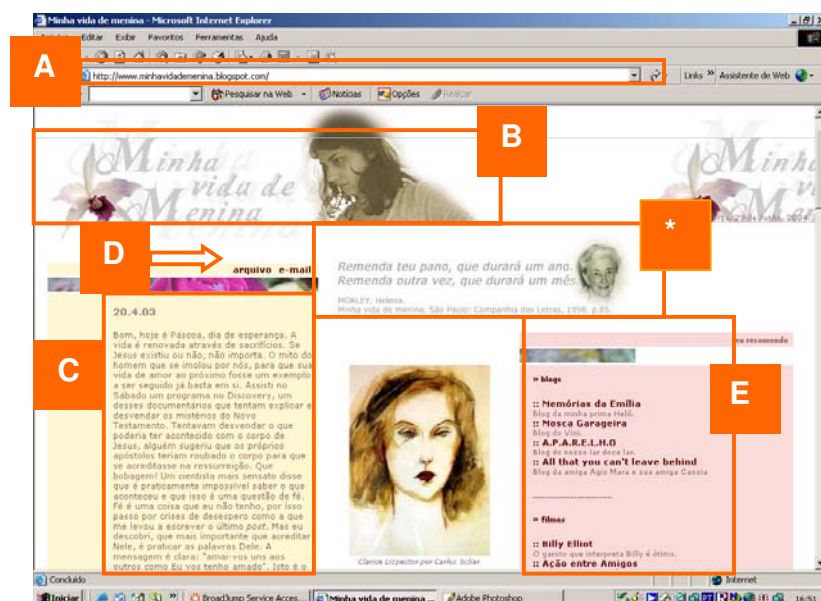


FIGURA 20: Minha vida de menina (os destaques em cor laranja são nossos)

Escolhemos discutir esse *blog* porque ele estabelece diálogo manifesto com o célebre diário assinado por Helena Morley, *Minha vida de menina*: cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX, mencionado no início deste capítulo. O título do *blog* (B) é referência explícita ao título do livro. A escrevente do *blog* cita um excerto do livro ao lado superior direito da página *web*. A citação foi por nós assinalada em caixa laranja, com um asterisco. Há uma imagem (foto) de Helena Morley no lado direito do texto. A cenografia instituída retoma a do diário íntimo em vários aspectos: na intertextualidade com o título de um diário consagrado, na utilização da marca formal da data (C) e – principalmente – no tratamento de temas privados e íntimos relacionados aos acontecimentos vividos no cotidiano. Os aspectos não-verbais do *blog* são igualmente importantes para a instituição da cenografia de intimidade, ainda que eles não constituam objeto de estudo específico no domínio da Lingüística. A ação da escrevente no uso da tipografia, das cores em tons pastéis, das imagens (fotos de mulheres, fotos de flores) evoca a intimidade que se atribui à prática dos diários íntimos.

Os dados biográficos da autora do livro *Minha vida de menina* esclarecem que ela não tinha a pretensão de publicar seus escritos. Incentivada pelos filhos, Alice Dayrell decidiu publicá-los sob pseudônimo. Foi ainda “por sentimento de recato” que Dayrell/Morley tomou a resolução de mudar alguns dos nomes de pessoas da família que aparecem no livro.²⁴⁰ A deliberação sobre a publicação ou não dos escritos íntimos está fora de questão para os escreventes de *blogs*. Aquele que se inscreve nesse gênero objetiva a visibilidade, pois é de seu conhecimento que o suporte material possibilita a difusão dos escritos na rede, cujo alcance é global. O escrevente de *blog* também pode criar pseudônimos ou, ainda, aparecer de maneira anônima na internet, com facilidade muito maior do que o escrevente submetido às amarras institucionais de editoras, por exemplo.

O *blog* em questão é assinado por *Menina Moça*, apelido condizente com o *tom confessional* da cenografia de um diário íntimo. A exemplo do que fez Alice Dayrell, a escrevente resolve não assinar a produção com nome próprio. A precaução com a exposição da intimidade ganha, porém, contornos inusitados na prática dos *blogs*. Se por um lado a identidade da escrevente é preservada com a adoção de outro nome, por outro, ela é exibida com a divulgação de fotos de sua família e com a publicação de histórias pessoais, que incluem o nome completo de seus familiares:

(o) [1] **Geralda Ferraz de Campos**, nascida no dia 29 de fevereiro de 1908, em Cristina, Minas Gerais.

Minha avó. Católica fervorosa, esposa dedicada, mãe amantíssima.

Casou-se aos 22 anos com **meu avô**, [2] **José Pereira Campos**, com quem viveu até o fim uma vida de amor e com quem teve onze filhos. [...] [35.F, 14/06/02, 22:20 (grifos nossos)]

176

Em [1] e em [2], a escrevente divulga informações que são consideradas na atualidade como dados pessoais. Há a divulgação de uma foto da avó na fase adulta e outra

²⁴⁰ Morley, 1994: viii.

da avó “e amiguinhas”, quando aquela era jovem. Consideramos que a publicação dessas histórias pessoais de Menina Moça se inscreve no jogo da publicização de si na relação com a intimidade construída com o co-enunciador. É preciso *fazer ver* determinados traços da intimidade para que o escrevente se torne visível socialmente.

Discutamos cada um dos elementos mais comuns presentes na composição da *cena genérica* do *blog*. As letras maiúsculas em cor de laranja retomam as caixas destacadas na Figura 20:

A – Endereço eletrônico do *blog* para a localização da página eletrônica na internet. O título do *blog* (ou parte dele), ou o *nickname* (apelido) ou o nome do escrevente costuma ser parte constituinte da sintaxe do endereço, na parte que antecede o nome do publicador – isto é, do serviço que reúne a hospedagem, *templates* (modelos de páginas eletrônicas) e ferramenta para publicação – e a especificação de que se trata de endereço eletrônico com finalidade comercial (“ponto com”), como: <http://www.minhavidadem menina.blogspot.com/>; <http://donadecasa.weblogger.com.br/>,²⁴¹ em que “dona de casa” é o *nickname* da escrevente; <http://patinog.weblogger.com.br/>,²⁴² em que “patinog” é a abreviatura do nome da autora da página, Patrícia Nogueira. Interessa-nos destacar que a inserção do título, do apelido ou do nome próprio é estratégia colocada à disposição dos escreventes pelos dispositivos institucionais para que o nome do *blog* (o nome do escrevente, o da instituição provedora) seja evocado com facilidade na atividade de acesso (para a visibilidade) em rede.

177

B – Título do *blog*, com ou sem subtítulo. No exemplo em questão, há apenas o título, *Minha vida de menina*. No conjunto de textos da pesquisa, porém, são inúmeros os

²⁴¹ 19.F.

²⁴² 51.F.

exemplos de títulos com subtítulos: *Afrodite sem Olimpo*: **porque eu também sou filha de Zeus**;²⁴³ *Depois eu penso nisso*: **o olhar despretenso de uma mulher sobre a vida...**;²⁴⁴ *Diário gay*: **apenas mais um cara gay**;²⁴⁵ *Histórias de Cronópios*: **os relatos da lagarta azul**;²⁴⁶ *Meu querido Etheobaldo*: **porque fazer blog é mais barato que pagar analista**;²⁴⁷ *Páginas íntimas*: **uma maneira de usar outros para falar deles e de mim**.²⁴⁸ O título funciona como “marca” do escrevente na internet; por meio dele, o escrevente é lembrado (ou esquecido) pelos leitores. O subtítulo aparece como *divisa* que busca prescrever os efeitos de sentido que o escrevente procura fazer valer a respeito do *blog* e/ou de si próprio. Além disso, acreditamos que a construção composicional título/dois pontos/subtítulo no *blog* restitui as relações intergenéricas com o gênero *obra literária*, como em *Minha vida de menina*: cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX, título do livro baseado no diário de Helena Morley; essa construção composicional pode ser entendida, portanto, como “ruína do enunciado genérico”. O formato consagrado no meio impresso visa à instauração, por transferência, de um lugar de visibilidade para o *blog* no meio digital.

C – Post, que pode ser definido como a unidade textual do *blog*, formada por uma linha (ou por uma imagem, um arquivo de som) ou por vários parágrafos (ou por várias imagens e arquivos de som). O funcionamento do formato textual do *post* foi discutido na caracterização das relações intergenéricas constitutivas do gênero *blog*. Interessa-nos dar destaque ao *conteúdo temático* para a problematização da cenografia. O levantamento do

²⁴³ 3.F.

²⁴⁴ 13.F.

²⁴⁵ 15.M.

²⁴⁶ 24.F.

²⁴⁷ 33.F.

²⁴⁸ 38.M.

conteúdo temático dos *posts* foi realizado levando-se em conta a distinção entre *blogs* escritos por homens e por mulheres. Definimos o conceito de *tema* como *aquilo do que se fala* (tópico) na sequência textual; sua classificação é apresentada segundo a ocorrência, do mais mencionado ao menos mencionado. No interior do mesmo quadro, os tópicos foram organizados em ordem alfabética. Visando à caracterização do *estilo* do gênero, levamos em conta somente aqueles que apareceram em mais de um *blog*, isto é, que não se mostraram episódicos no conjunto de textos.

QUADRO 2 – Conteúdo temático dos *blogs* pesquisados

<i>Blogs</i> escritos por homens	<i>Blogs</i> escritos por mulheres
1º Cotidiano (o que fez durante o dia)	1º Família (filhos, marido, pai, mãe)
2º (a) Amigos (programas e passeios com amigos, confidências) (b) Computador / internet (reclamações sobre o funcionamento dos provedores, das ferramentas de <i>blogs</i> ; novos produtos no mercado de informática) (c) Final de semana (o que fez durante o final de semana)	2º Amigos (programas e passeios com amigos, confidências)
3º (a) Família (filhos, esposa, pai, mãe) (b) Política (comentário sobre política nacional e internacional)	3º Cotidiano (o que fez durante o dia)
4º Dicas de serviços (o que, onde comprar)	4º Relacionamentos afetivos (amor, paquera, namoro, sexo, fantasias sexuais, divórcio)
5º (a) Filmes (comentário sobre o que foi visto no cinema ou na televisão) (b) Relacionamentos afetivos (amor, paquera, namoro, sexo)	5º Final de semana (o que fez durante o final de semana)
6º (a) Literatura (comentário sobre a leitura de livros e de gibis; autores favoritos) (b) Mulheres (comentário sobre o corpo feminino, principalmente) (c) Reflexões sobre a vida (divagações filosóficas)	6º (a) Filmes (comentário sobre o que foi visto no cinema ou na televisão) (b) “Neuroses” femininas (problemas com celulite, gordura localizada, menstruação, tensão pré-menstrual, insegurança; compulsão por compra, por comida, por afeto)
7º (a) Piadas (também com reprodução de tirinhas de história em quadrinhos) (b) Profissão (relação com os colegas, insatisfação, apreço pela profissão)	7º Computador / internet (reclamações sobre o funcionamento dos provedores, das ferramentas de <i>blogs</i> ; novos produtos no mercado de informática)
8º (a) Copa do Mundo 2002 (b) Frases feitas / citações (c) Irritação com os acontecimentos cotidianos (d) Música (o que ouve, letras de música,	8º (a) Homens (amá-los ou não; por que eles não querem se envolver com as mulheres; comentário sobre o corpo masculino) (b) Irritação com os acontecimentos cotidianos

arquivos de som, crítica e lançamento de álbuns) (e) Poema (reprodução de poema) (f) Violência	
9º (a) <i>Blogs</i> (comentário sobre outros escreventes que escrevem sobre <i>blogs</i>) (b) Homossexualidade (c) <i>Nonsense</i> (d) Sentimentos (ansiedade, saudades) (e) <i>Reality shows</i> (comentário sobre o <i>Big Brother Brasil, Casa dos Artistas</i>)	9º (a) Copa do Mundo 2002 (b) Sentimento de saudades (c) <i>Reality shows</i> (comentário sobre o <i>Big Brother Brasil, Casa dos Artistas</i>)
10º (a) 11 de setembro de 2001 (b) Clonagem (de animais, de cartão de banco) (c) Despesas do mês (d) Futebol (e) Grotesco / escatológico (f) Preferências (o que gosta de fazer, de comer, de beber; <i>hobbies</i> ; lugares a serem frequentados) (g) Testes via internet	10º (a) Sentimentos (medo; como vencer o medo, as angústias, a solidão) (b) Música (o que ouve, letras de música, arquivos de som, crítica e lançamento de álbuns)
	11º (a) Dicas de serviços (o que, onde comprar) (b) Projetos (ambições, sonhos de consumo, projeção) para o futuro (c) Recordações do passado (infância, adolescência, época da faculdade) (d) Televisão (novela, noticiário, programa de auditório)
	12º Férias (do trabalho, da escola)
	13º (a) Morte de celebridades (Cássia Eller; Claudinho e Buchecha; George Harrison; Tom Jobim) (b) Piadas (c) Política (comentário sobre política nacional e internacional)

	(d) Profissão (relação com os colegas, insatisfação, apreço pela profissão) (e) Reflexões sobre a vida (divagações filosóficas)
	14º (a) Frases feitas / citações (b) Vida das celebridades (c) Violência
	15º (a) 11 de setembro de 2001 (b) Literatura (comentário sobre a leitura de livros e autores favoritos)
	16º (a) Curiosidades (b) Mensagens de auto-ajuda (c) Miséria social

É importante observar que, num mesmo dia, o escrevente pode enviar inúmeros *posts* para a rede, ou um único. Em um mesmo *post* podem ser tratados assuntos públicos e íntimos, ou somente assuntos públicos, ou somente assuntos íntimos. O número de *posts* enviados e sua extensão não foram considerados aspectos definidores do gênero, muito embora consideremos que, em relação ao número de *posts*, enunciador e co-enunciador têm a expectativa de que a atualização seja feita diariamente, várias vezes ao dia.

Fica evidente no exame dos 5 (cinco) principais temas encontrados nos *blogs* pesquisados de homens e de mulheres que o gênero do discurso privilegia assuntos ligados ao âmbito pessoal e individual, privado e íntimo do enunciador, compartilhados de maneira pública com o co-enunciador. O *post* estabelece relações intergenéricas com o diário íntimo não apenas devido ao formato da data, mas também devido aos temas tratados. Os temas que podem ser classificados como íntimos, que foram mais comentados pelos escreventes (homens e mulheres), são o **cotidiano** e os **relacionamentos familiares, amigáveis e afetivos**. Dentre os 5 (cinco) principais temas encontrados nos *blogs* escritos por homens,

estão os temas públicos do computador e da internet, da política nacional e internacional, dos filmes e das dicas de serviços. Esses mesmos temas são tratados por mulheres, embora eles não estejam entre os cinco principais. De nosso ponto de vista, a emergência de temas íntimos na prática dos *blogs* mostra como o sujeito é impelido, pelas relações de poder que funcionam na e circulam pela sociedade, a falar (incessantemente) em público sobre determinados aspectos íntimos de sua vida, a se expor ao olhar (à vigilância) alheio(a) para que ele seja *sujeito da (à) visibilidade*. Paralelamente, o tratamento do cotidiano e dos relacionamentos pessoais recai na banalidade e no lugar-comum das atividades humanas. Dessa perspectiva, há pouca (ou nenhuma) oportunidade de reflexão crítica, já que o funcionamento do gênero privilegia a publicização de si na relação com a intimidade construída e não a *ação* do sujeito pelo *discurso*, como definida por Arendt (2003).

D – Navegação local ou subnavegação, barra que reúne *links* para informações e dados considerados pelo enunciador interessantes para o co-enunciador. Em *Minha vida de menina*, são *links* para o **arquivo** dos textos já postados em rede e para o **e-mail** da escrevente. Por se tratar de um “diário”, imagina-se que quem visita a página *web* tem interesse em conhecer as histórias precedentes do autor, o que justificaria a presença do “arquivo”. Da perspectiva do suporte material, lembramos que a capacidade de armazenamento de dados no computador não cessa de aumentar. Em relação ao suporte papel do diário íntimo, suscetível de decomposição material, o suporte eletrônico apresenta essa diferença. A tecnologia promove ainda a interatividade entre enunciador e co-enunciador, com a troca de mensagens via *e-mail*. Nos *blogs* pesquisados, 59,0% das mulheres e 84,0% dos homens colocam à disposição do leitor arquivos de textos antigos; 57,1% dos *blogs* escritos por mulheres e 88,0% dos *blogs* escritos por homens apresentam *e-mails*. No conjunto de textos, encontramos outros elementos componentes da barra de

navegação local que se mostraram importantes na composição da cenografia do *blog*. Trata-se dos *links* para o *perfil/apresentação* do escrevente ou do *blog* (68,0% entre os *blogs* escritos por mulheres e 80,0% dos *blogs* escritos por homens); para o *dispositivo de comentário* e da presença do *contador de acessos do site*. Esses dois últimos elementos foram discutidos na caracterização do formato textual do *blog*. O texto da apresentação visa a mostrar publicamente determinado perfil do escrevente ou do *blog*. Não é de qualquer modo, porém, que os sujeitos podem se fazer vistos: o *sistema de restrições* impõe a confissão de traços físicos, emocionais, intelectuais; das preferências e dos *hobbies* do escrevente, de maneira a produzir reação positiva do leitor.

(p) ::EU....:

[1] tenho 19 anos

[2] curso 2º ano Filosofia

sou: mulherRrr

sou de: MG

[3] quero: ser FELIZ

[4] exijo: respeito

[5] penso, logo: existo [23.F]

(q) <!--PeRFil -->

Nome: Cristiano

Refúgio: Curitiba

Idade: 26

Nascido em: 12/05/75

Signo: Touro

Ascendente: Virgem

Aparência

[1] Cabelo: Castanho Claro

[2] Olhos: Verdes

[3] Altura: 1,72m

[4] Peso: 67 Kg

Mais em breve... [43.M]

(r) ROSI: mulher – publicitária – solteira – vive em BH – [1] fala muito – [2] lê – [3] ama cinema – [4] ama design. [37.F]

Os textos (p), (q) e (r) apresentam perfis de blogueiros. Destacamos, no texto (p), a referência que a jovem estudante de Filosofia ([1], [2]) faz ao célebre enunciado *Je pense, donc je suis* (*Penso, logo existo*) em [5], sem, no entanto, demarcar lingüisticamente que se trata de uma citação – e de uma citação extraída da doutrina do francês René Descartes. De um lado, pode-se refletir que o efeito de sentido produzido por [5] busca legitimar o *posicionamento* enunciativo assumido pela escrevente em [2]. De outro, os enunciados [3] e [4] ratificam o *lugar-comum* de valores partilhados na sociedade atual, mas não há indicadores de que as assertivas foram deduzidas pelo pensamento filosófico. É preciso expor qualidades para ser visível ao outro. Acentuam-se características intelectuais, como no texto (p) e no texto (r), enunciados [2], [3] e [4]; acentuam-se traços físicos que se supõe valorizados na sociedade, como no texto (q), enunciados [1] a [4]

E – Lista de links / Webring, lista com os *links* para os *sites* de interesse do escrevente. Na Figura 20 é possível visualizar duas listas, “blogs” e “filmes”, mas também “sites de design”, “gatos” e “livros”. Cada um dos *links* é seguido de um comentário pessoal da escrevente. 57,1% dos *blogs* escritos por mulheres e 60,0% dos *blogs* escritos por homens apresentam *links* para assuntos de interesse do(s) autor(es) do *blog*. Entre os 5 (cinco) assuntos mais citados, encontram-se, em primeiro lugar, *links* para **música / cantores e bandas (nacionais e internacionais)**; em seguida, *links* para **cinema e crítica de filmes**; em terceiro lugar, *links* para **sites de notícias** (como os do *Estadão* e *Agência Estado*, *Folha de S.Paulo*, *UOL*, *BBC Brasil*, *Último Segundo*, no mínimo); em quarto, *links* para **buscadores** (como *Google*, *Altavista*, *Cadê?*) e em quinto, *links* para **rádios** (*CBN*

Notícias, 89 Fm). Acreditamos que a emergência desses temas na lista de *links* tem duplo aspecto: por um lado, *links* para *sites* de música e de filme enfatizam o caráter de intimidade construída entre enunciador e co-enunciador, já que se considera que as músicas e os filmes indicados dizem respeito ao “estilo pessoal” do primeiro; de outro, *links* para *sites* de notícias, de buscadores e de rádios mostram que o blogueiro procura oferecer ao leitor um tipo de serviço que seja de interesse público. O pressuposto é de que todos os usuários busquem na internet algum tipo de informação, pois a internet seria um meio fidedigno, eficaz e ágil de encontrá-las. Ao mesmo tempo em que o leitor é “contemplado” com um conjunto de *links* úteis para sua (in)formação em rede, ele cumpre a *passagem* pelo *site* do enunciador, ainda que seja por poucos instantes; é o tempo suficiente para a contagem de mais um acesso ao *blog*.

O exemplo a seguir foi extraído do *blog Minha vida de menina*. Trata-se da lista de *links* para filmes indicados pela escrevente:

(s) >> filmes

:: Billy Eliot

[1] O garoto que interpreta Billy é ótimo.

:: Ação entre Amigos

[2] Ótimo roteiro.

:: Clube da Luta

[3] Depois de 11 de setembro o final ficou bastante macabro, mas ainda é um puta filme.

:: Livro de Cabeceira

[4] Como todo filme de Peter Greenaway, o forte é a direção de arte.

:: Antes do Amanhecer

[5] Meu filme de mulherzinha preferido. [35.F]

A escrevente faz somente elogios aos filmes assinalados. O recurso ao elogio é explicitado na escolha dos predicativos – “ótimo” em [1]; “forte” em [4] – e dos adjetivos –

“ótimo (filme)” em [2]; “puta (filme)” em [3]; “(filme de mulherzinha) *preferido*” em [5]. Não se trata da análise ou da crítica cinematográfica: os enunciados [1] a [5] são constituídos como *comentário*, no sentido já definido. O blogueiro *sabe* que pode (*necessita*) dizer “qualquer coisa” a respeito de “qualquer assunto” na internet; de preferência, de modo a expor uma “opinião pessoal” que circule em público sem maiores problemas. O traço da leveza dos temas se estende ao longo da construção do texto “*em espiral*”: é preciso que a leveza seja sustentada em todos os níveis para que a cenografia seja minimamente estabilizada.

Acreditamos que a disposição de listas, comumente presentes na organização das páginas eletrônicas, é constitutiva das práticas lingüístico-discursivas dos *blogs*. Da perspectiva dos estudos etnográficos – e a partir da assunção de uma dicotomia entre escrita e fala –, Goody ([1977] 1988) avalia a importância da lista como “fenômeno visual” para a classificação por meio da escrita:

A lista baseia-se na descontinuidade, e não na continuidade; pressupõe uma certa localização física, podendo ser lida em diferentes direcções; lateral e verticalmente, de cima para baixo ou da esquerda para direita; e apresenta ainda um começo bem definido e um fim preciso, ou seja, apresenta um limite, ou uma orla, como uma peça de vestuário. Mais importante, a lista facilita a ordenação das diferentes rubricas pelo número, pelo som inicial, pela categoria, etc. E a existência de limites, externos ou internos, cria uma maior visibilidade das categorias, ao mesmo tempo que as torna mais abstractas. [Goody, 1988: 94]

Salientamos com Goody que a eficácia das listas está na melhor *visibilidade* das categorias no espaço textual. A delimitação da extensão do texto, com início e fim localizáveis, facilita o acesso à informação em destaque. No caso das listas de *links* que compõem as páginas eletrônicas, a consequência é a eficácia do modo de circulação dos

sites (dos sujeitos, das instituições provedoras), já que o clique do *mouse* sobre a palavra-chave marcada como documento de hipertexto conduz o leitor diretamente a um espaço outro.

A propósito do modo de circulação nos *blogs*, gostaríamos de ressaltar que a formação de listas de *links* para *blogs* é importante elemento na constituição da cenografia. 82,1% dos *blogs* escritos por mulheres e 96,0% dos *blogs* escritos por homens apresentam listas de *links* para outros *blogs*. A lista de *blogs* forma o que se chama de *webring*, isto é, um círculo de escreventes de *blogs* do qual o escrevente participa através da leitura e/ou por meio do envio de comentários sobre os *posts* de outros escreventes. A definição é apresentada por Recuero (2003), para quem o *webring* representa um “grupo de pessoas, mais do que um grupo de *links*”.²⁴⁹ De nosso ponto de vista, a constituição de listas de *links* para *blogs* tem papel fundamental no modo de enunciação dos escreventes dos próprios *blogs*. Por um lado, essa lista contribui para a formação de “comunidades virtuais” em que um blogueiro cita outro, que cita outro, que cita outro, que acaba por citar o primeiro;²⁵⁰ é desse modo que muitos leitores de *blogs* – nós, inclusive – têm conhecimento dos *sites*:

(t) [1] Falei que ia dormir, não foi?

[1'] Pois é... Não consegui.

[2] Continuei lendo blogs de terceiros...

[3] Se eu continuar assim, vou ser meu próprio paciente da clínica de desintoxicação internética...

[4] Mas o legal é quando você vai descobrindo os blogs, dos blogs, dos blogs que você anda lendo... [4'] Efeito dominó. [...] [Matt. F., 40.M, 14/01/02, [5] 05:31:19]

²⁴⁹ Recuero, 2003 (*on-line*).

²⁵⁰ Doria, 2001 (*on-line*).

No excerto (t), o escrevente estabelece diálogo explícito com o leitor do *blog*. Em [1], fica-se sabendo que o escrevente tinha intenção de dormir, dado o horário indicado junto à assinatura, no final do *post* ([5]). Entretanto, ele permanece acordado ([1']), retido à atividade da leitura de *blogs* ([2]). Em [4], subentende-se que esse procedimento de leitura da página *web*, com *links* direcionados a determinados endereços eletrônicos, é o modo de acesso preferencial a outros *blogs*, processo sintetizado na expressão “efeito dominó” ([4']). Para o que nos interessa, o funcionamento do *webring* **restringe** o modo de acesso aos *blogs* disponíveis em rede; o *webring* estabelece limites não através da censura, mas por meio de um dispositivo que busca tornar o leitor cativo daquele círculo de “amigos”.

Por outro lado, a lista de *blogs* – apresentada verticalmente, na barra de rolagem da página eletrônica, ou horizontalmente, na seqüência textual do *post* – torna manifesta a *intertextualidade* constitutiva da dimensão dialógica da linguagem, por meio da apresentação de um conjunto de relações explícitas (marcadas como *links* de hipertexto) que o texto mantém com outros:

(u) [1] **Blogs que me visitaram e que eu visitei de volta**, [2] **blogs amigos**, [3] **blogs do coração**, [4] **blogs que leio que adoro etc**: [5] **Hortinha**, [6] **Malcriada Silva** (de volta à vida virtual para felicidade geral dos blogueiros.); [7] **Cher**; [8] **Menina do Ponto G** (eu juro que ela me deu autorização para continuar a chamá-la assim!); [9] **Fernando Ribeiro**; [10] **Nielison**; [11] **Darkness**; [12] **Alpinista**; [13] **Carolzinha**; e chega. [14] Cansei de colocar links. [15] Se o seu blog não está aqui não é por maldade [15'] nem por falta de consideração, [16] é preguiça mesmo. [41.F, 19/07/02, 20:51:12 (grifos no original)]

Em (u), a escrevente elabora uma lista de *blogs* classificados segundo os critérios pessoais [1] a [4]. Os excertos [5] a [13] estão marcados como *links* de hipertexto. Destacamos, em (v), o comentário meta-enunciativo feito pela escrevente em [14] sobre o fazer textual na internet. Como se trata de um texto eletrônico, é preciso seguir

determinadas instruções técnicas para que a palavra seja efetivamente registrada como *link* para outros documentos em rede. Talvez por esse motivo a escrevente tenha se queixado do estado de cansaço, já que o registro é executado termo por termo e ela menciona 9 (nove) nomes/endereços eletrônicos. Interessa-nos enfocar as justificativas [15] e [15’], endereçadas aos leitores que não têm seus *blogs* citados na página: nelas, fica evidente a complexidade enunciativa fundada no outro. Trata-se da precaução da escrevente contra eventuais cobranças dos demais freqüentadores do *blog*; subentende-se o pedido de desculpas também em [16] e o pedido adicional para que o enunciador não deixe de ser citada pelos outros.

“Citar amigos” de maneira elogiosa, através dos *links*, é ação distinta que diz respeito ao outro e ao modo de enunciação caracterizado pelo jogo entre a publicização de si e a intimidade construída com o co-enunciador:

(v) [1] Estou cadastrando na sessão “lets’s passear” os blogs por onde eu costumo passear, [2] coloquei só os que estavam no meu bookmark [3] mas ainda tenho outros pra colocar, [4] se vc tiver um blog e quiser participar da minha lista me mande que eu coloco. [5] E me ajudem a divulgar o meu, [5’] fiquem a vontade para colocar uma notinha no seu blog, [6] hehehe... [7] Propaganda é a alma do negócio.[28.M, 20/02/01, 10:46 AM]

O *post* acima foi extraído do *Let’s blogar* apresentado no Capítulo 2. O escrevente elabora todas as sessões do *site* segundo a fórmula “*Let’s X*”, em que X é a ação sugerida ao leitor; a sessão “let’s passear” designa *links* para outros *blogs* ([1]). O escrevente esclarece que ele só colocou os que se encontravam gravados em seu computador ([2]), mas o objetivo é adicionar tantos outros à lista ([3]), mediante a colaboração dos demais blogueiros ([4]). Importa destacar em [5] o funcionamento do modo de enunciação dos escreventes dos *blogs*: na construção da relação amigável, fundada na oferta da menção ao

outro, há a publicização do enunciador ([5']). O suposto constrangimento provocado pelo pedido explícito é comentado em [6], com o uso das “risadinhas”, que buscam atenuar o efeito negativo do pedido direto feito pelo escrevente. Em [7], porém, o escrevente faz uso da sentença popular como justificativa de sua ação. Quem, entre os blogueiros, poderá criticá-lo por isso?

A partir do que foi problematizado a respeito dos gêneros do discurso e das relações intergenéricas constitutivas do gênero *blog*, procuramos distinguir, de maneira esquemática, as principais características composicionais do *blog* do Tipo₁.

Características composicionais do gênero *blog*²⁵¹

O esquema abaixo indicado foi construído a partir das reflexões de Maingueneau ([1998] 2001) sobre um “conjunto de condições de êxito” na atividade social dos gêneros de discurso²⁵² e nas de Marcuschi (2004), a propósito de “parâmetros para identificação dos gêneros no meio virtual”.²⁵³ Os principais aspectos relacionados à caracterização de regularidades composicionais e discursivas do texto do *blog* do Tipo₁ foram os seguintes:

Finalidade reconhecida: Maingueneau avalia que todo gênero visa a responder à questão implícita: ‘Estamos aqui para dizer ou fazer o quê?’”.²⁵⁴ No caso dos *blogs* pesquisados, a resposta é caracterizada por um duplo caráter. A função do texto do *blog* é a “busca do outro” no espaço interacional. O texto do *blog* visa ao acabamento do outro (*no* outro), ao mesmo tempo em que a finalidade do gênero (e a dos *parceiros legítimos* nele inscritos) é *fazer ver e ser visto*, mediante o jogo enunciativo entre a publicização de si e a intimidade construída entre enunciador e co-enunciador.

Estatuto dos parceiros legítimos: Segundo Maingueneau, nos diferentes gêneros de discurso, devem-se reconhecer os papéis assumidos pelo enunciador e co-enunciador.²⁵⁵ Na atividade dos *blogs*, há a função de **escrevente** e a de **leitor**. O número de enunciadore de um *blog* é ilimitado e atualmente não são raros os exemplos de escrita coletiva. É importante observar que o leitor pode ter *blog* próprio, ou seja, também pode ser

²⁵¹ Uma versão desta parte do capítulo foi apresentada como texto de qualificação de área em Lingüística Textual no IEL/UNICAMP, sob o título “Pensar em hipertexto”. Agradecemos à Prof^a. Dr^a. Inedore Grunfeld Villaza Koch (presidente da banca), ao Prof. Dr. Sírío Possenti e ao Prof. Luiz Antônio Marcuschi pelas sugestões e críticas.

²⁵² Maingueneau, 2001: 65.

²⁵³ Marcuschi, 2004: 32 e ss.

²⁵⁴ Maingueneau, 2001: 66.

²⁵⁵ Maingueneau, 2001: 66.

escrevente; além disso, pode atuar (isto é, é desejável, pelo escrevente, que ele atue) como escrevente-comentador de *posts*. Marcuschi sugere que a relação dos participantes dos *blogs* pode ser assimétrica, já que todos os leitores que interagem com o blogueiro sabem quem ele é, mas não o contrário, pois pode não haver a identificação de quem entra em contato com ele.²⁵⁶ A abertura ilimitada do número de destinatários, mediante o advento de novos dispositivos comunicacionais, é destacada por Maingueneau.²⁵⁷ O autor menciona os casos de rádio e televisão, nós incluiríamos, ainda, os da internet e *blogs*, também citados por Marcuschi.

A propósito do estatuto dos parceiros legítimos nos *blogs*, gostaríamos de refletir sobre determinados conceitos que têm sido reproduzidos nos estudos da Comunicação, da Teoria Crítica, da Educação, da Linguística Textual, a respeito do **autor** e **leitor** no hipertexto. Acreditamos na pertinência da crítica a esses conceitos, uma vez que escrevente e leitor do *blog* podem ser tomados no exercício dessas funções. De nosso ponto de vista, a consideração dos estudos discursivos tem a contribuir para a reflexão sobre o funcionamento dessas funções. Da perspectiva da função autor, observa-se que ela é comumente exaltada pelos entusiastas das novas tecnologias que acreditam que a internet é propícia à expressão da liberdade, já que ao autor é facultada a possibilidade de colocar em circulação a produção de textos escritos, imagéticos, sonoros, sem a ingerência do sistema editorial tradicional. Do ponto de vista da produção textual, o autor do hipertexto costuma ser concebido como o que organiza a estrutura textual, assinalando os *links* que orientam as escolhas do leitor em sua trajetória no meio eletrônico. Para Bolter (2001), trata-se de um dos traços constitutivos da função autor do texto eletrônico: além de escolher as palavras,

²⁵⁶ Marcuschi, 2004: 35.

²⁵⁷ Maingueneau, 2001:81-82.

ele também é responsável por situar os *links* do hipertexto, para que o leitor explore a página eletrônica. Bolter avalia os benefícios dessa escrita eletrônica, que encorajaria os usuários a pensarem como as relações intertextuais podem ser pormenorizadas e explicitadas na estruturação do texto – jamais de maneira integral, mas com precisão crescente.²⁵⁸

Da perspectiva da função leitor, por sua vez, acredita-se que ele seja livre para escolher os *links* nos quais quer clicar para ir de uma página eletrônica a outra. O leitor é concebido como *co-autor* do hipertexto, como o que organiza a sequência do que vai ler. Landow (1997) considera que o leitor responde de maneira “ativa” ao texto, uma vez que as interconexões ficam sob sua responsabilidade.²⁵⁹ Os estudos em Literatura e Educação enfatizam a possibilidade de formação de um *hiperleitor*, com todas as atribuições positivas que o uso do prefixo pode imprimir ao nome. Tanto Landow quanto Bolter imaginam uma geração de *wreaders* [*writer* (o que escreve) + *reader* (o que lê)] muito mais participantes da relação com o texto, porque conseguem adicionar *links*, comentários e, eventualmente, conseguem corrigir, expandir, apagar o texto, interagindo com o autor (ou com os autores) do hipertexto, num tipo de intervenção considerado impossível no nível do impresso. Segundo Bolter, quando se permite ao leitor a possibilidade de modificar tais estruturas textuais, também se lhe atribui uma responsabilidade que é a de autor.²⁶⁰ Do ponto de vista dos estudos lingüísticos, Marcuschi (1999, 2000c) e Koch (2002) avaliam que o leitor tem controle cognitivo e informacional no hipertexto, desempenhando papel que consideram mais rico do que o do leitor do texto impresso. Para Marcuschi (2000c), “embora o leitor

²⁵⁸ Bolter, 2001: 178-179.

²⁵⁹ Landow, 1997: 4.

²⁶⁰ Bolter, 2001: 152.

usuário do hipertexto (o *hipernavegador*) não escreva o texto no sentido tradicional do termo, ele determina o formato da versão final de seu texto, que pode ser muito diversa daquela proposta pelo autor”.²⁶¹

De nosso ponto de vista, ser organizador da sequência textual – na assinalação de *links*, no *clique* do *mouse* – é apenas uma das funções do autor ou do leitor do hipertexto. Essa afirmação é estendida ao autor e ao leitor de *blogs*. Os célebres traços de *liberdade de expressão* ou *liberdade de escolha* nos parecem incertos se se pensar que o usuário da internet não deixa de estar (de *ser*) sujeito das relações de poder que atravessam as práticas discursivas na sociedade. Concordamos com Possenti (2002a), para quem a decifração de um texto, a descoberta de seu tema e de suas relações intertextuais, não têm a ver tão somente com uma mudança produzida pelo suporte material. A passagem do manuscrito ao eletrônico não é suficiente, segundo esse autor, para alterar o sentido do texto, isto é, seu “conteúdo”, de maneira a torná-lo totalmente acessível ou “transparente” aos leitores.²⁶² Melo (2004) observa que, embora no ciberespaço cada sujeito seja efetivamente um potencial produtor de informação, esse traço não é suficiente para que exista a democratização dos discursos. Melo enfatiza que “não basta que as idéias [estejam] lá depositadas, é preciso que elas circulem, que elas tomem corpo, que elas reverberem. Isto é, que elas entrem na *ordem do discurso* e não fiquem apenas ‘à deriva na superfície das águas’”.²⁶³ Certamente, há mudanças no estatuto do autor e leitor com o advento da internet; não é sua existência que é colocada em questão, mas seu funcionamento discursivo. A mudança de sentido do texto, como “conteúdo”, parece estar longe de ser

²⁶¹ Marcuschi, 2000c: 13 (grifo no original).

²⁶² Possenti, 2002a: 211-212.

²⁶³ Melo, 2004: 137 (grifos no original).

materializada apenas devido ao dispositivo técnico, como Possenti já havia assinalado. É preciso *ressignificar* as relações de poder vigentes na sociedade para que o estatuto dos sujeitos seja, de fato, transformado.

Lugar e momento legítimos: Maingueneau considera que todo gênero de discurso implica certo lugar e certo momento, constitutivos de sua atividade.²⁶⁴ O “lugar legítimo” para a atividade de escrita dos *blogs* é o computador, munido com a ferramenta para a edição do *blog*, com acesso à internet, em geral, situado na casa ou no local de trabalho do escrevente. O traço da **temporalidade** é aspecto relevante para o funcionamento do gênero. A **periodicidade** esperada é a diária (de preferência, várias vezes ao dia); aguarda-se que o envio de *posts* ocorra em simultaneidade ao acontecimento vivido, o que requer do enunciador o acesso irrestrito ao equipamento necessário, além do tempo destinado ao desenvolvimento dessa atividade. Os textos produzidos ficam armazenados no sistema da rede por período indeterminado (esse fator depende da capacidade de armazenamento de dados do provedor, isto é, da tecnologia). Os escreventes mantêm arquivos dos textos postados, o que permite aos leitores (e a eles próprios) conservarem a *seqüência*, a **continuidade** dos eventos narrados. A **validade** dos textos dos *blogs* tem duplo caráter: é *diária* porque se refere ao acontecimento centrado no eixo do *aqui / agora* do escrevente; é *acrônica* porque acontece fora do tempo determinado pelo *lugar e momento* legítimos da enunciação.

Suporte material: O suporte é concebido como modo de manifestação material dos discursos. Na definição de Maingueneau, é preciso observar tanto o suporte quanto o *modo de difusão e estocagem* do texto, pois qualquer modificação do meio implica transformação

²⁶⁴ Maingueneau, 2001: 66-67.

do gênero de discurso.²⁶⁵ No caso dos *blogs*, a distinção é difícil de ser realizada. O suporte material do *blog* é o computador conectado à internet, munido da ferramenta para a publicação de *blogs*, ou é a escrita do texto eletrônico? É preciso levar em consideração que a tecnologia é constitutiva do modo de interação entre enunciador e co-enunciador. Levando-se em conta a escrita como suporte, emerge a questão de sua *estabilidade material*. O texto do *blog* é ao mesmo tempo *um* e *vários*; como hipertexto, permite a relação (potencialmente ilimitada) com outros textos em rede.²⁶⁶ Diríamos que é unidade marcada pela exponenciação. Esse traço *não linear, não hierárquico, múltiplo*, atribuído ao hipertexto e, por extensão, aos gêneros por ele constituídos, associa-se ao processo de desmaterialização do texto eletrônico, apontado por Chartier (1999).

Quanto à modalidade escrita do texto do *blog*, ela é marcada por um *tom coloquial-confessional* – isto é, pela predominância de construções sintáticas e escolhas lexicais típicas de conversas íntimas entre duas ou mais pessoas. Há interlocução explícita com o co-enunciador, em geral, identificado pelo pronome “você(s) / vc(s)” ou por outras formas de designação generalizadoras (como “caro leitor”, “amigo(s)”, “pessoa(s)”, “galera”). Apesar da associação dos *blogs* do Tipo₁ com diários íntimos, são raros os casos em que o enunciador se dirige ao co-enunciador como “diário”. A *construção composicional* formada por cabeçalho / destinatário / texto / assinatura, com *conteúdo temático* caracterizado por

²⁶⁵ Maingueneau, 2001: 68; 71-73.

²⁶⁶ O conceito de hipertexto é objeto de diversas áreas do conhecimento, do desenvolvimento tecnológico às ciências sociais, às relações políticas, à filosofia, à educação, à lingüística, entre outras. O hipertexto é freqüentemente associado às discussões como às de Deleuze & Guattari sobre o conceito de rizoma (1995); às de Derrida, sobre a desconstrução do logos (1973 apud Ribeiro & Jucá, 2004); às de Barthes, sobre a morte do autor (1988a) e à ascensão do leitor (1992); às de Foucault, a propósito da função autor e das fronteiras do texto/enunciado na constituição dos discursos (1992, 1996, 1997), para ficarmos com os exemplos mais eloqüentes. Dentre os estudos mais mencionados por pesquisadores de diferentes áreas, estão os de Bolter (2001) e Landow (1997) na teoria crítica e as reflexões filosóficas bastante otimistas de Lévy ([1990] 1993, em particular; [1995] 1996; [1997] 1999), amplamente divulgadas no Brasil. Da perspectiva dos estudos lingüísticos, indicamos os estudos de Xavier (2002), Koch (2002), Marcuschi (1999, 2000a, 2000b, 2000c), Possenti (2002), Melo (2004), Anis (1991) e Komesu (2004b).

temas pessoais, levou Lejeune (2000) a definir o estilo do *blog* como *intimidade epistolar* ou *conversacional*.²⁶⁷ Sibilia (2003) compartilha da mesma definição; a autora especifica, porém, que se trata de “verdadeiras cartas-abertas com vocação exteriorizante”, uma vez que o objetivo é “ser visto”.²⁶⁸ De nosso ponto de vista, o *tom coloquial-confessional* expresso nos textos é condizente com a intimidade construída no espaço de interação. As formas de referência ao outro são índices da consideração de interlocutores empíricos (múltiplos participantes) na produção textual. O uso de abreviaturas – como “vc / você”, “tb / também”, “hj / hoje”; de *emoticons*;²⁶⁹ de repetição de vogais para a representação de seu alongamento na modalidade coloquial oral – “muuuuuito / muito”, “aaahhhh / ah”, “seeem / sem” –; de pontuação excessiva (principalmente, pontos de exclamação), foi detectado na modalidade escrita dos *blogs*. Diferentemente de textos como os *chats*, no entanto, os textos dos *blogs* não são marcadamente “fonetizados” – isto é, não são escritos com referência explícita à modalidade falada –, caracterizando-se como produção voltada, inclusive, à sujeição ao registro da norma culta da língua na escrita. Acreditamos que isso se deve a pelo menos dois fatores: os *blogs* guardam relação com o gênero dos diários íntimos – textos escritos para serem lidos e não falados em voz alta; os escreventes de *blogs* projetam o *ethos* de um *sujeito vaidoso*, preocupado com a imagem positiva que deve ser compartilhada com o co-enunciador. O “respeito” à norma culta é considerado “obrigação” pelo enunciador, que chega a solicitar o auxílio do co-enunciador para a devida vigilância desses preceitos. O *ethos* do enunciador dos *blogs* pesquisados será abordado adiante, no

²⁶⁷ Lejeune, 2000: 239.

²⁶⁸ Sibilia, 2003: 148-149.

²⁶⁹ Os *emoticons* são ideogramas produzidos a partir da combinação de sinais de pontuação da escrita alfabética e são empregados em textos eletrônicos para a expressão de sentimentos humanos, como o riso :-) (para lê-los, a pessoa deve inclinar a cabeça para a esquerda).

Capítulo 4. De nosso ponto de vista, o texto do *blog* não apresenta nenhum traço “novo” em relação ao que já foi discutido nos estudos lingüísticos sobre modalidade escrita; a condição do “novo” está, talvez, na maneira como propomos analisar o modo de enunciação.

Organização textual: Para Maingueneau, todo gênero está associado a uma *organização textual*, a *modos de encadeamento* de seus constituintes em diferentes níveis, que caberia à Lingüística Textual estudar.²⁷⁰ O texto do *blog* caracteriza-se por ser não acabado, fragmentado, descontínuo – traços que podem ser lidos na qualidade de *ruínas* do gênero diário íntimo. Num mesmo dia, o escrevente pode emitir um único ou vários *posts*, com temas variados. Marcuschi observa que a *extensão do texto* é traço irrelevante para a definição do *blog*. Concordamos com esse autor; de fato, como analisado neste capítulo, a extensão do *blog* (e do *post*) não se mostrou traço relevante para a definição do gênero. Marcuschi assinala que não haveria textos curtos nos *blogs*, o que não se confirma se se levar em conta tipos de *blogs* destinados a colocar em circulação *links* para *sites* de interesse do escrevente. Os endereços eletrônicos vêm seguidos de comentários (textos) breves. Além da extensão do texto, Marcuschi destaca que o *formato textual* dos *blogs* é o texto corrido. Observamos ainda a relevância das listas verticais e horizontais na organização textual dos *blogs*. De nosso ponto de vista, a organização textual é regida por, e ao mesmo tempo faz funcionar, o modo de enunciação fundado na publicização de si na relação com a intimidade construída entre enunciador e co-enunciador.

²⁷⁰ Maingueneau, 2001: 68.

O Capítulo 4 tem como foco a discussão sobre o modo de enunciação dos escreventes dos *blogs* pesquisados, fundado na relação dinâmica entre a *publicização de si* e a *intimidade construída* com o co-enunciador dos textos.

Capítulo 4

O modo de enunciação nos *blogs*

A publicização de si e a intimidade construída nos blogs

Toda atividade verbal é caracterizada pelo processo de inscrição do sujeito na linguagem. Na clássica definição de Benveniste ([1956] 1995a), trata-se de uma *atualização* do “‘ego’ que *diz ego*”, na instauração da categoria de “pessoa”: “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*”.²⁷¹ O fundamento da subjetividade na linguagem encontra-se na polaridade entre o *eu* e o *tu*, no reconhecimento de uma “consciência de si mesmo” por contraste e, ao mesmo tempo, na reversibilidade desses papéis. “É numa relação dialética que englobe os dois termos [*eu* e *outro*] e os define pela relação mútua que se descobre o fundamento lingüístico da subjetividade”.²⁷²

Para Benveniste ([1970] 1989b), a linguagem está organizada de modo que cada *locutor* pode se apropriar do chamado aparelho formal e, desse modo, designar-se como *eu*. “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”.²⁷³ Trata-se de um ato sempre único e de responsabilidade do locutor, que transforma a língua (código) em discurso (enunciação). Na enunciação, o locutor refere-se ao mundo em função do *outro*, num processo de referência que é, na verdade, um processo de *co-referência*, já que a referência é comum ao locutor e ao alocutário.²⁷⁴ Benveniste considera que a enunciação é um processo de *apropriação* do aparelho formal da língua,

²⁷¹ Benveniste, 1995a: 286 (grifo no original).

²⁷² Benveniste, 1995a: 287.

²⁷³ Benveniste, 1989b: 82.

²⁷⁴ Benveniste, 1989b: 84.

composto de signos “sem conceito” que remetem a “indivíduos lingüísticos”, cuja existência emerge apenas na situação concreta da enunciação.

Os signos do aparelho formal podem ser de três tipos:

- (1) ***Os índices de pessoa***, que podem remeter à primeira pessoa (o locutor, o sujeito que enuncia) ou à segunda pessoa (o alocutário, o *outro* em função de qual o locutor enuncia). Os índices de primeira pessoa são reconhecidos, principalmente, no uso dos pronomes pessoais do caso reto e oblíquo, nos pronomes possessivos e nos indicadores da *déixis* (pronomes demonstrativos, advérbios) que organizam as relações espaciotemporais em função do “sujeito”.²⁷⁵ Observamos que os índices de primeira pessoa podem ainda ser identificados nas desinências verbais, nas interjeições, nas frases exclamativas. Os índices de segunda pessoa são os pronomes pessoais do caso reto e oblíquo; pronomes possessivos; desinências verbais; frases interrogativas; frases imperativas.
- (2) ***Os índices de ostensão***, que remetem ao contexto em que a enunciação se dá, com o emprego de partículas ou expressões demonstrativas em seu emprego dêitico (como *este, aquilo, esse aí, isso aqui*); advérbios, locuções de lugar; alguns advérbios e expressões de modo (*assim, desse jeito*). Segundo Benveniste, os índices de ostensão “implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo”.²⁷⁶
- (3) ***Os índices de tempo e de espaço***, que estabelecem uma distribuição dos eventos no tempo, tendo como eixo o *presente da enunciação*. “Esse ‘presente’, por sua vez, tem como referência temporal um dado lingüístico: a coincidência do acontecimento

²⁷⁵ Benveniste, [1958] 1995b: 288.

²⁷⁶ Benveniste, 1989b: 85.

descrito com a instância do discurso que descreve. A marca temporal do presente só pode ser interior ao discurso”.²⁷⁷ Os índices de tempo podem ser advérbios e locuções de tempo e formas de tempo verbal.

A referência às teorias enunciativas benvenisteanas está relacionada ao estudo no nível lingüístico das marcas constitutivas do modo de enunciação que denominamos **publicização de si** na relação com uma **intimidade construída** entre enunciador e co-enunciador do *blog*. Interessa-nos a investigação dessas marcas para a discussão de seu funcionamento discursivo. A publicização de si tem como objetivo instaurar um **lugar de visibilidade** para o escrevente e suas narrativas pessoais e íntimas, expostas de maneira pública na internet. A concepção de uma publicização de si só é possível, no entanto, mediante a relação dinâmica com uma intimidade construída com o co-enunciador, manifestada, principalmente, na composição de uma *cenografia* e no tratamento de temas que apresentem traços de *ruínas* dos enunciados genéricos dos diários íntimos.

Propomos que a análise do modo de enunciação nos *blogs* seja conduzida pela problematização do estatuto do enunciador e do co-enunciador, por meio do conceito de *ethos*. Para tanto, fundamentamo-nos, principalmente, nos estudos discursivos de Maingueneau (1984; 1995; [1996] 2000). Maingueneau resgata da retórica antiga a noção de “*ethé*”, ou seja, as propriedades que os oradores conferiam implicitamente a si mesmos através de uma maneira de dizer. Não se trata do que os oradores diziam explicitamente sobre si, mas da *personalidade que mostravam através de uma maneira de se exprimir*.²⁷⁸ A concepção de *ethos* se relaciona ao papel que corresponde ao discurso e não ao indivíduo “*real*”: “é portanto o sujeito da enunciação enquanto está enunciando que está em jogo

²⁷⁷ Benveniste, 1995b: 289.

²⁷⁸ Maingueneau, 1995: 137.

aqui”.²⁷⁹ De acordo com o autor, o *ethos* implica a representação do corpo de seu responsável, uma vez que sua fala (o discurso oral ou escrito) participa de um comportamento global – ou de uma *semântica global*²⁸⁰ –, que envolve, de maneira indissociável, *caráter* (tomado como conjunto de traços psicológicos) e *corporalidade* (considerado o conjunto de traços físicos e indumentários).²⁸¹ Para Maingueneau, *caráter* e *corporalidade* fundamentam-se em estereótipos, valorizados ou desvalorizados, na coletividade em que a enunciação é produzida.²⁸²

A problemática do *ethos* é relevante para este trabalho na medida em que pode refinar as especificidades do modo de enunciação nos *blogs* pesquisados. É sabido que a internet é um meio em que as informações pessoais podem ser forjadas com certa facilidade. O foco desta pesquisa se afasta da discussão sobre a suposta verdade expressa nas páginas *web* para incidir na análise da *ação* do sujeito na linguagem, na complexidade enunciativa fundada com o outro, tendo em vista que a finalidade do *blog* é *fazer ver e ser visto*. Não é de qualquer modo, porém, que a privacidade e a intimidade dos sujeitos podem ser expostas. Procuramos discutir no Capítulo 1 a importância do estudo da noção de condições de produção na constituição da dimensão dialógica da linguagem e na atividade específica dos *blogs*. É preciso considerar *o que é possível dizer* na sociedade atual para a devida avaliação das *maneiras de dizer*. Pelos resultados a que chegamos em nossa Dissertação de Mestrado,²⁸³ podemos afirmar que o modo de enunciação em um gênero

²⁷⁹ Maingueneau, 1995: 138.

²⁸⁰ Maingueneau, 1984: 81-108.

²⁸¹ Maingueneau, 1984: 97-102; 1995: 139-140; 2000: 59-60.

²⁸² Maingueneau, 2000: 60.

²⁸³ Komesu, 2001.

como as *home pages* pessoais restringe a emergência de uma imagem negativa do enunciador. Em nossa experiência como leitores desse tipo de texto, foram raras as ocasiões em que encontramos relatadas características que pudessem denunciar uma imagem negativa ou, ainda, esteticamente imperfeita do enunciador. Quando esse tipo de informação é detectado, pode-se dizer que é relatado em um *tom coloquial-confessional* que aproxima a imagem do enunciador – o que conta tudo sobre si, incluindo defeitos – à imagem do co-enunciador “amigo” – capaz de compartilhar tanto problemas quanto alegrias descritas. No relato dos acontecimentos veiculados publicamente pela internet existiria, portanto, uma “edição” no modo de enunciação.

No caso dos *blogs* pesquisados, dados e narrativas pessoais e íntimas relacionados à banalidade do cotidiano do escrevente são selecionados de maneira a resultar em um *caráter* e uma *corporalidade* crível e legítima. O blogueiro que é impelido a falar pelas relações de poder que permeiam a sociedade deve falar de si e expor traços psicológicos de sua personalidade, com *comentários* sobre temas íntimos como relacionamentos familiares, amigáveis e afetivos, mesmo que a ênfase do *blog* seja no tratamento de temas públicos como computador, cinema ou política. É apenas dessa maneira que o enunciador poderá “negociar” com o co-enunciador a adesão ao gênero. Concomitantemente à intimidade construída, o enunciador busca instaurar um lugar de visibilidade mediante a publicização de si. Dentre as estratégias argumentativas identificadas no material analisado, as principais estão articuladas aos *lugares de quantidade* e *de qualidade* para a legitimação do lugar de visibilidade do enunciador. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) definem o *lugar de quantidade* como o lugar-comum que afirma que alguma coisa é melhor do que outra por

razões quantitativas.²⁸⁴ O *lugar de qualidade*, por sua vez, é definido em oposição “ao comum, ao corriqueiro, ao vulgar” atribuído à quantidade, quando se contesta a virtude do número; é a “valorização do único” como recurso argumentativo.²⁸⁵

Da perspectiva do co-enunciador, observamos que sua *passagem* pelo enunciador é explicitada, no espaço público dos *blogs*, na consideração dos dispositivos do contador de acessos ao *site* e do comentário do *post*. No primeiro caso, o enunciador leva em conta que há qualidade na quantidade de leitores que acessam o texto eletrônico. No segundo, a qualidade é resultante do *posicionamento* enunciativo de quem escreve – e, dessa forma, de quem legitima a qualidade do *blog* –, ou do que é escrito. Como os objetivos iniciais desta pesquisa estavam vinculados ao modo de ação do escrevente, as respostas dos leitores ficaram em segundo plano. Para o presente trabalho, constituímos um pequeno acervo impresso de comentários dos leitores. A análise desse conjunto de textos mostrou que os comentários emitidos se resumem, principalmente, a elogios ou a censuras característicos do gênero epidíctico. De nosso ponto de vista, o funcionamento desses textos está vinculado ao *ethos* do leitor que também requer para si um lugar de visibilidade na rede. Por meio de elogios, por exemplo, o co-enunciador visa a buscar corresponder à intimidade construída com o enunciador do *blog* para que esse se torne, por sua vez, possível *leitor* do *blog* do comentador.

²⁸⁴ Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1996: 97-100.

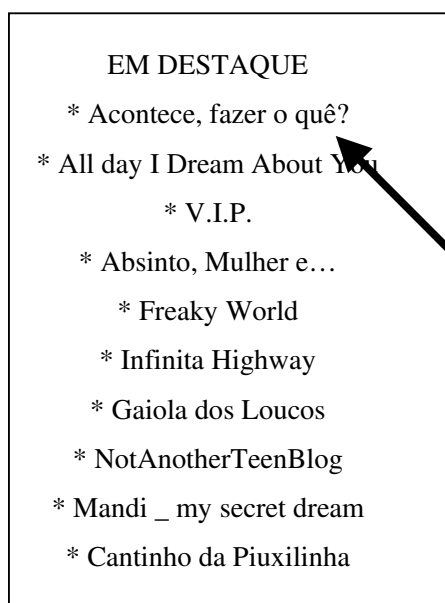
²⁸⁵ Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1996: 100-105.

“Ó, eu sou destaque”.²⁸⁶ o *ethos* do sujeito escrevente

Discutamos o modo de enunciação e a constituição do *ethos* do sujeito escrevente dos *blogs* pesquisados a partir da consideração primeira do seguinte *post*:

(a) [1] Sexta-feira, 12 de Julho de 2002

[2] Ó, eu sou destaque



[3] DE NOVO!!!! => Ai, que chato né? [4] Ser destaque duas vezes! Claro que da primeira vez eu ainda tava começando e tinha um layout verdão até chegar a esse. Que daqui a pouco deverá ser mudado...

[5] Eu queria agradecer a todo mundo que me parabenizou (é assim que escreve?) pelo destaque [6] e tb pelas **500 visitas ao meu blog** [7] só hj até agora às 18 e trinta e cinco mais ou menos... **Valeu mesmo!!!**

Cara... [8] 500 visitas!!!! [9] É muuuita gente... [10] sei lá, bate uma responsabilidade esquisita. [11] Tipo, é como se vc estivesse num teatro com 500 pessoas te assistindo! [12] E daí vc não sabe se escreve da mesma maneira que antes... [13] afinal, um blog não deixa de ser um tipo de diário não é mesmo? [14] Ai, qdo vc pensa que tem esse tanto de gente

²⁸⁶ 2.M.

lendo o que vc tá escrevendo é muito louco! [15] E a gente não sabe o que escrever, se continua a escrever as asneiras de sempre ou [16] se muda e começa a falar do momento sócio-político-econômico em que o Brasil vem atravessando devido ao momento de expectativa que as eleições geram. [17] Hahahahahah, falei difícil agora né? É o fim de semana, tem que gastar mesmo o vocabulário! =)

[18] Mudando de assunto, hj, aqui em BH, tempozinho ruim viu! [19] Chueu, tá um frio de cão, eu tô com dor de garganta e gripado ainda... [20] Vou fazer a matricula agora e ainda vou sair hj! Hehehehehe Não sei pra onde ainda, mas que eu vou, eu vou! [21] Tô querendo **beijo na boca!** [22] E muuuuitos! [23] E pode ser de homem ou de mulher, não importo! [24] Sim, caro leitor, eu sou gay e totalmente desencanado qto a isso! [25] **Se vc não gostou**, é só ir com o cursor de seu mouse e **clicar no xis** logo ai em cima! [26] Tá, eu fiquei com mulher uns dias aí pra trás e não é pra dar satisfação aos outros não... eu fiquei pq tava afim! [27] E isso tem mexido com minha cabeça sim! [28] Afinal, eu já tinha me definido e tudo mais... [29] Bom, deixa pra lá!

[30] enviado por Marckye [31] as 18:42:24. [32] Aconteceu algo? [87 (comentários)]

[2.M (grifos no original)]

A proposta é examinar a cenografia que o texto instaura e, a partir dela, problematizar o modo de enunciação nos *blogs* e o *ethos* do sujeito escrevente, contando com a discussão de outros exemplos. Apontamos, de início, para as marcas formais do gênero do *blog*: o *cabeçalho* [1]; a *assinatura* [30], composta de um enunciado no qual aparecem o nome do responsável pelo texto, seguido do *horário do envio da mensagem* [31] e de um outro enunciado [32], marcado como *link*, para o envio de *comentários*. A formulação de uma frase interrogativa em [32] é índice formal da presença do outro, já que o característico de uma pergunta é ter uma resposta (do outro). A oração tem fim; o enunciado, não.²⁸⁷ A análise do funcionamento dessas marcas formais indica a relevância do tempo, designado no cabeçalho e no horário do envio do texto (mas não somente); do

²⁸⁷ Bakhtin, 1997c.

nome do escrevente para visibilidade no espaço digital; da abertura de um espaço interacional com o outro, por meio de dispositivos como o comentário do leitor.

Voltamos a atenção para o registro de [7]. É nesse tipo de enunciado que identificamos a busca do estabelecimento da relação temporal síncrona, na coincidência entre o *momento do acontecimento* e o *momento da enunciação* dos escreventes de *blogs*. Nesse caso, a concomitância é expressa no uso dos advérbios *hj* (forma abreviada de *hoje*, bastante utilizada pelos escreventes na internet) e *agora*, e reforçada pela informação da hora e dos minutos em que o acontecimento ocorre. De maneira aparentemente paradoxal, no entanto, a informação do horário em [31] é outra. Essa contradição é logo desfeita quando se compreende que [31] diz respeito ao horário do envio do *post* e não ao momento em que ele é escrito, o que se supõe realizado em [7]. Não é previsto que tal precisão seja necessária em gêneros como diários íntimos ou cartas. Entendemos que a articulação entre os advérbios de tempo e a hora (mais ou menos) exata do acontecimento está vinculada ao modo de enunciação caracterizado pela publicização de si, que tem como objetivo promover a visibilidade do enunciador do *blog* a partir de acontecimentos do cotidiano que são compartilhados em “*tempo plural*”, suscetível de ser executado com o uso do computador.

É preciso discutir o exemplo (a) na complexidade de seu funcionamento. O enunciador inicia [2] com a interjeição “ó”, típica da modalidade oral e do *tom coloquial*, uma das características do texto escrito do *blog*, para chamar a atenção do *outro* para o que é assunto do *post*, ou seja, ele próprio. É o escrevente quem informa aos outros que ele é destaque na página do *site Weblogger*, responsável pela produção gratuita de *blogs*. O símbolo da instituição mantenedora assevera ao ganhador do título o *lugar de qualidade* na

valorização do que é tomado como único em meio à multiplicidade.²⁸⁸ Da perspectiva do blogueiro, não é pouco, se se levar em conta a profusão de escreventes na internet. O lugar de qualidade é reforçado no exemplo (a) com a menção [5] aos demais usuários do sistema que mandaram mensagens de felicitação pela obtenção do título. De uma perspectiva discursiva, o emprego do lugar de qualidade legitima o *ethos* de um **sujeito** que Arendt caracterizaria como **vaidoso**, aquele que se preocupa com (*sente ansiedade por*) a obtenção da visibilidade individual, resultante, no caso dos *blogs*, da percepção do *blog* (do sujeito) como *acontecimento especial*.

Gostaríamos de especificar a noção de vaidade à qual nos referimos na caracterização do *ethos* do sujeito escrevente dos *blogs*. Pensamos, em particular, em uma definição de *vaidade individual* como a qualidade que o enunciador atribui à maneira de ser no espaço interacional dos *blogs*, fundada no desejo de que tais qualidades sejam admiradas pelo(s) outro(s). A respeito da admiração no espaço público e da vaidade na era moderna, Arendt (2003) faz a seguinte reflexão: “A admiração pública é também algo a ser usado e consumido; e o *status*, como diríamos hoje, satisfaz uma necessidade como o alimento satisfaz outra: a admiração pública é consumida pela vaidade individual da mesma forma como o alimento é consumido pela fome”.²⁸⁹ Dessa forma, acreditamos que o suposto prestígio obtido pelo enunciador é prontamente dissipado, tão logo a ferramenta eletrônica se encarregue da substituição automática de um *post* por outro. Arendt analisa que, ainda que a necessidade de admiração pública seja compartilhada por outros – “por algum milagre de simpatia” – a própria futilidade (traço da vaidade individual) acaba por impedir

²⁸⁸ Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1996: 102.

²⁸⁹ Arendt, 2003: 66.

o estabelecimento de “algo sólido e durável como um mundo comum”.²⁹⁰ Não é por meio da exposição da vaidade individual, portanto, que a *ação* humana é promovida, mas na consideração da diversidade e da complexidade de aspectos e perspectivas expostos de maneiras outras.

A formação de listas de *blogs* exemplares – os “destaques” – é comum entre empresas que os produzem. A estratégia tem duplo objetivo: de um lado, confere visibilidade a quem prestigia a empresa, ao escolhê-la como *site* publicador do *blog*; de outro, divulga a logomarca da própria empresa, associada ao *blog*. Trata-se, portanto, de um dispositivo eficaz no modo de circulação de escreventes e das instituições provedoras. Vejamos outros exemplos de *blogs* que utilizam o argumento do lugar de qualidade no modo de enunciação:

(b) [1] AHHHHHHHHHHHHHHHHHHH!

[2] O Ethê está como destaque na página inicial do WEBLOGGER!!!!!!

[3] Meu momento de glória! [3'] Meus quinze minutos de fama!

[4] Eu sou uma babaca que se acha a toa.... [5] :)))

Emoções conflitantes em uma só tarde. É demais para os meus nervinhos...

[6] A prova...

[7] * TEXTO DO WEBLOGGER*****

Novas ferramentas e mais dinamismo para seu weblog.

:: WebLogs em destaque

“FAQBLOG”

Dicas e duvidas sobre WebLogs.

“Garota 20 Poucos”

Inutilidades, futilidades e outras coisas de uma garota.

[8] “Meu Querido Etheobaldo”

Porque fazer blog é mais barato que pagar analista.

***** FIM DO TEXTO *****

²⁹⁰ Arendt, 2003: 66.

[9] Arrumei a prova! [9'] (antes não funcionava) [33.F, 23/11/01, 14:33:08]

Em (b), é novamente o *site Weblogger* ([2]) que legitima a pretensa qualidade do *blog* da escrevente, por ela denominado “Ethê”, apelido de Etheobaldo ([8]). A euforia da escrevente devido ao título obtido é expressa logo em [1], na ação da repetição da consoante /h/ 18 (dezoito) vezes, na transcrição da interjeição “ah”, em caixa alta. Esse tipo de registro designa um “grito” de satisfação, caso fosse pronunciado em voz alta. O entusiasmo marcante no texto é confirmado com o uso excessivo de pontos de exclamação (06) em [2], que indica, de um lado, entonação enfática; de outro, a complexidade enunciativa entre enunciador (eufórico) e co-enunciador (“amigo compreensivo”); e nos enunciados [3] e [3'], com ênfase na projeção de sucesso individual característico da sociedade atual. Destacamos em [3'] o funcionamento do *comentário* foucaultiano, no sentido já explicitado, no emprego positivo que a escrevente faz da célebre crítica de Andy Warhol a respeito da celebridade fugaz e prontamente substituída. A escrevente parece “saber”, no entanto, que a condição de destaque do *blog* é “coisa à toa” diante da complexidade das relações instituídas na sociedade, o que se supõe em [4]. Em [5], porém, o uso do *emoticon*, formado por dois pontos e três parênteses, indica uma “gargalhada” que parece reafirmar a alegria pela conquista do título provisório na rede. A escrevente anuncia em [6] a apresentação do excerto do *site* ([7]) onde figura o título/subtítulo do *blog* ([8]). Em [9], há a repetição do anúncio da prova do destaque, com o comentário parentético [9'] que designa que o *fazer textual* desse *post*, com *link* para o texto do *Weblogger*, talvez tenha sido comprometido anteriormente por algum problema relacionado ao suporte material, caso esse resolvido.

Nos *blogs* pesquisados, encontramos ainda o recurso do argumento do lugar de qualidade associado a *instituições*, a *pessoas ligadas a instituições* e a *pessoas comuns*, como forma de legitimação do *blog* e do *ethos* do escrevente:

(c) Eu estou no **O Globo**. [25.F, 09/04/02, 04:17 (os destaques em sublinhado são nossos)]

(d) Alexandra Leite, editora do e-commerce do Shopping BOL, lê o Catarro Verde. [8.M, 04/02/01, 4:42 AM (os destaques em sublinhado são nossos)]

(e) Luiz Antônio Gravatá, colunista do jornal **O Globo** lê o **let's blogar**. E depois de ontem, os leitores da sua coluna no jornal tb passaram a ler o **let's blogar**. [28.M, 11/04/02, 9:11 AM (os destaques em sublinhado são nossos)]

(f) [1] **Eu amo os meus fãs!**

[2] Mail que recebi da Samantha:

[3] *Oi Ana Paula,*

[4] teu blog é demais! [5] Na verdade, não sei por qual eu comecei, mas entrei numa rede de um monte de blogs onde tem [6] o seu, [7] o **Mundo é Estranho**, [8] **Abstinência**, [9] **Não é caldo**, [10] **Prosopopéia**, e outros mais...

[11] Um blog leva a outro a outro... [12] e daqui a pouco a minha manhã vai ser toda lendo um monte de blogs [12'] que eu já considero como diários... o seu está entre eles... [13] vou até colocar um link pra ele [14] lá no meu humilde bloguinho...

[15] Parabéns, [16] e continue escrevendo, [17] você tem aqui uma leitora fiel que chora, ri [...] contigo!

Beijos

Samantha

[18] samantha@XXXXXX.com.br

[19] <http://samantha.weblogger.com.br> [1.F, 30/01/02, 9:59 PM (os destaques em sublinhado são nossos)]

Os destaques em negrito nos textos (c), (d), (e) e (f) foram feitos pelos escreventes. Com exceção do enunciado [1] do texto (f), os demais indicam *link* para *sites* institucionais, *blogs* ou *e-mails* pessoais. Os destaques em sublinhado são nossos. Em (c), destacamos a

associação entre índice de primeira pessoa e nome da instituição jornalística, empresa de destaque no mercado brasileiro. A escrevente manteve a grafia pela qual a instituição é reconhecida, com o uso do determinante antes do nome, ambos grafados em caixa alta, apesar de ter realizado a contração da preposição “em” com o artigo definido “o”. Trata-se de um recurso que visa ao efeito do nome da instituição jornalística. O *link* no nome da empresa leva o leitor à reportagem em que a escrevente é citada. Em (d) e (e), é o nome de uma pessoa ligada a uma instituição de prestígio que é destacado pelo enunciador, na composição de uma seqüência que acaba por levar *ao que se comenta*, isto é, ao nome/título do *blog*. Em ambos os exemplos, é o aposto destacado entre vírgulas que explicita a qualidade de cada pessoa mencionada. Em (d), trata-se de uma pessoa relacionada ao *e-business*; em (e), de um colunista do já referido jornal *O Globo*. Ressaltamos em (e) o fato de que o escrevente *sabe* que um jornal impresso é veículo de ampla difusão e prestígio, razão pela qual outras pessoas se reuniriam aos leitores do *blog*, na sinalização, por parte do enunciador, de um argumento de lugar de qualidade associado ao *de quantidade*.

Em (f), distinguimos o funcionamento do lugar de qualidade associado a pessoas comuns – como os próprios blogueiros costumam ser. O enunciado [1] tem a função de título do *post*; através dele, a escrevente torna público o “amor” por seus leitores, referidos como “fãs”. Atentamos para o emprego das palavras presentes nesse enunciado. O verbo “amar” designa intimidade que é compartilhada com o co-enunciador; ao mesmo tempo, o objeto direto coloca em funcionamento o modo de enunciação da publicização de si, uma vez que a expressão “os meus fãs” produz esse efeito de sentido: se existem “fãs” é porque há ídolos que devem ser admirados publicamente. É mediante a reprodução de um *e-mail* recebido ([2]) que a escrevente procurará instaurar o lugar de visibilidade almejado. O *itálico* em [3] marca a intertextualidade com uma *voz* outra que dialoga com a escrevente

(mas também com os demais leitores do texto). Samantha, a pessoa desconhecida que envia o *e-mail*, faz apenas elogios ao *blog* e à escrevente ([4], [15], [16], [17]). Além disso, ela destaca a eficácia do modo de circulação dos *blogs* ([5] a [11]) por meio, provavelmente, do acesso ao *webring*. Essa usuária de internet *confessa* a predileção pela atividade de leitura de *blogs* ([12]) semelhantes a diários [12'], a exemplo do da escrevente Ana Paula; *comenta* em [13], de maneira aparentemente descuidada, que colocará um *link* para essa autora em seu próprio *blog*, designado em [14] de modo também despretensioso. Fecha-se, assim, o círculo que delimita (*restringe*) o modo de circulação desses textos eletrônicos. Na euforia declarada da escrevente que “tem fãs”, há espaço suficiente para a publicização do próprio leitor, com a publicação do *e-mail* ([18]) e do endereço do *site* ([19]), desde que esse último cumpra o acordo velado de enaltecer, antes de qualquer outro e de si próprio, o blogueiro primeiro.

Voltamos à análise do texto (a) para a discussão de outro recurso argumentativo identificado como traço do modo de enunciação dos escreventes dos *blogs* e da constituição do *ethos* do enunciador. O uso do ***lugar de quantidade*** aparece no enunciado [3], no uso da locução *de novo*, que antecipa a informação de [4], a de que o escrevente é destaque pela *segunda vez*. Mas o argumento mais contundente é o apresentado em [6] e repetido em [8]. Em [6], o enunciador faz sobressair o dado numérico com o uso do destaque em negrito; e em [8], com o emprego de quatro pontos de exclamação. Tanto em um caso como em outro, os recursos na modalidade escrita designam possível alteração na tessitura das palavras, caso o texto fosse lido em voz alta. O escrevente comenta a expressividade dos números em [9] e seu espanto é representado na escolha lexical do pronome indefinido *muito* e no modo como ele *age* na (sua) escrita, com a repetição da vogal /u/.

Retomamos ainda o enunciado [7] do texto (a) para observar como a representação da coincidência entre o momento do acontecimento e o da enunciação estabelece lugar de visibilidade para o enunciador. O que o escrevente narrava em [7] estava vinculado ao número de visitantes que ele recebera só naquele dia (“só hj”) até aquela hora (“até agora às 18 e trinta e cinco mais ou menos”). O pressuposto no uso do advérbio *só* e da preposição *até*, vinculados aos advérbios de tempo, é que o escrevente deve receber muitas outras visitas depois do anúncio do título de destaque entre *blogs*. O enunciador não pode perder um minuto sequer de sua celebridade, talvez porque saiba que ela é instantânea e condicionada à participação do outro. O enunciador se vale da ferramenta para deixar registrado que naquele momento ele era *bom*, mas depois será ainda *melhor*. A atenção sobre o presente da enunciação se volta para o tempo de uma espera (bastante breve); o argumento do lugar de quantidade sugere fortemente que o que recebe 501 visitas tem mais *status* do que aquele que recebera 500.

Vejamos outros exemplos do uso do lugar de quantidade, fundados no número de acessos ao *site*, informação disponível mediante o dispositivo do contador:

(g) [1] Uuhhh passei dos 10.000 acessos... [2] IRADUUUUUU
[3] Valeu aih pessoas!! [9.F, 27/05/02, 4:21 PM (grifos nossos)]

(h) [1] Mimo
Um [2] presentinho para comemorar a marca de 10 mil visitantes.
[foto de mulher sensual] (18.M, 28/02/02, 05:15:18 (grifos nossos)]

(i) [1] Reparei que meu blog já teve quase 2 mil visitas.....
[2] Vamos fazer uma promoção?
[3] O visitante nº 2000 vai ter a honra de jantar comigo..
[4] hahahaha

[5] brincadeiras a parte, [6] se vc for o nº 2000 me avisa? [7] deixa um recadinho tá?
[8] vou adorar saber quem foi.... [19.F, 12/07/02, 09:44:00 (grifos nossos)]

Os textos (g), (h) e (i) fazem o comentário sobre a informação referente ao número de acessos ao *blog* e promovem, ao mesmo tempo, o *ethos* do sujeito vaidoso, que sente orgulho em ter determinada quantidade de acessos. No texto (g), destacamos que a euforia do escrevente quanto ao número de acessos atingido é expressa por meio das construções dos “brados” [1] e [2]. Enfatizamos que [3] marca um modo de registro típico dos que costumam escrever em *chats* ou em quaisquer outros programas que não aceitam o uso de diacríticos na transcrição das palavras. A colocação da consoante /h/ em posição final indica modificação na curva intonacional, caso a interjeição fosse lida em voz alta. No texto (h), destacamos, além da publicação do número de acessos, o emprego de [1] e [2] feito pelo escrevente para a construção da intimidade com o co-enunciador. “Mimo” e “presentinho” são substantivos que denotam sentimento de apreço pelo outro (no sentido de hipocorístico), além de designar o *tom coloquial-confessional* desse gênero do discurso. Neste exemplo, supõe-se que o co-enunciador do texto seja admirador de mulheres em poses sensuais.

No texto (i), os efeitos de sentido decorrentes do *post* advêm do prestígio que a escrevente toma para si. A partir da consideração de que o número de acessos ([1]) representa a importância que o(s) outro(s) lhe atribui(em) no espaço de interação, a escrevente busca instaurar uma cenografia fundada na *função aparente* das atrações que promovem o encontro das “estrelas” com os fãs ([2]). O *funcionamento* de tais atrações objetiva estimular o consumo de determinado produto, colocando em circulação determinada marca. Por meio da compra de certa quantidade do produto X, o consumidor concorre a uma noite de sonhos (por exemplo, um jantar exclusivo [3]) com a celebridade

do momento. É a essa cenografia que a escrevente do *post* recorre quando se refere ao número de visitantes do *blog*. O nome da celebridade é prontamente substituído pelo nome da escrevente no eixo das relações paradigmáticas. O efeito de humor – ou de ridículo – da substituição de uma celebridade por uma pessoa comum, cujo único atributo socialmente reconhecido é ter um *blog* na internet, é comentado pela própria escrevente em [4] e [5]. O visitante número 2000 será o ganhador da pretensa promoção, mas o contemplado, de fato, é o enunciador, caso o co-enunciador satisfaça seu pedido de envio de mensagem ([6] a [8]).

O uso do lugar de quantidade na constituição do modo de enunciação dos escreventes dos *blogs* e do *ethos* do enunciador fundamenta a premissa segundo a qual “quem recebe o maior número de visitantes na internet é o melhor”. A passagem do *outro* pelo *eu*, ainda que seja em termos numéricos, é fundamental para o funcionamento discursivo do *fazer ver e ser visto*. Os escreventes reconhecem a importância do outro e lhe são gratos, como verificado nos “agradecimentos” [3] do texto (g) e no texto (h), esse último um “presente em si” para o co-enunciador. De nosso ponto de vista, o emprego do lugar de quantidade como argumento de autoridade na composição da publicização de si produz a “mentalidade-índice-de-audiência”. O termo, formulado por Bourdieu (1997), refere-se à orientação dos jornalistas nas salas de redação dos programas televisivos. O sucesso do índice de audiência é, segundo Bourdieu, um “Deus oculto desse universo [o televisivo], que reina sobre as consciências, e perder um ponto do índice de audiência, em certos casos, é a morte sem comentários”.²⁹¹ Acreditamos que essa reflexão pode ser estendida ao modo de enunciação dos escreventes dos *blogs*. A “mentalidade-índice-de-

²⁹¹ Bourdieu, 1997: 34.

audiência” pode mesmo gerar uma espécie de síndrome entre os escreventes, como discutido nos exemplos (n) e (o) do Capítulo 3. Vejamos ainda um terceiro exemplo extraído do material pesquisado:

(j) [1] Outra neurose que consegui criar junto com esse blog é [2] olhar o número de visitas no contador. [3] Virou vício. [4] A maioria dos acessos foi meu, acho. Pode? Cuidado! [5] Por trás de uma pessoa normal, [5'] pode existir um neurótico em potencial. [33.F., 01/11/01, 10:05:58]

O texto (j) é caracterizado pela *confissão* das “pequenas fraquezas” típicas de uma sociedade que é coagida a falar de si a partir de referências psicologizadas. Apontamos para o emprego das palavras *neurose* ([1]), *vício* ([3]), *normal* ([5]) e *neurótico* ([5']), constitutivas da relação que a escrevente estabelece com os números (com o outro). A própria ação de olhar o contador em [2] pode ser considerada voyeurística – um voyeurismo às avessas, uma vez que o enunciador *vigiado* pelo outro é quem busca flagrar a presença alheia ([4]).

O modo de enunciação da publicização de si está diretamente associado ao outro, porque nele se apóia para a constituição do *ethos* do enunciador. Recuperamos o exemplo (a) para a explicitação do jogo enunciativo que é estabelecido com o co-enunciador do *blog*. Em (a), enunciado [10], o enunciador chega a questionar a responsabilidade sobre o que é escrito, já que é lido (e será lido) por uma quantidade considerável (cada vez maior, espera-se) de pessoas desconhecidas. A influência do olhar do outro (da expressão numérica de uma audiência crescente) produz as dúvidas registradas em [12], [14], [15] e [16]. A comparação utilizada em [11] advém do teatro e faz referência à grande platéia do teatro como cenografia que legitima o lugar de prestígio do enunciador.

A dúvida quanto à maneira de se dirigir ao outro pela escrita parece ser desfeita em [13], com a certeza de que a atividade dos *blogs* está relacionada à prática do diário. A alusão a essa cenografia pressupõe a sinceridade de uma escrita íntima, mesmo que o risco iminente seja o de escrever as “asneiras de sempre” de [15]. Não é essa imagem, porém, que o enunciador projeta para si na relação com o co-enunciador. O comentário parentético em [5] já indiciava os cuidados com a representação de si pela escrita. O enunciador do *blog* almeja o prestígio destinado àqueles que dominam a norma culta da língua (ainda que o tom predominante no texto do *blog* seja o coloquial). Esse tipo de exercício metalingüístico, localizável em alguns dos textos do conjunto do material, ratifica o *ethos* do sujeito vaidoso, preocupado com a projeção de uma imagem positiva de si:

(k) [1] Outro dia escrevi “posso” no lugar de “poço” e [2] ninguém pra avisar, hein... [3] Só minha prima que é doente com ortografia e afins e não pode ficar sem corrigir uma pessoa, pra me dar o toque. [4] Obrigada, priminha. [5] Continue sempre alerta. [1.F., 22/01/02, 9:48 PM]

(l) [1] Pô, [2] galera, [3] tá cheio de erro de português e [4] erro de digitação nos meus *posts* e [5] ninguém me manda um email avisando!!! Assim [6] o Prof. Rafael, novo visitante do blog, [7] vai achar que eu sou analfabeta. [25.F, 12/04/02, 04:21]

Em (k) e em (l), observamos que os enunciadores aguardam a participação do(s) co-enunciador(es) na tarefa de correção de erros divulgados de maneira impensada. A cobrança da participação é verificada em (k) em [2], e em (l), em [2] e [5]. Em (l), o enunciador simula aborrecimento com os erros [3] e [4] no uso da interjeição [1]. A “salvação” do texto (k) fica por conta de uma relação de parentesco e, supõe-se, de intimidade – na figura de uma prima, a quem ele agradece de maneira explícita e pública em [4], sem deixar de rotulá-la como “doente” por “ortografia e afins”. A presença de interlocutores conhecidos também pode ser conferida em (l), [6]. Esse excerto mostra tanto

a projeção que o enunciador faz do que o “novo visitante do blog” vai pensar em [7] quanto o que outros leitores desconhecidos podem concluir a respeito do *ethos* do enunciador a partir do registro de erros no uso da língua. A questão mais marcante em (1), entretanto, é o lugar de qualidade que [6] ocupa, uma vez que se trata da opinião do especialista. De fato, uma opinião negativa de [6] deslegitimaria o *blog* e o *ethos* do enunciador, assim como uma opinião positiva reforçaria o lugar de visibilidade, porque “até o professor X” é leitor do *blog* (do enunciador) Y. Todos esses comentários metalingüísticos emergem nos *blogs* como efeitos de poder de uma sociedade que privilegia a monologização dos dizeres em torno de uma norma única em oposição à valorização de registros divergentes que poderiam designar o *anormal*, o que é socialmente não admitido, o que não se discute. A ênfase na consideração da norma culta da língua portuguesa – mesmo que simulada, porque de difícil circunscrição entre os interlocutores dos blogs – expõe, ao mesmo tempo, a importância do (e a pressão exercida pelo) olhar do outro. “Continuar sempre alerta” em relação a quaisquer transgressões é o que se espera da ação entre os sujeitos na *sociedade da vigilância*.

A constituição do *ethos* do enunciador do *blog* é atravessada, portanto, pela quantidade de leitores e por seu estatuto legitimador. O lugar de qualidade está relacionado ao que se imagina valorizado pelo outro, a exemplo da discussão de questões políticas, como indicado em [16] no exemplo (a). A verborragia desse excerto revela, porém, o *simulacro*²⁹² que o enunciador faz do outro. O ridículo construído em [16] é sancionado pelo riso representado em [17], “Hahahahahah”. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), o riso do ridículo é “uma forma de condenar um comportamento excêntrico”,

²⁹² Maingueneau, 1984.

incompatível com o lugar de onde se enuncia.²⁹³ A seriedade supostamente pretendida na atividade de escrita desse *blog* dificilmente será alcançada porque não é projeto do escrevente.

Ainda a respeito do texto (a), observamos que [18] marca uma quebra temática. O enunciador continua a falar de si no presente da enunciação. Os enunciados [18], [19] e [20] apontam para o eixo do aqui / agora do enunciador. As coordenadas do tempo presente são novamente retomadas com o emprego do advérbio *hj* (hoje) em [18]. Em [19], observamos o que Fiorin (2002) classifica de presente pontual, isto é, a coincidência entre o momento de referência e o momento de enunciação,²⁹⁴ expresso nos seguintes verbos grifados: “Chueu, tá um frio de cão, eu tô com dor de garganta e gripado ainda...”. Os verbos destacados indicam estados do enunciador no momento de referência presente, um *agora* que se passa no dia 12 de julho de 2002. Como o momento de referência é ponto preciso, há coincidência entre ele e o momento de enunciação que coloca em evidência o enunciador. A conjugação do verbo *chover* no pretérito perfeito marca a relação de anterioridade entre o momento do acontecimento e o momento de referência presente, ou seja, aquele em que o escrevente enuncia. Os registros *chueu* (choveu), *tá* (está), *tô* (estou) apontam novamente para o tom coloquial característico do *blog*. O advérbio *ainda* combina traços temporais e aspectuais. Segundo Fiorin, *ainda* contém os traços /anterioridade/, /concomitância e inacabado/.²⁹⁵ Nesse caso, pressupõe-se que a gripe do escrevente é anterior ao momento de postar e afirma-se que esse momento é também concomitante e inacabado em relação ao momento de referência. Em [20], o emprego do verbo *ir* como

²⁹³ Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1996: 233-238.

²⁹⁴ Fiorin, 2002: 149.

²⁹⁵ Fiorin, 2002: 171.

auxiliar, seguido de infinitivo, indicia, em seu primeiro uso, a ação que está para principiar naquele instante (o *agora* do 12 de julho de 2002) e no segundo marca a expectativa para aquele dia (*hj*). O enunciador utiliza, mais uma vez, o advérbio *ainda* para indicar que as ações são concomitantes e inacabadas em relação ao momento de sua referência. De nosso ponto de vista, a *ação* do sujeito no tratamento do *tempo* visa a demarcar a instantaneidade característica das relações atuais; concomitantemente, torna explícitas as diversas condições do enunciador, com a distinção de seu lugar.

Quanto à delimitação espacial propriamente dita, o escrevente do texto (a) diz que o *aqui* do momento da referência é *BH* (Belo Horizonte, capital de Minas Gerais). A topografia da cidade mineira em [18] é, porém, substituída pela da tela do computador em [25], quando o escrevente propõe aos leitores insatisfeitos com o tema em discussão que “fechem” a página *web* com um clique no botão “fechar” (o “*xis*”), localizado no lado direito superior da tela. A instabilidade da cenografia está relacionada ao uso do suporte material, por meio do qual o enunciador pode entrar em contato com quaisquer outros usuários da internet, na partilha do tempo de *seu* cotidiano.

Poder-se-ia pensar na classificação dos enunciados [18] e [19] como fáticos. A expressão “*comunhão fática*”, de Malinowski (1923),²⁹⁶ é discutida por Benveniste (1989b) no interior de um quadro figurativo da enunciação. “[A comunhão fática] é um processo em que o discurso, sob a forma de um diálogo, estabelece uma colaboração com os indivíduos”.²⁹⁷ Segundo Malinowski, a comunhão fática é um modo de ação que preenche determinada função social. Os comentários sobre o tempo (como os referidos em [18] e

²⁹⁶ MALINOWSKI, B. In: OGDEN & RICHARDS, *The meaning of meaning*, 1923, p.313 e ss. apud Benveniste, 1989b: 81-90.

²⁹⁷ Benveniste, 1989b: 88-89.

[19]), as perguntas sobre a saúde (como a que se pressupõe responder em [19]), as frases de cortesia não têm a finalidade de “expressar qualquer pensamento”, mas a de *sociabilizar* as pessoas:

Mas o que é que pode ser considerado *situação* quando um certo número de pessoas tagarelam juntas sem finalidade? Consiste, apenas, nessa atmosfera de sociabilidade e no fato de uma comunhão pessoal dessas pessoas. Mas esta é obtida, de fato, pela fala e a situação, em todos esses casos, é criada pela troca de palavras, pelos sentimentos específicos que formam a convivência gregária, pelo vai e vem dos propósitos que consistem o tagarelar comum. A situação, em seu todo, consiste no que acontece lingüisticamente. Cada enunciação é um ato que serve o propósito direto de unir o ouvinte ao locutor por algum laço de sentimento, social ou de outro tipo. Uma vez mais, a linguagem, nesta função, manifesta-se-nos, não como um instrumento de reflexão mas como um modo de ação. [Malinowski, 1923 apud Benveniste, 1989b: 90 (grifo no original)]

De nossa perspectiva, os enunciados [18] e [19] do texto (a) instauram a cenografia de sociabilidade como ação da intimidade construída entre enunciador e co-enunciador do *blog*. É, porém, a partir de [21], que emergem, de fato, temas de caráter íntimo, como o dos relacionamentos afetivos. Lembramos que esse tema aparece entre os 5 (cinco) principais temas discutidos nos *blogs* de escreventes de ambos os sexos. Em [22], o lugar de quantidade utilizado busca instituir o lugar de visibilidade de quem *age* na linguagem. É em [23] e em [24] que o enunciador compartilha com o co-enunciador um tema efetivamente íntimo: o da sexualidade. É sabido que esse tema permanece, de certo modo, interdito em nossa sociedade, mesmo que a ênfase atual seja nas transações psicológicas, como valor de troca entre os sujeitos. O tema da homossexualidade é ainda mais difícil de ser discutido; ele aparece em (a) como efeito do *comentário* (no sentido particular, especificado anteriormente), como *o que é possível dizer*, desde que não seja objeto da reflexão crítica. O enunciador reconhece a possibilidade de o leitor ser preconceituoso em [25] e sugere que

o assunto pode ser encerrado com o fechamento da página *web*, em alusão ao suporte material em que se encontra(m). Para aqueles que prosseguem com a leitura do *post*, o escrevente faz nova *confissão* em [26], referente à prática heterossexual. Os temas se tornam cada vez mais complexos: relacionamento afetivo, homossexualidade, bissexualidade ou heterossexualidade? Não é de estranhar que o escrevente se sinta confuso em [27] e queira, aparentemente, compartilhar as dúvidas existenciais com o co-enunciador do *blog*. A *ação* entre os sujeitos pelo *discurso* é, porém, predestinada ao fracasso, quando o enunciador afirma em [26] que não se trata de “dar satisfação a ninguém” – como pressuposto, aliás, para as pessoas “livres”, “independentes” e individualistas de nossa sociedade. Acreditamos que a finalidade da confissão de temas íntimos no *blog* é a instauração de um lugar de visibilidade do sujeito em meio à perpetuação do isolamento social, com a inexistência de qualquer *ação em comum*.

Poder-se-ia pensar que a atividade dos *blogs* permite que fronteiras sociais sejam transgredidas, com a emergência de temas polêmicos e a possibilidade de sua discussão. Afinal, pela ação da escrita o sujeito pode tratar de temas como a homo/bissexualidade, sem o perigo de ser identificado e sofrer punições físicas resultantes do preconceito. O que se observa, porém, é a ausência de progressão argumentativa e o funcionamento do enunciado segundo a ordem do que pensamos para o comentário foucaultiano na operacionalização de nosso material. Em [29], o escrevente “encerra” o tema com o coloquial “Bom, deixa pra lá!”. Há a necessidade (incessante) de falar, mas essa necessidade não materializa *ações* coletivas para *pensar* – discutir, debater, refletir, criticar – temas de interesse comum no espaço dos *blogs*; pelo menos, não nos textos dos *blogs* pesquisados. Pode ser que as referidas *ações* ocorram no espaço privado de *e-mails*, de *chats* reservados ou ainda em outros tipos de *blogs*.

O fim da oração não significa, porém, o fim do enunciado. O escrevente de *blog* aguarda a participação do outro, seja pela representação numérica registrada no contador de acessos do *blog*, seja pela qualidade dos comentários enviados. Em (a), [32], o sistema de comentários do *blog* indica que o *post* recebeu 87 (oitenta e sete) mensagens de outros usuários. De fato, trata-se de um número expressivo. Seria importante avaliar esses textos de comentários para problematizar o acabamento do texto do *blog*. Infelizmente, a respeito desse *post* em particular, não temos arquivos impressos. Apesar de o *blog* continuar no ar, atualizado em outro endereço, não há mais registros sobre a passagem daquele dia, sobre a passagem dos sujeitos que se dispuseram a comentar o referido *post*. Trata-se de um dos traços dessa atividade de escrita que é desmaterializada pelo próprio suporte material.

Observamos que o *ethos* do escrevente dos *blogs* pesquisados é constituído, principalmente, por meio de recursos argumentativos que colocam em evidência a figura de um *sujeito vaidoso*, voltado à obtenção de um lugar de visibilidade individual na rede. Ocorre, porém, que o escrevente necessita da participação do outro para a instauração desse lugar de visibilidade. Veremos, a seguir, como se dá a constituição do sujeito leitor nos *blogs* investigados.

A passagem do *outro* pelo *eu* : o *ethos* do sujeito leitor

A relação dinâmica entre a publicização de si e a intimidade construída pressupõe necessariamente a participação do outro na prática de escrita dos *blogs*. A consideração de um interlocutor empírico parece ser traço constitutivo desse gênero do discurso. Diferentemente do modelo ideal de diário íntimo, marcado pela ausência empírica do outro na produção textual, nos *blogs* o escrevente tem a oportunidade de estabelecer interlocução direta com outros usuários da internet, principalmente desconhecidos. Observamos que as marcas mais freqüentes utilizadas na referência ao co-enunciador são *você(s)* e formas de designação generalizadoras:

(m) Ei, psiu, você viu o novo visual do blog da Lis? [27.M, 01/09/01, 6:48 PM (grifos nossos)]

(n) Este blog entra em recesso e vai visitar o fogão da Rê, além de apagar outro fogo. Vejo vocês na segunda. [4.F, 12/04/02, 4:23 PM (grifos nossos)]

(o) Galera, espero que tenham gostado do novo visual do Blog. [31.M, 08/07/02, 20:21:41 (grifos nossos)]

(p) Pessoas, a menos que aconteça algo de realmente extraordinário neste final de semana, agora é só segunda. [41.F, 24/10/02, 17:34:38 (grifos nossos)]

Nos excertos (m) e (n), o pronome *você(s)* ocupa o lugar do co-enunciador anônimo, desconhecido. O efeito de sentido resultante é semelhante ao apontado por Brandão (1998) em sua análise de textos publicitários: “O *você* é uma entidade autônoma que [...] ganha uma ilusória identidade no processo de alocação. Ilusória identidade porque sob a máscara de um tratamento personalizante, o *você* da propaganda visa a um interlocutor anônimo,

qualquer um que ler o texto”.²⁹⁸ No caso dos *blogs*, a utilização desse pronome ou de outras formas de designação generalizadoras do co-enunciador – como “galera”, excerto (o), “pessoas”, excerto (p), mas também “amigo(s)”, “leitor(es)”, caro/estimado/querido leitor – tem a função de atingir o maior número possível de leitores, de maneira a simular relação de intimidade com o outro. Não deixa de ser uma estratégia para a adesão à produção de um texto de ampla difusão como o *blog*, veiculado pela internet. No caso dos excertos (n) a (p), é importante observar que a forma predominante de referência ao outro é a designação de múltiplos participantes, seja pela desinência do plural em (n) e (p), seja pela idéia de grupo que o substantivo “galera” evoca em (o). Assim, a relação que o enunciador institui com o co-enunciador ratifica o modo de enunciação da publicização de si, marcado pela exposição do sujeito ao auditório anônimo e crescente.

Para que possamos distinguir uma concepção de *ethos* do co-enunciador, é preciso distinguir aspectos do funcionamento do leitor no texto. De um lado, há a representação que o escrevente faz de seu leitor na produção textual; de outro, há o *público efetivo*, o leitor que se dispôs a ler e comentar o *post*, no caso dos *blogs*. Maingueneau (2004b) considera que essa oposição entre *público que o texto implica por suas características* e *público efetivo* é característica de uma noção de *leitor modelo*, cuja importância nos estudos discursivos está ligada à crítica que a teoria lingüístico-discursiva faz da comunicação como processo linear e não como processo de enunciação. Para Maingueneau, a noção de *leitor modelo* pode ser usada nos dois sentidos, mas ela só diz respeito aos estudos da Análise do Discurso se é especificada em função dos textos que se estudam.²⁹⁹

²⁹⁸ Brandão, 1998: 53 (grifos no original).

²⁹⁹ Maingueneau, 2004b: 298-299.

Propomos discutir a função leitor no *blog* levando em consideração tanto a representação que os escreventes dela fazem quanto o que é mostrado pelo próprio leitor que se dispõe a emitir comentários pelo dispositivo da página eletrônica. A imagem do leitor do *blog* é mostrada pelo enunciador ora como **participante**, ora como **ausente** da produção textual. No primeiro caso, em geral, o leitor é descrito como amigo compreensível, que sabe ouvir, acolher, respeitar, ajudar, incentivar o escrevente na resolução dos problemas pessoais e/ou profissionais, das situações de conflito. Aparentemente, o leitor não “ri” das ou menospreza as *confissões* narradas, muito menos reclama do teor dos *blogs*, isto é, das possíveis bobagens “faladas” (escritas) nesse texto eletrônico. Em geral, o leitor que comenta os *posts* ou o *blog* do escrevente tem, também ele, seu próprio *blog*. Seus comentários podem, portanto, significar uma maneira de divulgar sua própria disposição em expor e ver comentada sua intimidade num *blog* pessoal: uma visita comentada se paga com outra... Esse modo de divulgação explica, em parte, o alto número de visitas com comentários. O *ethos* do **leitor participante** é apreendido em excertos ou *posts* cujo tema é o reconhecimento da participação do leitor-comentador, com a expressão da gratidão por parte do enunciador:

(q) Antes de tudo, eu queria agradecer a todo mundo que comentou no meu blog. **Valeu mesmo!** Caramba! Não vai dar pra falar de todos! [1] E o que eu achei mais legal é que não teve **nenhum comentário homofóbico!** Cara... [2] isso é um GRANDE avanço! [2.M, 15/07/02, 17:59:59 (grifos no original)]

(r) Agradecimentos especiais a Jean Boechat da **Telescópica** e a Lia do **Hyper.Speed**. [1] O Jean por me dar umas pequenas explicações de como funcionava tudo isso, e [2] o da Lia que me serviu de referência e [2'] por onde conheci muitos outros. [28.M, 20/02/01, 11:00 AM (grifos no original)]

O excerto (q) é de autoria do enunciador 2.M, o mesmo que redigiu o texto (a) discutido no início deste capítulo. Em (q), não fica explícito se os comentários enviados pelos leitores tratam ou não de (a), em que o escrevente confessa publicamente que é gay. Importa destacar que o pressuposto em [1] é que o escrevente imaginava ser discriminado/humilhado pelo preconceito alheio, o que não foi confirmado pelos textos. A projeção da imagem dos leitores (desconhecidos ou não) do *blog* é, pois, a de pessoas participantes, que emitem comentários incentivadores, seja qual for o tema em foco. Novamente, parece importar mais a frequência mútua à intimidade dos *blogs* do que a polêmica sobre os temas trazidos a público. Em (r), o enunciador mostra a imagem do leitor participativo mediante o agradecimento explícito a dois outros blogueiros, cujos *sites* estão *linkados* no título dos respectivos *blogs*, em negrito. Em [1] e [2], o enunciador mostra a maneira como os demais blogueiros o ajudaram na composição de sua própria página eletrônica; em [2'], o enunciador é grato à outra blogueira por ela ter-lhe facultado o conhecimento de outros *blogs*, provavelmente por uma lista de *links*.

De nosso ponto de vista, o leitor participante é o que o escrevente busca encontrar como co-enunciador nos *blogs*. A *maneira de dizer* desse leitor, por ele mesmo, é discutida logo a seguir; antes, porém, observemos a presença de outro tipo de leitor, o **leitor ausente**, percebido nos *posts* dos escreventes como o que *passa* pelo *blog* sem deixar comentário algum sobre o que leu:

(s) [1] E tem horas que me dá vontade de escrever muitos absurdos aqui, só para ver se as pessoas comentam... [2] O que será que se escreve para que as pessoas comentem?? [3] Essa é minha questão existencial bloguística do momento... [13.F, 17/07/02, 23:42]

(t) E até agora ninguém disse nada, então deixa. [24.F, 16/07/02, 01:02 AM]

A percepção de que o *blog* foi lido pelo outro é confirmada mediante a checagem do contador do número de acessos ao *site*. É desse modo que os escreventes podem saber se seus *blogs* foram *vistos*; a queixa em comum dos enunciadores dos textos (s) e (t), porém, é que “ninguém disse nada” (excerto t) sobre a produção escrita. Para o enunciador, parece não ser suficiente *ser visto*, é preciso que os textos e ele próprio sejam devidamente comentados e se possível *linkados* no *blog* do leitor, para que possam alcançar o lugar de visibilidade pretendido e circular de maneira mais eficaz pela rede. Em (s), o enunciador cogita a possibilidade de “escrever muitos absurdos” no *blog* ([1]), já que não sabe *o que deve ser escrito para ser comentado* ([2]). A “questão existencial” do momento ([3]) é, portanto, a reflexão sobre temas que gerem comentários do outro. Fica evidente nesse *post* que a finalidade do *blog* é a busca do outro – na qualidade de *passagem*, não de *permanência* das relações. O leitor ausente é imagem sempre temida pelo blogueiro. A falta de participação do outro é uma das principais razões alegadas pelos escreventes para a “morte” do *blog*:

(u) [1] Desabilitado

[2] **Cansado de ser inanimado** parece que **este desconsolado blog** quer pulsar como pulsa a vida. Alter-ego de mim, ou vice-versa, desconfio que não se conforma em ser apenas veículo de angústias e contentamentos, e queira, ele próprio sentir.

Por uma astúcia qualquer provoca em mim, nessa minha tonta cabeça, uma [3] **certa compulsão por mudar-lhe as vestes na vã ilusão de que trocando a pele que lhe cobre, como as cobras fazem, se renova a vida ou uma nova se ganha**. [4] O brilho externo das cores com seus matizes dá ânimo e até reluz, mas não revela necessariamente vida.

[5] Creio que este blog, que se confunde comigo, entrou mesmo foi numa confusa fase autofágica e tá **quase moribundo, sucumbindo**, ali **nos estertores finais**. [20.F, 25/07/02 (grifos nossos)]

Destacamos no texto (u) o emprego de determinadas palavras e a comparação elaborada pelo enunciador para indicar uma possível transformação no *layout* do *blog*, como forma de atrair leitores. O enunciado [1] é uma interessante alusão ao procedimento de tornar ativas determinadas funções do computador – *habilitá-las* – para que elas exerçam suas funções. No exemplo analisado, o prefixo *des-* explicita que se trata da negação do funcionamento: é o fim do *blog*, “cansado de ser inanimado”, “desconsolado” ([2]) pela falta de participação alheia. Todavia, o *blog* “quase moribundo” ([5]) poderia ser salvo pela “astúcia” do enunciador que pensa em modificar a diagramação e as cores do texto ([3]) na tentativa de lhe “dar vida nova”. É o próprio enunciador quem admite em [4], porém, que “o brilho externo das cores” não significa necessariamente “vida”. A razão da existência do texto do *blog* está no acabamento do outro (*no* outro), no estímulo da resposta ao enunciado. O acabamento do enunciado é produto da *ação em comum* no sentido dado por Arendt.

O outro deve participar do gênero do discurso de modo a legitimá-lo e legitimar o enunciador do texto; o co-enunciador deve se valer de sua *competência discursiva* para “entrar” na cenografia do *blog*. É principalmente pelo dispositivo do comentário do *post* ou do *blog* que o leitor *faz ver e é visto* pelo autor e pelos demais usuários. De uma perspectiva discursiva, enunciador e co-enunciador se beneficiam com esta *ação* da **passagem do outro pelo eu**: o comentário tem a função de interação – *rápida, leve, eficaz*, como o próprio dispositivo –; ao mesmo tempo, seu funcionamento possibilita a visibilidade de ambos no espaço dos *blogs*.

O leitor é convocado a todo instante pelo enunciador a participar, por meio de comentários abertos ou de *e-mails* privados, do *blog*. O que observamos nos comentários públicos dos *blogs* pesquisados é que a ação do co-enunciador parece ser fundada no

gênero epidíctico. Na definição de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a finalidade do gênero epidíctico é o elogio ou a censura, com o *reconhecimento do nome de seu autor*. Trata-se de uma forma que procura principalmente agradar o outro, mediante o tratamento de temas incontestes, aos quais ninguém se opõe e dos quais não se vê consequência prática alguma.³⁰⁰ A finalidade do texto do comentário do leitor se mostra, dessa forma, muito próxima à do texto do autor: há a publicização de si no espaço de interação dos *blogs*, mediante o estabelecimento de laços afetivos e íntimos pela ação do elogio. O acabamento do texto do comentário se dá com a participação do outro (o escrevente do *blog*, agora na função de leitor do comentário) *no* outro, isto é, em sua *passagem* pelo *blog* do comentador:

(v) [1] gostei gostei gostei... [2] visite o meu tbém [harleywoman, 12/06/02, 1:50 PM para 17.M (grifos nossos)]

(x) [1] Seu blog é hilário!

[2] Adorei. [3] Tá no meu favorito!

[4] Me visite: www.andreadoria.blogspot.com

Andrea doria – enviado em 14/01/02 21:03 [para 16.F (grifos nossos)]

(y) [1] Oi!!!! [2] Descobri seu blog, assim, [3] do nada e [4] simplesmente amei!!!

Caramba, [5] não consegui sair daqui sem antes ler tudinho!!! Puxa, [6] vc é muito legal!

[7] Vc tem um jeito todo especial de contar sua vida, sua rotina, seus momentos... [8]

Aparece lá no meu blog tá? [9] Mil beijos! [Dani, 18/07/02, 02:22:00 para 19.F]

Nos textos (v) e (x), constatamos o modo de enunciação característico dos textos de comentários do *blog*: primeiro há o elogio, em (v), enfatizado pela tríplice repetição do verbo “gostar”; em (x), com o uso do adjetivo em [1], do verbo “adorar” em [2] e da referência ao arquivo no qual o endereço do *blog* está classificado (“favorito”). Em seguida,

³⁰⁰ Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1996: 53-57.

há o *pedido sutil* para que o escrevente primeiro *visite o blog* do comentador: enunciado [2] do texto (v); enunciado [4] do texto (x). O texto (y) segue o mesmo conjunto de regras da *maneira de dizer*. O leitor-comentador concentra os elogios em [4], [5], [6] e [7] para em [8] fazer a solicitação da passagem do *outro* pelo *eu*. A construção da relação de intimidade é mais bem elaborada em (y), com a projeção de uma imagem simpática de quem saúda o leitor do texto de maneira efusiva, como indicado no uso dos quatro pontos de exclamação em [1]. Além de todos os elogios, o enunciador desse texto ainda se despede de maneira simpática em [9].

É como se a ação do elogio fizesse parte do *sistema de restrições* do co-enunciador: *é possível dizer* o elogio ao outro e a ele solicitar a passagem pelo próprio *blog*, desde que ele enalteça o blogueiro primeiro, antes de qualquer outro e de si próprio. A finalidade do texto do *blog* é legitimada também no texto do comentário: *é preciso fazer ver e ser visto* para alcançar um lugar de visibilidade e promover a circulação eficaz do nome do escrevente/ título do *blog* na rede. Parece, pois, que, nos *blogs*, evitar a polêmica é praticar uma ação que se exerce diretamente entre os homens, sem mediação da matéria, das coisas³⁰¹ e – acrescentaríamos – dos temas. Uma forma de atividade que não é labor físico-fisiológico, não é simples trabalho do artifício humano, mas forma de ação mútua, que aqui interpretamos como a da passagem (em mão dupla) do outro pelo eu.

³⁰¹ Arendt, 2003.

Das reflexões realizadas nesta pesquisa, extraímos pontos para pensar *o que é possível dizer* por meio de uma ferramenta que é conhecida pelos usuários da internet por facultar uma suposta *liberdade de expressão* dos indivíduos. Passamos as nossas considerações finais.

Considerações finais

Da necessidade de falar: a impossibilidade de dizer?

No desenvolvimento desta tese, buscamos discutir a prática de escrita dos *blogs* que são comumente associados à prática de escrita dos diários íntimos. A partir, principalmente, da noção de *condições de produção do discurso*, procuramos problematizar por que esse *blog* não pode ser tomado como equivalente do diário íntimo em versão digital. Não se trata, tão-somente, da modificação do suporte material ou da pretensa evolução dos modos de inscrição da intimidade na era moderna, como se supõe em trabalhos aqui criticados. De nossa perspectiva, são as *descontinuidades* históricas constitutivas da dimensão dialógica (sócio-histórica) da linguagem que possibilitam a emergência de um *gênero do discurso* fundado na *confissão* pública de temas privados e íntimos. Procuramos refletir sobre *relações de poder* distintas, características dos sujeitos e das práticas discursivas de uma dada sociedade, em um dado momento histórico. Certamente, há marcas em comum aos textos do *blog* e do diário íntimo, mas elas emergem na qualidade de *ruínas* dos enunciados do gênero cristalizado para instaurar a *cenografia* de uma intimidade, com funcionamento diverso nos *blogs*. No estudo das *relações intergenéricas constitutivas* do gênero do discurso, consideramos que o texto do *blog* está mais próximo do texto da *home page* pessoal do que do texto do diário íntimo manuscrito/impresso. Acreditamos que o modo de enunciação dos escreventes dos *blogs* pesquisados é fundado no jogo enunciativo entre a publicização de si e a intimidade construída com o co-enunciador. Essa relação dinâmica pressupõe necessariamente o *ethos* de um leitor participante, seja por meio da emissão de comentários, de *e-mails* ou da *passagem* contabilizada no *site* do enunciador. A *finalidade reconhecida* do gênero e dos sujeitos nele inscritos é *fazer ver e ser visto*, com a

instauração de um lugar de visibilidade do *sujeito vaidoso* na internet. A relevância deste estudo sobre *blogs* está menos na consideração de marcas lingüísticas características dessa modalidade escrita no espaço digital do que no modo como procuramos abordar esse fenômeno da escrita no âmbito dos estudos discursivos.

Fala-se, fala-se, fala-se por meio da prática de escrita dos *blogs*: por que ter um *blog* e por que não tê-lo, por que escrever, por que ler textos alheios e “visitar” a “vizinhança”; confessam-se – ou se é forçado a confessar – predileções, “pequenos defeitos”, eventuais transgressões vividas na banalidade do cotidiano caracterizado, principalmente, pelo *comentário* (no sentido particular que demos ao conceito proposto por Foucault) sobre a normalidade das relações sociais. A função do *blog* é assim definida por uma das escreventes:

(a) [1] Blog pra mim serve, antes de tudo, **pra desabafar**. Escrever sempre foi a minha catarse e hoje não vai ser diferente. [2] Especialmente hoje, eu tô precisando desse espaço meu. [3] Que não é só meu, eu sei, [3'] mas onde eu me entendo e [4] me vejo melhor através dos olhos do outro. [4.F, 01/04/02, 11:14 PM]

Sob a pressão das angústias vividas no tempo presente, buscam-se no *blog* condições ideais para “desabafar” a respeito do que se quiser ([1]). Trata-se da valorização de um gênero por meio do qual se imagina *tudo dizer*. A escrevente do excerto (a) *sabe* que não fala apenas para si ([3]) – ela nem mesmo *quer* que seu desabafo seja restrito ao domínio privado. O objetivo do *blog* é a busca do outro. No espaço de interação, a escrevente vislumbra, ao mesmo tempo, ocasião para *falar de si* ([2]), procurar entender a si própria ([3']) e ser *vista* “através dos olhos do outro” ([4]). A ênfase é, pois, no “eu” característico do individualismo moderno.³⁰² Destacamos que um dos sentidos do verbo

³⁰² Sennett, 1998.

“desabafar” é “exprimir(-se) com franqueza, com sinceridade”; acreditamos que é esse o sentido privilegiado pelos escreventes, não porque se trata de emprego “consciente” da palavra ou porque esteja, de fato, relacionado “à” verdade do que se diz, mas porque o uso desse verbo é efeito de uma sociedade em que *tudo pode e deve ser dito*, uma vez que se acredita que o espaço de interação da internet é *livre* das coerções que regem os demais âmbitos sociais.

“Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?”,³⁰³ indaga Foucault sobre a produção dos discursos. Acreditamos que os *blogs* – a exemplo do que defende o autor para a produção dos discursos – são efeitos de poder de uma sociedade que positiva suas ações na consolidação da idéia de *liberdade de expressão* do indivíduo que tudo pode falar – escrever, exibir, confessar –, inclusive – ou principalmente – a respeito de uma faceta íntima de sua personalidade em público. O próprio meio faculta novas formas de acesso à informação para que o indivíduo possa *comentar* ininterruptamente todo e qualquer assunto a todos (a qualquer um) na sociedade.

Como um dos resultados deste estudo sobre *blogs*, poder-se-ia indicar que se trata de uma modalidade de escrita “esvaziada”, já que o relato do cotidiano é caracterizado, sobretudo, pelo *lugar-comum* da argumentação. Esta investigação mostra, entretanto, que se trata de uma modalidade de escrita cuja complexidade e importância estão vinculadas a um *acontecimento discursivo* caracterizado pela permanência de verdades socialmente aceitas, disseminadas mediante textos verbais leves (porque fáceis de compreender, mas também porque freqüentemente pouco consistentes), divertidos (porque engraçados, mas também

³⁰³ Foucault, 1996: 8.

porque se esmeram na aparência em função da necessidade de seduzir), produzidos em anotações diárias dos escreventes.

De nosso ponto de vista, a **necessidade** (incessante) **de falar** qualquer coisa é modo de permanência dos sujeitos no campo da visibilidade social. Essa necessidade de falar é radicalmente fundada na **impossibilidade** (histórica) **de dizer** (de *pensar*, de *criticar*) o *novo*, o *revolucionário*, o *libertário* **na e pela** linguagem dos sujeitos. No caso específico dos *blogs*, a imagem da tela em branco do computador evoca a liberdade total para falar/ escrever/ fazer ver o que os escreventes quiserem (a tatuagem de dragão no dorso nu, os remendos das calcinhas, incluídos). O extremo oposto parece ser o desabafo de que não há nada a dizer ao outro, a não ser *falar, tagarelar*:

(b) [1] Se tudo der certo, em agosto e setembro [1'] verei muitos filmes e [1''] temerei as balas perdidas. [2] Se tudo der certo. [3] Porque minha vida parece uma sucessão de coisas que estão para rolar. [4] Tempo horrível para viajar para a praia, vento, frio e chuva. [6] Meus pés estão congelados; [7] assunto zero. [7.F, 11/07/02]

Nesse *post*, a escrevente registra suas impressões sobre o cotidiano (como no enunciado sobre o clima em [4], que resulta no estado físico em [6]; como no excerto [1''], que designa as angústias resultantes da violência vivida); seu próprio estado emocional ([3]); os projetos para o futuro incerto em curto prazo (como enunciado em [1] e reafirmado em [2]). É o enunciado [7], entretanto, que gostaríamos de destacar: sua colocação em posição final no texto designa o valor de comentário a respeito de tudo o que foi escrito. “Assunto zero” produz como efeito de sentido a absoluta falta do que dizer/escrever, exatamente em um espaço cultuado por pretensamente promover a “gloriosa volta à palavra escrita”.

O aborrecimento da mesma escrevente quanto à prática dos *blogs* reaparece em registro posterior:

(c) [1] Estou meio de saco cheio de ler e escrever blog. [2] E você? [7.F, 16/07/02]

Em (c), o uso do advérbio *meio* em [1] parece atenuar a crítica contra a prática do *blog*, que implica leitura de outros textos e escrita diária e freqüente. O tédio havia sido antecipado no enunciado [7] em (b). O enunciado interrogativo [2] é indício de que a sensação de tédio pode ser compartilhada com outros blogueiros. A interrogativa, nesse caso, tem valor retórico; a escrevente espera receber resposta afirmativa do co-enunciador.

O tema falta de assunto/de vontade de escrever/ler *blogs* foi encontrado em vários dos textos que compõem o material da pesquisa. Esse tema emerge em discordância com tantas outras *vozes* que celebram o *blog* como a “revolução da internet”, como a oportunidade de exprimir “os próprios pensamentos” pela palavra escrita que é colocada em circulação em âmbito global. A investigação do material lingüístico conduz o leitor-pesquisador, na maioria das vezes, ao “assunto zero”, ao tédio do qual os próprios escreventes se ressentem. Se há reflexões críticas sobre temas de interesse público, elas não estão no sistema de comentários e nos *posts* dos *blogs* pesquisados. A *finalidade reconhecida* do texto do *blog* é *fazer ver e ser visto*, mediante um modo de enunciação fundado na publicização de si na relação de intimidades partilhadas com o co-enunciador.

Observamos nos *blogs* pesquisados a negociação da presença do outro para a realização do *fazer textual* do gênero. Ocorre que muitas vezes o escrevente nem mesmo *sabe o que deve escrever para ser lido*; se o *blog* não é lido e comentado – não é *visível* –, o escrevente não tem mais razão para escrever. O “assunto zero” tem, portanto, relevância na

problematização dos espaços de interlocução social. Vejamos outros exemplos de *posts* cujo tema é a ausência do que dizer:

(d) [1] Não tenho assunto pra falar hoje, [2] não aconteceu nada! [18.M, 01/02/02, 04:03:40 PM]

(e) Ui! [1] Hj sem nada pra falar... mas tipo, naaaaada MESMO! [2] Incrível como não aconteceu nada! [2.M, 05/07/02, 21:23:27]

(f) [1] É tão chato olhar para essa tela em branco e [2] não vir nada legal na cabeça para escrever... [19.F, 19/07/02, 11:34:43]

Destacamos o emprego dos elementos de negação “não”, “não... nada”, “sem nada”. A negação é um dos processos formadores de sentido na linguagem. Segundo Neves (2000), o elemento que opera a negação tem *âmbito de incidência*, também chamado *escopo de negação*, definido como o segmento de enunciado em que a negação produz seu efeito, afetando, por meio do operador de negação, o conjunto de conteúdos.³⁰⁴ Assim, observamos nos enunciados [1] dos excertos (d) e (e) que o uso da negação incide sobre a possibilidade de /ter assunto para falar/; no enunciado [2] do excerto (f), trata-se de negar que exista /alguma coisa legal na cabeça para escrever/. O uso do pronome indefinido “nada” nas orações negativas [2d], [2e] e [2f], na posição de complemento verbal, indica que não há elemento algum que possa ser adequadamente selecionado para a posição de complemento:³⁰⁵ espera-se o *acontecimento* do “extra-ordinário”, mas o que se tem – incluída a constatação da falta do que dizer – é a banalidade do cotidiano e a repetição de um *já-dito* que não cessa de circular nos discursos.

³⁰⁴ Neves, 2000: 285.

³⁰⁵ Neves, 2000: 578.

Analisemos dois outros exemplos provenientes da relação entre a necessidade de falar e a impossibilidade de dizer:

(g) [1] Ô Porcaria!!!! [2] Esqueci meu remédio em casa... [3] Uia... [4] post mais sem assunto né? [5] Mas é pra compensar ontem que não teve nada de novo aqui!!! [6] =) [2.M, 18/7/02, 19:19:56]

(h) [1] Domingão macarrão. [2] Hoje vou de metrô lá na Liberdade, comer na rua aquele macarrãozinho japa, o bifum. [3] Você deve estar se perguntando: [4] “- E eu com isso?”. Pois é, [5] blog tem dessas coisas. [8.M, 21/01/01, 10:51 AM]

Em (g), o enunciador inicia o *post* com a interjeição popular [1] como forma de expressar o desagrado – devidamente partilhado com o co-enunciador – em relação ao esquecimento explicitado em [2]. Em [3], porém, o enunciador parece se dar conta de que o assunto não é de interesse público ([4]); sendo assim, não deveria ser divulgado na internet. O uso do marcador conversacional “né?”, em posição final em [4], designa pedido de confirmação do outro ao que foi dito de modo aparentemente impensado. Em [5], entretanto, o escrevente torna claro que o *não assunto* do *post* é proposital: modo de “compensar” o que já não havia sido dito/escrito no dia anterior. O emprego do *emoticon* em [6] pode ser considerado comentário do próprio enunciador a respeito de sua “pequena trapaça”, da arte de dissimular que nada tem a dizer, para assim falar e permanecer sendo visto na rede. Já em (h), o escrevente trabalha com mais detalhes, o chamado factual do (seu) cotidiano. Ele descreve o *momento de referência* ([2]) não para exaltar o evento gastronômico do final de semana ([1]), mas para sobrepor à constituição da *cenografia* a *vontade de falar não-importa-o-quê*. O uso do recurso argumentativo em [4] coloca em evidência a *voz* (interrogadora) do outro como forma de antecipar a negação do interesse público (do leitor desconhecido, [3]) em relação ao cotidiano alheio. O próprio enunciador

admite em [5] que a atividade dos *blogs* “tem dessas coisas”: há um aparente *dizer* que preenche o lugar de um *não dizer* mediante a necessidade, incessante, de *falar*.

O limite pode ser o *nonsense* levado a efeito num *blog* que circulou pela internet entre 2001 e 2002, no qual o enunciador narrava as delícias e dificuldades de comer um pão com manteiga na chapa todos os dias. A figura a seguir é referente ao *Diário do pão com manteiga na chapa*.³⁰⁶

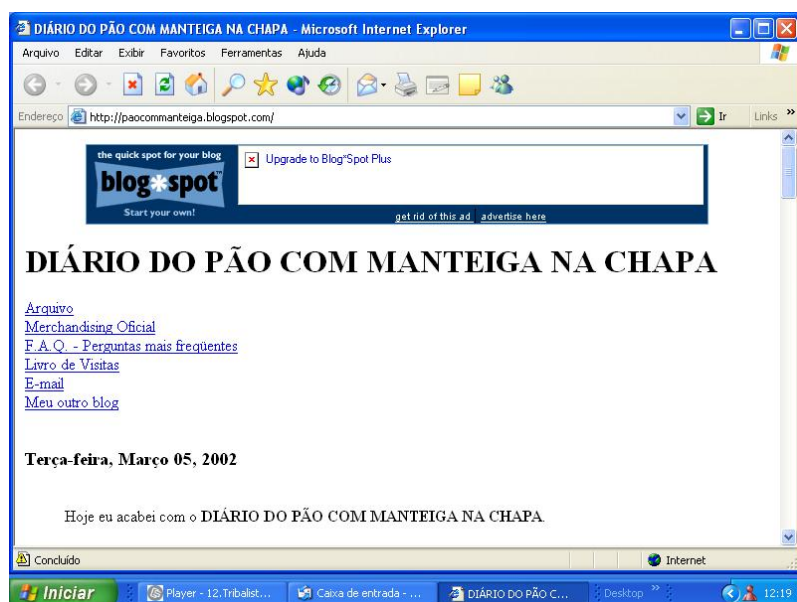


FIGURA 21 – *Diário do pão com manteiga na chapa*

O escrevente se identifica como o jovem Rafael Capanema, de 16 anos, residente na cidade de São Paulo (SP). Os *posts* do *blog* alternavam a informação de que o escrevente havia conseguido comer ou não pão com manteiga na chapa:

- (i) [1] Hoje eu comi pão com manteiga na chapa [2] às 13h14min. Utilizei pão da [3] padaria Lisboa, [4] manteiga Aviação e [5] sal Cisne.
[6] Estava muito gostoso. [14.M, 25/10/01, 5:08 PM (grifos no original)]

³⁰⁶ Disponível em: <http://paocommanteiga.blogspot.com/>

(j) Hoje eu não comi pão com manteiga na chapa. [14.M, 30/10/01, 5:01 PM]

Em (i), observamos as principais informações que costumavam constar dos *posts* que resumiam o “triunfo” ([1]) do dia; os detalhes ficavam por conta do local da procedência do pão (padaria, [3]), da marca da manteiga ([4]) e do sal ([5]) e da especificação do horário em que ele havia consumido tal iguaria ([2]). Em geral, esses *posts* eram encerrados com uma apreciação positiva ([6]) do evento. O texto (j) é o registro típico de um dia em que o escrevente não havia comido pão com manteiga na chapa.

Diário do pão com manteiga na chapa despertou comoção na rede brasileira no período de implantação dos *blogs* no Brasil. No chamado livro de visitas do *site*, há críticas e elogios ao *blog*. As críticas são, em geral, xingamentos ao escrevente: “você é muito DEMENTE”,³⁰⁷ “nada a ver, hj comi pão c/ manteiga na chapa, hj não comi pão com manteiga na chapa, putz, fala sério”,³⁰⁸ “vai arrumar emprego seu desocupado!”,³⁰⁹ “ah meu vai se foder seu frustrado sexual”.³¹⁰ Há elogios abrangentes – “muito legal...”,³¹¹ “Sem sombras de dúvida, o melhor blog que já visitei!” –,³¹² e os que explicitam sua admiração pelo suposto posicionamento crítico do jovem: “Continue assim, pessoas inovadoras é que vão tirar o Brasil da merda”,³¹³ “Meu, achei muito legal esse seu blog, muita tiração de sarro daqueles críticos que se preocupam em opinar em tudo”.³¹⁴

³⁰⁷ Granamyr, o Dragão para 14.M, 23/03/02, 04:00:39 PM.

³⁰⁸ jbj para 14.M, 13/02/02, 10:43:03 AM.

³⁰⁹ Eu para 14.M, 30/01/02, 08:24:56 PM.

³¹⁰ Anonymous Surfer para 14.M, 20/03/02, 11:04:48 AM.

³¹¹ Shirley para 14.M, 21/02/02, 04:07:44 PM.

³¹² Lygia Foster para 14.M, 22/02/02, 10:20:41 PM.

³¹³ Ananias Garcia para 14.M, 01/02/02, 09:46:04 PM.

³¹⁴ Roberto Iwai para 14.M, 01/02/02, 09:09:01 PM.

Nos excertos (d), (e), (f), observamos a inquietação dos escreventes por não terem o que falar/escrever; em (g) e (h), há simulação de um *dizer* que funciona no lugar de um *não dizer* na ocupação do espaço enunciativo. O *Diário do pão com manteiga na chapa* expõe a *necessidade de falar* em público almejada por escreventes e leitores. A *liberdade de expressão* nos *blogs* é condicionada à *impossibilidade de articular novos dizeres, novos modos de pensar e de refletir de maneira crítica* na sociedade. Acreditamos, porém, que a circunstância da repetição do *já-dito* pode ser rompida mediante a *ação* dos sujeitos, no âmbito do conceito político formulado por Arendt (2003). Esse rompimento pode-se dar justamente pela repetição que retoma um comportamento rotineiro (labor e/ou trabalho não lingüístico, em princípio, mas que se torna ação discursivizada no *blog*), como é o caso do *Diário do pão com manteiga na chapa*. Como se pôde constatar, o efeito irônico criado pelo *blog* resultou em uma reiteração que gerou polêmica, provocando posições francamente antagônicas. Dessa perspectiva, a assunção da noção de ação dos sujeitos não pode estar restrita ao estudo de marcas lingüísticas (à simples reiteração, por exemplo), mas é essencial que seja incorporada à investigação em outras áreas de conhecimento, como a História, a Sociologia e a Antropologia, para que seja possível a formulação de questões outras – *novas formas de dizer e de agir* – a respeito desse fenômeno da escrita. É preciso reconhecer que a ação de pensar só ocorre *junto com o outro* – “estar isolado é estar privado da capacidade de agir” –³¹⁵, na consideração da complexidade enunciativa que permeia a *pluralidade humana*. Lidar com ela é não fugir à ironia, seja ao buscar esse tipo de dialogismo mitigado na reiteração do *pão com manteiga na chapa*, seja ao dialogar com os *blogs* no âmbito de uma pesquisa acadêmica que reconhece a necessidade de falar

³¹⁵ Arendt, 2003: 201.

presente nos mesmos *blogs* como um modo de (re-)agir (à) no interior da impossibilidade de dizer.

Referências bibliográficas

- ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. (1997) *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil (ALB): Mercado de Letras, 1997, 204p.
- AGUIAR, T. (2002, fevereiro) BB de gringo. Disponível em: <http://www.no.com.br> Acesso em 14/2/2002.
- ANIS, J. (1991) L'hypertexte comme hypermétaphore. *LINX*, n.40, 1991 (1): 237-256.
- ARENDT, H. (1958) *A condição humana*. 10.ed. Trad.: Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, 352p.
- AUGÉ, M. (1998) *A guerra dos sonhos: exercícios de etnoficção*. Trad.: Maria Lúcia Pereira. Campinas (SP): Papirus, 1998, 127p.
- AUTOPACTE. Disponível em: <http://www.autopacte.org/>
- BAKHTIN, M. M. (1920-1930) O autor e o herói. In: _____. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad. feita a partir do francês: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997a, p.23-220.
- _____. (1959-1961) O problema do texto. In: _____. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad. feita a partir do francês: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997b, p.327-358.
- _____. (1952-1953) Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad. feita a partir do francês: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997c, 277-358.
- BALBINO, L. (2003) Do Canadá, blogger iraniano acompanha crise. Internacional. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 22/01/2003, p.A13.
- BALIERINI, F. (2002, março) TV Cultura lança paródia de reality shows. Entrevista com Marcelo Tas. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/> Acesso em: 15/03/2002.
- BARTHES, R. (1968) Deliberação. In: *O rumor da língua*. Trad.: Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988b. p.359-372.
- _____. A morte do autor. In: _____. *O rumor da língua*. Trad.: Mario Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988a. p.67-70.
- BBC. (2004, janeiro) Site com estudante dos EUA ao vivo sai do ar. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2004/01/040101_jenniferg.shtml
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, 671p.
- BENVENISTE, É. (1965) A linguagem e a experiência humana. In: _____. *Problemas da lingüística geral II*. Trad.: Eduardo Guimarães et al. Campinas (SP): Pontes, 1989a, p.68-80.

- _____. (1956) A natureza dos pronomes. In: _____. *Problemas da lingüística geral I*. 4.ed. Trad.: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. Campinas (SP): Pontes, 1995a, p.277-283.
- _____. (1958) Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas da lingüística geral I*. 4.ed. Trad.: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. Campinas (SP): Pontes, 1995b, p.284-293.
- _____. (1970) O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas da lingüística geral II*. Trad.: Eduardo Guimarães et al. Campinas (SP): Pontes, 1989b, p.81-90.
- BERNAL, J. (2001, março) Big brother is on-line: public and private security in the internet. Disponível em: <http://www.derecho.org/comunidad/echelon/>
- BICARATO, P. Livres por natureza. Disponível em: <http://www.nova-e.inf.br/bicarato/livrespornatureza.htm>. Acesso em: 17/02/2002.
- BIG BROTHER BRASIL. Disponível em: <http://www.globo.com/bbb>
- BIROLI, F. M. (2005) Dizer (n) o tempo: observações sobre história, historicidade e discurso. In: SIGNORINI, I. (org.) *Percursos transdisciplinares de reflexão sobre a linguagem*. (título provável; livro no prelo; mimeo, 25p.)
- _____. (2004) História, discurso e poder em Michel Foucault. *Comunicação apresentada no Colóquio Internacional Michel Foucault*. Campinas (SP): Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH – Unicamp), novembro de 2004. (livro no prelo, mimeo, 10p.)
- _____. (1997) Memória: tempos, sujeitos, projetos. *Cadernos da F.F.C.*, v.6, n.2, 1997, p.13-19.
- BLIG: o blog do IG. Disponível em: <http://blig.ig.com.br/index.php>
- BLOGCHALKING. Disponível em: <http://www.blogchalking.tk/>
- BLOGGER. Disponível em: <http://blogger.globo.com/index.jsp>
- BLOGS: o ponto de encontro dos blogueiros do Brasil. Disponível em: <http://www.blogs.com.br/>
- BLOGSPOT. Disponível em: <http://blogger.globo.com.br>
- BLOGUEIROS. Disponível em: <http://www.blogs.com.br/>
- BLOOD, R. (2000, setembro) Weblogs: a history and perspective. Disponível em: http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html. Acesso em: 25/06/2004.
- BOLTER, J. D. (2001) *Writing space: computers, hypertext and the remediation of print*. 2.ed. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2001, 232p.
- BOURDIEU, P. (1996) *Sobre a televisão*. Trad.: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, 143p.
- BRANDÃO, H. H. N. (1997) *Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, 191p.
- CASHEL, J. (2002) Interview with Evan Williams, Blogger (2002). Disponível em: <http://www.onlinecommunityreport.com/features/blogs>. Acesso em: 01/2003.

- CASO, F. (2004) Diários na internet. Suplemento Feminino. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 6-7/11/2004, p.F8.
- CHACON, L. (1998) *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 295p.
- CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. (Orgs.) (2002) *Dicionário de Análise do Discurso*. Coord. da trad.: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004, 555p.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP / Imprensa Oficial do Estado, 1999, 159p.
- _____. (1986) As práticas da escrita. In: ARIÈS, P. & CHARTIER, R. (Orgs.) *História da vida privada*, v. 3: da Renascença ao Século das Luzes. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.113-161.
- COELHO, M. (2001) Na internet, diários pessoais constroem imagem da vida normal. Ilustrada. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 12/09/2001, p.E8.
- CORBIN, A. (1987) O segredo do indivíduo. In: PERROT, M. (Org.) *História da vida privada*, v.4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Trad.: Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.419-501.
- CORRÊA, M. L. G. (1999a) A relação falado/escrito e a construção dos dados no fórum “Índio Pataxó”. *Alfa – Revista de Linguística*. 6 (43): 45-68. São Paulo: Editora da UNESP, 1999a.
- _____. (1999b) Dados lingüísticos e discursivos no fórum “Índio Pataxó”: primeiras discussões. In: MOURA, D. (Org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió (AL): edUFAL, 1999b, p.229-232.
- _____. (2004a) *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, 309p.
- _____. (2004b) Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. *Trabalho apresentado no VII CBLA*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica (PUC – SP), 14 de outubro de 2004. Submetido à comissão editorial da Revista *Trabalhos em Linguística Aplicada* (IEL/UNICAMP) (sob avaliação, mimeo, 23p.).
- CORRÊA, S. (2001) Diários são a nova mania na internet. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 21/10/2001, p.C5.
- COSTA, M. T. (2000) Bolsão de segurança é ‘ilusão’ e cria hostilidade social, diz especialista. Entrevista com Eni Orlandi. Cidades. *Correio Popular*. Campinas (SP): 17/08/2000, p.7.
- _____. (2001) Tensão social alimenta violência, diz sociólogo. Entrevista com Sérgio Adorno. Cidades. *Correio Popular*. Campinas (SP): 28/10/2001, p.8.
- COURTINE, J.-J. (1981) *Analyse du discours politique: le discours communiste adressé aux chrétiens*. *Langages*, n.62, jun/1981, 128p.
- DARNTON, R. Os leitores respondem a Rousseau: a fabricação da sensibilidade romântica. In: _____. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. 2.ed. Trad.: Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p.277-328.

- DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. (s/d) Rio de Janeiro: Objetiva, s/d.
- DIDIER, B. (1975) Pour une sociologie du journal intime. In: DEL LITTO, V. (Org.) *Le journal intime et ses formes littéraires*. Actes du Colloque de Septembre 1975. Genève: Droz, 1978, p.245-275.
- DORIA, P. (2001, maio) Blog, blog, blog. Disponível em: <http://www.no.com.br/servlets/newstorm.notitita.apresentacao/...> Acesso em: 05/01/2005.
- _____. (2002, fevereiro) Questão pessoal. Disponível em: <http://www.no.com.br/revista/secaoparaimprensa/1713/57254/actual>. Acesso em: 17/02/2002.
- DUVAL, J-F. (2000, outubro) Cyberjourn@l “intime”. *Construire*, 42, 17/10/2000. Disponível em: <http://www.construire.ch/SOMMAIRE/0042/42entre.htm>. Acesso em: 21/11/2001.
- ECO, U. (2003) Auteurs et autorité: un entretien avec Umberto Eco. In: ORIGGI, G. & ARIKHA, N. (Orgs.) *Text-e: le texte à l’heure de l’Internet*. Paris: Bpi / Centre Pompidou, 2003, p.215-232.
- FERRAZ, G. G. (2004) Textos falam de aventuras que você não viveu. Caderno 2. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17/04/2004, p.D7.
- FERREIRA, M. C. M. (em andamento) *Gênero e interpessoalidade em blogs: um enfoque sistêmico-funcional*. Dissertação (Mestrado) em Lingüística. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Comunicação e Filosofia. São Paulo (SP). Orientador: Prof. Dr. Orlando Vian Jr.
- FIAD, R. S. & SILVA, L. L. M. da. (2000) Diários de campo na prática de ensino: um gênero discursivo em construção. In: *Leitura: teoria & prática* 19 (35): 40-47. Campinas (SP): ALB; Porto Alegre (RS): Mercado Aberto, jun./2000.
- FILIPOVIČ, Z. (1993) *O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*. Trad.: Antonio Macedo Soares e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 181p.
- FIORIN, J. L. (2002) *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002, 318p.
- FOISIL, M. (1986) A escritura do foro privado. In: ARIÈS, P. & CHARTIER, R. (Orgs.) *História da vida privada*, v. 3: da Renascença ao Século das Luzes. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.331-369.
- FORTES, D. (2000) A morte da privacidade?. *Info Exame*. São Paulo, n.171, 06/2000. p.30-41.
- FORTINO, L. (2004) Rede de intrigas. Folhateen. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 14/06/2004, p.6-7.
- FOUCAULT, M. (1969a) *A arqueologia do saber*. 5.ed. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, 239p.

- _____. (1983) A escrita de si. In: _____. *O que é um autor?* 3.ed. Trad.: António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. /s.l./ Vega, 1992a, p.129-160.
- _____. (1970) *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996, 79p.
- _____. (1975-1976) *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). Trad.: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999a, 382p.
- _____. (1976) *História da sexualidade I*: A vontade de saber. 13.ed. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999b, 152p.
- _____. (1975) O panoptismo. In: _____. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. 23.ed. Trad.: Raquel Ramallete. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000, p.162-192.
- _____. (1969b) O que é um autor? In: _____. *O que é um autor?* 3.ed. Trad.: António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. /s.l./ Vega, 1992b, p.29-87.
- FRANCHI, C. Linguagem – atividade constitutiva. In: *Almanaque*, n.5. São Paulo: Brasiliense, 1977, p.9-27.
- FRANK, A. (1947) *O diário de Anne Frank*. 14.ed. Trad.: Élia Ferreira Edel. Rio de Janeiro: Record, 1974.
- FREITAS, R. (2002) Empresa conta a história de pessoas comuns. Economia. *Correio Popular*, 02/06/2002, p.B2.
- GANDOLPHO, C. (2004, dezembro) Tênis “inteligente” adapta amortecimento para cada solo. Disponível em: http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id_conteudo=1730
- GAZETA MERCANTIL. (2002, maio) Grupo Urban Dream Capsule mostra que os palhaços somos nós. Disponível em: <http://www.terra.com.br/diversao/2002/05/24/000.htm> / Acesso em: 19/01/05.
- GOODY, J. (1977) *Domesticação do pensamento selvagem*. Trad.: Nuno Luís Madureira. Lisboa: Editorial Presença, 1988, 185p.
- GOULEMOT, J. M. (1986) As práticas literárias ou a publicidade do privado. In: ARIÈS, P. & CHARTIER, R. (Orgs.) *História da vida privada*, v. 3: da Renascença ao Século das Luzes. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.371-405.
- JESUS, C. M. de. (1960) *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 8.ed. São Paulo: Ática, 1999, 173p.
- JOHNSON, S. (2002, maio) Use the blog, Luke. (2002, maio) Disponível em: <http://www.salon.com/tech/feature/2002/05/10/blogbrain/print.htm>. Acesso em: 20/8/2004.
- KNOPLOCH, C. (2002) Big Brothers da vida real. Geral. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 03/02/2002, p.A10.
- KOCH, I. G. V. (2002) Texto e hipertexto. In: _____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002. p.61-73.

- KOMESU, F. C. (2001) *A escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet: a relação autor-herói/leitor*. Dissertação (Mestrado) em Lingüística. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas (SP): /s.n./, 2001. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Bernadete Marques Abaurre.
- _____. (1997) *A notícia digital*. Trabalho de conclusão do Curso de Comunicação Social (Habilitação em Jornalismo). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Bauru (SP): /s.n./, 1997. Orientador: Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa.
- _____. (2004a) *Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet*. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.110-119.
- _____. (2004b) *Pensar em hipertexto*. Texto de qualificação de área em Lingüística Textual apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Lingüística. Campinas (SP): /s.n./, 2004b. (Mimeo, 35p.) Presidente da banca: Prof^a. Dr^a. Ingedore Grunfeld Villaça Koch.
- LANDOW, G. P. (1997) *Hypertext 2.0: the convergence of contemporary critical theory and technology*. Baltimore, Maryland: Johns Hopkins, 1997, 353p.
- LE GOFF, J. (1997) A cidade em segurança, os bens protegidos e o bem comum. In: _____. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. Trad.:Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, p.69-91.
- LEAL, G. (2001) Olhando pelo buraco da fechadura. Geral. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23/12/2001, p.A11.
- LEJEUNE, P. (2000) *Cher écran...: journal personnel, ordinateur, Internet*. Paris: Seuil, 2000, 444p.
- LE MOS, A. (2001) *Ciber-flânerie*. In: SILVA, D. F. da & FRAGOSO, S. *Comunicação na Cibercultura*. São Leopoldo (RS): Unisinos, 2001. p.45-60.
- LEPIANI, G. (2001) Estão de olho em você. *Veja*, São Paulo, 30/05/2001, p.76-84.
- LÉVY, P. (1990) *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad.: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993, 203p.
- _____. (1997) *Cibercultura*. Trad.: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999, 260p.
- _____. (1995) *O que é o virtual?* Trad.: Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996, 157p.
- LUSTIG, L. (1984) *O mais bonitinho perdeu o rabo: diário de um adolescente*. São Paulo: MG Ed. Associados, 1984, 190p.
- MACHADO, A. (1993) Máquinas de vigiar. In: _____. *Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas*. São Paulo: EDUSP, 1993. p.219-234.
- MACHADO, A. R. (1998) *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, 263p.

- MACHADO, R. (1979) Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 11.reimpr. Org. e trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995, p.VII-XXIII.
- MAGALHÃES, J. (2003, dezembro) JenniCam dá adeus a seus fãs. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/rss/tecnologia/2003/dez/05/37.htm>
- MAINGUENEAU, D. (1998) *Análise de textos de comunicação*. Trad.: Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001, 238p.
- _____. (2003) Diversidade dos gêneros de discurso. *Conferência apresentada no LAEL / PUC-SP*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica (PUC / SP), 06 de outubro de 2003.
- _____. (1984) *Genèses du discours*. Liège: Pierre Mardaga, 1984, 209p. (Trad.: Sírío Possenti – Mimeo)
- _____. (1987) *Novas tendências em análise do discurso*. 3.ed. Trad.: Freda Indursky. Campinas (SP): Pontes, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997, 198p.
- _____. (1993) *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. Trad.: Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995, 202p.
- _____. (1996) *Termos-chave da Análise do Discurso*. 1.reimpr. Trad.: Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG, 2000, 155p.
- _____. (2004a) *Verbete cena de enunciação*. In: CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. (Orgs.) (2002) *Dicionário de Análise do Discurso*. Coord. da trad.: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004a, p.95-97.
- _____. (2004b) *Verbete leitor modelo*. In: CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. (Orgs.) (2002) *Dicionário de Análise do Discurso*. Coord. da trad.: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004b, p.298-299.
- MARCUSCHI, L. (2000a) A coerência no hipertexto. *I Seminário sobre hipertexto*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000a. 17p. (Mimeo)
- _____. (2002) Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital. *Comunicação apresentada no L Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais (FFLCH / USP), 23 a 25 de maio de 2002.
- _____. (2004) Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.13-67.
- _____. (1999) Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. *Línguas e instrumentos lingüísticos*, n.3. Campinas (SP): Pontes, 1999. p.21-45.
- _____. (2000b) Hipertexto: definições e visões. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000b. 16p. (Mimeo)
- _____. (2000c) O Hipertexto como um novo espaço de escrita na sala de aula. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000c. 22p. (Mimeo)

- MARTIN-FUGIER, A. (1987) Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, M. (Org.) *História da vida privada*, v.4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Trad.: Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.193-261.
- MAZOYER, F. (2001, agosto) Surveiller est aussi un marché. *Le monde diplomatique*, août/2001, p.17. Disponível em: <http://www.monde-diplomatique.fr/> Acesso em: 13/03/2002.
- MCGRATH, P. (1999) Os riscos de um mundo sem privacidade. Geral. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 04/04/1999, p.A12.
- MELO, C. T. V. de. (2004) A análise do discurso em contraposição à noção de acessibilidade ilimitada da Internet. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.135-143.
- MOON, P. (1996) A maçaneta vai falar. Entrevista com Nicholas Negroponte. *Isto É*, São Paulo, 27/03/96, p.5-7.
- MORLEY, H. (1942) *Minha vida de menina*: cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX. 17.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, 271p.
- NASCENTES, A. (1933) *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1933, p.641.
- NEGREIROS, A. (2003) É você na fita. *Veja*, São Paulo, n.50, 17/12/2003, p.102.
- NEGROPONTE, N. (1995) *A vida digital*. Trad.: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 210p.
- NEVES, M. H. M. (2000) *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p.285-331.
- NOX, N. (2002) Os escribas estão soltos. Disponível em: <http://www.nova-e.inf.br/nemonox/webblog.htm>. Acesso em: 17/02/2002.
- NUNOMURA, E. (2001) Big Brother observa-o neste exato momento. Geral. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 10/12/2000, p.A24.
- OKCounter.COM. Disponível em: <http://okcounter.com>
- OLIVEIRA, M. (2002) A onda agora é contar a vid@ na internet. *Tudo*. São Paulo: Abril, 09/8/2002, p.20-21.
- _____. (2001) Cambuí terá câmeras de vídeo para combater a violência. *Cidades. Correio Popular*, Campinas (SP), 11/12/2001, p.5.
- OLIVEIRA, R. M. C. de. (2003) De onda em onda: a evolução dos ciberdiários e a simplificação das interfaces. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 21/6/2004.
- _____. (2002) *Diários públicos, mundos privados*: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade. Dissertação (Mestrado) em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação. Bahia: /s.n./, 2002. Orientador: Prof. Dr. Marcos Silva Palácios.

- OUTING, S. (2002) Embarquem no vagão dos blogs antes que seja tarde. Trad.: Paulo Migliacci. Disponível em: <http://www.uol.com.br/mundodigital/colunas/parem/ult135u66.shl>. Acesso em: 30/7/2002.
- PÊCHEUX, M. (1969) Análise automática do discurso (AAD-69). Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi. In: GADET, F. & HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad.: Bethânia S. Mariani... [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990a, p.61-161.
- ____ & FUCHS, C. (1975) A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. Trad.: Péricles Cunha. In: GADET, F. & HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad.: Bethânia S. Mariani... [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990b, p.163-252.
- PORTAL BLOG: o portal da divulgação gratuita de blogs. Disponível em: <http://www.portalblog.cjb.net/>
- PORTO, G. (2001) Intimidade pública. *Veja Jovens*, São Paulo, n.38, 09/2001, p.27.
- POSSENTI, S. (1988) *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, 218p.
- ____. (2000) Notas um pouco céticas sobre hipertexto e construção de sentido. In: _____. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba (PR): Criar, 2002a. p.205-225.
- ____. (1996) O dado *dado* e o dado **dado** (o dado em análise do discurso). In: _____. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba (PR): Criar, 2002b. p.27-36.
- PRIMO, A.F.T. & RECUERO, R. (2003, agosto) Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da Wikipédia. Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/pesquisa>. Acesso em: 13/7/2004.
- PROST, A. (1987) Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, A. & VINCENT, G. (Orgs.) *História da vida privada*, v.5: da Primeira Guerra a nossos dias. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.13-153.
- RANUM, O. (1986) Os refúgios da intimidade. In: ARIÈS, P. & CHARTIER, R. (Orgs.) *História da vida privada*, v. 3: da Renascença ao Século das Luzes. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.211-265.
- RECUERO, R. (2004) Quando os blogs e a democracia se encontram. Disponível em: http://www.nova-e.inf.br/centrodaterra/blogs_democracia.htm. Acesso em: 25/6/2004.
- ____. (2002, setembro) Weblogs, Webrings e Comunidades Virtuais. Trabalho apresentado no GT de Comunicação e Cultura do VII Seminário Internacional de Comunicação, em setembro de 2002. Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>. Acesso em 13/6/2003 (09/2002).
- RIBEIRO, B. (2003) Eu blogo, tu blogas, ele bloga... *Correio Popular*. Metrópole, ano 3, nº 102, 29/6/2003, p.8-10.

- RIBEIRO, J. C. S. & JUCÁ, V. J. (2004) A experiência da hipertextualidade e suas inversões. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/hipertexto/experien.html>. Acesso em: 15/04/2004.
- RINEHART, A. (2001, março) Internet confessions: are they public or private? Disponível em: <http://www.cybergrrl.com/views/hottopic/art361/>
- ROSSIT, M. (2001) Campinas prefere polícia a emprego. *Cidades. Correio Popular*, Campinas (SP), 16/12/2001, p.1-3.
- SAMUELSON, R. J. (2004) O odiado e quase irresistível celular. *Economia. O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 20/8/2004, p.B10.
- SANTO AGOSTINHO. (aproximadamente 400 d.C.) Livro décimo-primeiro. In: _____. *Confissões*. Trad.: Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2003: 257-284.
- SANTOS, L.G. (2001, junho) Limites e rupturas na esfera da informação. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/socinfo/info16.htm>
- SATAFLE, V. (2004) A vida como reality show. *Mais! Folha de S.Paulo*, São Paulo, 29/02/2004, p.8-9.
- SCHITTINE, D. (2004) *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, 235p.
- SENNETT, R. (1974, 976) O domínio público. In: _____. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Trad.: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.15-44.
- SIBILIA, P. (2003) Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica. In: LEMOS, A. & CUNHA, P. (Orgs.) *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre (RS): Sulinas, 2003, p.139-152.
- SIMONET-TENANT, F. (2001) *Le journal intime: genre littéraire et écriture ordinaire*. Paris: Nathan, 2001, 128p.
- SOUSA, A. P. (2004) Filmando a própria vida. *Carta Capital*, São Paulo, 17/03/2004, p.52-53.
- SQUEFF, L. (2002, maio) Atores viverão em casa de vidro na Av. Paulista. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/divirtase/noticias/2002/mai/02/90.htm> Acesso em: 19/01/05.
- STEHL, J. S. (2001) Ameaças à nossa vida privada. *Caderno 2/Cultura. O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 18/3/2001, p.D8-D9.
- THE UN-PRIVATE HOUSE. Disponível em: <http://www.moma.org/exhibitions/1999/un-privatehouse/index.html>
- TODOROV, T. (1979) Prefácio. In: BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad. feita a partir do francês: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.1-21.
- TURNBULL, G. (2004) The seven-year-old bloggers. Disponível em: <http://newsvote.bbc.co.uk/mpapps/> Acesso em: 01/9/2004.

- VANDENDORPE, C. (1999) *Du papyrus à l'hypertexte*: essai sur les mutations du texte et de la lecture. Paris: La Découverte, 1999, 271p.
- VARELLA, L. (2005, janeiro) Computadores laváveis e tecidos inteligentes: não falta mais nada! Disponível em: http://www2.uol.com.br/modabrasil/tribos/conforto_cyber/index2.htm
- VASCONCELOS E OLIVEIRA, E. de A. (2001) *Chats e linguagem*: do gênero aos gêneros do discurso. *Galáxia*, n.1., 2001. p.245-250.
- VENTURA, Z. (2002a, julho) Do primeiro blog a gente nunca esquece. Disponível em: <http://www.nominimo.ibest.com.br/> Acesso em: 19/7/2002.
- _____. (2002b, julho) Entrar no acaso ou num blog. Disponível em: <http://www.nominimo.ibest.com.br/> Acesso em: 30/7/2002.
- VERSIGNASSI, A. (2001a, abril) Diário on-line tem atualização rápida. Disponível em: <http://www.uol.com.br/folha/informática/ult124u5588.shl>. Acesso em: 17/2/2002 (2002a).
- _____. (2001b) Pelo buraco da fechadura eletrônica. *Folha Informática. Folha de S.Paulo*, São Paulo, 28/11/2001, p.F1-F3.
- _____. (2001c, janeiro) Weblogs reiventam o uso da Internet. Disponível em: <http://www.uol.com.br/folha/informática/ult124u3961.shl>. Acesso em: 17/2/2002 (2002b).
- VIANNA, L. (2001, setembro) Confidências ao teclado. Disponível em: <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernos/domingo/2001/0.../jordom20010915004a.htm>. Acesso em: 02/01/2002.
- WEBLOGGER. Disponível em: <http://weblogger.terra.com.br/>
- XAVIER, A. C. dos S. (2002) *Hipertexto na sociedade da informação*: a constituição do modo de enunciação digital. Tese (Doutorado) em Lingüística. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas (SP): /s.n./, 2002. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ingedore Grunfeld Villaça Koch.
- _____. (2004) Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.170-180.
- ZUSMAN, W. (2002, março) Big Brother, o retorno do reprimido. Disponível em: <http://www.no.com.br/revista/secaoparaimpressao/191/60786/atual>. Acesso em: 18/03/2002.

Bibliografia consultada

- AARSETH, E. (1997) *J. Cybertext: perspectives on ergodic literature*. Baltimore and London: Johns Hopkins, 1997, 203p.
- ABAURRE, M. B. M.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T; FIAD, R. S. (Orgs.) (2003) *Estilo e gênero na aquisição da escrita*. Campinas (SP): Komedi, 2003, 302p.
- AFONSO, C. (2001, junho) Internet para todos – tão perto e tão longe. Disponível em: <http://www.comciencia.netway.com.br/reportagens/socinfo/info12.htm>
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas (SP), v.19. jul./dez.1990. p.25-42.
- BARROS, D. L. P. de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. P. de & FIORIN, J. L. (Orgs.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p.1-9.
- BARTHES, R. (1970) *S/Z*. Trad.: Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BEACH, R. & LUNDELL, D. (1998) Early adolescents' use of computer-mediated communication in writing and reading. In: REINKING, D. et al. (Eds.) *Handbook of literacy and technology: transformations in a post-typographic world*. Mahwah (NJ): Lawrence Erlbaum, 1998. p.93-112.
- BENJAMIN, W. (1936) O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v.1, 7.ed. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.
- BOURDIEU, P. (2000, setembro) A TV precisa de um contrapoder. Entrevista a Leneida Duarte (11/9/2000). Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/010/10bourdieu.htm>. Acesso em: 19/9/2004.
- BOYER, H. (1985) Le temps vécu dans la mise en scène du vécu. Le récit de vie comme écriture. In: *Pratiques*, n.45, 1985, p.52-64.
- BRAGA, D. B. A constituição híbrida da escrita na internet: a linguagem nas salas de bate-papo e na construção dos hipertextos. *Leitura: teoria e prática* 18 (34): 23-29. Campinas (SP): Associação de Leitura do Brasil (ALB), Mercado de Letras, 1999.
- BUSH, V. (1945) As we may think. *The Atlantic Monthly*, julho de 1945. Disponível em: <http://www.georgetown.edu/faculty/jod/texts/vannevar.bush.html>. Acesso em: 15 abr. 2004.
- CATHALA, A.-S. (1999) Journal intime pour tous. *Le Figaro*, 12/01/1999.
- CHARTIER, R. (2003) Lecteurs et lectures à l'âge de la textualité électronique. In: ORIGGI, G. & ARIKHA, N. (Orgs.) *Text-e: le texte à l'heure de l'Internet*. Paris: Bpi / Centre Pompidou, 2003, p.17-50.
- _____. (2002a) Línguas e leituras no mundo digital. In: _____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002a, p.11-32.

- _____. (2002b) Morte ou transfiguração do leitor? In: _____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002b, p.101-123.
- CORRÊA, M.L.G. (1998) A heterogeneidade na constituição da escrita: complexidade enunciativa e paradigma indiciário. In: *Cadernos da F.F.C. Marília* (SP), v.6, n.2. p.165-186.
- CRYSTAL, D. *Language and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, 272p.
- CUSIN-BERCHE, F. & MOURLHON-DALLIES, F. (2000) Le débat autour des OGM sur Internet: entre parole citoyenne et parole savante. In: CUSIN-BERCHE, F. (Org.) *Rencontres discursives entre sciences et politique dans les médias: spécificités linguistiques et constructions sémiotiques. Les Carnets du Cediscor*, 6. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2000, p.113-130.
- DEBRAY, R. (1991) *Curso de midialogia geral*. Trad.: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis (RJ): Vozes, 1993, 419p.
- DENIZE, A. (1999) *Machines à écrire*. Paris: Gallimard, 1999. (CD-ROM)
- DYSON, E. (1997) *Release 2.0*. Trad.: Sonia T. Mendes. Rio de Janeiro: Campus, 1998, 316p.
- FABRE, D. (1997) (Dir.) *Par écrit: ethnologie des écritures quotidiennes*. Paris: Maison des Sciences de l'homme, 1997, 393p.
- FRAENKEL, B. (1994) Les écritures exposées. In: *LINX*, n.31, 1994. p.99-110.
- GAY, P. (1995) *O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. Trad.: Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, 484p.
- GENETTE, G. (1981) Le journal, l'antijournal. In: *Poétique*, n.47, 1981, p.315-322.
- GINZBURG, C. (1986) Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad.: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.143-179.
- GRASSI, M.-C. (1995) Naissance de l'intimité épistolaire (1780-1830). *L'invention de l'intimité au siècle des lumières: études réunies et présentées par Benoît Melançon*. In: *Littérales*, n.17, 1995. p.67-76.
- HUBIER, S. (2003) *Littératures intimes: les expressions du moi, de l'autobiographie à l'autofiction*. Paris: Armand Colin, 2003, 154p.
- JARDIN, X. (2004, agosto) Somos todos jornalistas. Disponível em: <http://br.wired.com/news/print/0,1132,15236,00.html>. Acesso em: 20/8/2004.
- KIEFFER, R. D.; HALE, M. E. & TEMPLETON, A. (1998). Eletronic literacy portfolios: technology transformations in a first-grade classroom. In: REINKING, D. et al. (Eds.) *Handbook of literacy and technology: transformations in a post-typographic world*. Mahwah (NJ): Lawrence Erlbaum, 1998, p.145-163.
- LABBO, L. D. & KUHN, M. (1998) Eletronic symbol making: young children's computer-related emerging concepts about literacy. In: REINKING, D. et al. (Eds.) *Handbook of*

- literacy and technology: transformations in a post-typographic world*. Mahwah (NJ): Lawrence Erlbaum, 1998, p.79-91.
- LEGRAND, M. (2000) Raconter son histoire. *Sciences humaines*, n.102, 2000, p.21-37.
- LHOMME, A. (1990) Philosophe lecteur... *Les cahiers de philosophie*, n.10, 1990, p.5-14.
- MAGAZINE LITTÉRAIRE. (2002) *Les écritures du moi: de l'autobiographie à l'autofiction*. n.409, 2002, p.18-66.
- MAINGUENEAU, D. (1998) Scénographie épistolaire et débat public. In: SIESS, J. (Org.) *La lettre entre réel et fiction*. Paris: SEDES, 1998, p.55-71.
- MERZEAU, L. (1998) Ceci ne tuera pas cela. In: *Les cahiers de médialogie*, n. 6 (2), 1998, p.27-39.
- MOREAU, D. (2000). Ma vie en ligne au jour le jour. *Le Figaro*, 18/5/2000.
- PAX, S. (2003) *O blog de Bagdá: o diário de um jovem numa cidade bombardeada*. Trad.: Daniel Galera. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, 259p.
- PEYRET, E. (2000) Ces "chers cahiers" en ligne. *Libération*, 23/10/2000.
- _____. (1997) Mon cher web. *Libération*, 09/05/1997.
- POSSENTI, S. (1994) Discurso, sujeito e o trabalho de escrita. In: NASCIMENTO, E. M. F. S. & GREGOLIN, M. R. V. (Orgs.) *Problemas atuais da Análise do Discurso*. Publicação do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da UNESP – Campus de Araraquara (SP), ano VIII, nº 1, p.27-41.
- ROBIN, R. (1999) Confession à l'ordinateur: la trilogie de Henry Roth. In: CHIANTARETTO, J.-F. (Org.) *Écriture de soi et sincérité*. Paris: In Press Éditions, 1999, p.101-112.
- SILVA, D. F. da & FRAGOSO, S. (Orgs.) (2001) *Comunicação na Cibercultura*. São Leopoldo (RS): Unisinos, 2001.
- SCHWARZ, R. (1997) *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, 147p.
- SORIANO, P. (2001) Zéro stock et juste à temps. L'obsolescence de la transmission dans le monde virtuel du réseau. *Les cahiers de médialogie*, n. 11 (1), 2001, p.143-149.
- TAKAHASHI, T. (Org.) (2000) *Sociedade da informação no Brasil: livro verde*. Brasília (DF): Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.
- VÁRIOS AUTORES. (2004) *Wunderblogs.com*. São Paulo: Barracuda, 2004, 298p.

Anexo

Classificação do conjunto de *blogs*

Título do <i>blog</i>	F/ M	n° E	Tipo	Período	Situação
3X4 Colorido http://3x4colorido.furninha.net	1.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jan./02	fora do ar
Acontece, fazer o quê? http://happens.weblogger.com.br	2.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	no ar atualizado
<i>Afrodite sem Olimpo</i> : porque eu também sou filha de Zeus... http://afrodite.palavraaberta.com.br	3.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	no ar atualizado
Ana by Ana http://donana.blogspot.com/	4.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	mar.- abr./02	no ar não atualizado
Blog do Daniel http://daniel.weblogger.com.br/	5.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₂	jul./02	fora do ar
Bloguim by Luka http://www.bloguim.cjb.net/	6.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	fora do ar
BloWg http://blowg.blogspot.com/	7.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	no ar atualizado
Catarro Verde http://catarro.blogspot.com/	8.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₃	jan./01	no ar atualizado
Conversa de butikim http://bomprakct.blogspot.com	9.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	maio- jun./02	fora do ar
Cotidianidades por amadeus phosphorescente http://www.tipos.com.br/blog/	10.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	no ar atualizado
Damned life http://sartori.blogspot.com/	11.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02, mar./03	no ar atualizado

Deb na Gringolândia http://deb.no.sapo.pt	12.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	maio/02	no ar não atualizado
<i>Depois eu penso nisso</i> : o olhar despretenhioso de uma mulher sobre a vida... http://bolsademulher.blogspot.com/	13.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02., mar./03	no ar atualizado
Diário do pão com manteiga na chapa http://paocommanteiga.blogspot.com/	14.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	out.- nov./01, fev.- mar./02	no ar não atualizado
<i>Diário gay</i> : apenas mais um cara gay. Version 2.0 http://diariogay.weblogger.com.br/	15.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	no ar atualizado
Entalei na catraca http://cinturadekombi.weblogger.com.br	16.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	dez./02	fora do ar
Eu no meio do mundo http://eunomeiodomundo.blogspot.com/	17.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jun.- jul./02	no ar não atualizado
Eu odeio trabalhar aqui http://eota.blogspot.com/	18.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₃	fev./02	fora do ar
Eu por mim mesma http://donadecasa.weblogger.com.br/	19.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	fora do ar
Epifanias imperfeitas http://jofrate.blogspot.com/	20.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	no ar atualizado
Expressões letradas http://users.nvnet.com.br/cristais/blogger.html	21.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	no ar não atualizado
<i>Falando às paredes</i> : porque ninguém quer me ouvir http://falandoasparedes.blogspot.com/	22.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jun./02	no ar não atualizado
Filosofia aos litros http://priminha.weblogger.com.br	23.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	fora do ar
Histórias de Cronópios: os relatos da lagarta azul http://www.lagartaazul.com/	24.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	fora do ar

HYPER.SPEED.BLOG [vivendo.em.alta.velocidade] http://www.speedblog.com/	25.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₃	nov./00, set./01, abr./02	no ar atualizado
<i>Jack Mula</i> : Notícias do fantástico e intrigante mundo dos blogs, sempre com muita classe e elegância http://jackmula.blogspot.com/	26.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₂	out.- dez./01, jan./02	fora do ar
Jackie Miller conta http://jackiemiller.blogspot.com/	27.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₂	ago.- set./01	fora do ar
Let's blogar http://www.letsvamos.com/letsblogar/	28.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₃	fev./01, set./01, abr./02,	no ar atualizado
Luís e seus blue caps http://www.fredleal.com/claumann/index.html	29.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	fora do ar
Macacos no sótão http://planeta.terra.com.br/lazer/lahar	30.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	abr.- jul./02	fora do ar
Manual do FDP http://manualdofdp.weblogger.com.br/	31.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₂	jul./02	fora do ar
Meu... só você mesmo, Rubens! http://rubens.blogspot.com/	32.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	no ar atualizado
<i>Meu querido Etheobaldo</i> : porque fazer blog é mais barato que pagar analista. http://amigoetheobaldo.weblogger.com.br/	33.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	set.- nov./01	no ar atualizado
<i>Minha vida comigo</i> : primeira autobiografia não-autorizada do mundo http://minhavidacomigo.blogspot.com/	34.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	abr./02	no ar não atualizado
Minha vida de menina http://www.minhavidademenina.blogspot.com/	35.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	abr.- jul./02	no ar não atualizado
Mulher à beira de um ataque de nervos http://woman23.weblogger.com.br/	36.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	no ar atualizado
<i>Os amores de Rosi</i> : o que eu acho e ninguém perdeu	37.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	no ar não

http://osamoresderosi.blogspot.com/					atualizado
<i>Páginas íntimas</i> : uma maneira de usar outros para falar deles e de mim http://www.mundissa.com/paginasintimas/index.shtml	38.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jun.-jul./02	fora do ar
Papo calcinha http://www.papo.blogspot.com/	39.F.F	<i>blog</i> ²	Tipo ₁	jun.-jul./02	fora do ar
Pegando o sabonete http://pegandoosabonete.weblogger.com.br/	40.M.M	<i>blog</i> ²	Tipo ₁	jan./02	fora do ar
<i>Perdida no Paraíso</i> : eu não estou vivendo. só estou matando o tempo. num blog. http://perdidanoparaíso.weblogger.com.br	41.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	maio/02, jul./02, out./02	fora do ar
Porta lateral http://porta.blogspot.com/	42.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	fora do ar
<i>Qualquer coisa</i> : qualquer coisa é melhor que nada... será??? http://qqcoisa.blogspot.com/	43.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	set.-out./01	no ar não atualizado
Querido Diário http://querido_diario.blogspot.com/	44.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	nov./00, jan./01, mar./01	no ar não atualizado
<i>Sobretudo de lona</i> : observações e paranóias de um cinquentão precoce. Espectador dos possíveis. http://sobretudodelona.blogspot.com/	45.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	no ar atualizado
Sutil como um paquiderme http://paquiderme.blogspot.com/	46.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	ago.-set./02	no ar não atualizado
<i>Tentando entender</i> >> Ah... Mulheres... Tentando entendê-las<< http://tentandoentender.weblogger.com	47.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02	fora do ar
:Tipuri: nadamenosqueisso tudoaoesmotempoagora http://www.estraviz.org/tip/	48.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jun.-jul./02	fora do ar
<i>UNCOOL</i> : a mosca garageira http://moscagarageira.blogspot.com/	49.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	maio-jul./02	no ar não atualizado

Vale a pena ler de novo http://cremoso.weblogger.com.br/	50.M	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02, fev.- abr./03	fora do ar
Vamos brincar de diário! http://patinog.weblogger.com.br/	51.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02, abr./03	no ar atualizado
<i>Uma, duas argolinhas</i> um weblog de clarice m. http://www.sanatoriogeral.com/blog	52.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	jul./02, mar./03	no ar atualizado
Zel http://www.zel.com.br	53.F	<i>blog</i> ¹	Tipo ₁	nov.- dez./00, abr./02	no ar atualizado